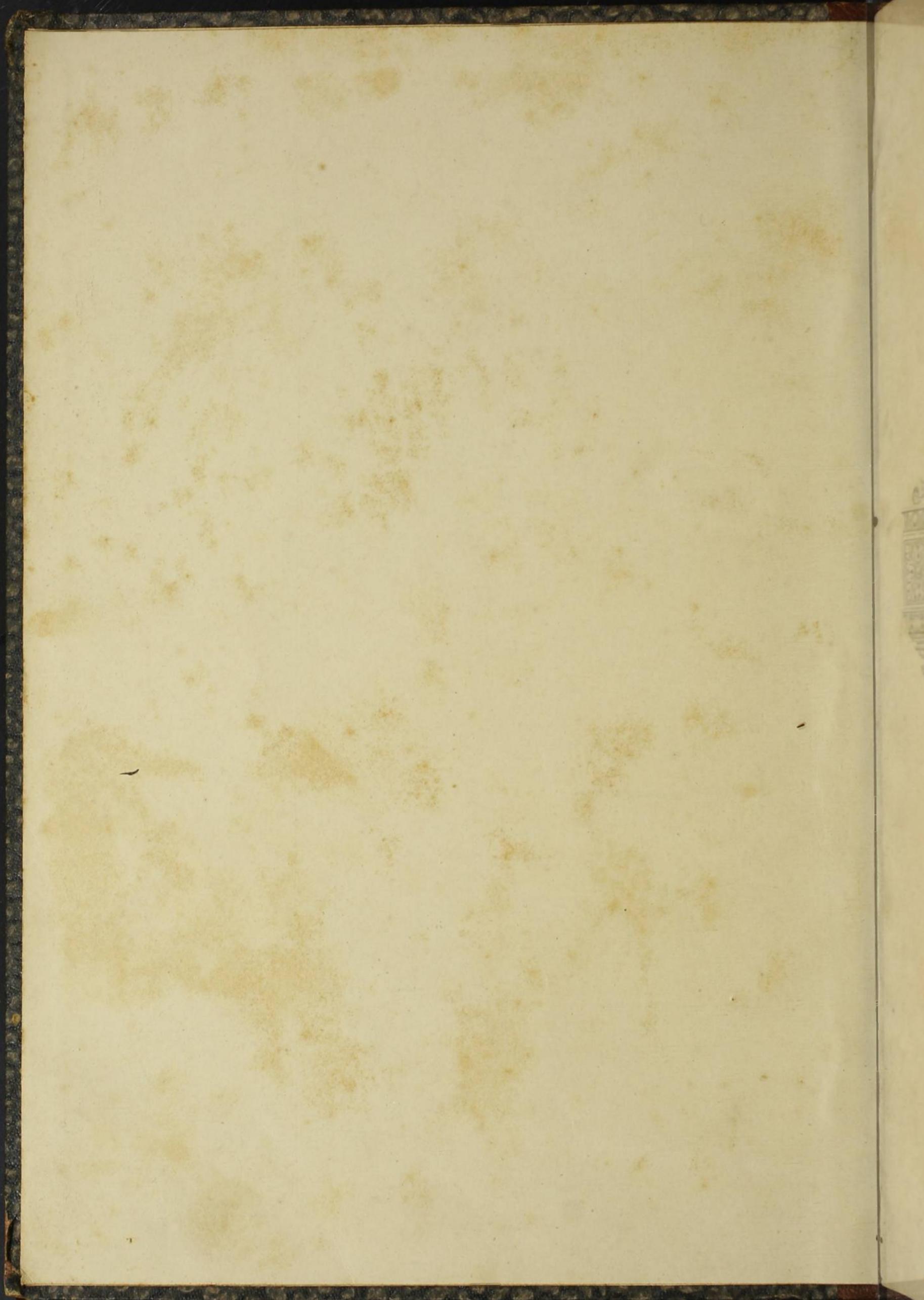


Je ne fay rien
sans
Gayeté

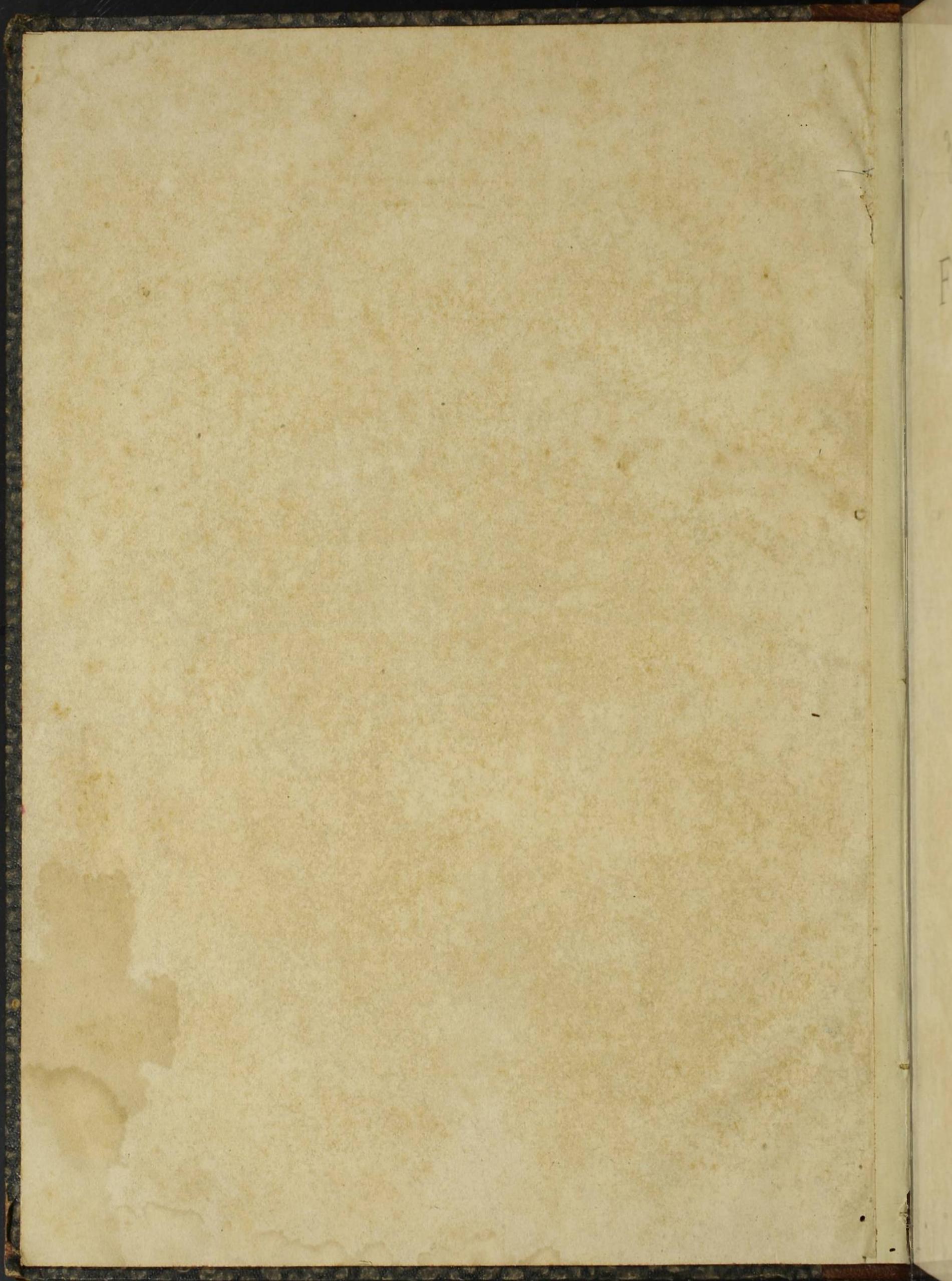
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin









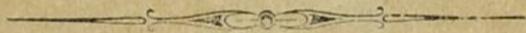
204

DATAS CELEBRES
E
FACTOS NOTAVEIS
DA
HISTORIA DO BRAZIL

POR

JOSE' DE VASCONGELLOS

Socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro;
do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano; e da
Sociedade de Geographia de Lisboa.



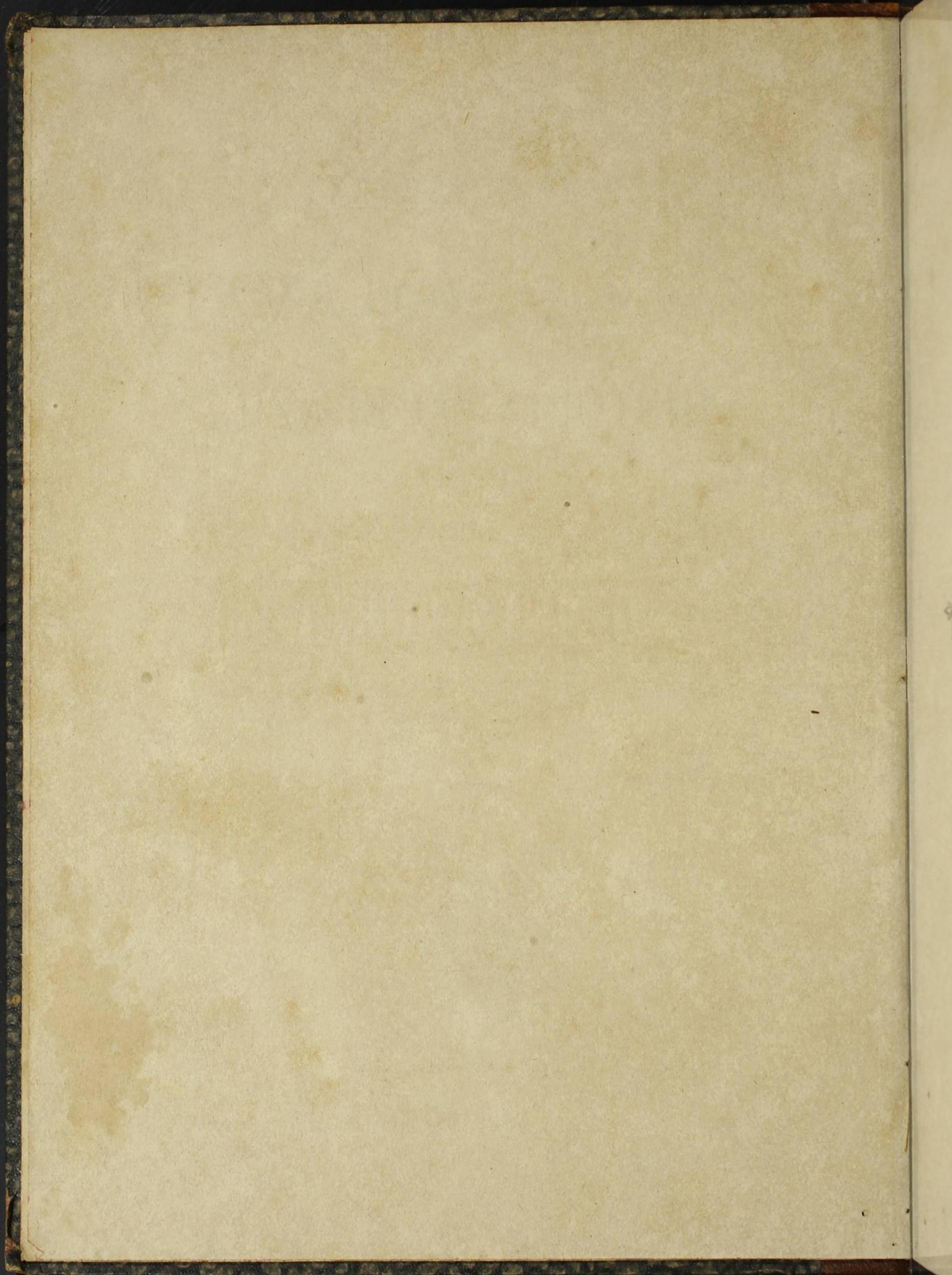
VOLUME I *e unico publicado*



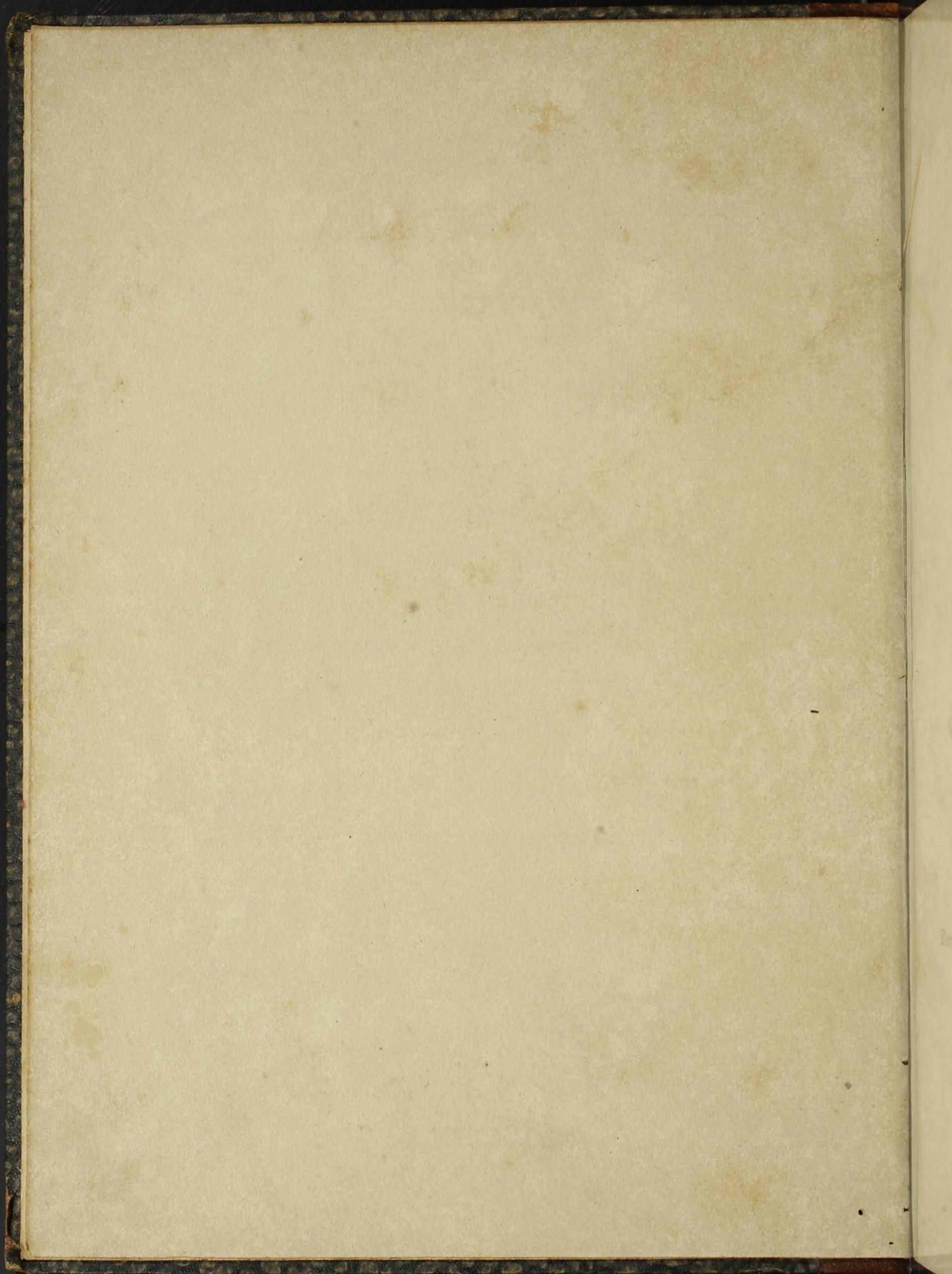
PERNAMBUCO

Typ. a vapor-MIRANDA r. Duque de Caxias 39

1890







A MEMORIA

DE

Rita Maria de Vasconcellos

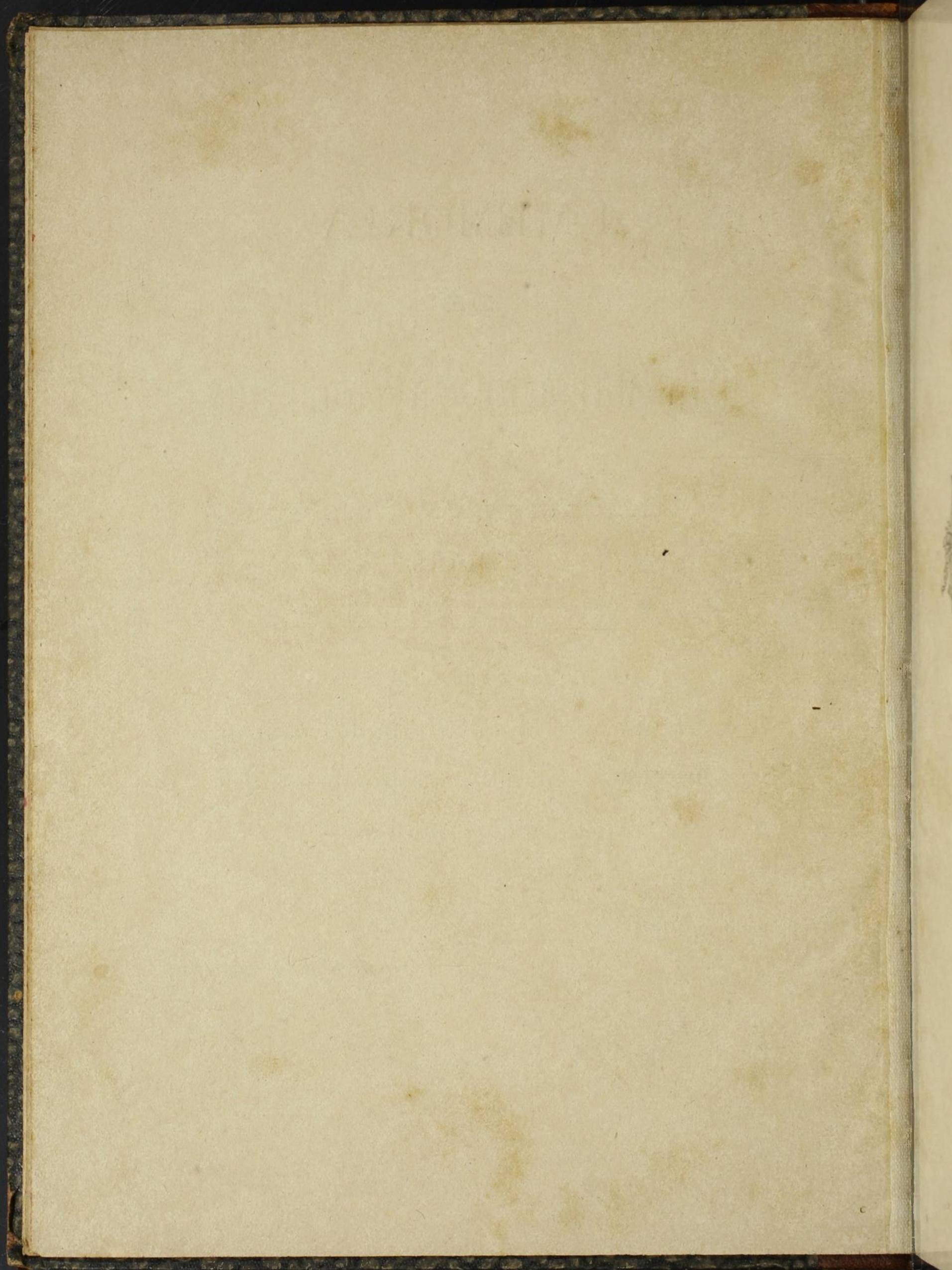
*Fallecida em 9 de Outubro
de 1866.*

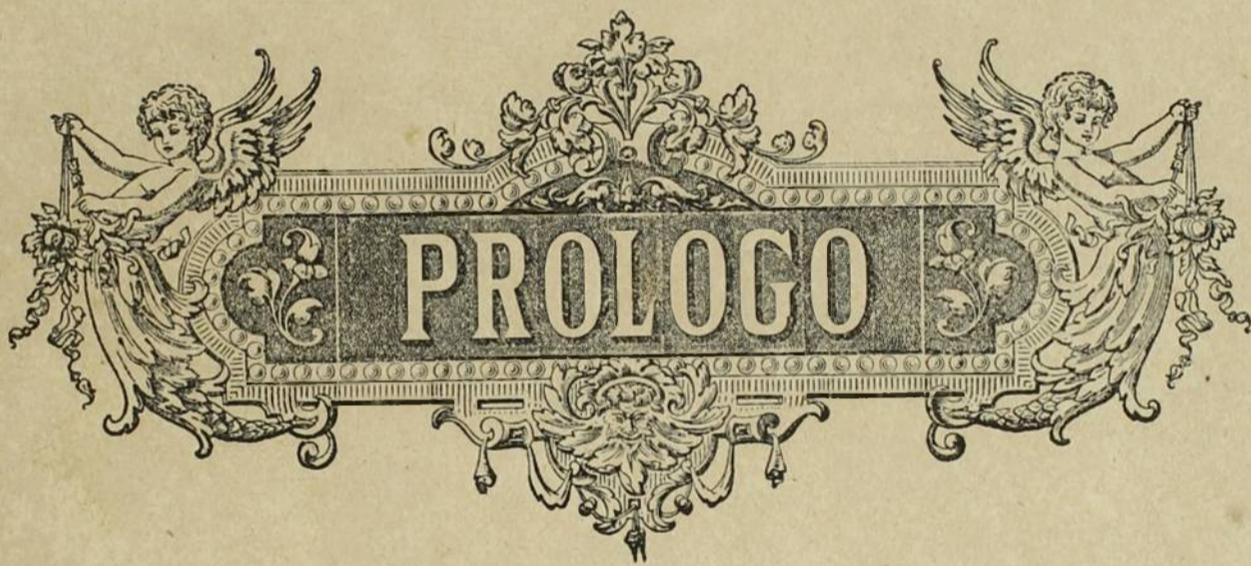
Mãe extremosa! Anjo de bondade e dedicação!

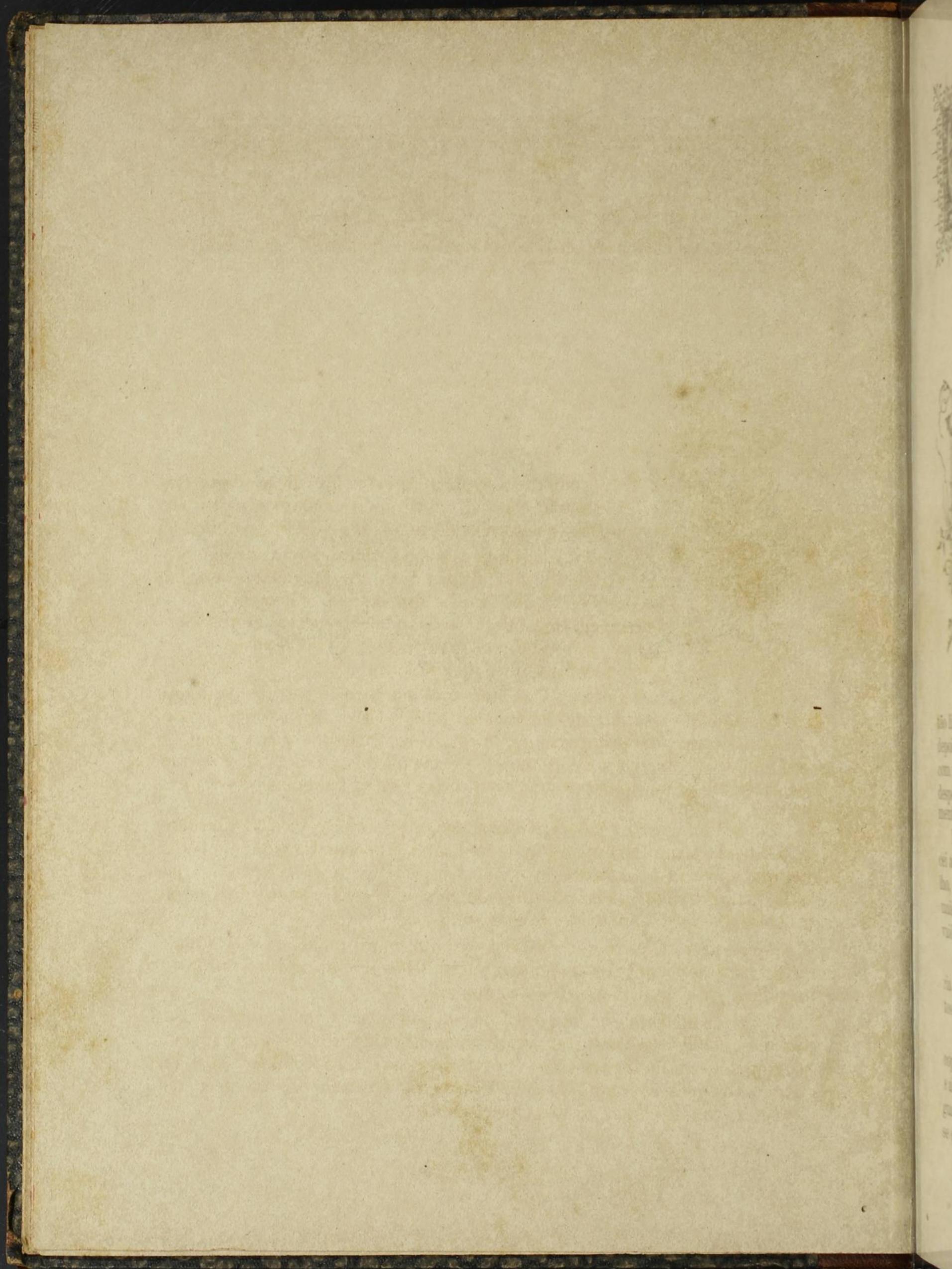
Seu filho lembra-se sempre de ti com
inconsolável saudade.

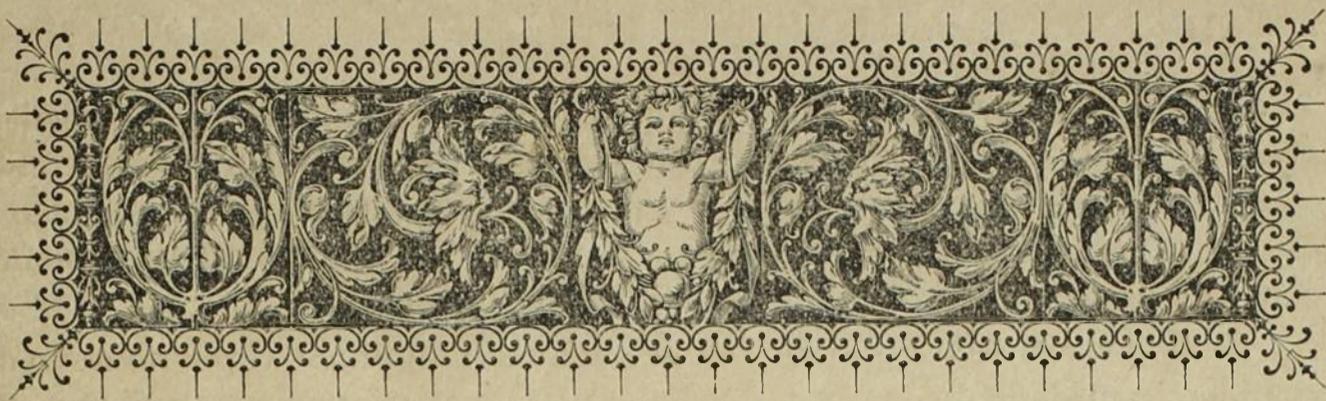
Pernambuco, — 1890.

José de Vasconcellos.









M 1872 comecei a publicar a primeira edição deste trabalho, que não conclui, imprimindo sómente a parte correspondente aos seculos decimo sexto e decimo setimo.

O que fazia então era, como declarei, reunir apenas chronologicamente em cada anno, as succintas datas, que havia publicado, por muito tempo, nas ephemerides do — **Jornal do Recife**, acrescentando em diversas alguma coisa mais indispensavel para melhor comprehensão do seu assumpto e interesse de sua leitura.

O favoravel acolhimento que teve este trabalho, assim tão ligeiramente organizado, incompleto, cheio dos erros historicos, como depois reconheci, das primitivas chronicas, pelas quaes me havia guiado, e com muitas incorrecções pelo descuido de quem fez a revisão das provas, despertou em meu espirito a idéia de o corrigir e dar-lhe maior desenvolvimento.

Em virtude desta deliberação parei com a publicação incetada, e comecei a laborar acuradamente a fim de realizar o proposito tomado; e o trabalho, que apresento, agora apezar de não ser perfeito, nem poder sel-o, por mais de um motivo, é, comtudo, no seu genero, permitta-se-me dizel-o sem vaidade, o mais desenvolvido, que existe.

Aproveitei-me para organizal-o de quantas obras pude ler sobre a historia patria, gazetas publicadas no paiz e fora d'elle, manuscriptos e documentos officiaes que pude adquirir ou compulsar.

Como se infere desta exposição, bem pouco ha de meu aqui; extrahi copiando, como fizeram outros, porque em materia de historia não se inventa e algumas vezes ha mesmo risco em referir-se um factio com forma e linguagem diversas da como fora primitivamente narrado, pois acontece, sem se querer, dar isto lugar a interpetrações differentes.

Entretanto devo dizer que não copiei inconscientemente e que procurei verificar antes a exactidão da data e a veracidade do acontecimento narrado, quando uma e outro eram duvidosos, por meio de acurada confrontação e exame critico, para não repetir erros chronologicos, factos mal averiguados e até fabulas, de que está repleta a historia do nosso paiz.

E' todavia possivel que me tenha enganado algumas vezes no meio da grande quantidade de contradicções que tive de averiguar; mas affirmo que empreguei toda a attenção e escrupulo para que isto me não succedesse, aceitando a data e a narração, que me pareceram verdadeiras.

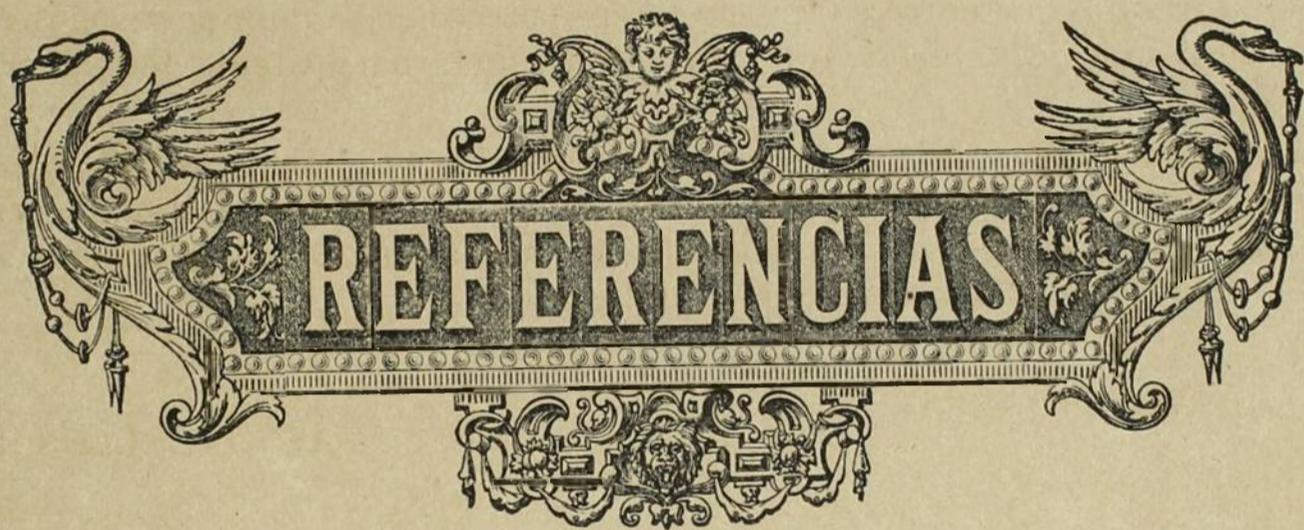
Nem sempre cito os autores de cujas obras me utilizei, porque, como já declarei, aproveitei-me do trabalho de quantos pude ler, e foram muitos, e citar a todos tornaria enfadonha a leitura deste livro para a maioria das pessoas; mas não deixo de fazel-o sempre que se torna indispensavel, para authorisar o que narro, e tambem sempre precedo e termino por aspas os periodos que *ipsis verbis* transcrevo, a fim de tornar patente que são transcriptos.

Concluindo, declaro que receberei com prazer qualquer rectificação de alguma data ou facto que por ventura não esteja exacto, pedindo apenas que a constestação seja authenticada por forma que não deixe a menor duvida, e nesse caso a inserirei no fim da obra.

Pernambuco,—1890.

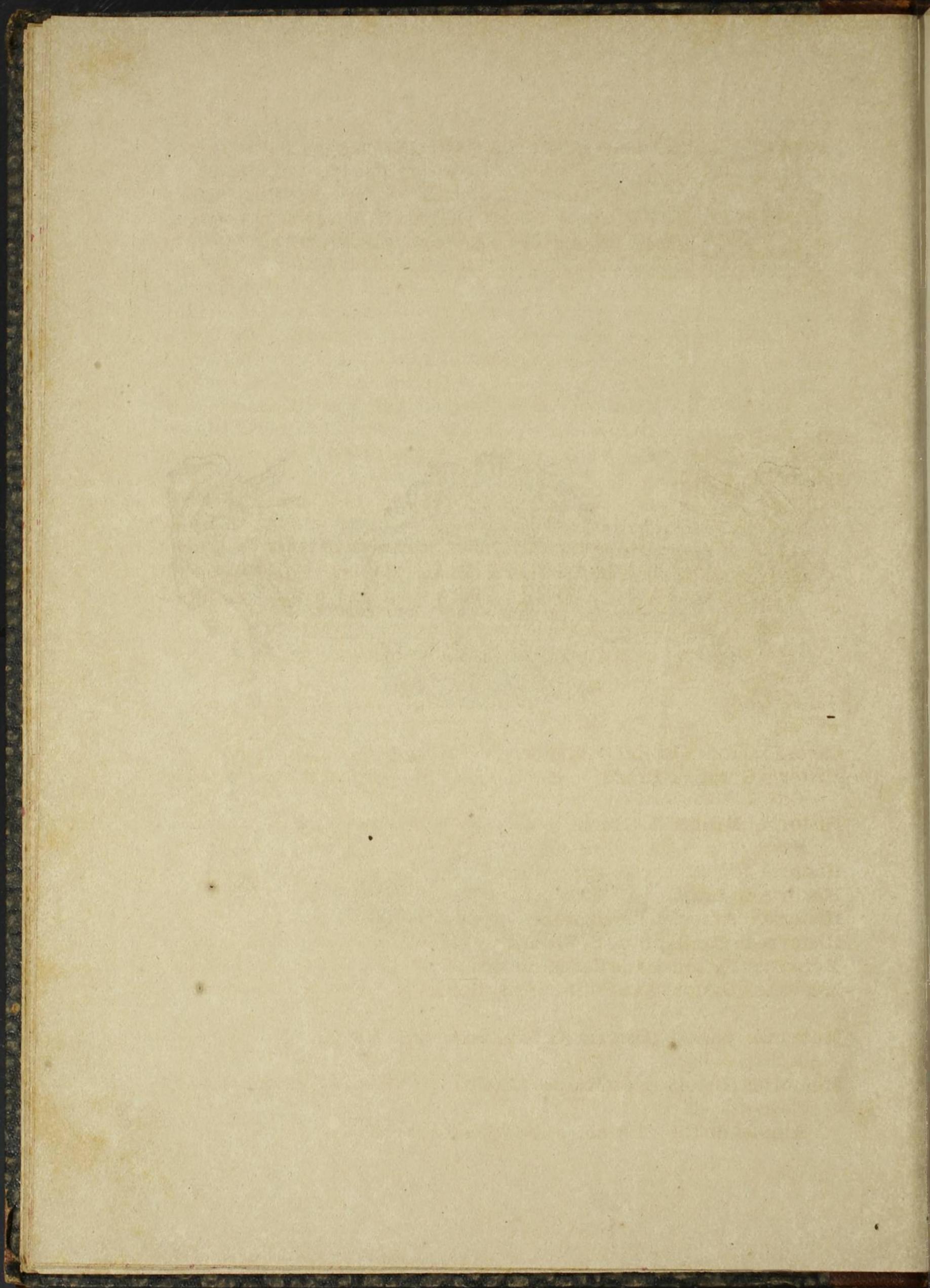
JOSE' DE VASCONCELLOS.

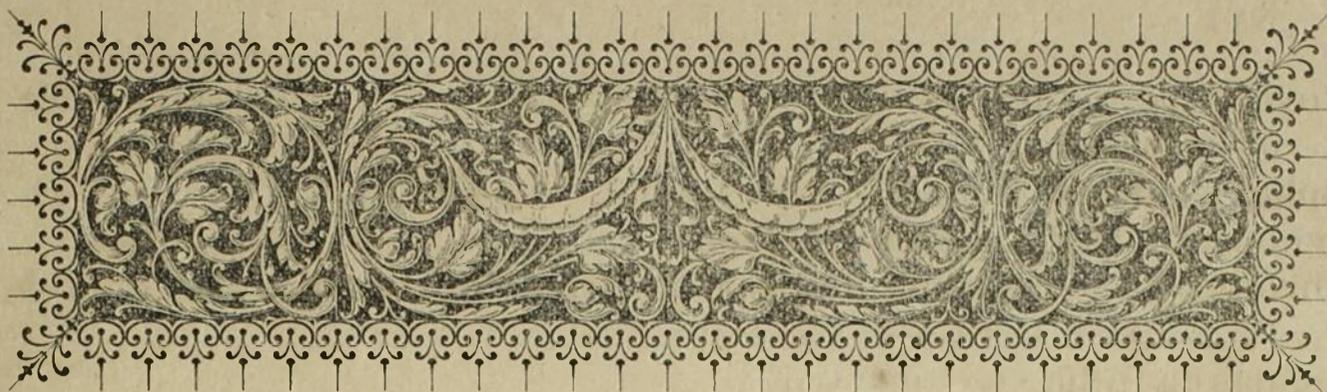




REFERENCIAS

The image features a highly decorative title 'REFERENCIAS' centered on a horizontal banner. The banner is flanked by two swans facing outwards, their necks curved upwards. The banner itself is adorned with intricate scrollwork and floral patterns. Above the banner, a small cherub-like figure is visible, and below it, another decorative element featuring a lion's head. The entire design is rendered in a classic, engraved style.





PARA evitar a fatigante e aborrecida repetição dos titulos das obras, que precisei citar muitissimas vezes neste volume, ponho aqui a nomenclatura das mesmas, o que successivamente irei fazendo nos outros tomos, para que se saiba a qual me refiro quando menciono sómente o autor.

Carta Escripta a El-Rei D. Manoel—por Pero Vaz de Caminha.

Historia Geral do Brazil—(segunda edição) pelo Visconde de Porto Seguro (Francisco Adolfo Warnaghen).

Historia Militar do Brazil—(manuscripto da Bibliotheca Nacional) por José de Miralles.

Historia do Brazil—de Roberto Southey.

Historia do Brazil—por Frei Vicente do Salvador.

Historia d'America Portugueza—por Sebastião da Rocha Pita.

Historia da Capitania de S. Vicente—por Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Memorias Historicas de Pernambuco—por José Bernardo Fernandes Gama.

Memorias Historicas e Politicas da Bahia—por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente—por Frei Gaspar da Madre de Deus.

Memorias Historicas do Rio de Janeiro—por Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo.

Annaes do Rio de Janeiro—por Balthazar da Silva Lisboa.

Novo Orbe Seraphico—(edição do Rio de Janeiro) por Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão.

Ephemerides Nacionaes—pelo Dr José A. Teixeira de Mello.

Synopse ou Deduccão Chronologica—pelo General José I. de Abreu e Lima.

Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil—(edição do Rio de Janeiro) pelo Padre Simão de Vasconcellos.

Lendas da India—por Gaspar Correia.

Diario da Navegação—de Pero Lopes de Souza.

Corographia Brazílica—(edição do Rio de Janeiro) pelo Padre Ayres de Casal.

Discripcion de las Indias Occidentales—por Antonio Herrera.

Tratado Descriptivo do Brazil—por Gabriel Soares de Souza.

Notas para a Historia Patria—pelo Senador Candido Mendes de Almeida.

Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro—pelo mesmo author.

Apontamentos Historicos, Geographicos, etc. por Manoel Euphrasio de Azevedo Marques.

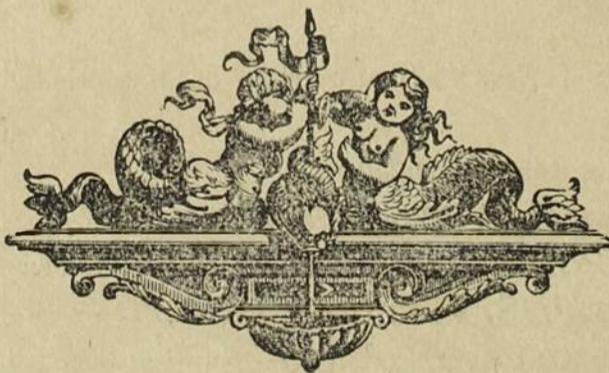
Histoire du Bresil Francais—por Paulo Gaffarel.

Jornal de Timon—pelo Dr. João Francisco Lisboa.

Roteiro do Bispado—pelo Padre Carlos Peixoto de Alencar.

Catalogo dos Bispos que teve o Brazil ate' 1676—por Prudencio do Amaral

Histoire d'un voyage fait en terre du Bresil, etc.—por João de Lery.





DATAS CELEBRES
E
FACTOS NOTÁVEIS
DA
HISTORIA DO BRAZIL

1493

Maio 4 —Bulla: *Inter caetera divince Magestate beneplacita opera*, do Papa Alexandre VI fazendo doação das ilhas e terras já descobertas e por descobrir, que vieram a formar o continente americano, aos reis catholicos Fernando e Izabel e seus successores na Corôa de Castella e Leão, e por força da qual o territorio, da hoje Republica Brazileira, teria cabido á Hespanha, ao ser encontrado.

Logo que Christovão Colombo regressou á Europa com a noticia da descoberta que havia feito do paiz, que se chamou então *Indias Occidentaes*, aquelles soberanos, que haviam apatrocinado com empenho a mesma descoberta, a ponto da rainha empenhar as suas proprias joias, para ajudar os gastos da expedição, recorreram á Santa Sé solicitando lhes confirmasse o direito da posse, pois era ella, nessa epocha, arbitra suprema dos negocios entre principes christãos.

Alexandre VI, que era hespanhol de nascimento, não hesitou um só instante em conceder o que lhe era pedido; mas, para evitar futuras dissensões entre Hespanha e Portugal, que se dava tambem a identicos descobrimentos, julgou prudente dividir o globo terrestre em duas partes iguaes, por meio de uma linha imagi-

naria, que traçou do Polo do Norte ao Polo do Sul, passando cem legoas a Oeste das Ilhas dos Açores e das do Cabo Verde, concedendo por esta Bulla aos soberanos hespanhoes tudo o que já se tinha descoberto e se podesse descobrir a Oeste da mencionada linha, e ao portuguez o paiz que *reconhecesse* dessa mesma linha para o Oriente, com tanto que não tivesse sido occupado por nenhum principe christão antes do dia de Natal deste mesmo anno de 1493, baseando-se para esta solução na circumstancia de ter Christovão Colombo navegado seguindo o curso do sol, em quanto que Vasco da Gama navegara no rumo contrario, quando descobriu as *Indias Orientaes*.

Esta linha imaginaria foi chamada LINHA DE MARCAÇÃO.

O apparecimento desta Bulla que a traçou e fez as concessões mencionadas, deu causa á espirituosa e conhecida ironia de Francisco 1º, rei de França, que ao ter della conhecimento dissera:—*Desejava que o Santo Padre me mostrasse a verba testamentaria de Adão, que partilha o novo mundo entre meus irmãos os Reis de Hespanha e Portugal, excluindo-me da herança.*

Desse celebre documento vem inserida uma traducção, em face do original latino na *Collecção de Tratados, Convenções, etc.*, de

1494 Jun: Jul:

José Ferreira Borges de Castro, Vol: 3.º Pag: 44 sob o titulo: *Bulla do Papa Alexandre VI sobre os descobrimentos dos Portuguezes e Hespanhoes, dada em Roma a 4 de Maio de 1493.*

Tambem o Dr João Francisco Lisboa publicou uma traducção desta Bulla feita de outra traducção franceza, porque não lhe foi possivel, como declarou, alcançar o original em latim.

1494

Junho 7--Tratado de *Concordia e Amizade* assignado em Tordsillas.

Resentido D. João II, Rei de Portugal, pelas concessões que o Papa Alexandre VI fizera aos Reis da Hespanha, por que postergavam, direitos que já eram seus desde annos atraz, protestou energicamente na Corte de Roma contra a Bulla de 4 de Maio do anno anterior, 1493, (veja-se essa data), que aggreidia de frente e quasi annullava concessões identicas ás que fazia e haviam já sido feitas ao seu reino por diversos Pontífices, em recompensa de serviços prestados ao christianismo por alguns principes da dynastia de Aviz; mas não sendo attendido, mandou reclamar o seu direito perante os reis catholicos, pelos seus ministros Pero Dias e Ruy de Pina, enviados expressamente para isto.

Não alcançou, porém, melhor resultado, pelo que assentou que o unico modo, que lhe restava, de decidir a questão, era appellar para a sorte da guerra nos proprios mares das regiões descobertas.

"Aprestava-se para este fim uma armada, cujo commando chegou a ser confiado ao valeroso Francisco de Almeida, quando os reis catholicos, informados do que se estava passando na fóz do Tejo, mandaram a D. João II dous embaixadores, Garcia de Carvajal e Pedro de Ayala, encarregados de encaminhar tudo por meios pacificos, embora viesse Castella a ceder uma parte do que lhe outorgara o Papa."

Conveio-se em submeter a decisão da questão a tres commissarios de cada uma das duas nações, os quaes se reuniram em Tordsillas.

Estes traçaram então uma nova linha, que foi denominada: LINHA DE DEMARCAÇÃO, porque destruia a outra.

"O meridiano demarcador foi transportado muito para o Occidente. Assentou-se que passaria a tresentas e setenta leguas ao poente do Archipelago do Cabo Verde, e não como havia sido dito na Bulla de 4 de Maio do anno anterior, 1493, a cem delle, e do Archipelago dos Açores, o qual fica, respectivamente ao primeiro, em longitude mais Occidental."

Tambem assentou-se que todas as terras, situadas ao Oeste deste meridiano, pertenceriam a Hespanha, e as que estivessem ao Oriente pertenceriam a Portugal, e por este meio se alcançou a desejada conciliação, e tambem que "a Curia Romana sahisse do apuro em que se via, sendo interpellada por haver feito uma doação de terras já por ella mesma doadas."

Ambas as partes contractantes se submeteram ás mais severas penas por parte da Santa Sé, em caso de contravenção.

Em virtude deste accordo, que foi solemnemente assignado nesta data, as terras da hoje Republica Brazileira vieram caber a Portugal, quando foram encontradas.

A integra desta convenção vem nas *Provas da Historia Geneologica da Casa Real Portugueza* de D. Antonio Caetano de Souza, Vol: 2º Pag: 94 sob o titulo: "*Concordia feita no anno de 1494 entre os Reis D. Fernando de Castella e El-Rei D. João II, de Portugal, sobre o que tocava a cada uma das Corôas, do que estava por descobrir no Mar Oceano.*"

Tambem está inserta na *Collecção de Tratados, Convenções, etc.* de José Ferreira Borges de Castro, Vol: 3º Pag: 52.

Julho 2—Os Reis de Hespanha, Fernando e Izabel, approvam e ratificam em Arevalo, onde se achavam, o *Tratado de Tordsillas.*

1494 Set:—1499 Maio Jun:

Setembro 5—D. João II, Rei de Portugal, approva e ratifica em Setubal, onde estava a côrte, o *Tratado de Tord-sillas*, segundo diz o Visconde de Porto Seguro.

Entretanto Herrera (1) Gomara (2) Laffitau (3) e Torquemada (4) dizem que esta approvação e ratificação, por parte do monarcha portuguez, só tivera lugar a 25 de Fevereiro do anno seguinte, 1495, e na cidade do Evora.

David Wardeu (5) diz inexactamente que o tratado fora celebrado no anno anterior, a 7 de Junho de 1493 e approved pelos Reis de Hespanha em 2 de Julho do mesmo anno e pelo Rei de Portugal em 27 de Fevereiro deste anno, 1494, e acrescenta: "uma copia deste tratado, assignado por D. João II, foi levado á cidade de Setubal na Castella a 5 de Setembro do mesmo anno."

1499

Maio 10—Parte de Cadiz uma frota de trez navios sob o commando de Alonso de Hojeda e com destino ás *Indias Occidentales*, em viagem de aventura e descobertas, a qual veio ter ao Brazil. Acompanhavam aquelle chefe o celebre piloto Juan de la Cosa e o não menos celebre cosmographo Americo Vespucio, de quem temos os dados desta viagem e tirámos a data e o ponto de partida, que o historiador hespanhol Herrera não segue, dizendo que a frota partira a 20 e do porto de Santa Maria; mas parece-nos que aquelle, que embarcou nella, devia ter do facto mais perfeito conhecimento, e por isto o seguimos.

Junho 27—A frota de Alonso de Hojeda avista terra proxima n'altura de cinco grãos ao sul do Equador, a qual terra era

baixa, alagada e de varios esteiros e braços de rios.

Não pode ter sido outra, diz o erudito Visconde de Porto Seguro, senão o delta do Assú, na provincia do Rio Grande do Norte.

"Desde principio, escreve Americo Vespucio, não vimos gente: surgimos e deitámos fora os bateis, e fomos a terra e a encontramos regada de muitos rios, e accommettemol-a por muitas partes para ver se podiamos entrar por ella dentro; mas, pelas grandes enchentes que traziam os rios, apesar de muito lidar, não encontrámos lugar que não fosse alagado. Vimos pelos rios muitos signaes da terra ser habitada; mas, reconhecida a impossibilidade de desembarcar por esta parte, resolvemos tornar-nos aos navios e accommettel-a por outra"

"E levámos ancora e navegámos por E S E, costeando a terra, que assim corria, e em muitas partes a entrámos por quarenta leguas. E tudo era perdido.

"Achámos que n'esta costa as correntes eram tão fortes, que nem permittiam navegar, e todas corriam de S. E. a N. O. de forma que, visto tantos inconvenientes contra a nossa navegação, houve conselho, e resolvemos regressar para o N. O."

Como se vê desta exposição, acrescenta ainda o Visconde do Porto Seguro, Hojeda intentou proseguir pela costa abaixo, no rumo Lessueste: mas não lhe foi possível vencer a força das correntes, e viu-se obrigado a seguir com estas na direcção de Noroeste, e "tanto navegámos diz ainda Americo Vespucio, ao longo da terra que fomos a entrar em um bellissimo porto formado por uma grande ilha."

Provavelmente o porto de Cayena, á vista do que se sabe, pela narração de Hojeda chefe da exposição, e de outros que nella iam.

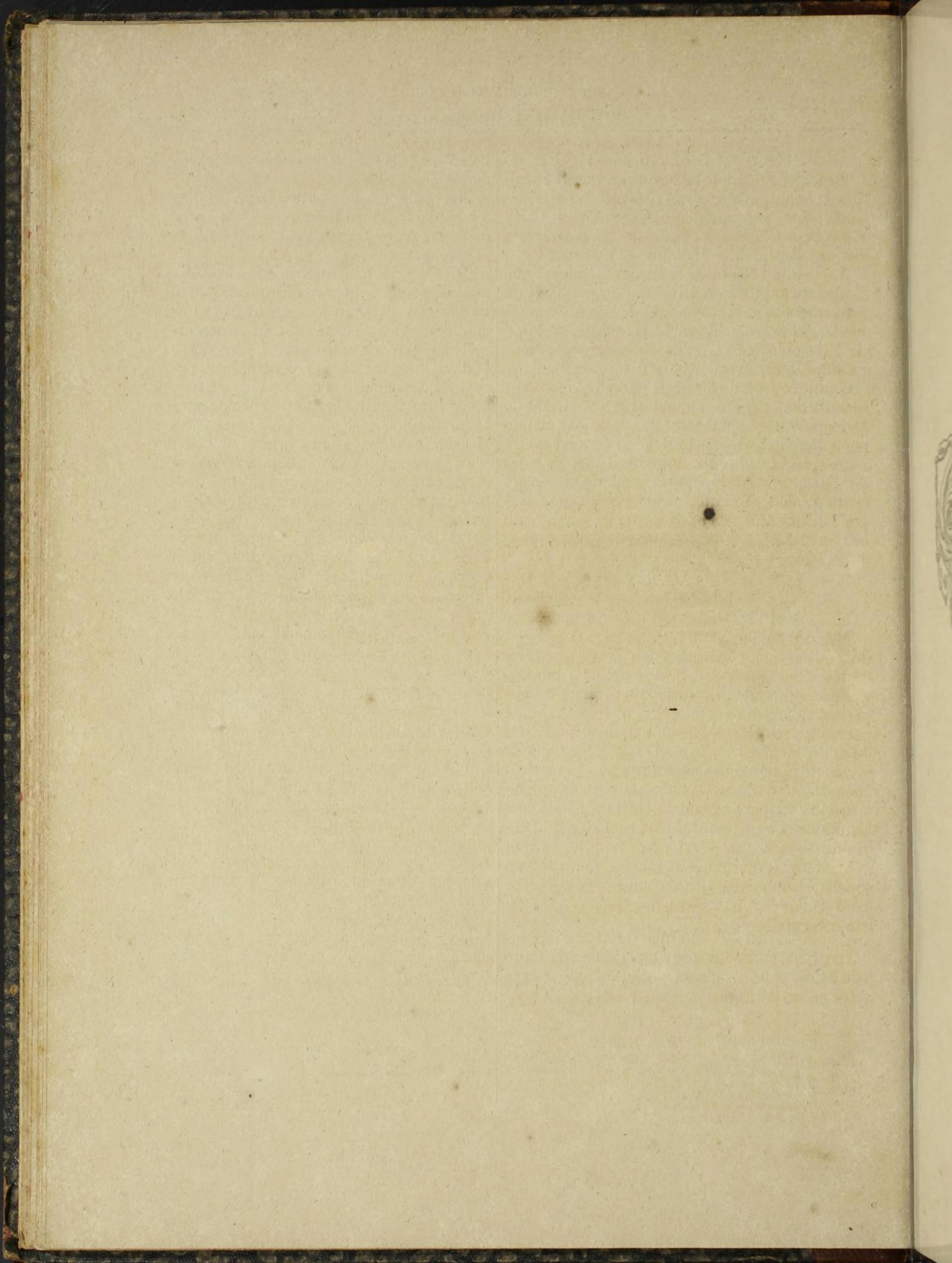
(1) *Descrip. de las Ind.* Dec. 1. Liv. 2.

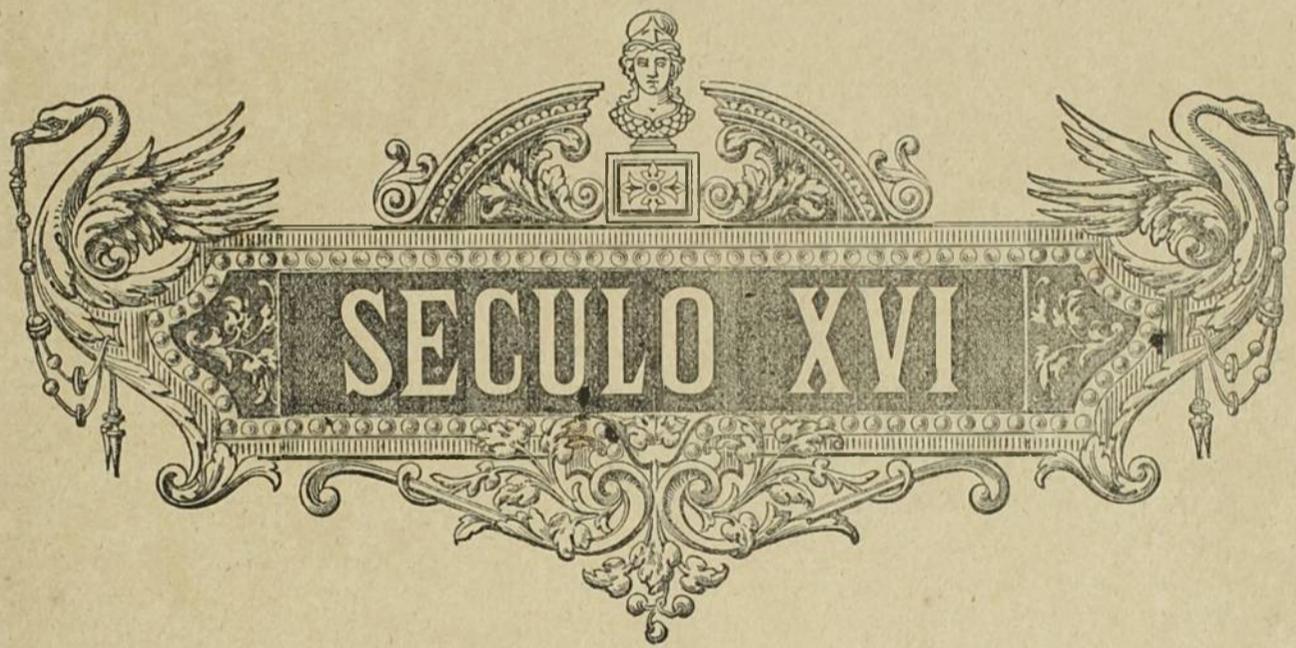
(2) *Hist. de las Ind.* Liv. 1. Cap. 19

(3) *Hist. des Decouv. des Port.* Vol. 1. Liv. 1.

(4) *Monarc. India.* Liv. 18 Cap. 2.

(5) *Hist. du Brés.* Vol. 1. Pag. 3





DATAS CELEBRES
E
FACTOS NOTÁVEIS
DA
HISTORIA DO BRAZIL

1500

Janeiro 26—Vicente Yanez Pinzon, que andava navegando com uma frota de quatro caravelas, avista terra junto a um cabo que denominou de *Santa Maria de la Consolacion*.

O historiador hespanhol Herrera quer que este cabo seja o de *Santo Agostinho*, que está a oito grãos de Latitude Sul e para o provar diz que Pinzon avistara terra de muito longe, que a agua do mar era turva, e esbranquiçada, e até mesmo doce como de rio: e que lançando o prumo, achara fundo em dezaseis braças.

Todos estes signaes, como bem diz o Padre Ayres do Casal, depõem e provam *contra producentes*. A terra do *Cabo de Santo Agostinho*, e suas visinhanças é baixa, e só apparece aos navegantes, quando estão pertos della; as aguas são alli claras, e a sonda só mostra dezaseis braças perto de terra. Em nenhuma parte desta costa se acha agua doce, senão dentro dos rios, aonde não chega a maré. O mesmo Herrera confessa que, tendo Pinzon navegado quarenta legoas pela costa *abaixo* se certificara de que aquella agua doce em que navegara, sahia do celebre rio Maranhão, aliás Amazonas, aonde fora ter, e cuja bocca fica mais de quatrocentas leguas distante do *Cabo de Santo Agostinho*,

donde para lá ir devia ter *subido* e não descido.

Tambem o mesmo Padre Ayres do Casal se enganou, querendo que o cabo avistado seja o *Cabo do Norte*, que fica a dous grãos de Latitude Septentrional, levado sem duvida, pela circumstancia de dizer Herrera que Pinzon, depois de avistar o cabo, navegara pela costa abaixo, o que não é exacto, como se vê da sua propria navegação.

Elle navegou pela costa acima.

O Visconde de Porto Seguro diz que o cabo em questão, é a chamada *Ponta de Mucuripe*, visinha ao porto da Cidade da Fortaleza capital do Estado do Ceará, pois d'ahi, proseguindo o mesmo Pinzon pela costa, no rumo de Oeste—quarta—de Noroeste, avistou outro cabo, a que deu o nome de *Rostro Hermoso*, o qual, na authorizada opinião do mesmo historiador, não póde ter sido outro senão a *Ponta de Jererécoára*, ainda hoje notada entre os praticos da costa pela sua formosura. D'aqui seguiu Pinzon para o Amazonas que denominou *Mar Doce* pela admiração que lhe causou.

“Aproximando-se da terra, para conhecer a causa deste phenomeno, encontraram varias ilhas agradaveis, cujos habitantes abordaram os navios com a mais inteira confiança. Pinzon nada achando

1500 Jan: Mar:

que pudesse retel-o por mais tempo, mandou arrebatat trinta e seis indios, que conduziu comsigo para vendel-os como escravos."

Do Amazonas foi navegando até o *Cabo de Orange*, ao qual, com toda a probabilidade, como diz Joaquim Caetano da Silva (6) chegou no dia 5 de Abril deste mesmo anno, 1500, pelo que o denominou de *S. Vicente*, que era o orago desse dia, e ao mesmo tempo o santo do seu nome.

"Que o cabo primeiro descoberto por Pinzon, acrescenta o illustre historiador, não pode haver sido o de *Santo Agostinho*, o passamos a provar com toda evidencia. Depuzeram judicialmente varios dos da tripulação (7) que a mencionada flotilha, desde as *Ilhas de Cabo Verde*, tomou o rumo Susudoeste, e qualquer nauta entendido sabe que, com tal rumo, nenhum barco de vela iria ter ao *Cabo de Santo Agostinho*. Demais: o proprio Pinzon declarou, que desde o primeiro cabo por elle descoberto, seguiu navegando pelo rumo de Loeste-quarta-a-Noroeste, rumo em que, segundo sua affirmativa, corria ali a costa (8); o que não podia ter lugar partindo do *Cabo de Santo Agostinho*; pois logo um pouco para o norte delle, a costa pende antes para Leste e não para Loeste. Além disso: contra uma tal interpertação, a favor do *Cabo de Santo Agostinho*, militam, não só a confrontação do numero de legoas, nesta viagem navegadas pelo dito Pinzon, que oficialmente (9) foram computadas em seiscentas, como tambem o testemunho dos cartographos antigos Juan de la Cosa e Diogo Ribeiro. Aquelle no seu celebre mappa, feito no proprio anno de 1500, situa o *cabo descoberto por Pinzon* muito a Loeste da terra que ali se diz *descoberta por Portugal* (Porto Seguro); e todos sabemos que o *Cabo de Santo Agostinho* fica bastante a Leste dessa terra.

(6) *L'Oyapoc et l'Amazone*.

(7) Colmenero, Ramirez e Valdevinos Navar: Volume 3: Pag. 547.

(8) *Que así se corre la tierra*.

(9) Navar: Vol: 3. Pag. 62.

E Diogo Ribeiro, em 1529, indicou o descobrimento de Pinzon para Loeste do *Cabo de S. Roque*, e não para o Sul."

"Para a probabilidade de ser o *Rostro Hermoso* a ponta de *Jererécoára*, nos abcnamos até com o roteiro de Pimentel, que diz ser este *um monte formoso*: e não menos com as palavras do roteiro do pratico Joaquim Duarte de Souza Aguiar quando diz: *O morro de Jereréquára bem conhecido pela sua forma e belleza* etc. Acresce que, a Leste de *Jererécoára*, o promotorio mais notavel, que se apresenta, é a ponta de *Mucuripe*; a qual tem até a seu favor a circumstancia de haver podido, nessa paragem, ser a terra vista pelos navegantes, para sua *consolação*, de maior distancia: graças ás visinhas serras de *Maranguape*, *Pucatuba*, *Aratanha* e *Cahuhype*, que se avistam do mar, desde quinze a vinte legoas."

Marco 9—Parte de Lisboa a grande armada mandada ás *Indias Orientaes* sob as ordens de Pedro Alvares Cabral "individuo de familia illustre, porém não afamado por feito algum anterior," e que teve a felicidade de, casualmente, (10) avistar na travessia uma parte do continente americano, da qual tomou posse para a corôa de Portugal, dando-lhe o nome de *Ilha da Vera Cruz*, e é hoje a vasta *Republica dos Estados Unidos do Brazil*. (11)

(10) A casualidade da descoberta do Brasil está exuberantemente provada, tendo sido largamente discutida na *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*: Vol: 15 Pag: 125 a 209 e Vol: 18 Pag: 279 a 289.

(11) A denominação de *Ilha da Vera Cruz* e não *Terra da Santa Cruz*, como erradamente alguns escreveram, foi substituída pela de *Brazil* logo que se divulgou a existencia no paiz da madeira de tinturaria a que os indigenas chamavão *ibiripitanga*, e os portuguezes *pau-brasil* em consequencia da cor avermelhada della assemelhar-se á da brasa.

O Visconde de Porto Seguro, porém, diz que o nome *Brazil* só começou-se a empregar para a Costa Oriental d'America do Sul em 1511.

Esta asserção não é exacta, como bem o demonstrou Capistrano de Abreu n'uma nota inserta a pagina 48 da *Hist. do Bras.* de Frei Vicente do Salvador por elle annotada, fazendo ver que já em 1504 era tal nome usado, e apresenta documentos incontestaveis.

Este mesmo illustrado escriptor diz ainda em uma outra nota da mesma obra, a de numero 10, o seguinte:

1500 Mar:

Compunha-se esta armada, a maior que até então havia sahido do Tejo, de dez caravelas e tres navios redondos.

Não combinam os chronistas nos nomes dos commandantes dos dez primeiros navios, os quaes, segundo a relação que nos pareceu mais accertada, pela confrontação e exame que fizemos, foram: Sancho de Thoar, Simão de Miranda Azevedo, Braz Mattoso, Vasco de Athayde, Nuno Leitão da Cunha, Simão de Pina, Nicolau Coelho, Ayres Gomes, Bartholomeu

Dias, que havia descoberto o *Cabo de Boa Esperança*, e seu irmão Diogo Dias.

Os tres pequenos eram commandados por Luiz Pires, Gaspar de Lemos e André Gonçalves, *mestre que viera com D. Vasco, que lhe quiz elle dar esta honra*, conforme diz Gaspar Correa.

Mil e duzentos homens, entre marinheiros e soldados, e tudo gente escolhida e bem armada, assim como oito capellães, formavam a guarnição destes navios, que levavam de passagem sete frades francis-

“A palavra Brazil tem duas origens: uma latina sobre a qual J. C. da Silva escreveu uma dissertação magistral na *Rev. Trim: do Int: Hist: Geo: Braz: Vol: XXIX, Seg: Part: Pag: 5 a 35* e de que tambem trataram José Silvestre Rabello nos dous primeiros volumes da mesma *Révista*, e Candido Mendes na introdução aos *Principios de Direito Mercantil e Leis de Marinha* de Silva Lisboa. Rio 1874, I CCCXL—CCCLV; outra celtica, a que alludem Gumbleton Daunt na *Rev. Trim: do Int: Hist: e Geo: Braz: Vol: XLVII, 1884, Par: 1. Pag: 119 e 120* e Beauvais *Rev. de l'hist: des religions, Vol: VII Pag: 316.*”

O historiador João de Barros na *Decada I. liv. 5. cap. 2.* possuido das idéas religiosas, que tanto occupavão os antigos escriptores portuguezes: diz, “Admoesto da parte da cruz de Christo a todos os que este lugar lerem, que dem a esta terra o nome, que com tanta solemnidade lhe foi posto, sob pena de a mesma cruz que, nos ha de ser mostrada no dia final, os accusar de mais devotos do páo-brazil que della. E por honra de tão grande terra chamemos-lhe *provincia*, e digamos *Provincia da Santa Cruz*, que sôa melhor entre prudentes que *páo-brazil*, posto pelo vulgo sem consideração, e não habilitado para dar nome ás propriedades da real corôa.”

Não obstante esta exhortação a substituição vingou, e a este respeito Southey escreveu o seguinte:

“O nome pegou talvez mais facilmente, por já o terem os geographos antes posto em voga, parecendo, contudo, tão perplexos sobre o modo de dispor delle, como do famoso titulo de Preste João.”

“Hervas (Tom: I. Pag: 109) faz menção de um mappa da bibliotheca de S. Marcos em Veneza, feito em 1439 por André Blanco, no qual se indica na extremidade do Atlantico uma ilha com o nome de *Ilha do Brazil*; outra chamada *Ilha da Antilha*, e uma terceira, na posição do Cabo de Santo Agostinho na Florida com a extranha cognominação de *Isla de la mano de Satanaxio*. Esta *Ilha do Brazil* suppõe-na o author do mappa uma das Terceiras.”

“D. Christoval Cladera, na sua resposta á memoria de Otto sobre a descoberta d'America, descreve cinco mappas desenhados por Juan Ortis em Valença mostrando com bons argumentos, que não podiam ter sido feitos antes de 1496 e nem depois de 1509. A quarta destas cartas contém as costas de Hespanha, França, Hollanda, Gram-Bretanha, e em 52 grãos N. uma ilha dividida por um grande rio e chamada Brazil. D'aqui infere Cladera que o mappa foi feito depois da descoberta do Brazil por Cabral, mas muito pouco depois, aliás não teria sido este paiz tão erroneamente collocado.”

“Contudo, se era realmente o Brazil que se queria indicar, seria possível fazel-o tão erradamente? E ter-se-hia naquella epocha dado este nome?”

“Entre varios povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada, chamada Brazil. Era pois, natural que apenas apparecesse um paiz, a que se podesse applicar, se fixasse nelle este nome, que até então andava vago e incerto, e d'qui, provavelmente, veio o ter elle prevalecido sobre a denominação official, e até mesmo santificada pela sancção religiosa.”

Segundo Muratori a primeira vez que a palavra brazil se empregou foi no anno de 1128, n'um tratado entre os povos de Bolonha e Ferrara, no qual figura n'uma resenha de mercadorias a *grana de brazile*.

Na sua obra sobre a geologia brazileira, disse o professor Hartt que, “estudando a derivação da palavra—*Brazil*—achou estudos cabalmente feitos por Humboldt sobre a mesma palavra. Em mappas italianos, publicados entre 1352 e 1439 e 1459, achou Humboldt o dito termo sob tres formas; *Barcie, Brazil e Berzil*. Era então o nome applicado a alguma ou algumas das Açores e mais particularmente a um ponto da Terceira, que ainda conserva a mesma denominação.”

“Tres seculos antes de se descobrir a rota para as Indias, pelo Cabo da Boa-Esperança, conhecia-se na Europa um páo de tingir chamado *bresil, brasilly, brasillis e brasile*, que crê-se, era uma especie das *Casalpina* ou *Pterocarpus* da India. Agora como foi que esse páo começou a ser chamado *Brazil*, é o que não se sabe. O certo é que o nome Brazil não vem da palavra *brasa*, á semelhança de cuja côr é o páo-brazil. O naturalista Grynéas falla de páo-brazil visto em Paira, em 1499, e Anghiera, que tambem escreveu antes do descobrimento da terra de Santa Cruz, viu páo-brazil no Haity e refere-se a elle com esta mesma denominação.”

Apezar de já estar longa esta nota, julgamos todavia dever termina-la inserindo aqui os notaveis versos do poema *Caramuru* de Frei José dos Rita Durão, sobre o assumpto:

Terra, porém, depois chamou a gente
do Brazil, não da Cruz; por que attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembra menos do que foi na vida.
Assim ama o mortal o bem presente
Assim o nome esquece que o convida
Aos interesses da futura gloria,
Aos bens attento só da transitoria.

Canto 6. estancia 61,

1500 Mar: Abril

canos, subordinados a um guardião por nome Fr. Henrique, que depois foi Bispo de Ceuta; um vigário, para a feitoria que se ia fundar em Calicut, para cujo feitor ia nomeado o almoxarife da armada Ayres Correia, do qual deviam ser escrivães Gonçalo Gil Barbosa e Pero Vaz de Caminha.

Algumas das embarcações eram armadas por negociantes particulares, mas todas iam subordinadas ao Capitão-mór Pero Alvares Cabral. Sómente de tres dellas se sabe com certeza os nomes, que eram: *Anunciada*, *S. Pedro e El-Rei*, por que foram mencionados pelo historiador João de Barros, entretanto o Visconde de Porto Seguro escreveu a tal respeito o seguinte:

"Cremos que os nomes de sete destas embarcações, que da India regressaram, nos são dados em um documento (n. 800 do ann: 24) que encontrámos, sem data, no interior da Casa da Corôa, (na Torre do Tombo), e que só podemos attribuir a esta expedição. Eis aqui esses nomes: naús *Espirito Santo*, *Santa Cruz*, *Fror de La Mar*, *S. Pedro*, *Victoria* e *Espera* e o galeão *Trindade*."

"A partida, diz um escriptor nacional, foi honrada com todo o esplendor e pompa de uma festa. Na vespera, que foi um domingo, o sino da cathedral batia gráve e solemne em suas modulações festivas e parecia annunciar de antemão as scenas altamente dramaticas, que dentro em breve se deviam passar, além do Atlantico, nas ferteis regiões do Novo Mundo.

"D. Manoel, o *Afortunado*, tinha reunido, no começado Mosteiro de Belém, todos os grandes da sua côrte, com o fim de invocar o auxilio do céu para a importante expedição. Conserva o rei ao pé de si, na sua tribuna, o illustre almirante, durante a missa, que é dita com toda a solemnidade. Pendente do altar via-se o estandarte real da Ordem de Christo. Prêga D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, que depois foi de Vizeu, o qual accende nos animos o desejo de partilhar dos grandes perigos, a que se iam expor esses atrevidos navegantes. Terminada a cerimonia religiosa, benzeu-se um chapeo, que o Papa mandara a Cabral,

e que é posto na sua cabeça pelas mãos do proprio rei, que entrega tambem ao illustre capitão o estandarte da cruz da Ordem de Christo. Dirigem-se depois todos, processionalmente, com cruces alçadas e reliquias, para a margem do Tejo.

"Lisboa apresenta então um espectáculo faustoso, que raras vezes offerecem os povos, em que as lagrimas e soluços da saudade se misturam com os risos e vivas, que retumbam nos ares em aclamações."

Assim, diz o historiador João de Barros, que foi, segundo todas as probabilidades, testemunha ocular desta scena, "se viam todos com as suas libré e bandeiras de cores diversas, que não parecia mar, mas um campo de flores, com a frol daquella mancebia juvenil, que embarcava. E o que mais levantava o espirito destas cousas, eram as trombetas, atabaques, sestros, tambores, frautas, pandeiros, até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, naquelle dia tomaram posse de ir sobre as agoas salgadas do mar nestas e outras armadas, que depois a seguiram, porque, para viagem de tanto tempo, tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar."

Nas instrucções escriptas, que recebeu o commandante d'armada, foi-lhe recommendado que, n'altura de Guiné, se affastasse quanto podesse d'Africa, para evitar suas morosas e doentias calmas.

22 — Em frente das Ilhas de Cabo Verde e durante a noite, um dos navios, d'armada de Pedro Alvares Cabral, aquelle de que era commandante Vasco de Atahyde, separa-se della sendo obrigado a voltar para Lisboa, onde chegou em máo estado.

Não estando á vista, quando clareou o dia, os outros pairaram algum tempo a esperar por elle, mas não apparecendo, continuaram a viagem.

Abril 21 — Tendo em consideração as instrucções, que havia recebido, e foram redigidas sob a direcção de Vasco da Gama, que para isto fez conselho com os

1500 Abril

mestres e pilotos da navegação, como diz Gaspar Correia, affastou Pedro Alvares Cabral os seus navios da costa africana, e achando-se elles neste dia mais longe della do que pensava o seu commandante, arrastados naturalmente pelas correntes oceanicas ou pelagicas, que aquelle desconhecia, commegou-se a ver de bordo delles signaes de terra proxima, para o lado de Sudoeste. " Estes signaes, diz Pero Vaz de Caminha, são muitas quantidades de hervas a que os mareantes chamam *hotelho*, e assim outras a que tambem chamam *rabo de asno*."

22 — Attrahido pelos vestigios, que tinha visto na vespera, Pedro Alvares Cabral continuou na derrota que até então levava forçado, e principia a ver na manhã deste dia, que era uma quarta feira, evidentes signaes de terra muito perto como sejam as aves.

A' tarde começa a enxergar a Loeste o cimo de um alto monte; era o cabeça da serra dos Aymorés, a que elle deu o nome de Monte Paschoal em honra do oitavario da Paschoa, que então era, e a terra, que ia-se avistando, o nome de *Vera Cruz* (12)

Cabral manda lançar a sonda, e acha

25 braças e já sol posto ordena que ancoram as náos, que ficam a seis leguas da costa.

23 — As embarcações da frota de Pedro Alvares Cabral fazem-se pela manhã de vela e seguem direitas para a terra. Os navios pequenos vão adiante por 17, 16, 15, 14, 13, 12, 10 e 9 braças até meia legua de terra, onde lançam ancoras em frente á foz de um rio. Eram 10 horas da manhã, pouco mais ou menos. Avista-se na praia seis ou sete homens. Todos os capitães das náos, se dirigem nos escaleres para bordo da capitanea, onde se forma um conselho.

E' deliberado que vá o Capitão Nicoláo Coelho examinar o rio, o que elle cumpre logo. A' proporção que a sua embarcação avança para a terra, vai-se a praia cobrindo de indigenas. Estão nús, armados de arcos e de settas; encaminham-se hostilmente para o batel; o capitão lhes azena que deixem as armas, o que elles fazem de boa vontade.

Seguiu-se uma entrevista amigavel; e os Portuguezes, que até então haviam achado que ou o arabico, ou alguma das linguas dos negros, se fallava aonde quer que tinham chegado as suas descobertas, não contavam encontrar um idioma intelligivel, e quando viram que de parte a parte ninguem se entendia, imputaram isso a não se ouvirem distinctamente as vozes, pelo estrondo que fazia o mar, rebentando nos cachopos da praia.

Contudo, deu-lhes o capitão um barrete vermelho e uma carapuça que levava na cabeça, bem como um sombreiro preto, e delles recebeu enfeites de pennas e uma enfiada de continhas brancas. Com estes objectos voltou Nicoláo Coelho á capitanea por ser já tarde, e foram para logo destinados a ser enviados para a côrte ao Rei D. Manoel como as permutas da primeira negociação feita com os naturaes da terra.

A' noite foram as embarcações incomodadas por um vento de Sudoeste que soprou, e por chuva que cahio.

(12) E' esta a verdadeira data da descoberta do nosso paiz, alterada por muitos escriptores, entre os quaes alguns de reconhecido merecimento. Como pela reforma do Kalendario Juliano, que então vigorava, feita oitenta e dois annos depois, pelo Papa Gregorio XIII, passasse, aquella data, 22 de Abril, a corresponder a 3 de Maio da presente era, entenderam alguns que fora este o dia em que se deu o feliz successo; mas assim não é; embora mesmo a conhecida aceitação official, dada pelo governo do paiz, que aproveitando-se da circumstancia mencionada, o escolheu para abertura do parlamento, no proposito de commemorar assim tão faustoso acontecimento. Veja-se a este respeito o trabalho que, sob o titulo: *Observação Chronologica ácerca do dia em que foi descoberto o Brazil*, escreveu o Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros e foi publicado na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol: 45 Part: 1. Pag: 161*; e tambem um outro trabalho no mesmo sentido escripto pelo Conselheiro Beaurepaire Rohan sob o titulo: *Breve discussão chronologica ácerca da descoberta do Brazil*, e foi tambem publicado na mesma *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol: 32 Part: 2. Pag: 230* e seguintes.

1500 Abril

24—Pelas oito horas da manhã, pouco mais ou menos, aconselham os pilotos ao Capitão-môr que se levantem as ancoras e se façam de vela. E assim se faz, e vão pelo longo da costa com os bateis e esquifes á tôa contra o Norte, a ver se encontram algum abrigo, onde se possam refazer de aguada e lenha, indo os navios mais pequenos conchegados á terra. Mais de sessenta indigenas os vêem partir postados na praia, sem poderem saber que gente era essa. Dez legoas distante da primeira ancoragem encontram um recife com um porto bom e seguro, com larga entrada, e mettem-se os navios pequenos por ella a dentro; as náos amainam e arribam, um pouco antes do sol posto, e ancoram a uma legoa de distancia do recife em onze braças de fundo.

Este é o que se chamou então Porto-Seguro, arrumado pelos nossos navegantes em 16 grãos e 30 minutos de Latitude Sul (13).

Affonso Lopes, piloto de um dos navios pequenos, é mandado pelo Capitão-môr,

(13) Este Porto-Seguro, onde fundearam os navios de Cabral, não é o que tem hoje semelhante nome. O primitivo, o que teve aquella denominação dada pelo chefe da frota descobridora, está duas leguas mais ao norte do que assim se chama actualmente, conforme escreveu Pero de Magalhães Gondavo em 1576, o Padre José de Anchieta em 1584, Gabriel Soares de Souza em 1587 o Padre Fernão Cardim em 1590 e Manoel Pimentel em 1762, e hoje é conhecido por *Enxada da Coroa Vermelha ou Porto de Santa Cruz*, nomes que o Padre Ayres do Casal tentou, de motu proprio, mudar para o de *Bahia Cabralia* em commemoração á memoria de Pedro Alvares Cabral e só foi adoptado por Monsenhor Pizarro, Visconde de Cayrú e o contra almirante francez, E. Mouchez, que assim o chama nos seus trabalhos relativos a costa do Brazil, nome que é desconhecido inteiramente na propria localidade.

Entretanto o Visconde de Porto-Seguro, que assim pensou, antes de ser agraciado com tão honroso como merecido titulo, quando era apenas Francisco Adolpho Warnaghen e publicou um bonito trabalho sob o titulo: *O Descobrimto do Brazil, chronica do fim do XI seculo*, e nelle lamenta não haver allí um monumento que attestasse o notavel acontecimento, quiz, pouco antes de morrer, provar que fora no actual Porto-Seguro onde fundearam os navios da frota de Cabral, e para isso escreveu uma memoria, que nos parece ter sido o seu ultimo trabalho, e foi publicada na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol: 40 Part: 2. Pag. 1*, sendo impugnado vantajosamente pelo Conselheiro Beaurepaire Rohau, tambem n'uma memoria, que igualmente foi impressa na mesma *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol: 43 Part: 2. Pag: 5*.

como homem vivo e destro, em um esquife a sondar o porto, e volta com dous homens que encontrara em uma almadia, sendo que um delles está armado de um arco com seis ou sete setas. Vio tambem Affonso Lopes outros iguaes a estes, igualmente armados, mas que não o offenderam.

Fechava a noite quando elles chegaram á capitanea. Cabral, regulando sempre o seu proceder pelo estado da sociedade, que se havia encontrado no Congo, ou entre os mouros da costa oriental da Africa, preparou-se para recebê-los com todo o ceremonial.

” O Capitão, diz Pero Vaz de Caminha, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira, e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um collar de ouro ao pescoço; e Sancho de Thoar e Simão de Miranda e Nicoláo Coelho e Ayres Correia e nós outros que aqui na náo com elles iam, assentados no chão por essa alcatifa. Acenderam-se tochas e entraram, e não fizeram nem uma menção de cortezia, nem de fallar ao capitão nem a ninguem; porém um delles poz os olhos no collar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o collar, e tambem vio um castiçal de prata, e assim acenava para a terra e então para o castiçal como que havia tambem prata.”

Os Portuguezes, intepretando á medida de seus proprios desejos estes gestos, concluíram pela forma que fica exposta, isto é, que os naturaes conheciam os metaes preciosos, e que os havia no paiz. Nada disto era; as tribus da costa não conheciam por certo o ouro e as do sertão provavelmente tambem não; nem até agora se averiguou que existam minas de prata no Brazil, embora haja motivos para crel-o. Queriam dizer, certamente, outra cousa com os seus signaes.

Passados alguns momentos, mostraram-lhes um papagaio, que elles reconheciam como objecto familiar. Apresentou-se em seguida uma ovelha, mas este animal lhes era desconhecido, e á vista de uma gallinha deram mostras de terror,

1500. Abril

custando muito o induzil-os a tomarem-na nas mãos.

Regeitaram todas as comidas e bebidas que os Portuguezes lhes apresentaram e vendo que os não levavam a terra deitaram-se por fim.

O Capitão-mór lhes mandou pôr á cabeça alguns travesseiros, e cobril-os com um manto; elles consentiram nisto e dormiram tranquillos entre os novos possuidores do seu paiz.

25—Ordena Pedro Alvares Cabral que as suas náos se façam de vela em demanda da entrada do porto, e ahí ancoram em cinco ou seis braças. ” A ancoragem é tão grande, diz Pedro Vaz de Caminha, é tão formosa e tão segura, que podem jazer dentro nella mais de duzentos navios e náos. ”

Ancoradas as náos, reúnem-se os capitães na de Pedro Alvares Cabral, o qual envia os Capitães Nicoláo Coelho e Bartholomeu Dias á terra, e manda que levem os dous indiginas com o seu arco e settas, e com brindes que lhes fez. Vai com elles tambem Affonso Ribeiro, degradado, o qual devia ficar em terra para lhes aprender a lingua e observar-lhes os costumes e usos. Segue tambem com elles Pero Vaz de Caminha, um dos escrivães da armada que escreveu sobre este descobrimento. Immediatamente acodem á praia mais de duzentos indigenas armados de arco e flechas, mas os que iam no batel lhes fazem signal que se affastem; elles largam as armas mas não se afastam muito.

Desembarcam os dous, que se internam pela terra e com elles vão muitos dos indigenas, voltando depois já sem os brindes que lhes fizera o Capitão-mór. Acodem então ao batel os indigenas em bandos, levam, agazalham o degradado e regressam de novo com elle.

Ajudam os Portuguezes a fazer aguada pedindo algumas cousas em recompensa, e offerecem até as suas armas em cambio das mais futeis bagatellas produzidas pela industria lusitana. Já por fim ninguem

se entende pelo ruido de vozes que ha entre elles; pedem aos Portuguezes que se retirem, e afastam-se estes da praia. Acenam de novo, acodem os dous bateis, e pedem que levem o degradado. Bartholomeu Dias manda que este lhes dê os mimos que tinha consigo, para dar ao maioral delles, e o transporta depois para a sua náo.

A tarde percorre Pedro Alvares Cabral em um escaler, bem como os demais capitães das náos em os seus, a vasta bahia, e desembarcam em um ilhéu a que dão o nome de Corôa-Vermelha. Ahí folgam por hora e meia e pescam, e á noite voltam para os seus navios.

26— Determina Pedro Alvares Cabral que se diga missa e se prégue na Corôa-Vermelha, e com os capitães em seus escaleres se dirige para ahí.

Arma-se um esparavel e debaixo delle se levanta um altar. A missa é dita por Fr. Henrique, coadjuvado pelos padres que o acompanhavam á India. É a primeira celebrada na terra da Vera-Cruz, ouvida com prazer e devoção pelos Portuguezes, admiração e curiosidade pelos naturaes do paiz.

Pedro Alvares Cabral assiste a esta solemnidade collocado da parte do Evangelho, tendo na mão a bandeira da Ordem de Christo, com que sahira de Belém. Finda a missa, desveste-se o padre, e subindo a uma cadeira, e tendo o seu auditorio estendido sobre a areia, préga solemnemente sobre a historia do Evangelho, da vinda dos Portuguezes, do achamento da nova terra, guiados pela cruz, sob cuja obediencia caminhavam.

Os indigenas, que se conservavam na terra firme, tangendo então os seus rudes instrumentos, formam alegres danças a seu modo; e muitos dentre elles vão em jangadas até o ilhéu já santificado pelo sacrificio da missa.

Os Portuguezes embarcam-se tambem em seus bateis e vão pelo longo da praia, ao som de musica, attrahindo a attenção dos barbaros, e recolhem-se ás suas náos.

1500 Abril

Depois de jantar reúnem-se todos os capitães em a não de Pedrò Alvares Cabral, assenta-se em despachar para o reino um dos navios da armada, não só com a noticia do descobrimento, como com a missão de ir melhor examinando a terra no que pudesse ser. Delibera-se tambem que, em vez de levar algum dos naturaes, é melhor que fiquem entre elles dous dos degradados que estavam destinados para a India, afim de aprender a lingua.

Dando-se por findo este conselho dos capitães, embarcam-se todos em seus batéis e se dirigem a terra para fôlgar e examinar o rio. Os indigenas, que por ahi andam, deixam cahir seus arcos em signal de paz, e acenam para que se approximem. Os Portuguezes desembarcam e misturam-se com elles. Trocam-se os objectos de uso dos europeos pelos objectos de uso dos americanos, e reina a mais perfeita concordia entre os dous povos, que apenas se entendem pelos mais estranhos signaes dos acenos alheios a toda a convenção. Diogo Dias, homem folgassão, e amigo de brincar, leva mais longe a sua confiança entre os barbaros, pois, acompanhado de um gaiteiro, mette-se entre elles a dançar, tomando-os pelas mãos, e elles folgam, riem e dançam com elle ao som da gaita. Passa depois Diogo Dias a brincar dando voltas ligeiras pelo chão e saltos mortaes pelo ar, do que elles se mostram admirados. Outros ajudam Bartholomeu Dias a conduzir ao batel um tubarão que o mesmo matára.

O Capitão-mór manda que o degradado Affonso Ribeiro siga os naturaes e passe a noite entre elles; mas os indios o não consentem e o reenviam com todos os mimos que para elles lhes déra o Capitão-mór. Affonso Ribeiro traz comtudo noticia da sua aldeia, compostas de choupanas grandes e cobertas de ramos verdes, e vem com algumas aves, entre ellas papagaios, com que o obsequiaram. Já sol posto, os Portuguezes recolhem-se ás suas náos.

27— Todos os capitães da esquadra de Cabral se dirigem a terra a fazer aguada. Os indigenas apparecem em menor numero e pela maior parte desarmados. Os Portuguezes misturam-se com elles, dançando e folgando cada qual a seu modo, e alguns vão até ao seio das florestas onde encontraram indigenas em maior numero com suas mulheres e filhos, e trazem de lá muitos objectos curiosos que permutaram pelas suas bagatelas. O Capitão mór Pedro Alvares Cabral ordena novamente a Affonso Ribeiro e a outros dous degradados que os acompanhassem e dormissem entre elles, e bem assim Diogo Dias, por ser homem amigo de brincar e rir, e de quem elles já pareciam ir gostando. Os degradados seguem as ordens do Capitão-mór e observam a aldeia, usos e costumes, de que Pero Vaz de Caminha escreveu minuciosamente em sua carta dando parte ao Rei D. Manoel do achamento de tão bello paiz.

A noite, porém, os indigeuas os fazem voltar a suas náos não consentindo que lá durmam, desejando muitos de entre elles vir com os degradados. Dão-lhes em troca de cascaveis e outras cousas de pouco valor, araras, que os Portuguezes chamam papagaios vermelhos, muito grandes e formosas, e outras aves e alguns objectos de pennas de uso proprio. O Capitão-mór, reunindo todas essas curiosidades da nova terra, as destina para serem enviadas ao reino com a nova de tão extraordinario acontecimento. Neste dia derriba-se uma arvore cujo tronco deve ser transformado em cruz, primeiro marco que a civilisação européa plantou em nossas plagas.

28 — Os Portuguezes vão á terra refazer-se de lenha e lavar roupa. Os indigenas desarmados e em numero de duzentos, acodem á praia, e os ajudam com gosto nestes e outros trabalhos observando com muita curiosidade os carpinteiros, que desbastam e aplainam os lenhos da cruz com ferramentas estranhas para elles. Os Portuguezes admiram no entretanto

1500 Abril Maio

as mattas magestosas que os cercam, as madeiras de mil qualidades que conteem, e as aves que povoam tão bastas florestas. O Capitão-mór ordena de novo aos degradados que se dirijam á aldeia com Diogo Dias, e que façam todo o possivel para lá se demorarem e dormir, e á noite recolhem-se todos ás suas náos com a lenha que fizeram.

29— Pedro Alvares Cabral manda preparar um dos navios de mantimentos, descarregando-o, e baldeando a carga para as diversas náos, afim de envia-lo ao reino com a nova do descobrimento. Neste dia só vai á terra Sancho de Thoar. A praia está coalhada de indigenas em numero de mais de tresentos. Dous indios acompanham o capitão Sancho a sua ná, onde comem e passam a noite, depois de servirem de divertimento á curiosidade de seus estranhos hospedes.

30— Os Portuguezes vão de novo a terra afim de completar o seu abastecimento de lenha e agua.

O Capitão-mór, porém, demora-se na sua ná pela chegada de Sancho de Thoar com os dous indigenas que havia hospedado, os quaes são bem recebidos e tratados; dirige-se depois em seu batel á terra, encaminhando-se á cruz que se acha encostada a uma arvore ao pé do rio, ajoelha-se reverente e beija o symbolo da fé no velho mundo que começa a sel-o tambem em o novo. Dez ou doze indigenas se aproximaram, e ao aceno dos Portuguezes procuram imitar os seus signaes de respeito e reverencia; então affluem em numero de mais de quatrocentos, todos armados de arco e settas e trocam essas armas por insignificantes bugigangas, e contentes ajudam os Portuguezes a se proverem de lenha e agua, já tão familiarizados que mais nenhuma desconfiança havia de parte a parte. O Capitão-mór entranha-se pela florestas e vai ter a um ribeirão, que acredita ser o mesmo em que se estão refazendo de agua. Deixando a floresta, que segundo a pintura

de Caminha, é tanta, tamanha, tão vasta e de tanta plumagem que mal póde o homem dar conta della, entretem-se com os indigenas que dançam e brincam contentes e folgazões ao som de um tamboril que lhes tange um dos soldados da armada. Ao recolherem-se ás náos querem muitos dentre elles acompanhar os Portuguezes, mas força é limitar o seu numero. Assim, Pedro Alvares Cabral leva dous, Simão de Miranda um e Ayres Gomes outro, sendo que estes dous já passavam por pagens destes capitães.

Maio 1 — Pedro Alvares Cabral desce a terra com a sua bandeira e desembarca acima do rio, da parte do norte, onde melhor lhe parece implantar a cruz. Em quanto alguns dos seus cavam no lugar indicado por elle, vai com os religiosos e mais pessoas de sua comitiva pelo rio abaixo a buscar a cruz, e a traz como que em procissão e triumphantemente entoando hymnos mysticos.

Os indigenas, que já alli haviam concorrido em numero de setenta a oitenta, apressam-se em ajudal-os a transportal-a. Passam o rio pelo longo da praia e collocam a cruz no lugar em que deve permanecer até que seja destruida pelo tempo.

Plantada a cruz com as armas e divisas reaes portuguezas, arma-se ao pé della um altar aonde canta missa Fr. Henrique, ajudado pelos seus missionarios, e com elle e o Capitão-mór d'armada commungam todos os sacerdotes e alguns dos Capitães, e os dous degradados destinados a ficar em terra. Os indigenas imitam aos Portuguezes, ajoelhando-se e prestando attenção ao officio divino. Fr. Henrique despe as vestes sagradas, e com a alva sobe a uma cadeira e prega sobre o Evangelho e os apostolos; depois, sentando-se ao pé da cruz e tomando as cruces de estanho que ainda possuia Nicoláo Coelho, as vai lançando ao pescoço dos indigenas aos quaes faz com que primeiramente se ajoelhem e beijem reverentes o symbolo da santa fé.

Os Portuguezes recolhem-se ás náos

1500 Maio

para jantar. Pedro Alvares Cabral leva comsigo um indigena que durante a missa apontava para a cruz e depois para o céo, e bem assim a um irmão do mesmo, e os brinda, dando ao primeiro uma camisa mourisca e ao outro uma de uso ordinario e em seguida os manda pôr em terra assim como os dous condemnados a degredo, afim de aprenderem a lingua dos naturaes, da qual não havia interprete. Ninguem mais volta a terra, excepto dous grumetes, que fugiram durante a noite n'um esquife.

Emquanto estes voluntariamente se exilavam, aquelles, segundo uma relação desta viagem, escripta por um piloto da mesma frota, e que Ramusio conservou, ficaram chorando, e os homens do paiz os confortavam, mostrando-se delles compadecidos. Um, segundo dizem, que aprendeu logo o idioma dos indigenas, servio depois de interprete aos Portuguezes que alli aportaram, e tornou ao reino.

Idem—Carta de Pero Vaz de Caminha um dos escrivães do almoxarifado ou recebedor do imposto real, que ia n'armada de Pedro Alvares Cabral, escripta de Porto-Seguro nesta data ao Rei D. Manoel dando-lhe noticia do descobrimento da *Ilha da Vera Cruz*.

Esta celebre e importantissima missiva é o mais antigo e venerando documento historico em lingua materna que existe sobre o Brazil, e bem que della tenhamos extrahido a narração, que fizemos sobre o casual achado do nosso paiz, e do que se passou então, julgamos, não obstante, dever dal-a aqui integralmente, por ser a chronica mais minuciosa e authentica do que succedera e conter curiosissimos pormenores, que devem ser conhecidos.

“ Graças ao raro talento de observação de que era dotado, diz o escriptor francez Fernando Diniz fallando de Caminha, graças sobre tudo á facil ingenuidade do seu estylo, o Brazil teve um historiador no proprio dia do seu descobrimento.

“ Caminha descreve admiravelmente os sitios que teve sob os olhos e os traços salientes da nação *Tupiniquin*, que os por-

tuguezes acharam de posse dessa bella região. ”

O douto Visconde de Porto Seguro, o mais illustre historiador da nossa patria, emittio sobre esta carta a seguinte opinião :

“ Por vezes temos visto e admirado o seu original ; são sete venerandas folhas de papel florete, que constituem o mais antigo documento que existe em nossa lingua materna, escripto no nosso proprio paiz. É um documento digno de se reproduzir por *fac simile*. ”

A copia que vamos dar foi pelo mesmo Visconde de Porto Seguro tirada com todo escrupulo e publicada na *Rev: Trim.: do Inst: Hist: e Geog: Brus:* donde a transcrevemos :

Diz assim :

“ Senhor—Posto que o Capitão-mór desta vossa frota, e assim os outros capitães escreveram a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei tambem de dar disto minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que, para o bem contar e fallar, o saiba peor que todos fazer ; porém tome Vossa Alteza minha ignorancia por boa vontade, a qual bem certo creio, que, por aformosentar nem afeiar, haja de pôr mais que aquillo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e singraduras do caminho, não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado ; e, portanto, Senhor, do que hei de fallar começo e digo :

Que a partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira 9 de Março, e sabbado 14 do dito mez, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canarias, mais perto da Gran-Canaria ; e ahi andamos todo aquelle dia em calma, á vista dellas, obra de tres ou quatro leguas.

E domingo, 22 do dito mez, ás 10 horas pouco mais ou menos houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber : da ilha de S. Nicolau, segundo dito de Pedro Escobar, piloto, e á noite seguinte, á segunda-feira, lhe amanheceu, se perdeu da frota

1500 Maio

Vasco de Atahyde, com a sua não, sem ahi haver tempo forte, nem contrario para poder ser; fez o capitão suas deligencias para o achar numas e noutras partes, e não appareceu mais; e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo até terça-feira, oitava da Paschoa, que foram 21 de Abril, que topamos alguns signaes de terra, sendo da dita ilha, segundo os pilôtos diziam, obra de seiscentas e sessenta ou setenta leguas, os quaes eram mnita quantidade de hervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim outras, a que tambem chauam rabo de asno e á quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves, a que chamam fura-buchos, e neste dia, á horas de vespera, houvemos vista de terra, a saber: primeiramente de um grande monte mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas no sul delle, e de terra chan com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão poz nome o Monte Pascoal, e á terra o de Vera Cruz. Mandou lançar o prumo: acharam vinte e cinco braças, e ao sol posto, obra de seis leguas de terra, surgimos ancoras em dezenove braças, ancoragem limpa. Alli ficamos toda aquella noite.

E quinta-feira, pela manhan, fizemos vela e seguimos direito á terra, e os naviopequenos indo diante por dezeseite, dezeseis, quinze, quatorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia legua de terra, onde todos lançamos ancoras, em direito da bôca de um rio. E chegariamos a esta ancoragem ás 10 horas, pouco mais ou menos. E d'alli houvemos vista de homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo os navios pequenos disseram, por chegarem primeiro alli. Lançamos os batéis e esquifes fóra; e vieram logo todos os capitães das náos a esta não do Capitão-mór, e alli fallaram, e o capitão mandou no batel em terra Nicoláu Coelho para vêr aquelle rio; e tanto que elle começou para lá a ir, acudiram pela praia homens, quando dois, quando tres, de maneira que, quando o batel chegou á boca do rio, eram alli dezoito ou vinte homens pardos, todos nús, sem nenhuma cousa,

que lhes cobrisse suas vergonhas; traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel, e Nicoláu Coelho lhes fez signal, que puzessem os arcos, e elles os puzeram.

Alli não pode delles haver falla, nem entendimento, que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho, que levava na cabeça, e um chapéu preto; e um delles lhe deu um sombreiro de pennas de aves compridas, com uma capacinha pequena de pennas vermelhas e pardas, como as de papagaios e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas miudas, que querem parecer de aljaveira, as quaes peças creio, que o capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu ás náos, por ser tarde e não poder delles haver mais falla por causa do mar.

A' noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros, que fez cassar as náos, e especialmedte a capitanea; e á sexta, pela manhã, ás 8 horas pouco mais ou menos, por conselho dos pilôtos, mandou o capitão levantar ancoras e fazer vella, e fomos de longo da costa com os batéis e esquifes amarrados por pôpa contra o norte, para vêr se achavamos alguma abrigada e bom pouso, onde jovessemos para tomar agua e lenha, não por nos já minguar, mas por nos acertarmos aqui.

E quando fizemos vela, seriam já na praia assentados, junto com o rio, obra de sessenta ou setenta homens, que se juntavam alli, poucos e poucos.

Fomos de longo, e mandou o capitão aos navios pequenos, que fossem mais chegados á terra, e que, se achassem pouso seguro para as náos, amainassem; e sendo nós pela costa, obra de dez leguas donde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos um recife, com um porto dentro muito bom e seguro, com uma mui larga entrada; e metteram-se dentro e amainaram, e as náos arribaram sobre elle, e um pouco antes do sol posto amainaram obra de uma legua do recife, e ancoraram-se em onze braças. E sendo

1500 Maio

Affonso Lopes, nosso pilôto, em um daquelles navios pequenos, e por mandado do capitão, por ser homem vivo e destro para isso, metteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dous daquelles homens da terra, mancebos e de bons corpos; e um delles trazia um arco, e seis ou sete setas, e na praia andavam muitos com arcos e setas, e não lhes aproveitaram. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição delles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos; andam nús, sem nenhuma cobertura, nem estimam nem uma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estão ácerca disso com tanta innocencia como tem em mostrar o rosto; traziam ambos o beijo de baixo furado, e mettido por elle senhos onos de ossos, brancos, de compridão de uma mão travessa, e de grossura de um fuzo de algodão, e agudo na ponta como furador; mettem-n'os pela parte de dentro do beijo e o que lhe fica entre os beijos e os dentes é feito como roque de xadrez, e em tal maneira o trazem alli encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a falla, nem comer, nem beber. Os cabellos seus são corredios, e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobre pente, de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um delles trazia por baixo da solapa, de fonte á fonte, para detraz, uma maneira de cabelleira de pennas de aves amarellas, que seria de compridão de um couto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabellos penna e penna com uma confeição branda como a cêra, e não n'ó era, de maneira que andava a cabelleira mui redonda, e mui basta e mui igual, que não fazia mingua mais lavagem para levantar.

O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um collar de ouro mui grande ao pescoço, e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e

Nicolau Coelho, e Ayres Correia, e nós outros que aqui na não com elles iamos, assentados no chão por essa alcatifa: accenderam tochas e entraram, e não fizeram nenhuma menção de cortezia nem de fallar ao capitão nem a ninguem; porém um delles poz olho no collar do capitão, e começou de acenar com a mão para terra e depois para o collar, como que nos dizia, que havia em terra ouro; e tambem viu um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia tambem prata; mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz; tomaram-n'ó logo na mão e acenaram para a terra, como os havia ahi; mostraram-lhe um carneiro, não fizeram delle menção; mostraram-lhes uma gallinha, quasi havia medo della, e não queriam pôr a mão, e depois a tomaram como espantados; deram-lhes alli de comer pão e pescado cosido, confeitos, fartes, mel e figos passados; não quizeram comer daquillo quasi nada, e alguma cousa se provavam, lançavam-a logo fóra; trouxeram-lhe vinho por uma taça; puzeram-lhes assim á bocca tão a lá vez, e não gostaram delle nada, nem o quizeram mais; trouxeram-lhes agua por uma albarradã, tomaram della senhos bocados, e não beberem; sómente lavaram a bocca e lançaram fóra; viu um delles umas contas de rosario brancas; acenou, que lh'as dessem, e folgou muito com ellas e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e embrulhou-as no braço, e acenava para a terra e então para as contas e para o collar do capitão, como que dariam ouro por aquillo; isto tomavamos nós assim pelo desejarmos; mas se elle queria dizer, que levariam a conta e mais o collar, isto não queriamos nós entender; porque lh'ó não haviamos de dar; e depois tornou as contas a quem lh'as deu, e eutão estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma maneira de cobrir suas vergonhas, as quaes não eram fanadas, e as cabelleiras dellas bem rapadas e feitas; o capitão lhes mandou pôr ás cabeças senhos coxins; e o da cabelleira procurava assaz pôl-a não quebrar, e lançaram-lhes

1500 Maio

um manto por cima, e elles consentiram e jouveram e dormiram.

Sabbado pela manhã mandou o capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e alta de seis a sete braças; e entraram todas as náos dentro ancoraram-se em cinco, seis braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formosa, e tão segura, que podem jazer dentro nella mais de duzentos navios e náos. E tanto que as náos foram pousadas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta náo do capitão-mor. E daqui mandou o capitão Nicolau Coelho e Bartholomeu Dias, que fossem em terra, e levassem aquelles dous homens, e os deixassem ir com seu arco e settas, aos quaes mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dous rosarios de contas brancas de osso, que elles levaram nos braços, e senhos cascaveis e senhas campainhas. E mandou com elles, para ficar lá, um mancebo degredado, criado da D. João Tello, a quem chamam Affonso Ribeiro, para andar lá com elles, e saber de seu viver e maneira, e a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. Fomos assim de frecha direitos á praia; alli accudiram logo obra de duzentos homens, todos nós, e com arcos e settas nas mãos. Aquelles que nós levavamos acenaram-lhes, que se afastassem e puzessem os arcos e elles os puzeram e não se afastaram muito; abasta que puzeram os seus arcos; e então sahiram os que nós levavamos, e o mancebo degradado com elles, os quaes assim que sahiram, não pararam mais, nem esperava um por outro, senão a quem mais correria; e passaram um rio, que por ahi corre de agua doce, de muita agua, que lhes dava pela braga, e outros muitos com elles; e foram assim correndo, alem do rio, entre umas moitas de palmas, onde estão outros, e alli param. E naquillo foi o degradado com um homem que, logo ao sahir do batel, o agazalhou e levou ate lá. E logo o tornaram a nós, e com elle vieram os outros, que nós levamos; os quaes vinham já nós e sem carapuças; e então se começaram de chegar muitos, e

entravam pela beira do mar para os bateis até que mais não podiam, e traziam cabacos d'agua; e tomavam alguns barris, que nós levavamos, enchiam-os de agua e traziam-os aos bateis, não que elles de todo chegassem a bordo do batel, mas, junto com elle, lançavam-o da mão e nós tomavamol-os, e pediam, que lhes dessem alguma cousa. Levava Nicolau Coelho cascaveis e manilhas; e a uns dava um cascavel, e a outros uma manilha, de maneira que, com aquella encarva, quasi nos queriam dar a mão; davam-nos daquelles arcos e setas por sombreiros, e carapuças de linho, e por qualquer cousa, que os homens queriam dar. D'alli se partiram os outros dous mancebos, que não os vimos mais.

Andavam alli muitos delles, ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beiços, e alguns, que andavam sem elles, taaziam os beiços furados, e nos buracos traziam uns espelhos de páo, que pareciam uns espelhos de borracha, e alguns delles traziam tres daquelles bicos, a saber: um na metade e os dous nos cabos; e andavam ahi outros quartejados de côres, a saber: delles a metade da sua propria côr, e a metade de tintura negra, maneira de azulada, e outros quartejados de escaques. Alli andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabellos mni pretos, compridos pelas espaldas, e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas, e tão limpas de cabelleiras, que de as nós muito bem olharmos uão tinhamos nenhuma vergonha. Alli, por então, não houve mais falla nem entendimento com elles, por a barbaria delles ser tamanha, que se não entendia nem ouvia ningeem; acenamos-lhes, que se fossem; e assim o fizeram e passaram-se alem do rio, e sahiram tres ou quatro homens nossos dos bateis, e encheram não sei quatos barris d'agua, que nós levavamos. e tornamos-nos ás náos; e em nós assim vindo, acenamos-nos, que tornassemos; tornamos, e eiles mandaram o degradado, e não quizeram, que ficasse lá com elles, o qual levava

1500 Maio

uma bacula pequena e duas ou tres carapuças vermelhas, para dar lá ao senher, se o ahi houvesse; não curaram de lhe tomar nada e assim o mandaram com tudo e então Bartholomeu Dias o fez outra vez tornar, que lhes desse aquillo em vista de nós, áquelle que da primeira vez o agazalhou, e então veio-se e troxemol-o. Este que o agazalhou era já de dias, e andava todo por loçainha cheio de pennas pegadas pelo corpo, que pareciam assetadas, como S. Sebastião. Outros trazim carapuças de pennas amarellas, e outros de vermelhas e outros de verde, e uma daquellas moças era toda tinta, de fundo acima, daquella tintura, a qual certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha, que ella não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra vendo-lhe taes feições fizera vergonha, por não terem a sua como ella. Nenhum delles não era fanado, mas todos assim como nós; e com isto nos tornamos, e elles foram-se.

A tarde sahiu o capitão-mór em seu batel, com todos nós, e com os outros capitães das náos, em seus bateis, a folgar pela bahia, a carão da praia; mas ninguem sahiu em terra pelo capitão não querer, sem embargo de ninguem nella estar. Sómente sahiu elle, com todos em um ilhéu grande, que na bahia está, que de baixamar fica mui vasio; porém é de todas as partes cercado d'agua, que não pode ninguem ir a elle sem barco ou a nado. Alli folgou elle, e todos nós outros bem uma hora e meia; e pescaram ahi, andando marinheiros com um chinchorro e mactaram pescado miudo, não muito, e então volvemo-nos ás náos já bem noite.

Ao domingo de Pascoela, pela manhan, determinou o capitão de ir ouvir missa e pregação n'aquelle ilhéu, e mandou a todos os capitães, que se corregessem nos bateis e fossem com elle, e assim foi feito. Mandou n'aquelle ilhéu armar um esparavel, e dentro n'elle alevantar altar mui bem corrigido, e alli, com todos nós outros, fez dizer missa, a qual disse o padre Fr. Henrique, em voz entoada, e officiada com aquella mesma voz pelos outros pa-

dres e sacerdotes, que alli todos eram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Alli era com o capitão a bandeira de Christo, com que sahio de Belém, a qual esteve sempre alta da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre, e poz-se em uma cadeira alta e nós todos lançados por essa arêa, e pregou uma solemne e proveitosa pregação da historia do Evangelho, e em fim d'ella tratou da nossa vinda e do achamento d'esta terra; conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia vimos, a qual veio muito a proposito e fez muita devoção.

Emquanto estivemos á missa e á pregação seriam na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como os de hontem, com seus arcos e setas, os quaes andavam folgando e olhando-nos, e assentaram-se. E depois de acabada a missa, assentados nós á pregação, alevantaram-se muitos d'elles, e tangeram corno ou bozina, e começaram a saltar e dansar um pedaço; e alguns d'elles se metteram em almadias, duas ou tres que ahi tinham, as quaes não são feitas como as que eu já vi; sómente são tres traves atadas juntas; e alli se mettiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quasi nada da terra, senão quanto podiam tomar pé.

Acabada a pregação, moveu o capitão e todos para os bateis, com nossa bandeira alta, e embarcamos, e fomos assim todos contra terra, para passarmos ao longo, por onde elles estavam, indo Bartholomeu Dias em seu esquife, por mandado do capitão, com um páo de uma almadia, que lhes o mar levára para lh'o dar. e nós todos, obra de tiro de pedra. atraz d'elle. Como elles viram o esquife de Bartholomeu Dias, chegaram-se logo todos á agua, mettendo-se n'ella até onde mais podiam; acenaram-lhes, que puzessem os arcos, e muitos d'elles os hiam logo por em terra, e outros os não punham; andava ahi um, que fallava muito aos outros que se afastassem, mas não já que me assim parecesse, que lhe tinham acatamento, nem medo.

1500 Maio

Este que os assim andava afastando, trazia o seu arco e setas e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos e espaduas, e pelos quadris, côxas e pernas até baixo; e os vasio, com a barriga e estomago, eram de sua propria côr, e a tintura era assim vermelha que a agua lh'a não comia nem desfazia; antes, quando sahia da agua, era mais vermelho. Sahiu um homem do esquife de Bartholomeu Dias, e andava entre elles. sem elles entenderem nada n'elle quanto para lhe fazerem mal, senão quanto lhe davam cabaços de agua e acenavam aos do esquife, que sabisse em terra; com isto seolveu Bartholomeu Dias ao capitão, e viemos ás náos a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem lhes dar mais oppressão, e elles tornaram-se a sentar na praia, e assim por então ficaram. N'este ilhéo, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muito a agua, e descobre muita arêa e muito cascalho.

Foram alguns, em nós ahi estando, buscar marisco, e não o acharam; e acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quaes vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo o vi tamanho; tambem acharam cascas de brigões e de ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta ná, por mandado do capitão-mór, com os quaes se elle apartou, e eu na companhia, e perguntou assim a todos, se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento d'esta terra a Vossa Alteza, pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir, e saber d'ella mais do que agora nós podiamos saber por irmos de nossa viagem. E entre muitas fallas, que no caso se fizeram, foi por todos, ou a maior parte, dito, que seria muito bem; e nisto concludiram, e tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais, se seria bom tomar aqui por força um par d'estes homens para os mandar a Vossa Alteza, e deixar aqui por elles dois d'estes degradados. A isto acordaram, que não era necessario tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam

por força, por alguma parte, dizerem, que ha ahi todo o que lhe perguntam e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens d'estes degradados, que aqui deixassem, do que elles dariam, se os levassem, por ser gente que ninguem entende, nem elles tão cedo aprenderiam a fallar para o saberem tambem dizer; que muito melhor estes outros não digam, quando cá Vossa Alteza mandar; e que portanto não curassem aqui de, por força, tomar ninguem, nem fazer escandalo, para os de todo mais amançar e a pacificar; senão somente deixar aqui os dois degradados, quando d'aqui partissemos. E assim por melhor parecer a todos ficou determinado.

Acabado isto, disse o capitão, que fomos nos batéis em terra, e ver-se-hia bem o rio quejando era, e tambem para folgarmos. Fomos todos nos batéis em terra, armados, e a bandeira conosco; elles andavam alli na praia, á bocca do rio, onde nós iam, e antes que chegassemos, do ensino que d'antes tinham, puzeram todos os arcos, e acenavam, que sabissemos; e tanto que os batéis puzeram as prôas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais ancho que um jogo de mangual; e tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre elles, e alguns aguardavam e outros se afastavam; porém era a cousa de maneira que todos andavam misturados; elles davam d'esses arcos, com suas setas, por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer cousa que lhes davam; passaram além tantos dos nossos, e andavam assim misturados com elles, que elles se esquivavam e afastavam-se, e hiam-se d'elles para cima, onde outros estavam. E então o capitão fez-se tomar ao collo de dois homens, e passou o rio e fez tornar todos. A gente, que alli era, não seria mais que aquella que soia, e tanto que o capitão fez tornar todos, vieram alguns d'elle a elle, não pelo conhecerem por senhor; cá me parece, que não entendem, nem tomavam d'isso conhecimento, mas porque a gente nossa

1500 Maio

passava já para aquém do rio, alli fallavam e traziam muitos arcos, continhas d'aquellas já ditas, e resgatavam por qualquer cousa, em tal maneira que trouxeram d'alli para as náos muitos arcos, setas e contas; e então tornou-se o capitão aquem do rio, e logo acudiram muitos á beira d'elle. Alli verieis galantes pintados de preto e vermelho, e quartejados assim pelos corpos, como pelas pernas, que certo pareciam assim bem; tambem andavam entre elles quatro ou cinco mulheres moças, assim núas que não pareciam mal, entre as quaes andava uma com uma conxa, de giolho até o quadril e nadega, toda tinta d'aquella tintura preta, e o al todo da sua propria côr; outra trazia ambos os giolhos com as curvas assim tintas, e tambem os collos dos pés, e suas vergonhas tão núas, e com tanta innocencia descobertas, que não havia ahi nenhuma vergonha. Tambem andava ahi outra mulher moça com um menino ou menina, no collo, atado com um panno, não sei de que, aos peitos, que lhe não parecia senão as perninhas: mas as pernas da mãe e o al não trazia nenhum panno. E depois moveu o capitão para cima, ao longo do rio, que anda sempre a carão da praia, e alli esperou um velho, que trazia na mão uma pá d'almadia; fallou, estando o capitão com elle, perante nós todos, sem o nunca ninguem entender, nem elle a nós, quantas cousas que lhe o homem perguntava do ouro, que nós desejavamos saber se o havia na terra. Trazia este velho o beijo tão furado, que lhe caberia pelo furado um grande dedo polegar; e trazia mettido no furado uma pedra verde ruim, que cerrava por fóra aquelle buraco, e o capitão lh'a fez tirar, e elle não sei que diabo fallava, e ia com ella para a boca do capitão, para lh'a metter. Estivemos sobre isso um pouco rindo e então enfadou-se o capitão e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pele pedra um sombreiro velho; não por ella valer alguma cousa, mas por mostra, e depois a houve o capitão, creio, para com as outras cousas a mandar a Vossa Alteza,

Andámos por ahi vendo a ribeira, a qual

é de muita agua e muito bôa; ao longo d'ella ha muitas palmas, não muito altas, em que ha muito bons palmitos; colhemos e comemos d'elles muitos. Então tornou-se o capitão para baixo, para a boca do rio, onde desembarcamos; e além do rio andavam muitos d'elles, dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos, e faziam-n'o bem.

Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e de prazer, e levou consigo um gaiteiro nosso, com sua gaita, e metteu-se com elles a dançar, tomando-os gelas mãos, e elles folgavam e riam, e andavam com elle mui bem, ao som da gaita; depois de dansarem, fez-lhe alli, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que se elles espantavam e riam, e folgavam muito; e com quanto os com aquillo muito segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza, como montezes, e foram-se para cima, e então o capitão passou o rio, com todos nós outros, e fomos pela praia de longo, indo os batéis assim a carão de terra; e fomos até uma lagôa grande de agua doce, que está junto com a praia, porque toda aquella ribeira do mar é apaulhada por cima, e sahe a agua por muitos lugares. E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito d'elles andar entre os marinheiros, que se recolhiam aos batéis, e levaram d'alli um tubarão, que Bartholomeu Dias matou e levava-lh'o e lançou-o na praia, abasta que eté aqui como quer que se elles em alguma parte amansassem, logo de uma mão para a outra se esquivavam, como pardaes de cevadouro, e homem não lhes ousa de falar rijo por se mais não esquivarem, e tudo se passa como elles querem pelos bem amansar.

Ao velho, com quem o capitão fallou, deu uma carapuça vermelha, e com toda a falla, que com elle passou e com a carapuça, que lhe deu, tanto que se expediu, que começou de passar o rio, foi-se logo recatando, e não quiz mais tornar do rio para aquem. Os outros dous que o capitão teve nas náos, a quem deu o que

1500 Maio

já dito é, nunca aqui mais pareceram; de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos; elles porém com tudo andam muito bem curados e muito limpos, e naquillo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias, montezas que lhes faz o ar melhor pena e melhor cabello que as mansas; porque os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão formosos, que não pode mais ser, e isto me faz presumir, que não tem casas nem moradas, em que se colham, e o ar, a que se criam, os faz taes. Nem nós ainda até agora não vimos nenhuma casa nem maneira dellas.

Mandou o capitão aquelle degrado Affonso Ribeiro, que se fosse outra vez com elles, o qual se foi e andou lá um bom pedaço, e a tarde tornou-se, que os fizeram elles vir e não o quizeram lá consentir, e deram-lhe arcos e settas, e não lhe tomaram nenhuma cousa do seu, antes disse elle lhe tomara um delles umas continhas amarellas, que elle levava, e fugia com ellas; e elle se queixou e os outros foram logo após elle, e lh'as tomaram, e tornaram-lh'as a dar, e então mandaram-n'o vir; disse elle, que não vira lá entre elles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos, muito grandes, como d'entre Douro e Minho; e assim nos tornamos ás náos, já quasi noite a dormir.

A segunda feira, depois de comer, sahimos todos em terra, a tomar agua; alli vieram então muitos, mas não tantos como as outras vezes, e traziam já muito poucos arcos, e estiveram assim um pouco afastados de nós, e depois, poucos e poucos, misturavam-se connosco, e abraçavam-nos e folgavam, e alguns delles se esquivavam logo. Alli davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapuçinha velha e por qualquer cousa, e em tal maneira se passou a cousa, que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com elles onde muitos delles estavam com moças e mulheres, e trouxeram de lá muitos arcos e barretes de pennas de aves, delles verdes e delles amarellas, do que creio, que o capitão ha de mandar amostra a V. A. e se-

gundo diziam esses que lá foram, folgaram com elles. Neste dia os vimos de mais perto e mais á nossa vontade, por andarmos todos quasi misturados e alli delles andavam daquellas tinturas quartejados, outros de metades, outros de tanta feição como em pannos de armar, e todos com os beiços furados, e muitos com os ossos nelles, e delles sem ossos. Traziam alguns delles uns ouriços verdes de arvores, que na côr queriam parecer de castanheiros, senão quanto eram mais e mais pequenos; e aquelles eram cheios de uns grãos vermelhos pequenos, que esmagando-os entre os dedos, faziam tintura muito vermelha, do que elles andavam tintos; e quanto se mais molhavam, tanto mais vermelhos ficavam; todos andam rapados até acima das orelhas, e assim as sobrancelhas e pestanas; trazem todos as testas, de fonte á fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta ancha de dous dedos; e o capitão mandou áquelle degradado Affonso Ribeiro, e a outros dous degradados, que fossem andar lá entre elles, e assim a Diogo Dias, por ser homem ledo, com que elles folgavam; e aos degradados mandou, que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos e andaram entre elles: e, segundo elles diziam, foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quaes diziam, que eram tão cumpridas, cada uma, como esta não capitanea, e eram de madeiras, e das ilhargas de taboas e cobertas de palha, de razoada altura, e todas em uma só casa, sem nenhum repartimento; tinham de dentro muitos esteios, e, de esteio, a esteio, uma rêde atada pelos cabos em cada esteio, altas, em que dormiam; e debaixo, parase aquentarem, faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outra em outro; e diziam, que em cada casa se colhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os aciaram e que lhes deram de comer daquella vianda, que elles tinham; a saber: muito inhame e outras sementes, que na terra ha, que elles diziam queriam vir com elles. Resgatarem lá, por cascaveis e por outras cosi-

1500 Maio

nhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dous verdes pequeninos, e carapucas de pennas verdes. e um panno de pennas de muitas côres, maneira de tecido, assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá; porque o capitão vol-as-ha de mandar, segundo elle disse; e com isto vieram, e nós tornamo-nos ás náos.

A' terça-feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa. Estavam na praia, quando chegámos, obra de sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram-se logo para nós, sem se esquivarem, e depois acudiram muitos que seriam bem duzentos, todos sem arcos, e misturaram-se todos tanto connosco, que nos ajudavam delles a acarretar lenha e metter nos batéis e tratavam com os nossos e tomavam muito prazer, e, enquanto nós faziamos a lenha, faziam dous carpinteiros uma grande cruz, de um páo, que se hontem para isso cortou; muitos delles vinham alli estar com os carpinteiros, e creio, que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro, com que a faziam, que por verem a cruz; porque elles não teem cousa, que de ferro seja e cortam sua madeira e páus com pedras feitas como cunhas, mettidas em um páo, entre duas talas mui bem atadas, e por tal maneira que andam fortes, segundo os homens, que hontem ás suas casas foram, diziam, porque lh'as viram lá. Era já a conversação delles connosco tanta que, quasi nos estorvavam ao que haviamos de fazer; e o capitão mandou a dous degradados e a Diogo Dias, que fossem lá á aldeia, e a outras, se houvessem dellas novas, e que em toda maneira, não se viessem a dormir ás náos, ainda que os elles mandassem, e assim se foram.

Enquanto andavamos nesta mata, a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios por essas arvores, delles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece, que haverá nesta terra muitos; porém eu não viria mais que até nove ou dez; outras aves então

não vimos; sómente algumas pombas seixas, e pareceram-me maiores, em boa quantidade, que as de Portugal. Alguns, diziam, que viram rolas, mas eu não as vi; mas, segundo os arvoredos, são mui, muitos e grandes, e de infindas maneiras; não duvido, que por esse sertão haja muitas aves; e ácerca da noite nos volvemos para as náos com nossa lenha.

Eu creio, Senhor, que não dei ainda aqui conta a Vossa Alteza da feição dos seus arcos e settas. Os arcos são pretos e compridos, e as settas compridas e os ferros dellas de cannas aparadas, segundo Vossa Alteza verá por alguns, que creio, que o capitão a ella ha de enviar.

A' quarta-feira não fomos em terra, porque o capitão-mór andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejal-o, e fazer levar ás náos isso que cada una podia levar. Elles acudiram á praia muitos, segundo das náos vimos, que seriam obra de trezentos, e segundo Sancho de Toar, que lá foi, disse, Diogo Dias e Affonso Ribeiro, o degradado, a que o capitão hontem mandou, e que de toda maneira lá dormissem, volveram-se já de noite por elles não querearem, que lá dormissem, e trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quasi como pégas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos. E quando se Sancho de Toar recolheu ás náos, queriam se vir com elle alguns; mas elle não quiz senão dous mancebos dispostos e homens de prol. Mandou-os essa noite mui bem pensar e curar, e comeram toda a vianda, que lhes deram, e mandou-lhes fazer cama de lençóes, segundo elle disse, e dormiram e folgaram aquella noite e assim não foi mais este dia que para escrever seja.

A' quinta-feira, derradeiro de Abril, comemos logo, quasi pela manhã, e fomos á terra por mais lenha e agua; e querendo o capitão saber, chegou Sancho de Toar, com seus dois hospedes, e por elle não ter ainda comido puzeram-lhe toalhas, e veio-lhe vianda e comeu; os hospedes assentaram-n'os em senhas cadeiras, e de todo o que lhes deram comeram mui bem, e es-

1500 Maio

pecialmente cação cosido frio e arroz; não lhes deram vinho por Sancho de Toar dizer, que não bebiam bem. Acabado de comer mettemo-nos todos no batel, e elles comosco. Deu um grumete a um delles uma armadura grande de porco montez, bem revolta, e tanto que a tomou e met-teu-a logo no beijo; e porque se lhe não queria ter, deram-lhe uma pequena, de cêra vermelha, e elle corregeu-lhe detraz seu adereço para se ter, e metteu-o no beijo, e assim revolta para cima, e vinha tão contente com ella, como se tivera uma grande joia. E tanto que sahimos em terra, foi-se logo com ella que não pareceu ahi mais.

Andariam na praia, quando sahimos, oito ou dez delles, e d'ahi a pouco começaram de vir, pareceu-me, que viriam quatrocentosecincoenta. Traziam alguns delles arcos e settas, e todos os deram por carapuças e por qualquer cousa, que lhes davam. Comiam comosco do que lhes davamos, e bebiam alguns delles vinho, e outros o não podiam beber; mas parece-me que se lh'o avezassem, que o beberiam de boa vontade. Andavam todos tão dispostos, e tão bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-n'a aos bateis, e andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andavamos entre elles. Foi o capitão, com alguns de nós, um pedaço por este arvoredado até uma ribeira grande e de muita agua, que a nosso parecer era esta mesma que vem ter á praia, em que nós tomámos agua. Alli jouvemos um pedaço, bebendo e folgando ao longo della, entre esse arvoredado, que é tanto e tamanho, e tão basto e de tantas plumagens, que lhe não pode homem dar conta.

Ha entre elles muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Quando sahimos do batel, disse o capitão, que seria bom irmos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore, junto com o rio, para se pôr de manhã, que é sexta-feira, e que nos puzessemos todos em giolhos e a beijassemos, para elles verem o

acatamento, que lhe tinhamos; e assim o fizemos, e estes dez ou doze, que ahi estavam, acenaram-lhes, que fizessem assim, e foram logo todos beijal-a. Parece-me gente de tal innocencia, que se os homens entendessem e elles a nós, que seriam logo christãos; porque elles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo parece, e, portanto, se os degradados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua falla e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se christãos e crerem na nossa santa fé, á qual praza a Nosso Senhor, que os traga, porque certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-ha ligeiramente nelles qualquer cunho, que lhes quizerem dar; e logo Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, e elle, que nos por aqui trouxe, creio, que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja accrescentar na santa fé catholica, deve entender em sua salvação, e prazera a Deus, que com pouco trabalho será asssim. Elles não lavram, nem criam, nem ha aqui boi, nem vacca, nem cabra, nem ovelha, nem gallinha, nem outra nenhuma alimaria, que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame, que aqui ha muito, e dessa semente de fructos, que a terra e as arvores de si lançam; e com isto andam taes, e tão rijos e tão nedios, que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos. Enquanto alli este dia andaram, sempre ao som de um tamborim nosso, dançaram e bailaram com os nossos, em maneira que são muitos mais nossos amigos que nós seus: se lhes homem acena se queriam vir ás náos, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se os homens todos quizeram convidar, todos vieram; porém, não trouxemos esta noite ás náos senão quatro ou cinco, a saber: o capitão-mór dous, e Simão de Miranda um, que trazia já por pagem, e Ayres Gomes outro assim pagem. Os que o capitão trouxe era um delles um dos seus hospedes, que a primeira, quando aqui

1500 Maio

chegamos, lhe trouxeram, o qual veio hoje aqui vestido na sua camisa, e com elle um seu irmão, os quaes foram esta noite mui bem agazalhados, assim de vianda, como de cama, de colchões e lençóes, pelos mais amansar.

Hoje, que é sexta-feira, primeiro de Maio, sahimos pela manhã em terra, com nossa bandeira, e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu, que seria melhor cantar a cruz para ser melhor vista; e alli assignou o capitão onde fizessem a cova para a cantar. E em quanto a ficaram fazendo, elle, com todos nós outros, fomos pela cruz, abaixo do rio, onde estava. Trouxemol-a dalli, com esses religiosos e secerdotes, diante, cantando maneira de procissão. Eram já ahi alguns delles, obra de setenta ou oitenta; e quando nos assim viram vir, alguns delles se foram metter debaixo della e ajudar-nos. Passámos o rio, ao longo da praia, e fomol-a pôr onde havia de ser, que será do rio obra de dous tiros de bésta, Alli, andando nisto, viriam bem cento e cincoenta ou mais.

Chantada a cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que lhe primeiro pregaram, arnaram altar ao pé della, e alli disse missa o padre Fr. Henrique, a qual foi cantada e officiada por esses já ditos. Alli estiveram connosco a ella obra de cincoenta ou sessenta delles, assentados todos em giolhos, assim como nós; e quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, elles se levantaram connosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabada; e então tornaram-se a assentar como nós; e quando levantaram a Deus, que nos puzemos de giolhos, elles se puzeram todos, assim como nós estavamos, com as mãos levantadas. e em tal maneira assocegados, que certifico a Vossa Alteza, que nos fez muita devoção. E estiveram assim connosco até acabada a communhão, e depois da communhão, commungaram esses religiosos e sacerdotés, e o capitão com alguns de nós outros. Alguns, por o sol ser grande, em nós

estando commungando, alevantaram-se, os outros estiveram e ficaram. Um d'elles, homem de cincoenta ou cincoenta e cinco annos, ficou alli com aquelles que ficaram; aquelle, em nós assim estando, ajuntava aquelles que alli ficaram, e ainda chamava outros. Este, andando assim entre elles, fallando-lhes acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou o dedo para o céo, como quem lhes dizia alguma cousa de bem, e nós assim o tomámos. Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou na alva, e assim se subiu, junto com o altar, em uma cadeira, e alli nos pregou do Evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é, tratando em fim da prégação d'este vosso proseguinto tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção. Esses, que á prégação sempre estiveram, estavam, assim como nós, olhando para elle, e aquelle que digo chamava alguns, que viessem para alli. Alguns vinham e outros iam-se. Acabada a prégação, trazia Nicoláo Coelho muitas cruces de estanho, que lhe ficaram ainda da outra vinda, e houveram por bem, que lançassem a cada um sua ao pescoço, pela qual cousa se assentou o padre Fr. Henrique ao pé da cruz, e ahi a um e um lançava a sua, atada em um fio ao pescoço, fazendo-lh'a primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos, e lançaram-as todas, que seriam obra de quarenta ou cincoenta, e isto acabado era já bem uma hora depois do meio dia. Viemos ás mãos comer, onde o capitão trouxe consigo aquelle mesmo que fez aos outros aquella mostrança para o altar e para o céo, e um seu irmão com elle, ao qual fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca, e ao outro uma camisa d'est'outras. E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhe fallece outra cousa para ser toda christan que entenderem-nos, porque assim tomavam aquillo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde pareceu a todos, que nenhuma idolatria nem adoração têm; e bem creio, que se Vossa Alteza aqui mandar quem mais entre elles devagar ande, que todos serão

1500 Maio

tornados ao desejo de Vossa Alteza. E para isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os baptizar, porque já então terão mais conhecimento da nossa fé pelos dois degradados, que aqui entre elles ficam, os quaes ambos hoje também commungaram. Entre todos estes, que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre á missa, á qual deram um panno, com que se cobrisse, e puzeram-lh'o ao redor de si; porém ao sentar não fazia memoria de o muito estender para se cobrir; assim, Senhor, que a innocencia d'esta gente é tal, que a de Adão não seria mais quanto em vergonha. Ora, veja Vossa Alteza, quem em tal innocencia vive, ensinando-lhe o que para a sua salvação pertence, se se converterão ou não. Acabado isto, fomos assim perante elles beijar a cruz, e despedimo-nos e viemos comer.

Creio, Senhor, que com estes dois degradados, que aqui ficam, ficam mais dois grumetes, que esta noite se sahiram d'esta não, no esquife, fugidos, os quaes não vieram mais; e cremos, que ficarão aqui, porque, de manhan, prazendo a Deus, faremos d'aqui nossa partida.

Esta terra, Senhor, me parece, que da ponta que mais está contra o sul, vimos até outra ponta, que contra o norte vem, de que d'este porto havemos vista, será tamanha, que haverá n'ella vinte ou vinte cinco leguas por costa; traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, d'ellas vermelhas e d'ellas brancas, e a terra por cima toda chan, e muito cheia de grandes arveredos de ponta em ponta: é toda praia parma, muito chan, e muito formosa; pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podiam vêr senão terra e arveredos, que nos parecia mui longa terra. N'ella até agora não podemos saber se haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos; porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os d'entre Douro e Minho, porque n'este tempo de agora assim os achavamos como os de lá: as aguas são

muitas, infindas; em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-ha n'ella tudo por bem das aguas, que tem; porém o melhor fructo, que n'ella se póde fazer, me parece, que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente, que Vossa Alteza em ella deve lançar; e que ahi não houvesse mais que ter aqui esta pousada, para esta navegação de Calcut, bastaria, quanto mais disposição para n'ella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: accrescentamento da nossa santa fé.

E n'esta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que n'esta vossa terra vi, e, se algum pouco alonguei, ella me perdôe, que o desejo, que tinha de vos tudo dizer, m'o fez assim pôr pelo miudo.

E pois que, Senhor, é certo, que assim n'este carregó, que levo, como em outra qualquer cousa, que de vosso serviço fôr, Vossa Alteza ha de ser de mim muito bem servido, a ella peço, que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Thomé Jorge de Soyro, meu genro, o que d'ella receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza.

D'este Porto Seguro da vossa ilha da Vera Cruz, hoje sexta-feira 1.º de Maio de 1500.—*Pero Vaz de Caminha.*"

2—Parte de Porto Seguro para Lisboa, um dos tres pequenos navios d'armada de Pedro Alvares Cabral, a fim de levar ao Rei D. Manoel a noticia do descobrimento da *Ilha da Vera-Cruz.*

Querem diversos historiadores e chronicistas que o encarregado desta missão fosse o Capitão Gaspar de Lemos, e assim também o dissemos na primeira edição deste nosso trabalho; mas agora sabe-se ter sido o Mestre André Gonçalves, o qual commandava, como já vimos, um dos pequenos navios, cuja carga, mantimentos, foi repartida pelas outras embarcações da armada como diz Gaspar Correia, chronicista contemporaneo ao successo, e que assim se exprime:

"... o Capitão-mór, por conselho de todos, e d'aqui, tornou a mandar ao reino

1500 Maio

o navio de André Gonçalves com a nova a El-Rei desta nova terra que descobrira; e mandou homens e mulheres; e moços e suas redes e vestidos, e dous papagaios grandes e de outros mais pequenos.

“ O mantimento da terra era milho e o navio carregado de páus vermelhos aparados, que eram mui pesados, a que chamão brasil, por sua vermelhidão ser fina como a braza. ”

“ E mandou André Gonçalves que fosse correndo a costa sempre emquanto podesse, e trabalhasse por lhe ver o cabo (fim) o que elle assim fez; e descobriu muito della, que tinha muitos bons portos e rios, escrevendo tudo e as sondas e signaes com que tornou a El-Rei, etc., etc. ”

E' Gaspar Correia o unico historiador que menciona o Mestre André Gonçalves, o qual viera n'armada a pedido de Vasco da Gama que “ lhe quiz dar esta honra; ” mas nem por isto é menos valiosa a sua opinião, por quanto todos os outros historiadores não fizeram mais do que seguir a Castanheda (14), que foi o primeiro que tratou do assumpto, e disse ter sido Gaspar de Lemos o portador da boa nova, e se elle era contemporaneo do successo, o outro o era tambem, e as duas affirmações equivalem-se, parecendo ser a de Gaspar Correia a mais acertada, não só porque escreveu depois dos outros, e se sustentou o contrario foi porque tinha bases para o fazer, como tambem á vista do apurado exame critico ultimamente feito a tal respeito, (15) e dizer ainda o mesmo Gaspar Correia que o navio de Gaspar de Lemos foi um dos quatro, que naufragaram

dias depois de ter a frota partido de Porto Seguro, proseguindo a sua derrota para a India, e perto das Ilhas de Tristão da Cunha.

O facto de chegar o navio a Lisboa com homens, mulheres e moços (João de Barros (16) diz que forama penas) dous prova que os recebera em algum ponto da costa, onde arribára ao regressar, porquanto não sahiu com elles de Porto Seguro, pois fôra alli deliberado em conselho, no dia 26 do mez de Abril anterior, (veja-se essa data), que não se mandaria indigena algum.

Nada mais natural do que semelhante arribada, pois a navegação fôra feita á vista da costa até, provavelmente, ao *Cabo de S. Roque* aonde a mesma muda de feição, tomando para Oeste, e André Gonçalves teve, com certeza, de arribar a ella mais de uma vez, afim mesmo de poder bem cumprir o que se lhe havia recommendado, pois de outra fôrma não poderia ter sabido que *tinha muitos bons portos e rios, escrevendo tudo, e as sondas e os signaes* conforme diz Gaspar Correia.

Tambem não foi de Porto Seguro o páo-brasil que levou a sua embarcação, pois se o tivesse recebido alli o minucioso Vaz de Caminha não teria deixado de noticiar na sua carta, pois a droga era valiosa.

Foi, pois, igualmente tomado em algum ponto da costa; talvez no mesmo onde recebeu os indigenas que levou.

Acode-nos aqui uma ideia, que julgamos dever apresentar apenas, porem, como simples conjectura.

Esse carregamento de *grossos toros de páo-brasil, mui peizados e aparados*, isto é, beneficiados, talvez já sem casca, como é costume preparal-o para embarcar, de que nos dá noticia Gaspar Correia, teria sido arranjado pelos tripulantes do navio de André Gonçalves, por ordem deste, cu elle já o encontrou prompto em algum dos portos em que arribára?

(14) *Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portuguezes.*

(15) Dous importantes trabalhos appareceram no Rio de Janeiro sobre este ponto da nossa historia patria.

Um delles escripto pelo Senador Candido Mendes de Almeida, sob o titulo: *Quem levou a noticia do descobrimento do Brazil* foi inserido na *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Braz.*: Vol. 39 Part. 2.º Pag. 5.

O outro tem por titulo: *O Brazil no Seculo XVI* por Capistrano de Abreu, foi publicado na *Gazeta de Noticias* em 1880 e depois reduzido a folheto.

(16) *Decadas.*

1500 Maio—1501 Março

Para ser por aquelles preparado, como soube André Gonçalves da existencia no paiz de semelhante madeira, afim de mandal-a cortar, não entendendo a lingua dos naturaes, unicos que poderiam informal-o a tal respeito?

Se o acharam prompto, quem foi que o preparou? Os indigenas? Por certo que não, e para que o fariam?

E, demais, Caminha disse que elles não possuíam ferramenta de especie alguma.

E' hoje sabido que antes de Pedro Alvares Cabral aportar ás plagas, que constituiram depois o nosso paiz, foram ellas abordadas, principalmente do Rio Real até a Parahyba do Norte, em mais de um ponto por aventureiros Normandos, que vinham clandestinamente buscar aquella madeira e outros generos da terra

Sabe-se tambem que ao regressar deixavam no lugar, aonde aportavam, alguns dos seus companheiros encarregados de apromptar o carregamento, que deviam conduzir na viagem seguinte, como igualmente aprender a lingua dos indigenas, estudar seus usos e costumes, afim de melhor saberem, como grangear-lhes a sua affeição e amisade.

Bem pode ser que o tal carregamento fosse por alguns desses aventureiros preparado, e mesmo que, enquanto os Portuguezes estavam na costa, houvesse Francezes no interior, pois se internavam muitas leguas pela terra a dentro.

Prosigamos.

Diz o Visconde de Porto-Seguro que o aspecto e novidade das grandes araras enviadas por Cabral a Lisboa impressionara ali de tal modo que chegaram a designar com o nome de *Terra dos Papagaios* o novo descobrimento. Este nome, que se encontra em alguns mappas antigos, era até o empregado em sua correspondencia pelo então agente em Lisboa da senhoria de Veneza, Lorenzo Cretico.

Depois de ver partir o navio que despachara para Lisboa a levar a noticia do novo descobrimento, Pedro Alvares Cabral manda levantar ancora, e deixa as

aguas da *Ilha da Vera Cruz*, seguindo a sua derrota em direcção á India.

O Cruzeiro do Sul o tinha guiado ás plagas de uma desconhecida terra, agora um astro de immensa cauda (um cometa) se lhe patenteia no céu; os capitães e pilotos de suas náos o vêem com espanto e terror como presagio de grande e fatal acontecimento.

12—Infelizmente o vaticinio dos astrologos cumprio-se neste dia, e uma tormenta horrivel envolveu em si toda armada. que perde quatro navios, e foram os que commandavam Ayres Gomes, Gaspar de Lemos, Simão de Pina e Bartholomeu Dias. Um só homem não escapou da tripolação destas quatro embarcações.

Neste anno, segundo diz Herrera, e cerca de um mez, pouco mais ou menos, depois de Vicente Yanez Pinzon ter avistado a costa do nosso paiz, aportou pelas bandas por onde elle estivera, mais para o poente do *Rostro Hermoso*, o piloto hesponhol Diogo de Lepê, que andava navegando com duas caravellas, e tendo desembarcado nas margens do Amazonas, foi mal recebido pelos naturaes, que, ainda irritados com a malevola conducta de Pinzon, que arrebatára trinta e seis delles, quando alli esteve, (veja-se a data de 26 de Janeiro deste mesmo anno de 1500), atacaram a gente de Lepê e mataram-lhe dez pessoas.

1501

Março 5—Parte de Lisboa João da Nova mandado á India como Capitão-mór de quatro náos, o qual na viagem descobrio a *Ilha da Ascensão*, hoje da *Trindade*, a vinte grãos e trinta e um minutos de Latitude Sul e cerca de 120 leguas da costa do Brazil.

“ Tem de comprimento a NNO ou SSE diz o coronel de engenheiros Xavier de

1501 Marco Maio

Brito, (17) cinco kilometros, um e oito decimos de largura, e seis e oito decimos quadrados de superficie.

“ Excessivamente accidentado, o solo desta ilha, de natureza vulcanica, contem montanhas elevadissimas e escavadas; entre ellas acha-se no littoral ao O. uma com duzentos e sessenta e quatro metros de altitude, denominada pelos navegantes *Monumento*; na extremidade do N. outra que chamam *Crista de Gallo*; a leste outra, de côr avermelhada, com sessenta e seis metros de elevação; tem na base uma galeria formada pela natureza, que tem cento e trinta e dous metros de comprimento, por onde atravessa o mar de lado a lado com grande fragor; ao S. está outra denominada *Pão de Assucar*, que tem trescentos e noventa metros de altitude; e no centro da ilha outra, que forma o seu ponto culminante; entre esta montanha, e a que fica-lhe a leste, o solo forma uma depressão, que ainda assim está vinte e dous metros acima do nivel do mar, e que se estende para o N. e para o S. até o littoral em planos inclinados.

“ Da encosta setemptrional da mesma montanha austral dimana um riacho, unico que parece haver em toda a ilha. No littoral termina por penhascoe ponteagudos, com excepção ao N. das praias. *Sem nome, Enpedrado, das Tartarugas, e do Porto da Curoa*; a leste outra *Sem nome*, e ao S. a que forma a enseada do *Porto do Principe*; entre as pontas da *Crista de Gallo, do Vallado, dos Recifes Afogados, das Tartarugas e dos recifes das Pedras Ruzas* ao N, e o que estende para o mar um recife com duzentos e quarenta metros ao N.E. Em frente do *Porto do Principe* ha uma ilhota de pedra, e perto da praia varios recifes, uns emergidos; e outros immergidos, segue a ponta dos *Cinco Pavilhões*, continuando depois os penhascos a guarnecer o littoral, tendo

em frente a ponta S. O. duas ilhotas altas, por entre as quaes e o mesmo littoral passa uma pequena embarcação.

“ A natureza incendiavel do solo desta ilha, que parece ter passado por mais de um abalo vulcanico, quando revolvido e exposto aos ardentes raios do sol, é, no conceito do sabio Visconde do Rio Grande, devido as camadas de turfa que contém. ”

O aspecto desta ilha, segundo o dizer dos navegantes que a tem examinado, é horroroso, e o seu accesso difficilimo.

Maio 14—Parte de Lisboa uma frota composta de tres caravellas para continuar o reconhecimento da terra encontrada por Pedro Alvares Cabral, percorrendo a costa della afim de lhe conhecer a extensão, valor e qualidade.

Não se sabe quem foi o commandante desta expedição, tendo dito a maioria dos chronistas erradamente, e nós os seguimos na primeira edicção deste trabalho, que fôra Gonçalo Coelho e outros Christovão Jacques. o que está provado ser inexacto.

O Visconde de Porto Seguro diz que “ segundo as conjecturas mais admissiveis fôra D. Nuno Manoel, baseado em uma carta do embaixador portuguez na Hespanha Alvaro Mendes de Vasconcellos, escripta de Medina del Campo ao Rei D. João III em 14 de Dezembro de 1531, na qual, dando conta de uma entrevista com a soberana de Castella, sobre a prioridade, que as duas nações disputavam na descoberta do Rio da Prata, disse: “ A sustancia do que lhe respondi foi, que V. A. mandaria mui brevemente saber em que tempo descobrira uma armada de D. Nuno Manoel, que por mandado de El-Rei vosso pai, que está em gloria, foi descobrir o dito Rio da Prata. ”

Antes do Visconde de Porto Seguro já d’Avezac (18) tinha aventado esta ideia

O Senador Candido Mendes baseado no que escrevera Gaspar Correia pretende

(17) *Mem: Hist: e Geog: da Ilha da Trind: Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol: 40. Parte II. Pag.: 249.*

(18) *Consider: sur l’Hist: Geog: du Braz: uag: 17, 81, 174 e seg.:*

1501 Maio

que o commandante da frota fôra o Mestre André Gonçalves, o mesmo expedido por Pedro Alvares Cabral de Porto-Seguro para Lisboa, a fim de levar ao Rei D. Manoel a noticia do achado da terra, e ao qual se recommendou fosse estudando a costa, e elle assim o fez, navegando provavelmente, como já dissemos, a vista della até o *Cabo de S. Roque*, onde muda de feição, tomando para Oeste, e por esta forma adquerio da mesma conhecimentos bastante valiosos que o recommendavam, mais do que a nenhum outro, para bem dirigir e melhor executar uma tal incumbencia.

Eis o que escreveu o mencionado Gaspar Correia dando conta da chegada a Lisboa daquelle mensageiro com tão auspiciosa nova;... "El-Rei houve muito prazer e logo armou navios em que tornou a mandar André Gonçalves a descobrir esta terra, etc., etc."

Capistrano de Abreu é do mesmo parecer, e tratou amplamente e com muita erudição do assumpto. Mas oppõe-se a esta opinião a circumstancia de que este mestre era demasiado plebeu para commandar uma frota, visto que para tal cargo se precisava do nobre titulo de Capitão-mór; no entretanto todas as probabilidades são a favor delle.

Vejam-se os dous trabalhos do Senador Candido Mendes e Capistrano de Abreu que mencionamos em nota ás folhas 30.

Foi esta expedição a unica que o Rei D. Manoel mandou para o fim acima mencionado, e nella fez a sua primeira viagem ao Brazil, e não se sabe bem sob que character, o celebre navegante Americo Vesputio (19).

(19) O Conde de Santarém e o Padre Ayres do Casal contestaram energicamente a vinda ao Brazil deste navegante, a quem o segundo chega a qualificar de impostor; injustiça clamorosa que o Visconde de Porto Seguro reparou com argumentos inrefutaveis, baseados nos testemunhos de autoridades contemporaneas, como Empoli, Pedro Martyr e Sebastião Cabot.

Humboldt, no tomo terceiro do seu *Exame Critico* deixou tambem elucidadas todas as duvidas que a tal respeito tinham os incredulos.

O jesuita Padre Possino, Rocha Pita e Southey affirmam que viera, como commandante da frota, o que não é exacto, conforme se deprehe de do que escrevera o proprio Americo Vesputio, e Navarrete diz que foi provavelmente como individuo subalterno na tripulação de algumas das náos. Tambem não é verdadeira esta assersão, attendendo-se a que Americo Vesputio era já reconhecido como um cosmographo distincto, e além disto fôra a convite do Rei D. Manoel que elle fez a viagem, como bem se vê dos seguintes periodos de uma das suas cartas escripta a Pedro Soderini:

"Estava eu em Sevilha, descansando dos trabalhos que tinha soffrido em duas viagens feitas ás Indias Occidentaes por

Entretanto é de justiça que se diga, que o Visconde de Santarém não fizera com proposito malevolo tão injusta accusação ao illustre navegador florentino e fora levado ao que escrevera pelo facto, verdadeiramente maravilhoso, de não encontrar na infinidade de documentos existentes nos archivos de Portugal e de outros paizes, que examinou, um só documento, que fallasse de Americo Vesputio com relação ás suas viagens ao Brazil, conforme o disse em carta escripta a Navarrete, que lhe havia pedido informações sobre o facto: eis as suas palavras em periodos da citada carta:

"Assim sobre o assumpto em questão o que posso dizer é; que nem nos originaes das chancellarias de El-Rei D. Manoel, desde 1495 até 1503 inclusive; nem em 82902 documentos do grupo chronologico; nem em 6095 do grupo das gavetas; nem em numerosos pacotes de cartas missivas dos Reis e outros personagens, apparece em documento algum o nome de Americo Vesputio. Tambem não se encontra nos mesmos grupos indicações algumas sobre Julião del Giocondo y de Bartolameo del Giocondo.

"Em consequencia deste exame e da falta de documentos, devo acrescentar que na preciosissima Bliotheca Real de Pariz, que examinei durante a minha residencia em França, donde colhi muitos documentos com os quaes escrevi diversas memorias criticas, que se publicaram nos *Annaes de Sciencias*, tomos 12, 13 e 14 e dos quaes trata Balbi na sua obra *Essai Statistique*, tomo 2º dos *Archivos Litterarios*, não encontrei, na paragem onde falla dos nossos descobrimentos e viagens, o nome de Vesputio, como nem tão pouco no codice 10023 intitulado *Journal des Voyages des Portugais depuis l'an 1497 jusqu' a l'an 1632* o qual fôra originalmente escripto em portuguez, e composto por autor portuguez, e que, apesar de ser copia, se vê pela orthographia e letras dobradas, que foi tirado de memorias antigas."

A integra desta carta, traduzida em hespanhol, vem inserida no *Brazil Historico*, do Dr. Mello Moraes Vol. I. Pag. 76 da seg: serie.

1501 Maio

ordem do Serenissimo Rei D. Farnando de Castella, e com desejos de tornar de novo á terra das Perolas, quando a fortuna, não contente com os meus passados incommodos, fez vir á ideia do Serenissimo Rei de Portugal, D. Manoel, querer-se servir de mim. Assim, pois, quando menos lembrança tinha de vir a Portugal, chegou um correio, que me trouxe carta sua, em que me mandava fosse fallar-lhe em Lisboa, promettendo fazer-me muita mercê.

“ Aconselharam-me a não partir por então; e despedi o correio, dizendo que estava doente, e quando estivesse bom partiria a fazer quanto Sua Alteza me ordenasse, no caso de querer servir-se ainda de mim. Vendo El-Rei que me não podia haver por este modo, deliberou deputar-me Julião filho de Bartholomeu del Giocondo, que então se achava em Lisboa, com ordem de me levar consigo por todos os modos. Veio, pois, a Sevilha o dito Julião, e com a sua vinda e rogativas fui forçado a partir apesar de m'o levarem a mal quantos me conheciam, por sahir de Castella, onde me faziam honras, e El-Rei me tinha em bôa reputação; e o peor foi que parti *insubutato hospite*.

“ Apresentando-me a El-Rei D. Manoel mostrou elle grande prazer com a minha chegada, e rogou-me que fosse com tres náos suas que estavam aparelhadas, a descobrir terras novas; e porque os rogos de um rei equivalem á ordens, tive de consentir em quanto me mandava, etc., etc. ”

A' vista do que ahí fica narrado não se pode deixar de crer que elle viera occupando um lugar distincto na frota, provavelmente encarregado como homem instruido que era em cosmographia e muito entendido em astronomia, de descrever o paiz, e marcar as situações dos principaes lugares; emfim ajudar o commandante da expedição com as suas luzes e grande experiencia, que tinha adquerido nas viagens, que recentemente havia feito na parte setemptrional da America, a qual tinha visitado por ordem do rei de Hespanha.

Seja, porém, como fôr, o certo é que a unica narração que existe desta viagem foi escripta por elle em duas cartas dirigidas, a primeira ao seu antigo patrão Lourenço de Medicis, e a segunda ao seu compatriota e amigo Pedro Soderini e talvez a esta circumstancia se deva acreditar alguns escriptores que fôra elle o commandante da expedição. Mas assim não é, como mesmo se depreheende do que escrevera.

Diz elle na já citada carta a Soderini:

“ Partimos deste porto de Lisboa no dia 10 de Maio de 1501 (20) com tres náos de conserva, tomando o rumo das Canarias, á vista das quaes passámos sem nos demorar; daqui fomos costeando a parte occidental da Africa, aonde fizemos a nossa pescaria; apanhámos alguns pargos, e nos demorámos dous ou tres dias; depois seguimos da Ethiopia (Cabo Verde) até um porto chamado Bezeneque (21) que está na zona torrida, a quatorze grãos e meio de elevação do Polo Setemptrional, e portanto com o primeiro clima (22). Alli estivemos onze dias fazendo provimento de agua e lenha; e porque a minha intenção era navegar para o Sul pelo mar Atlantico partimos deste porto da Ethiopia e tomámos pelo Sudoeste quarta a Sul, de sorte que andamos tanto que no fim de 67 dias fomos ter a uma terra que está setecentas leguas distante daquelle porto donde partimos para Sudoeste.

(20) Ha engano nesta data: a expedição partio no dia 14 como verificou o Visconde de Porto Seguro e o disse o mesmo Americo Vespucio em outra carta escripta antes desta ao seu antigo patrão Lourenço de Medicis; *Prospero cursu quarta decima mensis maii millesimo quingentesimo primo recessimus ab Olisippo, etc., etc.*

(21) O Padre Ayres do Casal suppõe que este porto é o de Goré. A expedição de Pedro Alvares Cabral voltando de Calicut tinha arribado alli na mesma occasião. *Venissemo alla prima terra giunta col capo Verde detta Beseneghe, dove trovammo tre navali che il nostro re de Portugallo mandava a discoprire la terre nuova che noi haveramo trovata quando andavamo a Calicut.* Ramusio Viaggi, vol. 1 fol. 128.

(22) Os antigos não faziam a mesma divisão de clima que actualmente se faz; segundo a divisão moderna acaba o primeiro clima em oito grãos e trinta e quatro segundos, e por consequente não podia ficar nelle Cabo Verde que está em quatorze grãos e meio; mas não acontece assim pela divisão antiga.

1501 Maio Julho Agosto

“ Durante os 67 dias tivemos o peor tempo e que nunca apanhou quem tenha navegado, tantos foram os aguaceiros, trovoadas e tormentas, isto porque quasi sempre navegámos parallelo á equinocial, onde é inverno no mez de Junho, sendo o dia igual á noite, e a sombra sempre para o sul. ” (23).

Julho 9—Carta escripta de Cintra pelo Rei D. Manoel aos reis catholicos de Hespanha, Fernando e Izabel, participando-lhes a descoberta do Brazil por Pedro Alvares Cabral.

Começa assim:

“ Muy altos y muy excelentes y muy poderosos Principes señores padre y madre. ” A parte relativa ao Brazil, e que mais nos importa agora, é a seguinte:

“ O dito meu capitão (*Pedro Alvares Cabral*) com treze náos partio de Lisboa a 9 de Março do anno passado. Nas oitavas da Paschoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobrio, a qual poz o nome de Santa Cruz, na qual achou as gentes núas como na primeira innocencia, mansas e pacíficas; a qual parece que Nosso Senhor milagrosamente quiz que se achasse, porque é mui conveniente e necessaria para a navegação da India, porque alli reparou seus navios e tomou agua; e pelo grande caminho que tinha de andar não se deteve para se informar das cousas da dita terra; apenas me enviou dalli um navio para me notificar de como a achou, e fez o seu caminho por via do Cabo da Boa Esperança. ”

A integra desta carta foi pela primeira vez publicada em hespanhol por Navarrete

(23) Devemos observar aqui que o mesmo Americo Vespucio na carta a Lourenzo de Medicis, a qual já citamos, diz que o máu tempo fôra de quarenta e quatro dias: *scieis qui ex diebus sexaginta septen quibus navigavimus continuos, QUADRAGITA QUATUOR habvimus cum pluvia, tonitruis et coruscationibus etc., etc.*

Isto parece mais exacto, e assim tambem o entendeu o Visconde de Porto Seguro, do contrario seria crêr que partiram debaixo de máo tempo, pois a viagem toda foi de um ponto a outro de 67 dias, o que não é admissivel houvessem feito.

na sua importante obra *Collection de los viagens y descubrimientos que hecieran por mar los españoles*, donde a trancreveu o Dr. Mello Moraes para o seu *Brazil Historico* vol. 1.º Pag. 66.

Diz Navarrete que ella existia no archivo da antiga *Deputação de Aragoão* destruido na guerra da independencia: a que elle publicou era uma copia tirada por D. Joaquim Traggia. Da-se-lhe a data de 29 de Julho, que a maioria dos historiadores adoptaram e nós os seguimos na primeira edição deste trabalho; graças, porém, ás investigações feitas pelo Visconde de Porto Seguro, está hoje provado que fôra escripta nesta data e de Sintra (Cintra) como então se escrevia, e onde se achava a côrte, quando o feliz capitão se recolheu d'Azia.

Agosto 7—A frota exploradora encarregada de percorrer a costa da *Ilha da Vera Cruz*, encontrada por Pedro Alvares Cabral, e na qual vinha Americo Vespucio, sob as ordens do respectivo commandante, dirigindo o rumo della, como se deprehende dos seus escriptos, e fizera com que a mesma buscasse o littoral, proximo á paragem em que elle estivera em 27 de Junho de 1499 com Hojeda, (veja-se essa data), fundeou a meia legua distante de uma terra que acabava de ser avistada neste dia, segundo elle proprio escreveu na carta dirigida a Lourenzo de Medicis noticiando-lhe a sua viagem: *No dia, porém, de SETE de Agosto de 1501 surgimos na praia daquelle paiz e lançamos ancora em frente delle etc. etc.* (24) e no entretanto o mesmo Americo Vespucio, em a outra carta escripta a Pedro Soderini disse-lhe, noticiando-lhe o mesmo acontecimento, e depois de relatar os trabalhos por que passou a frota: *... aprouve a Deus mostrarmos terra nova etc... foi no dia DEZESETE de Agosto, da qual fundeamos a meia legua de distancia, etc.* (25)

(24) *Die autem SEPTIMA Augusti quingentesimo primo in ipsarum regionum littoribus submissimus ancoras, etc.*

(25) *... piacque a dio mostrarei terra nuova etc. fu adi 17 dagosto dove surgemo a meza legua: etc.*

1501 Agosto

O Visconde de Porto Seguro diz que a frota "veio avistar terra a 16 de Agosto na Latitude provavelmente de cinco grãos, junto do cabo que em virtude da festa do kalendario nesse dia recebeu o nome de *S. Roque*, com que hoje é designado etc. no entretanto o mesmo illustre historiador no seu importante trabalho: *Analyse Critique de la vie de Vespuce* altera esta opinião dizendo que: "a frota fundeara a 17 como escreveu Vespuccio, porém provavelmente tinham avistado a terra na vespera, dia da festa de *S. Roque*, cujo nome foi evidentemente dado então ao cabo, que ainda o conserva etc." e ja não affirma que a frota fundeara junto ao mencionado cabo.

Americo Vespuccio diz positivamente em ambas as suas cartas, por nós já citadas, que a frota fundeara no dia em que se avistou terra e não falla em cabo algum, circumstancia que, nos parece, não deixaria de mencionar se no lugar houvesse.

Qual foi este? Vel-o hemos maisadiante: verifiquemos primeiro o dia da chegada.

Foi a 7 ou a 17?

Ambas as datas, como já vimos, nos são fornecidas pelo mesmo Americo Vespuccio que em continuação, na carta escripta a Pedro Soderini, diz que a frota se demorou sete dias no lugar onde fundeara, partindo depois com direcção ao Sul e chegando ao *Cabo de Santo Agostinho* no dia 28, tendo feito muitas escalas pela costa, sem achar gente com quem tratar.

Ora, aceita a data 17 para a chegada, foi, por consequencia, a partida a 24, e só com quatro dias de viagem, nenhuma embarcação de vela pôde ir do *Cabo de S. Roque* ao de *Santo Agostinho* e de mais a mais fazendo muitas escalas isto é entradas, pela costa.

Acresce ainda que os ventos e as correntes nesta quadra do anno, são do Sul para o Norte.

Portanto a verdadeira data da chegada foi a 7, a primeira por elle mencionada, e que adoptamos.

Sete dias depois, a 14, levantou ancora a frota, e agora navegando entre Este e Sueste, que *assim corria a costa* conforme

elle o diz, com 48 horas de caminho avistou-se a 16 o cabo a que puzeram o nome de *S. Roque em virtude da festa do kalendario nesse dia*.

Continuando nesta derrota a frota navegou durante doze dias mais, podendo fazer as entradas, e não deviam ser muitas, de que falla Americo Vespuccio e chegando á 28 defronte do outro cabo a que deram o nomo de *Santo Agostinho* tambem *em virtude da festa do kalendario nesse dia*.

Assim é que nos parece ter succedido ficando explicado o nome de *S. Roque* dado pelo commandante da expedição, que devia ser o baptisador dos lugares, ao primeiro cabo que viram e do qual todavia não falla Americo Vespuccio, talvez por esquecimento ou porque o não considerasse como tal, o que é bem possivel, á vista da seguinte descripção que do mesmo cabo nos faz o Pratico Felippe Francisco Pereira ás paginas 50 do seu *Roteiro da Costa do Brazil* desde Maceió até o Pará:

"O cabo de *S. Roque* não apresenta alteração sensivel na costa, com as terras visinhas; é de altura regular coberto de arvoredos e facilmente se conhece, por figurar-se a quem navegar do Norte ou do Sul, vindo um pouco aterrado, que a costa ali acaba, e só a distancia de quatro milhas é que se destingue a continuação da mesma, donde concluimos que é *antes uma ponta achatada e alguma cousa mais saliente, do que um cabo propriamente dito*." (26)

Tambem elle é designado pelo nome de *Ponta Gorda*.

Vejamos agora o lugar onde a frota fundeou ao chegar.

Americo Vespuccio diz apenas que estava a cinco grãos além da equinocial para o Sul e portanto na parte superior da costa do hoje Estado do Rio Grande do Norte.

Ali, justamente na Latitude de 5° 3' e 41" Sul está o lugar chamado *Arraial*

(26) O grifo é nosso.

1501 Agosto

do Marco, porque nelle existe um desses padrões, (27) Eis as informações que sobre elle obtivemos:

E' uma pedra quadrangular, da qualidade que chamão vulgarmente marmore de Lisbôa, d'onde a importamos em obras de diversas especies, alvissima e de fina grã.

Tem a figura de um grande parallelepipedo, com dous palmos de largura e um de grossura.

Quanto ao tamanho não se sabe, porque está enterrada em parte, tendo fóra da terra cerca de quatro palmos; é de crêr que tenha outros tantos suterrados.

Não tem inscripção e nem data alguma, e apenas em uma das faces gravadas, ou melhor dito, cavada, uma cruz da Ordem de Christo em cima de uma especie de escudo no qual estão as quinas portuguezas em cruz.

Fôra primitivamente infincada sobre um commoro de areia tendo de cada lado duas outras pedras da mesma qualidade, porém mais pequenas e completamente lisas que ainda lá estão, no primitivo lugar da chantisação.

Os moradores superciosos do lugar e tambem dos povoados visinhos muitas milhas acima e abaixo daquelle ponto da costa, acreditão que é uma pedra santa, com a cruz e as chagas de Jesus Christo, e lá vão em romaria passar em torno d'ella fitas para ficarem bentas, como é uso se fazer nas igrejas com imagens, rezam o terço diante della em dias determinados, fazem-lhe promessas e apegam-se com ella em suas afflicções.

Um morador do lugar, chamado Felix Baptista, encarregou-se de receber as esmolas, que levam os romeiros, com o fim de conservar aceso todas as noites um lampião em frente della, especie de pharol que de muita utilidade serve aos barcaceiros, que por alli navegam.

Por sua iniciativa foi a *santa pedra* transportada para o lugar em que actualmente se acha, mas como a conduziram sosinha ficaram as outras duas pequenas marcando o sitio em que fôra primitivamente infincada, como já dissemos.

Os moradores que não acreditam na santidade della, bem que sejam poucos, pensam que marcava o lugar de um grande thesouro enterrado pelos Hollandezes, e já procuraram fazer-lhe um buraco no centro para ver se era ôca, e com o mesmo proposito partiram uma das pequenas, cujo fragmento nos trouxeram e depositamos no *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*.

Pela descripção acima feita se vê que aquella pedra é incontestavelmente um padrão ou marco antigo com os seus dous ajudantes ou testemunhas, como era uso serem elles chantados.

Quem o collocou ali?

Diz Americo Vespucio, que apenas fundeados os navios da frota, arriaram-se os botes e foram ver a terra se era habitada e porque qualidade de gente; não viram ninguém, mas reconheceram que era habitada, pelos muitos signaes que encontraram.

“ Tomamos posse della, acrescenta elle para o serenissimo Rei de Portugal, e achamos o paiz muito ameno, viçoso, de bôa apparencia e situado cinco grãos além da equinocial para o sul: isto feito, voltamos para os navios. ”

Ora esta tomada de posse consistia apenas na chantisação de marcos de pedra, e portanto o que ali existe foi posto pela gente da frota exploradora, sendo aquelle lugar onde ella fundeara quando chegou. Dista do *Cabo de S. Roque*, que não é d'ali visto, cerca de 45 milhas.

A Latitude exacta do lugar, apenas com a differença insignificante de tres minutos e quarenta e cinco segundos, da que dera Americo Vespucio, cujos instrumentos nauticos não eram aperfeiçoados como os de hoje, o que se deve levar em conta; a presença do marco e qualidade da pedra de que elle é feito, não deixa a menor du-

(27) *Roteiro da Costa do Brazil, desde o Rio Mossoró até o Rio de S. Francisco do Norte pelo Cap: de Frag: Manoel Antonio Vital de Oliveira, Pag. 20.*

1501 Agosto

vida sobre o que acabamos de expôr; isto é que foi acolá aonde fôra ter a frota exploradora vinda de Portugal em 1501, e aquelle marco o primeiro enfincado na *Ilha da Vera Cruz*.

O unico escriptor que o menciona, pelo que sabemos, é o historiador hollandez Laet, na sua obra *Novus Orbis*, livro XVI Cap. VI dizendo, porém, que este marco, que elle colloca na Petitinga, trinta e sete milhas ao sul do lugar em que se acha, servia de limites entre as possessões portuguezas e castelhanas! (28)

Engano manifesto.

Entretanto, diz-nos o erudito Padre Ayres do Casal, que segundo os escriptores, que teve ao seu alcance, o primeiro marco collocado pela frota exploradora fôra chantado na *Enseada dos Marcos*, entre as bahias da *Traição* e *Formosa* na costa do hoje Estado da Parahyba, sendo portanto ali, aonde fôra ter a mesma frota ao chegar de Portugal.

O Senador Candido Mendes seguiu esta opinião, pois escreveu, tratando deste assumpto:

“ E’ questão, se a frota de Vespucio foi precisamente ao ponto do *Cabo de S. Roque*, se pelo contrario ao denominado os *Marcos*, isto é mais ao sul, entre as bahias *Formosa* e da *Traição*. Este é o nosso parecer.

“ Para isto temos as seguintes razões:

“ 1.º Vespucio diz em sua carta de 1502 que, na primeira terra que avistaram, e desembarcaram tomou-se posse della em nome de El-Rei de Portugal: portanto chantaram-se padrões, isto é, titulos de dominio em pedra. O lugar os *Marcos* bem indica que ali se executou uma tal cerimonia, e talvez ainda existam estas provas materiaes.

“ 2.º Ignacio da Costa Quintella vice-almirante d’armada real nos seus *Annaes da Marinha Portuguesa*, tomo 1.º, pagina

260 diz sobre este assumpto em uma nota, o seguinte:

“ Parece que seria o *Cabo de S. Roque*, que está em Latitude Sul cinco grãos e sete minutos; (29) e mais provavelmente algum ponto da costa ao sul delle, aliás se perderiam nos baixos do mesmo nome, que correm desde o cabo para o norte.

“ 3.º Vespucio refere-se a *uma terra*, e não a *um cabo* como declara quando trata do de *Santo Agostinho*.”

Desta *Enseada dos Marcos* desconhecida dos navegantes, e quasi tambem dos mesmos praticos da nossa costa, nos dá, todavia noticia o Cap: de Frag: Manoel Antonio Vital de Oliveira, na sua importante obra por nós já citada: *Roteiro da Costa do Brazil desde o Rio Mossoró até o Rio de S. Francisco do Norte*; resa assim:

“ Pouco menos de legua do pontal do *Cotia*, por 8º SE, está o pontal de *Guaju* na Latitude de 6º 30’ e 58” S. e Longitude 8º 8’ e 8” E, fazendo a costa uma pequena curva a que ALGUNS conhecem por *Enseada dos Marcos*.

“ O pontal do *Guaju* é delegado e baixo, junto ao qual e pelo norte desagua o rio deste nome que limita as provincias do Rio Grande do Norte e Parahyba.

“ E igualmente bordada de pedras esta parte da costa, etc., etc.,a (foz) do *Guaju* é guarnecida por duas ordens de recifes, entre os quaes e pelo norte, é a entrada do rio, mas tão proximos estão elles da costa, que o mais de fóra, na ponta do *Guaju*, passa quasi agarrado a praia. Esta barreta entre os dous recifes dá entrada a barcaças e jangadas, mas só no preamar, etc., etc.”

Vê-se, por esta autorisada discripção que o lugar não offerecia acesso aos navios da frota exploradora, e se ao vice-almirante Quintella pareceu que elles naufragariam indo ter perto do *Cabo de S. Roque* pelo

(28) *A sinu Petitingae pergit ora versus eorum ad Omarco hic quondam limes fuisse videtur inter Lusitanos et Castelhanos.*

(29) Segundo o Capt: de Frag: Manoel Antonio Vital de Oliveira está este cabo a 5.º 28’ e 25” e o pratico da costa Felippe Francisco Pereira diz que está a 5.º 35’ e 5”. nenhum dos tres combinam.

1501 Agosto

lado do Norte, em virtude dos arrecifes que bordam aquella parte da costa, muito maior perigo correriam se tivesse vindo a este lugar, como querem o Padre Ayres do Casal e Senador Candido Mendes e opina o proprio vice-almirante Quintella.

O marco que deu nome a esta enseada, o qual, talvez, ainda lá exista soterrado, se não foi arrebatado pelo mar, que vai trabalhando a costa; foi alli collocado nos fins do seculo dezeseis, talvez no anno de 1596 ou pouco depois, por ordem do governo da metropole, assim como um outro igual na margem setemprional da barra de Goyanna, e serviam para marcar os limites da Capitania da Parahyba, que pertencia a corôa, e se achava encravada entre as Capitancias de Itamaracá e Rio Grande do Norte que pertenciam a particulares. Ambos elles vem mencionados na carta das capitancias conquistadas pelos Hollandezes, intercalada na obra de Gaspar Barleus, *Rerum per octennium in Brasilia*.

Já muitos annos antes; talvez em 1535 ou 1536, fôra um outro collocado na margem meridional do canal que separava as Capitancias de Itamaracá e Pernambuco, marcando os limites, dellas, por ordem do Rei D. João III conforme se lê nas cartas de doação das referidas capitancias passadas por aquelle monarcha, onde diz:

...
a cinquenta passos da casa da Feitoria que de principio fez Christovão Jacques, pelo rio a dentro, ao longo da praia, se porá um padrão das minhas armas; e no dito padrão, se lançará uma linha que cortará a leste pela terra firme a dentro, etc., etc., era a demarcação precisa e que se fez.

Este padrão, que até o anno de 1888 existio no lugar em que fôra enfincado, no sitio chamado do *Marco*, na comarca de Iguarassú, está hoje recolhido ao *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*.

E' redondo, feito tambem de marmore de Lisboa, mede dez palmos de comprido e um de diametro.

"N'uma das extremidades, melhor dito, na parte superior, tem um escudo de 24 pollegadas de altura e dezoito de largura;

acima do ovado inferior do mesmo escudo estão em relevo as armas reaes de Portugal com os sete castellos e os cinco escudetes cada um delles com cinco arroellas.

"O escudo é surmontado pela corôa real da forma porque a usava El-Rei D. Manoel, e que differe da de D. João III seu successor."

Esta circumstancia induzio a ser acreditado que fôra elle enterrado pela gente da frota, que partio de Lisboa a 10 de Junho de 1503 (veja-se essa data) a qual alguns chronistas erradamente disseram ter sido commandada por Christovão Jacques, encarregado de explorar pela segunda vez o paiz, visto o Rei D. Manoel não ter ficado satisfeito com o resultado da primeira exploração, o que está verificado não ser em nada exacto.

8—A gente da frota exploradora que chegara de Portugal no dia antecedente, e se achava fundeada em frente ao lugar, que tomou depois o nome de *Arraial do Marco* na costa do hoje Estado do Rio Grande do Norte, desce a terra a fazer provisão d'agua e lenha.

Desta vez avistam grande numero de indigenas reunidos sobre o cimo de um pequeno monte visinho, donde olhavam os navios com grande espanto, e recusaram descer á praia apezar de todas as demonstrações amigaveis, que lhes fez a gente, que tinha desembarcado.

Não conseguindo que elles descessem, deixaram sobre a praia algumas campainhas, diversos espelhos e outros objectos, e tornaram para bordo, só conduzindo agua.

Assim que se afastaram desceram os indigenas e apoderaram-se de tudo, tornando logo a subir para o monte.

Quando veio a noite accenderam grandes fogueiras por toda costa, onde numero crescido delles se tinham juntado.

9—Voltam de novo a terra os escaleres da frota exploradora; mas os indigenas continuam como na vespera timoratos e a se conservarem a longa distancia, donde,

1501 Agosto

por acenos, chamavam os recémchegados.

“ Em consequencia disto, diz Vespucio dous dos nossos se animaram a pedir licença ao capitão para se exporem ao perigo de ir á terra vêr que gente era, e se tinha alguma riqueza ou especiaria, ou outras drogas; e tauto instaram até que o capitão o houve por bem.

“ Apromptaram-se, pois, com muitas fazendas de resgate, e partiram com regimento de não pôrem mais de cinco dias em voltar; porque tanto era o tempo que devíamos esperar por elles. Tomaram caminho para terra, e nós para as náos, das quaes vimos vir todos os dias gente á praia, mas sem quererem nunca fallar-nos.”

14—Não tendo voltado os dous marinheiros da frota exploradora que se haviam internado pela terra em companhia dos indigenas e terminando nesta data o prazo que se lhes marcara, para estarem de volta, resolveu o commandante da expedição mandar um escaler a terra pela ultima vez com a esperanza de haver noticias delles, porque vira apparecerem muitas mulheres. Estas se aproximaram algum tanto da praia quando viram chegar o bote, porém sempre receiosas.

“ Vendo, pois, continúa Vespucio, que não acabavam de tomar confiança delibramos enviar-lhes um dos nossos mancebos, muito esforçado, e para o segurar-mos mais, ficamos nos bateis, e foi ter com as mulheres, e chegando junto a ellas metteram-o no meio de um grande circulo, e apalpando-o e olhando-o, attentamente se maravillavam sobremaneira.

“ Estando nisto vimos descer do monte uma mulher que trazia um pão na mão, e chegando onde estava o nosso christão lhe sahio por detraz e levantando o pão lhe deu um tão grande golpe que o estendeu morto; as outras tomaram-o logo pelos pés e o arrastaram para o monte; os homens correram para a praia, e principiam a atirar com as settas, pondo a nossa gente em tal confusão, que estando surtos com os bateis sobre as fateixas, nenhum se atreveu a tomar as arinas por causa das

muitas flechas com que eram acomettidos. Nós disparamos quatro tiros de bombardas, que não acertaram; porém ouvindo o estrondo, fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres fazendo o christão em pedaços, e assando-o em um grande fogo, que tinham accendido á nossa vista, mostrando-nos muita porção delle e comendo-as; e os homens, fazendo-nos signaes, como dando-nos a entender que tinham tambem morto e comido os outros dous christãos.

“ Pesou-nos isto muito, vendo com os nossos proprios olhos as crueldades que commetiam com o morto, parecendo a todos uma injuria intoleravel. E estando mais de quarenta dos nossos com o proposito de saltar em terra e de vingar tão crua morte, e acto tão bestial e deshumano, o capitão-mór li'o não quiz consentir, ordenando o levantamento de ancoras,” e a frota se poz a caminho navegando no rumo *entre leste e sueste, que assim corre a carta*, como diz Americo Vespucio.

23—A frota exploradora, que desde o dia 14 descia pela costa da *Ilha da Vera Cruz*, que investigava, tendo feito diversas entradas nella, sem achar os exploradores com quem tratar, passa nesta data em frente de um cabo que recebe o nome de *Santo Agostinho*.

“ Fica este cabo, diz o navegador florentino, distante do lugar em que vimos matar o christão, cento e oitenta leguas para o Levante. (30)

“ Está em 8° além da equinocial para o sul. E continuando a nossa viagem avistamos um dia muita gente pela praia, que tinha corrido a vêr o prodigio das nossas náos, e cessando de navegar, nos fizemos na volta de terra, onde fomos nos bateis, e achamos homens de melhor condição do que os passados; pois, ainda que

(30) Ha engano visível nesta distancia, ou por erro de copia ou de imprensa, apezar de serem as leguas italianas muito mais pequenas do que as nossas de vinte ao grão, mas isto nada prova contra a exactidão da narração, como allegou o Padre Ayres do Casal.

1501 Agos: Setem: Outub: Novem:—1502 Jan:

com algum trabalho em domestical-os, foram por fim nossos amigos e commerciamos com elles. Estivemos cinco dias nesta paragem, e aqui achamos canna fistula muito grossa, verde e tambem secca, em cima das arvores; assentamos em trazer deste lugar um par de homeus para aprender a lingua, e vieram tres delles por sua vontade para Portugal. ”

O Senador Candido Mendes mostrou á

aceita, pela que tambem julgamos deval-a aceitar.

E' para lamentar, porém, que o Capitão-mór da frota, não desse nome ao lugar em que primeiro tocou, ou se deu, Americo Vespuccio o não mencionasse, com o que se terião evitado as duvidas, suscitadas a respeito delle, as quaes, julgamos, haver conseguido terminar com o que deixamos escripto.

Deixou de ser inserida na segunda columna desta pagina 41, logo em seguida a—**Novembro 1**—esta outra data :

Dezembro 13—Os navios da frota exploradora passam em frente de um rio, que recebeu o nome de *Santa Luzia*.

Talvez seja o actual *Rio Doce*.

Seguindo-se depois as datas 21 e 25 que pertencem a este mez de Dezembro.

e dous grãos, etc, etc. ”

O Senador Candido Mendes diz que esta Latitude está errada, porque em sua opinião, a frota não passou de Cananéa, que está á 25° de Latitude Sul, na exploração que fez pela costa, terminando ali.

O Visconde de Porto Seguro disse que a frota, seguindo para o Sul, do lugar aonde aportara vindo de Portugal, foi o seu Capitão-mór com kalendario na mão baptizando sucessivamente as diferentes paragens da costa, suas aguas e ilhas, como era então costume, designando por esta forma á posteridade o dia em que eram avistadas ou a ellas aportavam.

Assim, parece, deve ter succedido, á vista, dos nomes dados aos dous cabos, *S. Roque e Santo Agostinho*, e de outros lugares, tendo em conta a possibilidade da navegação que a frota foi fazendo; mas não ha disto certeza, sendo apenas uma conjectura muito provavel e de todos

nao ha noticia alguma.

21—Seguindo a sua derrota a frota exploradora dobra um cabo que o Capitão-mór d'ella denominou de *S. Thomé*.

25—Chega a uma enseada que recebe o nome de *Bahia do Salvador*.

1502

Janeiro 1—A frota exploradora entra n'uma bahia, que sendo julgada como boca de um grande rio, recebeu o nome de *Rio de Janeiro*.

Os indigenas chamavão ao lugar *Guanabara*, segundo diz Lery, e *Nitherohy* segundo Brito Freire.

Parece que esta denominação é a mais exacta, pois significa na lingua dos natuaes agua occulta.

Depois, de uma pequena demora seguiram os exploradores a sua derrota para o Sul.

1501 Agosto

por acenos, chamavam os recémchegados.

“ Em consequencia disto, diz Vespucio dous dos nossos se animaram a pedir licença ao capitão para se exporem ao perigo de ir á terra vêr que gente era, e se tinha alguma riqueza ou especiaria, ou outras drogas; e tanto instaram até que o capitão o houve por bem.

“ Apromptaram-se, pois, com muitas fazendas de resgate, e partiram com regimento de não pôrem mais de cinco dias

muitas flechas com que eram acomettidos. Nós disparamos quatro tiros de bombardarda, que não acertaram; porém ouvindo o estrondo, fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres fazendo o christão em pedaços, e assando-o em um grande fogo, que tinham accendido á nossa vista, mostrando-nos muita porção d'elle e comendo-as; e os homens, fazendo-nos signaes, como dando-nos a entender que tinham tambem morto e comido os outros

“ Vendo, pois, continúa Vespucio, que não acabavam de tomar confiança deliberramos enviar-lhes um dos nossos mancebos, muito esforçado, e para o segurar-mos mais, ficamos nos bateis, e foi ter com as mulheres, e chegando junto a ellas metteram-o no meio de um grande circulo, e apalpando-o e olhando-o, attentamente se maravilhavam sobremaneira.

“ Estando nisto vimos descer do monte uma mulher que trazia um páo na mão, e chegando onde estava o nosso christão lhe sahio por detraz e levantando o páo lhe deu um tão grande golpe que o estendeu morto; as outras tomaram-o logo pelos pés e o arrastaram para o monte; os homens correram para a praia, e principiam a atirar com as settas, pondo a nossa gente em tal confusão, que estando surtos com os bateis sobre as fateixas, nenhum se atreveu a tomar as armas por causa das

entradas nella, sem achar os exploradores com quem tratar, passa nesta data em frente de um cabo que recebe o nome de *Santo Agostinho*.

“ Fica este cabo, diz o navegador florentino, distante do lugar em que vimos matar o christão, cento e oitenta leguas para o Levante. (30)

“ Está em 8° além da equinocial para o sul. E continuando a nossa viagem avistamos um dia muita gente pela praia, que tinha corrido a vêr o prodigio das nossas náos, e cessando de navegar, nos fizemos na volta de terra, onde fomos nos bateis, e achamos homens de melhor condição do que os passados; pois, ainda que

(30) Ha engano visível nesta distancia, ou por erro de copia ou de imprensa, apezar de serem as leguas italianas muito mais pequenas do que as nossas de vinte ao grão, mas isto nada prova contra a exactidão da narração, como allegou o Padre Ayres do Casal.

1501 Agos: Setem: Outub: Novem:—1502 Jan:

com algum trabalho em domestical-os, foram por fim nossos amigos e commerciamos com elles. Estivemos cinco dias nesta paragem, e aqui achamos canna fistula muito grossa, verde e tambem secca, em cima das arvores; assentamos em trazer deste lugar um par de homeus para aprender a lingua, e vieram tres delles por sua vontade para Portugal. ”

O Senador Candido Mendes mostrou á evidencia que semelhante estadia teve lugar na costa do hoje Estado de Sergipe, proximo a fóz do rio actualmente chamado *Vazabarris*, e naquelle tempo da *Cannafistula*, sendo o desembarque n'uma ilha que existe na sua embocadura.

Deste ponto, em diante Americo Vespuccio não dá mais pormenores e nem menciona os lugares por onde passou a frota, dizendo apenas que ella navegou sempre para o Sudoeste á vista da costa, fazendo muitas entradas, e tratando com infinita gente.

“ Emfim, acrescenta elle, andamos tanto para o sul, que já estavamos fora do Tropico de Capicornio, onde o Polo Antartico se levanta sobre o horisonte trinta e dous grãos, etc, etc. ”

O Senador Candido Mendes diz que esta Latitude está errada, porque em sua opinião, a frota não passou de Cananéa, que está á 25° de Latitude Sul, na exploração que fez pela costa, terminando ahi.

O Visconde de Porto Seguro disse que a frota, seguindo para o Sul, do lugar aonde aportara vindo de Portugal, foi o seu Capitão-mór com kalendario na mão baptizando sucessivamente as differentes paragens da costa, suas aguas e illhas, como era então costume, designando por esta forma á posteridade o dia em que eram avistadas ou a ellas aportavam.

Assim, parece, deve ter succedido, á vista, dos nomes dados aos dous cabos, *S. Roque e Santo Agostinho*, e de outros lugares, tendo em conta a possibilidade da navegação que a frota foi fazendo; mas não ha disto certeza, sendo apenas uma conjectura muito provavel e de todos

aceita, pela que tambem julgamos devesse aceitar.

E' para lamentar, porém, que o Capitão-mór da frota, não desse nome ao lugar em que primeiro tocou, ou se deu, Americo Vespuccio o não mencionasse, com o que se terião evitado as duvidas, suscitadas a respeito delle, as quaes, julgamos, haver conseguido terminar com o que deixamos escripto.

Setembro 29—Antes de chegar ao rio da *Cannafistula* mencionado na data de 28 de Agosto anterior, a frota exploradora passa neste dia em frente á embocadura de um outro que recebeu o nome de *S. Miguel*.

Outubro 4—Continuando a navegar no mesmo rumo do Sul passa em frente ainda de um outro rio, que ficou se chamando de *S. Francisco*.

Novembro 1—A frota exploradora entra n'uma grande bahia que recebe o nome de *Todos os Santos*.

Aqui chantou-se um marco, e foi o segundo, no lugar, ainda hoje conhecido pela *Ponta do Padrão*; porém do marco não ha noticia alguma.

21—Seguindo a sua derrota a frota exploradora dobra um cabo que o Capitão-mór d'ella denominou de *S. Thomé*.

25—Chega a uma enseada que recebe o nome de *Bahia do Salvador*.

1502

Janeiro 1—A frota exploradora entra n'uma bahia, que sendo julgada como boca de um grande rio, recebeu o nome de *Rio de Janeiro*.

Os indigenas chamavão ao lugar *Guanabara*, segundo diz Lery, e *Nitherohy* segundo Brito Freire.

Parece que esta denominação é a mais exacta, pois significa na lingua dos natuaes agua occulta.

Depois, de uma pequena demora seguiram os exploradores a sua derrota para o Sul.

1502 Jan:

6—Nesta dacta passa a frota exploradora em frente do ancoradouro de uma ilha que recebe o nome de *Angra dos Reis*.

20—Costeia outra ilha a que o commandante poz o nome de *São Sebastião*.

22—Chega á embocadura de um rio aonde entra, fundeando entre a terra firme e uma ilha e dá-se a esta, assim como ao porto, o nome de *São Vicente*.

D'aqui passaram a outra ilha proxima que se tornou conhecida com o nome de *Cananéa* palavra provavelmente lembrada, diz o Visconde de Porto Seguro, pela fertilidade de terra.

Não concorda com esta opinião o Senador Candido Mendes, que quer que o nome *Cananéa* seja corrupção de um outro indigena, mal comprehendido pelos primeiros navegadores, mesmo por que a ilha foi por muito tempo conhecida por *Cananor*, e assim escripta em alguns mappas geographicos da epocha.

O mesmo escriptor quer, como já tivemos occasião de dizer, que a frota não passasse d'aqui no seu trabalho de reconhecer a costa; mas o Visconde de Porto Seguro diz que ella continuou neste reconhecimento, e foi até ao cabo, que denominaram de *Santa Maria*, e recebeu provavelmente este nome por ter a frota chegado a elle em 2 de Fevereiro, dia da Purificação da Virgem.

Este cabo está a 32° Sul, e assim o illustre historiador explica a navegação que disse Americo Vespuccio ter feito a frota costeando a terra até tão grande longitude.

“Aqui imaginaram que se acabava o continente, segundo disse elle, e havendo esmorecido o commandante da expedição passou a responsabilidade da futura direcção da viagem, a Americo Vespuccio, que mandou prover as caravelas do necessario para uma viagem de seis mezes, conformo escreveu, e mais adiante veremos.”

O Senador Candido Mendes contesta esta asserção e para apoiar o seu dizer, escreveu uma longa dissertação da qual extrahimos os seguintes periodos.

“A graduação notada na carta de Vespuccio leva muito ao Sul o littoral percorrido pela frota; mas o numero de legoas vencidas e as producções notadas, restringuem muito o percurso. Basta notar o páo-brazil e a canna fistula, productos que mais lhe atrahiram a attenção, para demonstrar que a frota não attingio com exploração regular e detida o nosso littoral meridional, além de 25 grãos; d'ahi em diante não ancorou em parte alguma.”

“O illustrado annotador portuguez das cartas de Vespuccio, firma a convicção de que pela enumeração das legoas percorridas, que não podiam ser de 20 ao grão, a frota não podia alcançar ou antes ancorar em portos da latitude austral de 32 grãos, pelas regiões pouco abastecidas de arvoredo e mesmo pouco accessiveis, do territorio da nossa provincia de S. Pedro, do Rio Grande do Sul e da Republica Oriental de Uruguay,. Sua opinião se fixa no porto de *S. Vicente*, cuja latitude austral pouco além vai de 23 e meio grãos.”

Eis o que este citado annotador escreveu.

“Marca Americo por dous modos o ponto a que chegou da costa do Brazil dizendo aqui, que navegou até trinta e dous grãos, e mais adiante que andou seis centas legoas do *Cabo de Santo Agostinho* para o sul.

“Chegando a trinta e dous grãos correu toda a nossa costa até as visinhanças do *Rio da Prata*; mas não parece ser este o calculo que se deduz do numero de legoas, que elle diz ter andado, as quaes não podem ser de vinte ao grão, visto fazer do *Cabo de Santo Agostinho* até ao de *S. Roque* cento e cincoenta, (”) como vimos atraz. Ora como as seis centas legoas do *Cabo de Santo Agostinho* para diante, devem ser iguaes cada uma de per si ás cento e cincoenta anteriores; a governarmos por esta conta não passaria do rio de *S. Vicente*, que fica em vinte e tres

(”) Errata—Leia-se igual numero as pag: 40, col: seg: linh: 34 em lugar de 180.

1502 Jan:

grãos e meio, e por conseguinte também fôra do *Tropico de Capicornio*. ”

Cita ainda o Senador Candido Mendes, para dar mais força á sua opinião, a carta maritima feita em 1508 por Ruysch, acreditando ter sido organizada com informações de Americo Vespuccio, pois só elle ás podia fornecer, e n'aqual o ultimo lugar mencionado é *Cananéa* ou *Cananor*, por ter sido o ponto derradeiro onde tocara a frota.

“ Outro mappa, acrescenta elle, em que podemos apoiar nossa opinião, é o d' America, da edicção de Ptolomeu de 1513.

“ Nesse mappa ainda as ultimas terras do nosso territorio são os portos de *S. Sebastião* e o de *São Vicente*, e o rio de *Cananor* (*Cananéa*) Ora se Vespuccio ou qualquer outros exploradores houvessem estendido os seus conhecimentos além desse ponto, até aquella epocha, seriam, pelo interesse, que já tanto excitavam, contemplados nos mappas os lugares reconhecidos. Este mappa, sendo a reproducção do de 1508, com alguns acrescimos intermedios, é favoravel á nossa conjectura, isto é, de que a *Cananéa* foi a ultima terra do nosso littoral reconhecida pelos primeiros exploradores lusitanos, e *S. Vicente* a penultima. ”

Entretanto diz-nos o Padre Ayres do Casal, tratando dos Marcos collocados pela frota exploradora, que, segundo os escriptores, que teve a seu alcance, ella chantou o quarto na *Ilha de Maldonado* e o quinto entre a ponta meridional da *Bahia de S. Mathias* e a *ponta do Padrão* mais chegada á primeira, o qual foi visto ainda ali sessenta annos depois.

Ora, se assim foi, a frota não retrocedeu de *Cananéa*, e devia ter ido até a latitude mencionada por Americo Vespuccio ou então não foi a gente della que collocou taes marcos,

Pena é que se nãa tenha encontrado algum delles, para ver se eram iguaes ao que foi achado em *Cananéa* e ao que existe no *Arraial do Marco*.

Ha um facto, porém, que nos induz a

crer, que a frota chegara até ao lugar mencionado por Americo Vespuccio, e vem a ser o conhecimento, que se teve então do mar do Sul, que ella descobriu, pois foi, com certeza, esta descoberta, que despertou a ideia de se mandar procurar por ali passagem para a India; preparando-se logo para tal fim a expedição de seis navios que partiu no anno seguinte ao da volta de Americo Vespuccio, 1503, tornando elle nella.

Se a frota exploradora não passasse de *Cananéa*, nem aquelle mar teria sido visto, e nem o commandante da mesma frota teria esmorecido, pensando que a terra se acabava ali, por quanto a estava vendo contennuar para adiante.

Segundo tradição aceita por diversos historiadores, entre elles o Visconde de Porto Seguro, a frota partindo da *Ilha de Cananéa* deixara ali um bacharel degradado, que havia sido condemnado á morte o qual ainda lá foi encontrado 29 annos depois, em 1531, pela frota de Martim Affonso de Souza, já o tendo sido quatro annos antes, em 1527, pela frota de Diogo Garcia, porém na visinha *Ilha de S. Vicente*, onde vivia, segundo affirmou este ultimo navegador, pelo que parece, para lá se havia transportado e fixado a residencia.

Querem uns que este personagem tenha sido João Ramalho, considerado por alguns escriptores como o primeiro colono do hoje Estado de *S. Paulo*, o que não é exacto, como mostraremos, e tão celebre se tornou ali; e o Visconde de Porto Seguro, que tenha sido Gonçalo da Costa, que, annos depois, foi para a Hespanha levado por Sebastião Cabot, indo estabelecer-se em Sevilha, onde, conforme diz o historiador Herrera, o Rei D. João III o mandou chamar por uma carta, que lhe escreveu offerecendo-lhe segurança e mercês para que fosse a Lisbôa.

Não é, porém, exacta esta asserção.

Sebastião Cabot regressou á Hespanha em 1530, e nunca esteve na *Ilha de Cananéa* e nem na de *S. Vicente*; mas sim na de *Santa Catharina* e uma só vez, em Ou-

1502 Jan :

tubro de 1526, quando veio da Europa com destino ás *Molucas* no *Mar Pacifico*, aonde não foi, como adiante veremos, e se nessa occasião recebeu a bordo de seu navio o mencionado Gonçalo da Costa, não podia este ser o bacharel, nem mesmo dando-se a hypothese d'elle se ter transportado para ali, pois em tal caso, como poderia ter sido encontrado em *S. Vicente* e na *Cananéa* nos annos de 1527 e 1531, se havia embarcado em 1526 e partido para Hespanha em 1530?

Ainda ha mais: Herrera não diz que Gonçalo da Costa fosse *bacharel* e nem *degradado*; eis as suas palavras:

“ Fue informada la Reyna, que El-Rei de Portugal abia escrito a Sevilla a um Portuguez llamado Gonçalo de Acosta, que abia estado muchos años en la provincia del Brasil, entre los Indios, y se vieno con Sebastiam Gavoto a Castilla, ofrecendole seguro y mercedes, por que fuese a Lisboa; y que aviendole preguntado muchas cosas del rio de Solis, que dicen de la Plata, le rogaron que fuese en una armada que se despachava para aquellas partes, haciendole crescidos partidos. ”

Como se vê do que fica transcripto, tratava-se de uma expedição para o Rio da Prata, era a de Martim Affonso, n'aqual se desejava viesse Gonçalo da Costa, cujo auxilio de muito serviria pois era conhecedor do lugar, e se elle, quando partiu Martim Affonso estava em Lisbôa não podia ter sido por este encontrado no anno seguinte, 1531, em *Cananéa*, se era o bacharel, pela mesma frota, em a qual queriam que elle viesse, e n'aqual, talvez, tivesse vindo.

A circumstancia de dizer Herrera que o Rei mandando chamal-o lhe offerecera carta de segurança, faz crer que elle era criminoso, disertor de algum navio das armadas portuguezas, ou mesmo degradado, que havia fugido do presidio aonde o tinham posto.

Cabot vindo de Hespanha esteve tres mezes na Feitoria de Pernambuco, como veremos adiante, e lá existião degradados,

e bem pode ser que ali o tivesse recolhido, se elle o era, abordo de algum dos seus navios e comsigo levado ao Rio da Prata, onde, durante o tempo, que ali esteve Cabot, Gonçalo da Costa obtivera os conhecimentos locais que possuia. Em *Santa Catharina*, porém, não foi, porque nem lá nem em *São Vicente* existião degradados, ao menos não consta, nesse tempo, a não ser o tal bacharel unico deixado pela frota exploradora do anno de 1501 e que está provado não ser elle. No *Rio da Prata* tambem não havia degradados, e se foi aqui que Cabot o encontrou era então um simples desertor, e lá fôra ter em algum navio castelhano, ou desertara de algum navio portuguez.

O mesmo Visconde do Porto Seguro disse tambem que a dar credito ao jesuita Padre Charlevoix (31) o nome do dito *bacharel degradado* devia ser Duarte Peres, e depois em uma nota acrescenta:

“ Não havemos podido legitimar o nome de Duarte Peres, que dá um escriptor do seculo passado a certo *bacharel degradado* nessas paragens, do que fez menção sem allegar titulos convincentes. ”

Entretanto, força é dizel-o, Charlevoix tambem não disse, que Duarte Peres era *bacharel*, mas sim, *cavalheiro*,

Tendo Ruy Mosquera descido o Paraná, escreveu elle, foi estabelecer-se no litoral do Brasil na latitude de trinta e dous grãos, em um porto commodo, onde construiu um forte, e passados alguns dias fôra se reunir a elle um *cavalheiro* portuguez chamado Duarte Peres, que havia sido degradado na sua visinhança, acompanhado de sua familia, voltando depois para o seu degredo por ordem do *Capitão General do Brasil*.

Este final é inteiramente falso, pois semelhante entidade não existia n'aquelle tempo, e nem autoridade de especie alguma em todo o Brasil

(31) *Histoire du Paraguay.*

1502 Jan: Fev: Abr:

O Senador Candido Mendes opina em favor de João Ramalho, e como era costume deixarem-se os degradados sempre aos pares, pois assim se praticava n'Alfrica, n'Asia e tambem em a nossa America, de que deu o primeiro exemplo Pedro Alvares Cabral em *Porto Seguro*, inclina-se a crer que o companheiro deixado a João Ramalho fôra o celebre aventureiro portuguez Aleixo Garcia, o qual annos depois, em 1526, (veja-se factó sem data desse anno) atravessando os nossos sertões meridionaes, foi d'ahi pelo *Paraguay* até ao *Perú*, antes de ter lá chegado Pizarro, voltando carregado de ouro e prata sendo assassinado pelos Indios Paraguayos nas proximidades do *Picolomayo*.

Não é tambem exacta esta asserção como demonstraremos mais adiante.

Já tinhamos escripto o que ahi fica quando recebemos a primeira parte do Vol: 52 da *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geogr: Braz:* e nella deparamos, as folhas 499, um recente trabalho do Barão de Capanena sob o titulo *Questão a Estudar* no qual diz, fallando da chegada de Martim Affonso a S. Vicente, em 1532, que ali já existia, entre outras pessoas, o *bacharel de Cananéa, que é o fidalgo portuguez Duarte Pires, degradado por D. Manoel, com genros castelhanos.* etc.

Não sabemos em que se fundou o illustrado escriptor para isto afirmar, tão parenptoriamente, visto não allegar testemunho algum comprobativo; se foi na hypothese Charlevoix, parece-nos que não andou acertado.

Fevereiro 15— A frota exploradora, agora sob o commando de Americo Vesputio, faz-se de vela para continuar a sua viagem.

Eis o que elle escreveu:

“... e havendo já bons dez mezes que viajavamos, vendo que na terra não achavamos mina alguma, resolvemo-nos a deixal-a e ir examinar o paiz por outra parte e assim se determinou seguir aquella navegação, que me parecesse bem, ; incum-

bindo-se-me absolutamente do commando d'armada. Mandeí, pois, fazer provimento de agua e lenha para seis mezea, que tantos julgavam os officiaes das náus que podiamos navegar com ellas, e feito isto principiamos a nossa viagem pelo Les-Sueste (32) aos quinze de Fevereiro, quando o sol estava visinho ao Equinocio, e voltava para este nosso hemispherio Septentrional, e tanto navegamos, por este rumo que a elevação do Polo Antartico sobre o nosso horisonte era de cincoenta e dois grãos, etc. (33)”

Abril 3—Estando a frota exploradora na Latitude de 52° Sul, como disse Americo Vesputio, foi assaltada por um violento temporal, que elle assim descreveu:

“Neste dia (3 de Abril) principiou no mar uma borrasca tão grande, que nos fez ferrar de todo as velas; corriamos arvore secea com um vento muito forte (que então era Susudoeste) com muito grande mar, e o ar muito carregado: sendo tal a furia do vento, que toda a armada estava na maior consternação. As noites eram mui grandes, e a de 7 de Abril foi de quinze horas, porque o sol estava no fim de Aries, e era então inverno nestas paragens,

”Estando, pois, assim afflictos, no dia sete de Abril tivemos vista de uma nova terra a qual corremos cousa de vinte leguas, e achamos toda a costa brava, sem porto e nem gente alguma, (34) e era tanto

(32) O vice-almirante portuguez Ignacio da Costa Quintella na sua obra, que já tivemos occasião de citar: *Annaes da Marinha Portugueza* Vol: 1. Pag: 263 assegura que o rumo da frota foi Sudoete, sendo um erro palpavel a direcção Les-Sueste quando outra (Sudueste) é a da costa.

(33) O Senador Candido Mendes diz ainda que esta latitude está errada, ou por engano do copista, ou de imprensa ou de calculo.

A frota não passou segundo a sua opinião de 38° conforme o exame critico que fez, na carta que escreveu o proprio Americo Vesputio, a qual é a unica narração que exlste desta viagem.

(34) O traductor das Cartas de Americo Vesputio, publicadas na *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas* fez-lhe nesta passagem a seguinte nota: Vol: 2. Pag. 149.

1502 Maio Setem:

o frio que ninguem d'armada se podia valer, nem supportal-o; de modo que vendonos em tal perigo e fortuna, que apenas podiamos avistar-nos uns aos outros, pelo grande mar que se levantava entre nós, e a muita escuridão do tempo: conviemos com o Capitão-mór em fazer signal á armada para se juntar, afin de que deixando a terra tomassemos o rumo de Portugal: o que foi muito bom conselho, pois é certo que, se nos demorassemos ainda aquella noite, estavamos perdido.

“Tomamos, pois, o vento em pôpa, e na noite e dia seguinte cresceu tanto a tormenta, que estivemos a ponto de ir ao fundo, e promettemos de fazer perigrinações e outras ceremonias, como é costume des marinheiros em semelhantes occasiões. Corremos assim cinco dias com o vento em pôpa sómente com o troquete e este bem baixo, e nelles navegamos duzentas e cincoenta legoas, avisinhandonos sempre á Equinocial, e a um mar e atmosphaera mais temperados.”

Maio 30—A frota exploradora chega a *Serra Leôa* no sul d'África Occidental.

Continuando a narração da sua viagem depois do temporal que apanhara, Americo Vespucio escreveu o seguinte:

“Finalmente prouve a Deus livrar-nos de tamanho perigo; e sendo a nossa navegação pelo Nordeste (por querermos reconhecer a costa da Ethiopia da qual esta-

“Pela conta de cincoenta e dous grãos de Latitude que o auctor assignou a cima, pelo muito frio que experimentou na visinhança da costa, e pela distancia de 1550 legoas, que elle mais abaixo diz, que se achava distante da costa de Africa, parece dever-se concluir que foi dar, levado pela tormenta, a alguma paragem da costa da Terra de Magalhães, onde se verificariam as distancias que elle aponta.”

O Visconde de Porto Seguro disse, a vista da narração de Vespucio, que a terra por elle vista “não pode ter sido outra sinão a Ilha hoje denominada Georgia Austral, segundo a appellidou Cork ao visitá-la em Janeiro de 1775 julgando descobri-la então sendo certo que além de descoberta por Vespucio desta vez, em 1502, havia ella já sido visitada (justamente um seculo antes de Cook) em 1675, por Antonio Rocha, vindo de Chiloe; pelo que a denominaram algum tempo *Ilha grande de Rocha*.”

vamos distante mil e trezentas leguas pelo mar Atlantico) com ajuda de Deus chegamos aos dez de Maio a uma terra para o Sul chamada Serra Leôa, aonde estivemos quinze dias para refrescar, e d'ahi navegamos para a Ilha dos Açores distante obra de setecentas e cincoenta leguas, onde chegamos pelo fim de Julho, e nos demoramos outros quinze dias, depois partimos para o porto de Lisboa, donde ainda estavamos distantes trezentas leguas a Este.”

Setembro 7 — Chega a Lisboa, de volta da sua penosa viagem a frota exploradora que havia partido d'ali a 14 de Maio do anno anterior, 1501, (veja-se essa data) afin de percorrer a costa da nova terra achada por Pedro Alvares Cabral.

Era composta, como vimos, de tres caravellas ou náos, mas só voltaram duas porque a terceira ficou tão arruinada na travessia, que resolveram queimal-a quando pararam em Serra Leôa.

“As informações dadas pelos exploradores, diz o Visconde de Porto-Seguro, foram pouco favoraveis a uma tão grande extensão, de terra, e o proprio Americo Vespucio nol-o confirma, na carta que escreveu ao gonfaloneiro de Florença, Pedro Soderini, seu antigo condiscipulo, e que corre impressa: não hesitando em assegurar-lhe que na terra não havia metaes alguns, nem mercadorias de aproveitar-se, mais que canafistula e o lenho de tintuaria.”

Entretanto no Summario das suas navegações, que Ramuzio publicou, o mesmo Americo Vespucio dá mais favoraveis noticias do paiz que visitara, e das quaes transladamos as seguintes:

“O paiz é muito temperado, fertil e deleitoso: bem que tenha muitas collinas, é comtudo regado de infinitas fontes e rios, e tem os bosques tão cerrados que não se pode passar por entre as arvores.

“Os fructos crescem expontaneamente e sem cultura, são optimos, em grande abundancia, sadios e totalmente differentes dos nossos.”

1502 Setem : 1503 Abr: Jun :

“ Igualmente produz a terra infinitas batatas e raizes de que fazem pão e outras iguarias. Todas as arvores exhalam um cheiro tão suave, quanto é passivel imaginar, e destilam gomma, licores e succos, cujas virtudes, se nós as conhecessemos, penso que viriamos ao conhecimento que não falta aqui nada, não só para o prazer, mas para nos manter são, e fazer recuperar a saude perdida. ”

E mais adiante acrescenta:

“ O paiz não produz metal algum senão ouro, do qual ha grandissima abundancia, bem que nesta primeira viagem não tivessemos trazido nenhum; mas certificaram-nos indubitavelmente disto todos os naturaes, que affirmavam, ser o terreno muito abundante delle, e muitas vezes ouvi, que entre elles tinha muito pouca estimação ou quasi nenhum valor. Tem tambem muitas perolas e pedras preciosas, o que tudo se eu quizesse contar com mais individuação, esta historia se tornaria extremamente volumosa. ”

1503

Abril 6—Larga de Lisboa para a India uma frota commandada por Affonso de Albuquerque, a qual costeou o Brazil, reconheceu a *Ilha da Trindade* descoberta por João da Nova dous annos antes, em 1501, e esteve refrescando em um ponto da costa, aonde havia muita cannafistula, do qual, porém não deu o nome, provavelmente porque ainda o não tinha, e aonde chegara a 28 do mez seguinte, Maio, segundo diz o Dr. Teixeira de Mello.

Junho 10—Parte de Lisboa uma expedição composta de seis caravellas, sob o commando de Gonçalo Coelho, como affirma Damião de Góes. (35) e não de Christovão Jacques, como por muito tempo se acreditou e erradamente se escreveu, com o fim de ir ter ás plagas orientaes d'Azia seguindo pelo extremo meridional do

novo continente descoberto, que se julgava terminar no *Cabo de Santa Maria*, e não para de novo explorar o Brazil conforme tambem erradamente se escreveu.

Em presença das informações desfavoráveis dadas pelos exploradores da expedição, de 1501, sobre o merecimento do paiz, o governo portuguez não pensou mais em tal, e se limitou em abandonal-o a mercê dos especuladores, que, á porfia começaram a visital-o, em busca dos fructos da terra, principalmente do páo-brazil, que lhes dava grandes lucros.

Nesta expedição, que por circumstancias especiaes não passou das costas do nosso paiz, embarcou ainda Americo Vespuccio, que vem assim pela segunda vez ao Brazil, mas desta feita como commandante de um dos navios da frota.

Ainda é elle quem nos dá conta desta nova expedição.

“ Tendo partido de Lisboa fomos direito ao *Cabo Verde*, e ali estivemos treze dias, continuando depois a navegar no rumo de Sudoeste.

“ O commandante, homem presumptuoso e exquisito, resolveu sem necessidade e contra a opinião dos outros capitães, de se dirigir para *Serra Leôa*, na Ethiopia meridional, para reconhecer esta costa. A estação não sendo então favoravel, para andar nestas paragens, e soffrendo a frota um temporal, foi obrigada a tomar ao verdadeiro ponto da viagem. Tomamos de novo o caminho para Sudoeste, e depois de uma navegação de tresentas leguas, descobrio elle, cerca de seis grãos de Latitude Sul, e no meio do Oceano, uma ilha deserta, não tendo menos de duas leguas de comprida sobre uma de largura, e sobre os arrecifes do qual a não capitania, do porte de 300 toneladas bateu e se espedaçou. ”

Este facto succedeu no dia 10 de Agosto deste mesmo anno de 1503 (veja-se essa data) e a ilha não podia ser outra se não aqui depois se chamou Fernando de Noronha, nome que ainda conserva.

(35) *Chr. de D. Manoel* Part. 1 Cap. LXV.

1503 Jun: Agos:

24—Larga do porto de *Honfleur* na França o navio *L'Espoir* commandado pelo capitão Binot Palmier de Gonneville, com destino ás *Indias Occidentaes*, o qual veio ter ao Sul do nosso paiz, atirado pelas tempestades e correntes d'agua.

A tripolação do *L'Espoir* compunha-se de sessenta homens entra os quaes dous portuguezes, engajados como pilotos, Bastião de Moura e Diogo Couto.

E' esta a primeira viagem ou melhor dito estadia authenticada de um navio francez nas plagas brazileiras; mas não ha duvida que antes d'elle vieram outros muitos e bem prova isto o seguinte trecho escripto pelo mesmo capitão Gonneville na relação da sua viagem; disse elle:

“Passado o tropico de Capicornio tomamos altura, e achamos que estavamos mais longe d'Africa que do paiz das *Indias Occidentaes* aonde desde ALGUNS ANNOS a esta parte os Dieppenses, os Maluinos e outros Normandos vão buscar a madeira que dá tinta vermelha, algodão macacos, papagaios, e outros artigos.”

Paulo Gaffarel nos diz que estas viagens, que qualifica de clandestinas, foram numerosas e muito regulares e já se faziam mesmo antes de Pedro Alvares Cabral ter avistado o paiz e tomado posse d'elle para a corôa de Portugal, tendo ficado desconhecidas, não só pelo temor, que tinham aquelles que as emprehendam, de serem tratados como piratas e perseguidos como excommungados, por transgredirem o disposto pelo Papa Alexandre VI na Bulla de 4 de Maio de 1493, como tambem por que o segredo dellas estava no interesse proprio, afim de que outros não se tentassem a ir buscar os generos que lhes deixavam lucro immenso, e eram adqueridos por bngingangas de nenhum valor.

“Assim procediam os nossos compatriotas, escreveu elle: deixavam mysteriosamente a França, depois de haver confiado a um amigo intimo o segredo da empreza, evitavam com muito cuidado todo o encontro desagradavel no Oceano, e desembarcavam occultamente em qualquer enseada desconhecida ou mesmo em

qualquer ilha proxima da terra, onde estabeleciam o seu escriptorio de trocas, levantando um ligeiro entrincheiramento, com tantas precauções como faziam os Phenicios e os Carthaginezes, quando luctavam contra a concurrencia grega ou romana e assim abordavam as terras, cuja aproximação lhes era interdicta pelos seus rivaes.”

Agosto 10—Perde-se a não capitanea da frota de Gonçalo Coelho, num parcel proximo a uma ilha desconhecida, a qual, pelo rumo que levava a mesma frota, e altura em que se achava, não pode, ter sido outra senão a *Ilha de Fernando de Noronha* como já dissemos.

O naufragio teve lugar durante a noite e n'uma distancia de leguas, sendo tão desastroso que nada se pode salvar, passando a gente apenas com a roupa do corpo para as outras embarcações.

Em consequencia deste sinistro mandou Gonçalo Coelho que Americo Vespuccio fosse explorar a ilha, afim de ver se tinha um porto de abrigo, ordem que elle partio a cumprir ficando os outros navios no lugar em que se dera o naufragio á espera da sua volta.

Descobriu elle na ilha um ancoradouro commodo, mas em vez de voltar a dar parte, ficou lá á espera dos outros navios, ou de má fé, a fim de estar fóra das vistas de Gonçalo Coelho, com quem, parece, pelo que escreveu, se achava enrixado, e aproveitar a occasião para separar-se d'elle, ou porque realmente acreditava que os outros navios iriam ter ali, o que não é muito provavel.

Ouçamos o que elle diz fallando do succedido:

“Era a não capitania que se perdera, de tresentes toneladas, nella iam todos os mantimentos d'armada; e trabalhando todos por lhe achar algum remedio, o capitão-mór me mandou com a minha não áquella ilha, em procura de algum surgidouro, onde podessemos ancorar todos os navios, e porque o meu batel. tripulado por nove dos meus marinheiros, estava em

1503 Agos:

serviço da não alagada, fui obrigado a partir sem elle, dizendo-se-me depois m'o levariam. Separei-me, pois, do resto da armada sem o batel, e com metade só da minha tripulação, e assim fui em demanda da ilha, que então me ficava na distancia de quasi quatro leguas, achei nella um bellissimo porto, onde seguramente podiam ancorar todas as náos.

“ Esperei aqui oito dias, sem que me apparecesse ninguem, de sorte pue já estávamos pouco contentes e os homens, que ficaram commigo com tanto susto, que os não podia por modo algum consolar. Estando assim, vimos ao oitavo dia vir uma não pelo mar fóra; e com o receio de que nos não visse, fizemo-nos á vela e fomos direitos a ella etc., etc. ”

Logo que estive a falla desta embarcação soube da perda total da capitanea e que Gonçalo Coelho, cansado certamente de esperar, tenha seguido o seu destino, e destacara aquelle navio a ver se o via, o que elle não diz, mas é muito de crer, pois sem esta ordem não se teria a mencionada embarcação se separado das outras.

Nas instrucções recebidas em Lisboa era a Bahia de Todos os Santos o ponto de junção designado em caso de desgarramento, e para alli devia dirigir-se immediatamente Americo Vespucio, como era do seu dever; mas não o fez tornando para o ancoradouro do ilha, com a não que tinha ido a sua procura e que aggregou ao seu navio.

Passou mais alguns dias neste lugar sob o pretexto de prover de lenha e agua a sua e a outra embarcação.

“ Esta ilha, diz elle, é desabitada. tem muitas aguas doces e correntes (36) infinitas arvores, e innumeraveis aves maritimas e terrestres, tão simples que se deixam apanhar á mão, e assim caçamos tantas, que carregamos um batel dellas;

(36) E' inexacto: na *Ilha de Fernando de Noronha* não ha rios, nem mesmo lagos: a agua que se ali bebi é a das chuvas, que se recolhem em cisternas e açudes.

não vimos outro animal senão ratos muito grandes, lagartos com *duas caudas* e algumas serpentes. ”

“ Feita a nossa provisão, partimos para o Sul quarta a Sudoeste, porque tínhamos de regimento real que se alguma das náos se perdesse d'armada ou da capitanea, endireitasse o rumo para a terra que na viagem passada descobrimos, em um porto a que puzemos o nome de *Bahia de Todos os Santos*: e prouve Deus dar-nos tão bom tempo, que em desesete dias tomamos terra, ainda que estivessemos distante de tal ilha boas tresentas leguas. ”

“ Não achando aqui o nosso Capitão-mór, nem nenhuma outra não d'armada, esperamos dois mezes e quatro dias; e vendo que não vinha noticia alguma deliberamos andar juntos e correr a costa; e navegamos mais para diante duzentas e sessenta leguas, até que chegamos a um porto onde determinamos fazer uma fortaleza, como com effeito fizemos, deixando nella vinte e quatro christãos, que vinham em a outra não, dos que tinham naufragado na capitanea. ” (37)

“ Estivemos neste porto cinco mezes, fazendo a fortaleza e carregando páo-brasil.

“ Feito isto, conviemos em voltar para Portugal, que nos ficava pelo nor-nordeste, e assim deixando os vinte quatro homens em terra, com mantimentos para seis mezes, doze bombardas e muitas outras armas, pacificada toda a gente do paiz, do qual não faço menção nesta viagem, não por que não vissemos e praticassemos com infinita, pois fui pela terra dentro,

(37) “ Este porto, diz o Visconde de Porto Seguro, foi o de *Cabo Frio*, segundo se deduz da sua longitude de Lisboa, e se confirma pelo *Isolario de Santa Cruz* manuscripto da *Imperial Bibliotheca de Vienna*. ”

O Senador Candido Mendes diz que esta hypothese é insustentavel.

Na sua opinião foi a *Caravellas*, aonde fora ter Americo Vespucio e na foz do rio *Santa Luzia* aonde elle edificou a fortaleza e acrescenta:

“ O nome portuguez de *Caravellas* dado áquelle ponto da costa desde o principio do seculo decimo sexto; parece indicar a circumstancia da estada ali das *caravellas* com que lá fora ter o navegador florentino. ”

acompanhado de trinta homens. algumas quarenta legoas, (38) aonde vi muitas cousas que deixo de contar. etc, etc. ”

“ Está esta terra além da equinocial 23° e trinta e sete minutos mais ao occidente do que Lisbôa, segundo mostraram os nossos instrumentos. ”

Neste anno vieram de Portugal dous frades franciscanos, para a pequena colonia, que já existia no *Porto da Santa Cruz*, aliás o verdadeiro *Porto Seguro*, e da qual nos dá noticia Gabriel Soares sem dizer quando e nem como fôra fundada e apenas que seu despovoou: elle escrevia em 1587.

Creemos ter sido formada pelos primeiros aventureiros, que vieram logo explorar o paiz, após a divulgação do seu achado, e se derigiram de preferencia ao mencionado lugar, que fôra onde estivera a frota de Pedro Alvares Cabral, não só por que era então o unico porto conhecido, como pela notoria mansidão dos seus habitantes, os *Tupiniquins*, como tambem pela certeza de irem encontrar lá os dous degradados deixados por Cabral, e os dous grumetes desertados da sua armada os quaes lhes serveriam de interpretes para o seu negocio.

Esta povoação, foi sem contradição, a primeira que se formou no Brasil, e o nome de *Santa Cruz* que lhe deram, e depois se estendeu ao ancoradouro, supprimindo o de *Porto Seguro*, foi provavelmente em virtude de assim chamarem então o paiz, ou talvez por terem encontrado ali a grande cruz collocada por ordem de Pedro Alvares Cabral como signal da posse da terra, que tomara para a corôa de Portugal, como já narrámos, (veja-se a data de 1 de Maio de 1500). Não achamos outro modo de explicar a existencia desse nucleo colonial em tal epocha, e de cuja fundação nenhum historiador trata.

(38) Parcece-nos exagerado este numero,

Sabe-se, por tradição, que este porto se tornou desde logo muito frequentado, especialmente pelas náos da India, que ali iam refrescar.

Com relação aos dous frades dá noticia a *Chronica da Provincia d'Arrabida* escripta por Fr. Antonio da Piedade, Parte 1ª Livro 3º Capitulo 40, Numero 603 onde se lê:

“ No anno de 1503 mandou a Provincia de Portugal a dous filhos seus de quem ignoramos os nomes, posto que foi grande o que deixaram, os quaes, como o seu destino era de salvar as almas, apenas desembarcaram em *Porto Seguro*, sem admittir allivio aos trabalhos da jornada, fabricaram logo um templo, e junto a elle duas apertadas casinhas para o seu recolhimento. Era copioso o fructo que fazião, cathequisando uns e baptizando outros d'aquelles gentios. Via o demonio defraudado o seu imperio, pela cruel guerra, que lhes faziam estes dous soldados da milicia de Christo, e tratou de o recuperar com todo o empenho, dando-lhes o arbitrio, para não se malograr o intento. ”

“ Ordenaram uma grande feira, com sitio accommodado para a vingança, que querião tomar dos Portuguezes, pelo odio que já lhes tinham. Ignorantes estes da traição e cilada, que lhes estava armada, acudiram com suas fazendas para o commercio, e quando mais descuidados, se viram accommettidos do Gentio, que estava emboscado, e era em tanta quantidade, que não podendo resistir á violencia das feras renderam a vida. ”

“ Com este triumpho vieram procurar aos religiosos, que acharam postos de joelhos na Igreja offerecendo a Deus já a vida pelo seu amor, e com uns malhos de páu lhes quebraram a cabeça, e os mataram, e para que a sua inhumanidade mais se cevasse, depois de mortos os despedaçaram, assaram e comeram. Para que a ruina dos catholicos fosse total, usaram de outra industria tambem diabolica, e foi que dous destes *Tapuyas* como os mais barbaros entre todos, vestiram os habitos dos

1503

dous religiosos, e foram passear a lugar onde enganados, os fossem buscar, para assim, como todos desfarsados em pelles de ovelhas, devorarem o pequeno rebanho de Christo. Assim, succedeu a alguns, mas sendo, descoberto o engano os accommeteram e mataram.”

“ Passados alguns annos aportaram á Capitania do Porto Seguro dous religiosos da mesma ordem e italianos, que reedificaram o Templo fabricado por aquelles outros, e o dedicaram ao Padre S. Francisco, e tambem repararam as antigas casinhas. Depois embrenharam-se pelo sertão para ensinar aos Genticos o caminho da salvação de suas almas, e querendo atravessar um rio e vadeal-o, afogou-se o mais velho delles, e o outro foi contar o caso aos Portuguezes, que vindo ver encontraram na maré vasia o veneravel cadaver posto de joelhos com as mãos levantadas, e etc etc. Chama-se o rio, acrescenta o Chronista, rio do Frade.”

A parte o fantasiado da narrativa, não ha duvida que o facto é verdadeiro: quanto aos frades portuguezes, quanto aos italianos, porém, parece duvidoso.

A importante obra, *Historia delle Missioni dei Capucini*, escripta pelo Rev: Roco de Cesinali, e na qual vem mencionada a entrada daquelles padres no Brazil, e o que aqui fizeram nos primeiros tempos, não falla de tal caso, isto sem duvida por que o seu auctor não encontrou delle noticia nos archivos da sua ordem, onde, nos parece, não deixaria de estar mencionado se elle se houvesse dado com os primeiros confrades seus, que para o Brazil vieram; entretanto bem pode ser que haja succedido.

O Padre Jaboação que, *mutatis mutandis*, narrou o mesmo acontecimento, com certeza extrahido das *Chronicas da Ordem* diz que ellas referem ter o mortecinio succedido em 19 de Junho de 1505, e dellas o tirou o *Agiologio Insitano* neste dia, e o Padre Telles nas *Chronicas da Companhia* no lugar citado,

O Padre José d'Anchieta, tratando, na *Annua de 1584*, dos religiosos que antes

e depois da Companhia de Jesus vieram ao Brazil, refere tambem estes dous casos; mas os confunde, isto é, attribue ambos como succedidos com os franciscanos portuguezes, cujo numero augmenta, e conta o successo de modo differente, como se vai ver.

Diz elle :

“ Os primeiros religiosos que vieram ao Brazil foram da ordem da S. Francisco os quaes aportaram a *Porto Seguro* não muito depois da povoação daquella capitania, e fizeram sua habitação com zelo da conversão do gentio, e ainda que não sabião, sua lingua, de um delles se diz que lhes lia o Evangelho, e, como lhe dissessem os portuguezes que para que lh'o lia pois o não entendião, respondeu: *Palavra de Deus é ella, tem virtude para orbrar nelles*. Um delles na passagem de um rio se affogou, donde lhe ficou o nome de *Rio do Frade*: todos os mais mataram os indios, levantando-se contra os portuguezes. E depois, não sabendo o que passava, veio ter ahi uma náu, e os indios vestidos nos habitos, com os breviarios nas mãos, passeavam pela praia, como os religiosos só iam fazer, para com isto fazer cilada aos do mar e matal-os, mas quiz Deus que entenderam a falsidade, e escaparam.”

Tambem o Padre Manoel de Nobrega, na carta que escreveu de *Porto Seguro* em 6 de Janeiro de 1550 ao Padre Simão Rodrigues em Portugal e narra o segundo facto sómente cuja tradição provavelmente recolheria, e fal-o da seguinte forma :

“ Chegaram aqui dous Padres de Santo Antonio, os quaes estiveram alguns mezes neste Porto Seguro e deixaram de si muito bom exemplo e grande nome, pelas suas virtudes, e eram italianos; mas querendo passar para além para os gentios, desejosos de soffrerem pela Fé, a umas dez milhas d'aqui, um delles se affogou em um rio (que eu já atravessei com muito pouco perigo) e por isso voltou o outro a procurar um companheiro. etc, etc.”

Apezar destes testemunhos, o Visconde de Porto Seguro não crê que os Arrabi-

1503—1504 Jan:

dos estivessem em 1503 em Porto Seguro ; a razão não dá, e pensa, que os dous frades sacrificados, dos quaes falla Fr. Antonio, o foram no Arraial feito por Gonçalo Coelho no bahia do Rio de Janeiro junto ao riacho *Carioca*, arraial, cuja existencia problematica é contestada, (veja-se nota a data de 18 de Junho do anno seguinte, 1504) fazendo crer assim que elles vieram na expedição por aquelle commandada.

Capistrano de Abreu pensa tambem, conforme escreveu na ultima nota feita ás informações do Padre José de Anchieta, que publicou recentemente annotadas por si, que taes frades não estiveram em *Porto Seguro* naquella epocha e pelos seguintes motivos diz elle: “ Desde que os frades eram Arrabidos. como affirmão os chronicistas, é natural que se ligasse o nome delles a qualquer parte da terra principalmente então que quasi toda estava por nomear.

“ Ora, em mappas antigos apparece o nome de *Santa Maria de Arrabida* um pouco ao norte do Cabo de Santo Agostinho. Por tanto é ahi que se deve localizar seu primitivo estabelecimento.

“ A que localidade corresponde actualmente este nome, não é facil dizer ; mas parece-me que é a bahia da Traição. No *Esmeraldo de situ orbis*, importante codice da Bibliotheca Eboresense, escripto por Duarte Pacheco em 1506, e infelizmente ainda inedito, ha algumas latitudes do Brazil etc. Ali lê-se: *Santa Maria d'Arrabida* 5°. Ora se compararmos esta latitude com a da *Bahia da Traição*, não como a trazem as cartas actuaes, depois de tantas determinações astronomicas, mas como os documentos contemporaneos, encontramos na doação de Pero Lopes que a Bahia da Traição é arrunada em 6° isto em 1534, depois de muitas explorações entre as quaes a de Diogo Leite em 1531. A posição é pois muito proxima entre os dous pontos.

“ Acresce ainda que o nome da *Bahia da Traição* é muito antigo tanto que já em 1534 era escolhido para limite de duas capitánias ; e sendo admittido como veridico

o desfarce de que usaram os indios, está perfectamente explicado o motivo da designação ominosa do lugar. O pouco que a este respeito sabemos, que vem no tratado de Gabriel Soares, em vez de estar em desaccordo com o facto, pelo contrario combina perfectamente com elle.

“ Chama-se bahia, diz elle a pag. 27 do seu *tratado*, pelo gentio Pitignar, de *Acajutibiró* e os Portuguezes da Traição, por com ella matarem uns poucos de Castelhanos e Portuguezes que nesta costa se perderam.”

“ Contra a identificação entre *Santa Maria d'Arrabida* e *Bahia da Traição* pode allegar-se que Cardozo no *Agiologio Lusitano*, Piedade e Jaboatão e outros dizem que os frades de 1503 foram mandados a *Porto Seguro*. Este argumento perde, porém, a força se nos lembrarmos, que nos primitivos tempos era usual designar toda uma terra apenas por uma localidade mais conhecida como succedeu, por exemplo no Amazonas, onde a expressão *Cabo do Norte* significava toda a *Guyanna Brasileira* e *Porto Seguro*, portanto, quer dizer o mesmo que Brazil.”

Quanto ao caso do afogamento do capuchinho italiano de que tambem fallão as chronicas, deu-se elle em 1515, se foi verdadeiro. Veja-se facto sem data desse anno.

1504

Janeiro 6—Ancora dentro de um rio magestoso na costa sul do Brazil, casualmente avistada na vespera e neste dia abordada, o navio francez *L'Espoir* capitão Binot Paulmier de Gonneville, que tinha sahido de Honfleur na França a 24 de Junho do anno anterior, 1503, (veja-se essa data) em viagem de aventuras e descobertas ás *Indias Occidentaes* e que atirado por ventos contrarios e tempestades viera ter ao nosso paiz.

Nunca se poudo saber em que lugar fôra que aportara, apesar das diligencias para isto empregadas em diversas expedições, já enviadas por particulares, já pelo

1504 Jan:

proprio governo francez, que em 1771 mandou o capitão de fragata Kerguelin de Tremarec, que não foi mais feliz que os seus predecessores.

D'Avezac pensa que foi na embocadura do Rio S. Francisco do Sul em Santa Catharina, habitado pelos indigenas *Carijós*, a melhor nação do Brazil, conforme disse o Padre Simão de Vasconcellos.

Veja-se sobre este facto *Relation Authentique du voyage du Capitain Gonnerille por M. d'Avezac*.

16—Carta Regia de D. Manoel prometendo ao cavalleiro da sua casa Fernão de Loronha, fazer-lhe doação, quando tivesse de ser povoada, da *Ilha de S. João* que o mesmo achara cincoenta leguas ao mar da *Terra da Vera Cruz*.

Esta ilha não pode ser outra senão a que veio chamar-se de *Fernando de Noronha*, nome que tomou naturalmente do seu primeiro donatario e ainda hoje conserva.

Não ha noticia alguma de como elle a descobrira, e della, só pela narração de Americo Vespucio, se ouve fallar pela primeira vez, no anno anterior, 1503, como já mencionamos, em 10 de Agosto, por occasião do naufragio da capitanea da frota de Gonçalo Coelho. Veja-se essa data.

Pensa o Visconde de Porto Seguro que fôra ella descoberta pelo S. João do dito anno anterior, 1503, pelo individuo que a recebeu em doação e era algum dos especuladores, que depois do resultado da primeira expedição, entraram a vir ao Brazil em procura do novo páo de tinturaria.

Apesar de dizer a carta regia desta data, que a doação só teria lugar quando a ilha tivesse de ser povoada, oito dias depois, a 24, era a mesma doação realisada e a ilha não se povoou.

24—Carta Regia de D. Manoel passada em Lisboa fazendo doação da *Ilha de S. João* (hoje *Fernando de Noronha*) ao cavalleiro da sua real casa, Fernão de Loronha que a tinha descoberto.

E' do theor seguinte:

“ Dom Manoel por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem, mar em Africa, Senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que havendo nós respeito aos serviços que Fernão de Loronha, cavalleiro da nossa casa, nos tem feito e esperamos ao adiante delle receber e querendo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e lhe fazemos doação e mercê daqui para adiante, em todos os dias da sua vida e de um seu filho varão legitimo mais velho, que delle ficar ao tempo de seu fallecimento, da nossa *Ilha de S. João*, que elle agora novamente achou e descobrio cincoenta leguas ao mar da nossa *Terra da Santa Cruz*, que lhe temos arrendada, a qual ilha lhe damos assim para nella lançar gado e a romper, aproveitar segundo mais lhe aprouver, com tal entendimento e declaração que de todo o proveito que da dita houver, assim agora como adiante, por qualquer modo e maneira, que seja, tirando especiaría, drogaria e cousas de tinta que para nós reservamos, e de tudo o mais nos dará e pagará e assim o dito seu filho, o quarto e dizimo sómente sem mais outro nenhum direito. E porem mandamos aos veadores da nossa fazenda, officiaes da nossa casa de Guiné e India que agora são e ao adiante forem, e a quaesquer outros nossos officiaes e juizes e justíças a que esta nossa carta fôr mostrada e o conhecimento della pertencer, que inteiramente lhe a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar, sem que nisso em tempo algum que seja a elle Fernão de Loronha nem ao dito seu filho em suas vidas ser a elle posto duvida nem outro embargo algum, porque assim é nossa mercê e para garantia delle lhe mandamos dar esta por nós assignada e sellada do nosso sello pendente. Dada em a nossa Cidade de Lisboa a vinte e quatro dias de Janeiro. Francisco de Mattos a fez, anno de mil quinhentos e quatro.—Rey.”

Ravela este documento official um facto que julgamos não deve passar des-

1503 Jan: Abr:

apercebido, com tem passado, e vem a ser que após a exploração feita pela frota de 1501, o Rei D. Manoel *arrendou* a terra descoberta e reconhecida ao mencionado Fernão de Loronha, como se deduz das seguintes palavras suas: QUE LHE TEMOS ARRENDADA insertas na carta doativa referindo-se ao Brazil.

Esta doação foi a primeira que os Reis Fidelissimos fizeram nesta parte da America, que depois se chamou Brazil; a cujo dominio sempre pertenceu, e ainda hoje pertence a dita *Ilha de Fernando*.

Abril 2—Com rumo direito para Lisboa, largam do porto de *Cabo Frio* (segundo o Visconde de Porto Seguro) ou do porto de *Caravellas* (segundo o Senador Candido Mendes) as duas náos que Americo Vespucio tinha sob seu commando, depois que se separou da frota de Gonçalo Coelho, e conduzira a um daquelles portos, onde se demorou cinco mezes; construiu uma fortificação, que deixou guarnecida com 24 homens, e carregou de páo-brazil as duas embarcações, conforme escrevera. Veja-se a data de 10 de Agosto do anno anterior 1503, parte final.

7—O capitão Binot Paulmier, do navio francez *L'Espoir*, que havia tres mezes se achava abrigado em um ponto ao sul da costa do nosso paiz, reparando a sua embarcação, determinou erigir no lugar uma grande cruz de madeira, como testemunho da posse que tomava do paiz para o seu governo, e preparado o lenho o faz levantar neste dia, que era domingo de Paschoa.

“Sobre a face da cruz, diz d’Avezac, gravaram o nome do Papa Alexandre VI, sem duvida porque o haviam deixado ao partir de França, no anno anterior, sobre o throno pontifical, e do qual ignoravam a morte e substituição ulterior por Pio III tambem já então substituido por Julio II; e em seguida o nome do rei (Luiz XII); o do almirante de França, (Luiz Malet de Graville) e depois a lista de toda a gente existente a bordo daquelle

navio, desde o capitão ao ultimo dos marinheiros.”

“A esta inscripção official, acrescentou no lado opposto Nicolle Le Febure, que fazia parte dos exploradores, um distico latino de sua composição contendo a data do anno, sob a forma de chronogramma e assim concebido:

HIC SACRA PALMARIVS POSVIT
(GONIVILLA BINOTVS
GREX SOCIVS PARTER NEVSTRAQVE
PROGENIES

“A traducção é a seguinte: *Este monumento foi aqui consagrado por Binot Paulmier de Genneville, em companhia tanto da população indigena como da de origem normanda.*

“Resulta da conta feita nos dous versos um M, tres C, tres L, sete V, um X e nove I, o que equivale a

$$1000 + 300 + 150 + 35 + 19 = 1504$$

Sommando

1	0	0	0
3	0	0	
1	5	0	
3	5		
1	9		
1	5	0	4

“Esta cruz foi levantada sobre uma colina á vista do mar: com bonita e devota cerimonia: tocando tambores e cornetas; em dia expressamente escolhido, o da Paschoa, como já dissemos, sendo conduzida pelo capitão, e principaes do navio descalsos e ajudados pelo indigena Arosca, chefe da tribu *Carijós*, e seus filhos, a quem os francezes convidaram para os honrar, e do que elles se mostraram extremamente contentes.

“Marchava atraz do cortejo toda a equipagem armada, cantando todos a ladainha, e após uma multidão de indigenas de ambos os sexos e de todas as idades.

1504 Abr: Jun:

Plantada a cruz deram-se *descarga de fusilaria* (39) e salvas de artilharia.

“Repartiram-se presentes pelos indigenas dando-se os mais importantes aos principaes, e a todos se fez comprehender por signaes, a receberem a dadiva, que deviam sempre honrar aquella cruz para receberem maiores presentes e recompensas de Deus.”

Junho 18—Chegam a Lisboa com setenta e um dias de viagem, as duas náos que se tinham separado da frota de Gonçalo Coelho, e andaram navegando na costa do Brazil sob a direcção de Americo Vesputio: *e aqui, diz elle, fomos muito festejados por todos nos reputarem perdidos.*

Quanto ao resto da frota, eis, segundo o Visconde de Porto Seguro, o que se sabe em grande parte por conjecturas,

Gonçalo Coelho, vendo que Americo Vesputio não voltava da exploração, que por sua ordem fôra fazer a ilha desconhecida (*Fernando de Noronha*) na vizinhança da qual naufragara a sua capitanea, tomou a deliberação de seguir para a *Bahia de Todos os Santos*, ponto de junção em caso de desgarramento, como já dissemos, com os outros navios, tendo expedido um delles em busca do navegador florentino, o qual, como vimos, se deixara ficar propositalmente com o seu ancorado naquella ilha, dando assim tempo a que o seu chefe, de quem se queria separar, aborrecido de esperal-o, e não podendo continuar a permanecer longo tempo na paragem em que se achava, se fosse no rumo das suas instrucções.

Tendo chegado á Bahia, e depois, provavelmente, de esperar aqui algum tempo pelo navio de Americo Vesputio e pelo outro que mandara em sua procura, cujo capitão preferio ficar na companhia de Americo Vesputio, a ir ter com elle,

(39) Isto nos diz o grave geographo francez Mr. d'Avezac, porem não existindo ainda nessa epocha o arcabuz ou esingarda, não podemos comprehender como a tripolação do *L'Espoir de Honfleur* podesse ter dado descarga de fuzilaria.

Bem diz o ditado: cá e lá más fadas ha.

resolveu-se a seguir para o sul em cumprimento da sua missão, indo até o Rio da Prata, não passando adiante por circumstancias ignoradas, e regressando para o Rio de Janeiro, onde, segundo o mesmo Visconde de Porto Seguro, permaneceu por muito tempo, a ponto de darem as cartas geographicas coevas a este lugar o nome de *Coelho detentio*. (40)

Pensa ainda o illustre historiador que Coelho fundara ali um arraial junto do riacho que dahi tomou o nome de *Carioca*, que quer dizer *casa do branco* na lingua indigena.

E acrescenta:

“Cremos tambem que a demora de Gonçalo Coelho nestas plagas seria de dous a tres annos, que foi ou mandou explorar a costa do sul até a *Bahia de S. Mathias*; que regressara ou regressaram os exploradores, sem persistir mais em busca da passagem, com que contavam para seguir por esse lado, até Malaca.”

Gonçalo Coelho voltou do Brazil, em 1506 e até dizem que escrevera um livro sobre a terra que visitara, mas da qual não ha noticia.

Foi depois escrivão da fazenda dos contos (thesouraria) da cidade de Lisboa.

Acredita-se que referem-se a elle e a sua viagem uma narração que nesse tempo appareceu com muitas noticias das paragens que elle percorreria sob o titulo—*Zeitung aus Presillig Landt*, relatando a chegada a Lisboa de uma não ida do Brazil, a qual se suppõe pertencia a frota de Gonçalo Coelho. Lê-se nessa narrativa:

(40) Com relação a esta asserção escreveu Capistrano de Abreu n'uma das suas notas, a de n. 35, feitas na *Historia do Brazil* de Frei Vicente de Salvador o seguinte:

“E' verdade que Porto Seguro (*Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin*, pag. II) por suggestões de J. C. da Silva, interpretou *G.º Coelho detentio*, um legenda indicifavel, que se encontra nas cartas contemporaneas, e concluiu que elle fundara feitoria no Rio de Janeiro; mas segundo Wieser, é pouco segura paleographicamente esta interpretação.”

1504 Jun: Jul:

“ Tendo chegado a altura de quarenta grãos, viram como o Brazil concluia por um cabo, que se prolonga pelo mar, como no meiodia da Europa; se dirigia de leste a oeste. E' como ao se passar o estreito de Gibraltar, se proseguisse pela costa da Barberia. Quando teriam andado umas sessenta leguas além do cabo, acharam-se com terra firme do outro lado, e tiveram que dirigir-se para o noroeste; mas veio-lhes tal tormenta, que não poderam continuar.”

“ Obrigados. pelos ventos, tiveram que regressar para o Brazil (Pressil). O piloto, que dirigia este barco, meu intimo amigo, é o mais celebre de quantos pilotos tem el-rei de Portugal. Tem feito varias viagens a India; e me assegurou que, segundo o seu calculo, não pode haver mas de seiscentas leguas de distancia, desde o dito cabo do Brazil, que se deve considerar o principio deste paiz, até Malaca. Diz tambem que, dentro em pouco, no commercio da especiaria, o rei de Portugal ganhará muito em aproveitar-se dessa nova derrota para a navegação entre Lisboa e Malaca, terra esta para a qual, segundo elle, a costa do Brazil se ia affeiçoando. ”

“ Regressando ao Brazil os nossos viajantes descobriram bellissimos rios e portos de facil entrada, e um paiz tanto mais povoado quanto mais se aproxima do cabo. Os habitantes são de boa indole, sem leis nem reis: e só obedecem aos mais anciões. Teem sempre guerras, mas não se devoram uns aos outros, como no Brazil: matam, porem, os prisioneiros sem remissão. A sua lingua differe da do Brazil inferior. Notam-se nesta gente reminencias de S. Thomé, e os moradores pretenderam mostraraos portuguezes, pela terra a dentro, as suas pegadas. ”

“ Os naturaes carecem de ferro, e dão, como no Brazil, por um machado quanto possuem. Tambem tereis satisfação em saber que os viajantes annuncião haver obtido na embocadura do rio (41) que fica

na distancia de duzentas legoas, aquem do cabo para Europa, noticia da existencia pelos sertões de muita prata. ouro e cobre, Asseguram até que o capitão de outro navio trouxera ao rei de Portugal um machado de prata. Os naturaes os tem de pedra

“ Trazem tambem um metal da cor do latão, que não se oxida; ignora-se que metal seja, quiça ouro de baixa classe. Ouviram fallar de um povo das serras, rico de armaduras feitas de chapas de ouro, muito delgadas, que os combatentes levão no peito e na testa. O capitão traz consigo um morador do paiz, o qual quiz absolutamente ver o rei de Portugal, e dizer-lhe como se offerece a trazer-lhe tanto ouro e prata que apenas o poderão carregar seis navios. ”

“ Os moradores da costa disseram que, de quando em quando, ali chegam outros navios, cujas tripulações se vestiam como os nossos, e tinham quasi todos as barbas ruivas. Os portuguezes crêem por estes signaes serem francezes. ”

Julho 3—O navio francez *L'Espoir* do porto de Honfleur e commandado pelo capitão Binot Paulmier de Gouneville que havia seis mezes menos tres dias se achava abrigado em um porto ao sul da nossa costa, aonde consualmente fora atirado, como dissemos á 6 de Janeiro deste mesmo anno de 1504, (veja-se essa data) por máu tempo e ventos contrarios, já estando reparado convenientemente, e abastecido de provisões, faz-se a vela neste dia em viagem de retorno para o seu paiz, levando a seu bordo um jovem indigena chamado Essomeric, rapaz de 15 annos de idade, é filho de Arosca chefe da tribu *Carijós* occupadora do lugar. Seu pai deu-lhe para companheiro da viagem um outro indigena de cerca de 40 annos, chamado Namoa. Os francezes, que haviam captado a confiança e amisade dos naturaes durante a sua longa estada ali, graças ao bom comportamento tido para com estes, propozeram levar consigo um dos filhos do *tuchau* que tinha seis, de 15 a 30

(41) indubitavelmente o Rio da Prata, o que serve a confirmar a estada na Bahía de S. Mathias.

1504 Jul: Setem: Out:

annos, promettendo tornar com elle na primeira e proxima viagem, que, disseram, deveria ter lugar dentro de vinte mezes o mais tardar, proposta que foi aceita.

16—Chega a Lisbôa, de volta de uma viagem ao Brazil, a náu de Ruy Mendes, que se ignora quem seja. Provavelmente algum armador, que aproveitando a permissão regia de traficar aqui, mandara ou viera como outros, em busca de páu-Brazil e mais generos do paiz.

“Tambem entrou com ella, da mesma procedencia, diz o Visconde de Porto Seguro, uma náu da qual era capitão Antonio do Campo e pertencia á frota de Vasco da Gama, com que, pela segunda vez, fôra a India, e no regresso para Lisbôa tocara em Porto Seguro, deixando a mencionada náu de acompanhar a frota do almirante quando d’ali partiu, “porque o capitão havia mandado por muitos papagaios e aves differençadas d’ahi sessenta legoas, (42) dous homens que ali acharam”

Seriam talvez, os dous degradados que Pedro Alvares Cabral lá deixara ou os dous grumetes que da sua armada desertaram.

“Temos esta noticia, acrescenta o Visconde de Porto Seguro, por uma carta que deve haver sido escripta no mar, entre os Açores e Lisbôa, pelo feitor do navio, Francisco de Carvalhaes, com o fim de accusar o capitão. Pela carta se vê que no navio era escrivão d’el-rei Francisco Mendes. Vimos este interessante documento na Torre do Tombo, armario 25 do interior da Casa da Corôa, M. unico, numero 452.”

Setembro 12—Abordo do navio francez *L’Espoir*, do porto de Honfleur, que regressava de um ponto ao Sul do Brazil para a França, é baptisado em artigo de morte o jovem indigena brasileiro Essomeric, que nelle ia de passagem, (veja-se a data de 3 de Julho deste mesmo anno de 1504), recebendo o nome de Binot, que

era o do capitão da embarcação o qual lhe servio de padrinho.

Partindo do lugar onde estivera abrigado durante seis mezes, esta embarcação começou sob máus auspicios a sua viagem de regresso. As contrariedades ordinarias, resultantes das condições climatericas, que a forçaram a ir na abordada do Sul, afim de ganhar os ventos de Leste, e tomar depois o rumo do Norte n’uma altura favoravel, vieram juntar-se circunstancias desfavorabilissimas, como fossem máu tempo e febre maligna, que atacou a crescido numero de tripolantes e passageiros, dos quaes sucumbiram quatro sendo um delles o indigena Namoa, que acompanhava Essomeric. Este por sua vez foi tambem atacado da terrivel enfermidade, que o poz em perigo de morte, pelo que tomou o capitão Paulmier a resolução de baptisal-o neste dia, para que, se viesse a morrer, não succumbisse pagão como seu companheiro.

Felizmente Essomeric escapou, graças, provavelmente, aos cuidados com que fôra tratado.

Outubro 10—O navio francez *L’Espoir*, que levava já uma viagem de oitenta e quatro dias, arriba nesta data em um ponto desconhecido da nossa costa na esperança de refazer-se de viveres e aguada, para continuar a sua derrota.

Indo a terra n’um batel diversas pessoas, são atacadas pelos indigenas, que mataram tres homens e feriram a quatro, entre estes Nicolle Le Febure, que era o personagem mais distincto da expedição, e morreu apenas chegou a bordo.

Immediatamente tratou-se de levantar ancora, e a embarcação continuou a navegar no rumo do Norte, agora, porém, margeando a costa até uma distancia de cem legoas, onde de novo fundeião e são amigavelmente recebidos pelos indigenas do lugar.

Pensa o Visconde de Porto Seguro que a primeira arribada tivera lugar perto do *Cabo Frio* entre os ferozes *Tupinambús* e esta outra nas visinhanças de *Porto Se-*

(42) E’ exagerado este numero.

1504 Dez:—1505 Maio

guro habilitadas pelos mansos *Tupiniquins*.

Dezembro 21—Deixa o terceiro ponto em que tocara e segundo em que achara abrigo na costa do nosso paiz, o navio francez *L'Espoir* da praça de Honfleur, que regressava para a França, depois de ter permanecido tres mezes nesta ultima paragem, empregados em arranjar um completo carregamento de viveres e mercadorias do paiz.

Oito dias depois de se achar em mar fôra, a primeiro de Janeiro do anno seguinte, 1505, passou elle á vista de uma ilha deserta e coberta de bosques, donde sahião bandos innumeraveis de passaros, que ião trepar-se nas vergas da embarcação.

Não podia ser outra senão a de Fernando de Noronha.

No correr deste anno, segundo escreveu o Padre José d'Anchieta na *Annuua* de 1584, " vieram os Francezes ao Brazil a primeira vez no porto da Bahia, e entraram no rio do Paraguassú, que está dentro da mesma Bahia e tornaram com boas novas á França de onde vieram depois tres náus e estando no mesmo lugar em resgate entraram quatro náos d'armada de Portugal e queimaram-lhe duas náus e outra lhe tomaram com matar muita gente."

Não sabemos onde o Padre José de Anchieta colheu a noticia do primeiro facto, que só elle menciona, e não pôde se referir ao navio *L'Espoir* do porto de Honfleur do qual era capitão Binot Paulmier de Gonneville, por quanto este não entrou no rio *Paraguassú*, e por tanto não podia tomar ali carregamento de páo-brazil. No seu regresso para França arribou perto do *Cabo Frio* e na vizinhança de *Porto Seguro*, segundo se supõe. Veja-se á data de 10 de Outubro deste mesmo anno, parte final. Quanto ao segundo facto succedeu elle em 1527 e fora prati-

cado por Christovão Jacques, mas acreditamos que no espaço de 23 annos decorridos entre 1504 e 1527, muitos outros navios francezes tiriam ido a Bahia, como foram a outras paragens do Brazil

1505

Maio 20—Chega á cidade de Honfleur na França, o capitão Binot Paulmier de Gonneville acompanhado do jovem indigena brasileiro Essomeric, e mais 26 homens resto dos sessenta com que havia partido no anno anterior no navio *L'Espoir* em viagem de aventura e descoberta ás Indias Orientaes, e fôra ter n'um ponto da costa Sul do Brazil, como já vimos, sendo na volta, depois de ter soffrido muitas contrariedades, a sua embarcação atacada na costa do seu proprio paiz, a Normandia, pelos piratas, inglez Edward Bluit, de Plymouth, e Maurice Fortiu, da Bretanha

Gonneville e a sua gente se defenderam com a energia do desespero; mas eram demasiadamente inferiores em forças.

Vendo que não podião vencer, atiraram com o navio sobre a costa onde elle se espedaçou logo e desapareceu com todas as riquezas do seu carregamento.

Doze homens succubiram no combate desigual que sustentaram, e quatro morreram depois das feridas que receberam.

Este desastre tornou impossivel a volta do jovem indio ao Brazil, como a seu pai havia garantido conduzir-o o velho e honrado capitão Binot de Paulmier, que para compensar esta falta adoptou a Essomeric como seu filho, Paulmier não tinha nenhum; fel-o educar convenientemente assegurou-lhe uma parte dos seus bens, deu-lhe seu nome e nobreza e casou-o depois com uma moça rica do lugar.

Por este casamento veio o jovem selvagem brasileiro ser o tronco de uma familia distincta e considerada, pois do seu consorcio nasceram muitos filhos, dos quaes um só, e dos mais jovens, chamado tambem Binot Paulmier, senhor de Cour-

1505 Maio—1506 Jan:

thoyne ou Courtonne, continuou a linha masculina, deixando igualmente muitos filhos, dos quaes apenas tres se casaram, e foram dous filhos e uma filha: esta, que se achava Simoa Paulmier, esposou um senhor Le Doux de La Roziere; quanto aos filhos, o mais velho João Baptista Paulmier, presidente dos thesouros da França em Provença, tendo casado com a Marquiza d'Andréa, só teve uma filha, Carlota Paulmier, que esposou á 4 de Maio de 1625 Jacques de Forbin, senhor de Barbent; o segundo Olivier Paulmier, senhor de Courtonne e du Pommeret, deixou de Maria Collet des Bowes, sua mulher, muitos filhos, entre os quaes João Paulmier de Courtonne, que veio a ser conego da Cathedral de S. Pedro de Liesieux e residente do rei de dinamarca em França, e dous outros de tenra idade Gabriel e Roberto.

João Paulmier mostrou, desde tenra idade, uma piedosa vocação, que o levou a seguir a carreira sacerdotal, e a consagrar todos os seus esforços ao projecto de estabelecimento d'uma missão christã entre os selvagens dos quaes era originario. Na idade de 16 annos escreveu elle, e distribuiu por algumas pessas de consideração, diversas memorias na qual desenvolvia as suas ideias e vistas sob este assumpto por cuja realisação trabalhou corajosamente longos annos, procurando interessar nelle a diversos ecclesiasticos em posição de lhes prestarem um apoio util taes como Abely, confessor de Mazarin e depois successor de Péréfixe no bispado de Rodes; o abbade Palus, que veio a ser bispo de Héliopolis; o abbade Lambert depois bispo de Béryte, ambos vigarios apostolicos para as missões d'Oriente, e tambem o illustre Vicente de Paulo fundador dos Lazaristas, que lhe manifestou a intenção de fazer apresentar uma das suas memorias, acompanhada de uma recommendação especial ao papa Alexandre VII, para a qual o auctor preparou uma dedicação.

Assim communicadas a diversas pessoas, foram estas memorias dadas por

uma dellas ao livreiro Gabriel Cramoisy, que a publicou em um volume, com o seguinte titulo: *Memorias relativas ao estabelecimento d'uma missão christã no terceiro mundo tambem chamado Terra Austral, Meridional, Antartica e desconhecida. Dedicadas ao nosso Santo Padre o Papa Alexandre VII. Por um Ecclesiastico Oriundo dessa mesma terra.*"

Esta obra é hoje rarissima.

A outra, que não chegou a ser impressa, tinha este titulo:

Memoria apresentada ao Papa Alexandre VII por João Paulmier de Gonneville, padre indiano, conego da cathedral de São Pedro de Liesieux, relativa ao estabelecimento de uma missão christã na terra austral, tirada de um depoimento judiciario feito por Gonneville no Almirantado, a requisição do procurador do rei, em 19 de Julho de 1505.

Todos estes dados nos foram fornecidos por d'Avezac, entretanto Charles Breard publicou recentemente alguns apontamentos sobre Binot Paulmier: *Notes sur la famille du Capitaine Gonneville navigateur normand au XVI siecle, Rouen 1885*, dos quaes resulta que o navegador normando chamava-se Robinet de Paulmier, que não tinha o titulo de nobresa, que lhe attribuiram seus descendentes, e que provavelmente fosse o mesmo que em 1478 occupou o cargo de escabino (*echevin*) na confraria de caridade fundada na igreja de Nossa Senhora de Honfleur.

Neste anno a frota que sahio de Lisbôa para a India, sob o commando de D. Francisco de Almeida, aproximou-se da costa do Brazil e navegou á vista della por alguns dias.

1506

Janeiro 24—Bulla: *Eaquæ, pro bono pacis* do Papa Julio II aprovando o Tratado de Tordsillas, que estabeleceu os limites entre as corôas de Portugal e Hes-

1506 Jan: Mar:—1507—1508 Jun:

panha nas suas possessões d'America, cabendo a primeira todas as terras descobertas e por descobrir até o meridiano da demarcação, fixado á 370 leguas ao Occidente da ponta mais occidental da Ilha de Santo Antão, Archipelago de Cabo Verde, e a segunda as terras que ficassem daquelle meridiano igualmente para o Occidente.

“ Apezar deste reconhecimento, que lhe assegurava a posse do Brazil, o Rei D. Manoel não se dignou acrescentar, aos titulos do seu dictado, algum novo pelo paiz de maior extensão e melhor clima que o de Guiné, donde se gloriava de chamar senhor. ”

Marco 6—Parte de Lisboa Tristão da Cunha com destino ás *Indias Orientaes*, o qual fez rumo para o *Cabo de Santo Agostinho* em Pernambuco, e logo que o avistou costeou a terra dirigindo-se para o sul e tão proximo a ella, que descobriu ou reconheceu o rio de S. Sebastião; o qual, porque não lhe determinou a latitude, e nem se lhe conservou o nome, é hoje desconhecido,

Neste anno Vasco Gallego de Carvalho, e João de Lisboa, exploradores portuguezes, visitaram o sul da costa do Brazil. O primeiro subio o Rio da Prata, nessa epocha ainda chamado Paranaguassú, até a distancia de tresentas leguas, o segundo dobrando o Cabo de Santa Maria, sobre o lado oriental do mesmo, o costeou até a embocadura do rio Uruguay.

Isto mesmo, segundo diz o Visconde de Porto Seguro, escreven o celebre brasileiro Alexandre de Gusmão, ministro de D. João V, em um *Resumo Historico, Chronologico e Politico do Descobrimento d'America*, manuscripto feito em Maio de 1754, o que parece ser confirmado por Herrera.

1507

No correr deste anno sahio de Lisboa uma esquadilha commandada por D. Francisco de Menezes com destino ás *Indias*

Orientaes, a qual houve vista do Brazil, que costeou por alguns dias não aportando em lugar algum.

1508

Junho 12—Carta do Rei D. Manoel ao Papa Julio II, dando-lhe parte da descoberta do Brazil e outras feitas pelos portuguezes. Encontra-se por extenso na collecção de viagens copiadas por Alexandre Zorzi. Esta obra é rarissima, existe, porém, uma traducção allemã publicada em 1508.

O Rei de Castella, tendo resolvido proseguir na descoberta da costa ao sul do Brazil, enviou neste anno para isto os navegantes Vicente Yannez Pinzone e João Dias de Solis, com ordem de não se demorarem em parte alguma, e apenas reconhecerem os portos e o paiz, afim de se deliberar depois sobre os meios de povoal-o.

O rumo, que haviam seguir, devia indical-o Solis, a quem isso cumpria, mas consultando Pinzon e os melhores pilôtos e marinheiros da expedição.

Deviam os navios chegar á falla todos os dias pela manhã e a tarde, ou pelo menos de tarde, sem falta, segundo o costume. (43).

Era Sólis quem devia levar o pharol: e antes da partida haviam de concordar ambos nos signaes perante um tabellião. Em terra devolvia-se a Pinzon o commando.

Quer na vinda, quer na volta, não tocariam em terra firme ou ilha que pertencesse ao Rei de Portugal: assim como que só no vinda traficariam e formariam estabelecimentos onde melhor parecesse.

(43) A razão era porque a ambição de fazerem descobertas por si mesmos, levava ás vezes os capitães subalternos a fugirem aos trabalhos da expedição, separando-se voluntariamente da frota. Exemplos disto encontram-se frequentemente na historia das descobertas maritimas.

1508—1509—1510

Partindo de Sevilha com duas caravelas, alcançaram o *Cabo de Santo Agostinho*, que dobraram no rumo do Sul e costearam a terra até 40 grãos abaixo delle, e apezar da prohibição que tinham, desembarcaram em muitos portos e enseadas, levantando cruces e tomando por sua vez posse de toda a costa para a corôa de Castella. Rebentaram entre elles as previstas dissensões, e ambos voltaram sem mais nada terem feito.

Em virtude deste máo proceder, a conducta de ambos foi, á chegada delles examinada pelos officiaes da casa da Contratação. Pinzon foi absolvido, e Solis, declarado culpado, foi mettido em prisão.

1509

Neste anno foram levados do Brazil para Rouen, França, sete indios em um navio francez, cujo nome se ignora, assim como o lugar de onde os conduziram.

1510

Segundo tradição aceita, pois ha certeza do facto, foi neste anno que naufragou nos baixos de *Maragogipe*, na Bahia de Todos os Santos, o navio em que andava Diogo Alvares, que depois se tornou tão celebre com o appellido de *Caramurú*, graças ás aventuras romanescas de que o fizeram heróe alguns chronistas, mais de cem annos depois da sua morte, sendo o primeiro delles o jesuita Padre Simão de Vasconcellos, que affirmou ter visto documentos circumstanciados, (que não apresentou) e no entretanto não soube dizer se a náó do naufragado Diogo Alvares, ia para a India ou se para S. Vicente, pretendendo que esta localidade já estivesse então povoada por Martim Affonso de Souza, quando só o foi vinte e dous annos depois em 1532. Gabriel Soares, que se estabeleceu na Bahia pouco tempo depois da morte de Diogo Alvares, e que não podia deixar de ter conhecido a sua familia, nada mais nos conta delle senão que acompanhara em 1545 o donatario Francisco Pe-

reira Coutinho, quando este se refugiou na Capitania de *Porto Seguro*, e depois, regressando com o mesmo em 1547 teve a felicidade de chegar a salvamento á embarcação em que estava com a familia, emquanto que a do infeliz donatario naufragara nos baixos da *Ilha d'Itaparica*, aonde se salvou elle com todos os companheiros, sendo em seguida accommettidos pelos *Tupinambás* que a todos mataram.

Após este infausto successo Diogo Alvares, seus cinco genros e outros alguns homens que o acompanharam, viviam perto do lugar onde residira o donatario Coutinho, e ahi o encontrou Thomé de Souza quando chegou dous annos depois, em 1549, e servira a este do interprete cada vez que era necessario fallar aos indigenas.

Diogo Alvares tambem prestou relevantes serviços a cathequese, como bem se vê do que a seu respeito mandou dizer em algumas de suas cartas o Padre Manoel da Nobrega, escriptas ao seu superior em Portugal, em uma das quaes se lê este trecho:

“ O Bispo mostra grande fervor de se entender na conversão destes Gentios, ordena um pai dos que se converterem, o qual é muito para isto, que é Diogo Alvares, muito acreditado entre este gentio; andaré comnosco pelas aldeias, perigrinando: favoreça Vossa Reverendissima de lá com fazer que El-Rei lh'o escreva e agradeça e lhe ordene algum pobre ordenado por isso pois tão bem empregado será. ”

Este trecho final indica claramente que Diogo Alvares vivia em grande pobreza, o que não está de accordo com o dizer dos seus panageristas; que fizeram delle um potentado; acreditamos que o Padre Nobrega é que diz a verdade.

Assim, pois, com excepção do naufragio, do qual mesmo não ha certeza, pois ha suspeitas de que fosse desertor de alguma armada que ali tocasse de passagem, sua estada ou conservação no lugar; serviços que prestou aos seus compatriotas quando ali se foram estabelecer; tudo o mais escripto a

1510—1511 Fev:

seu respeito é fabuloso, desde o tiro de espingarda, que dão como origem do appellido *Caramurú*; sua viagem á França; a nobreza que lhe deram, e até o sobrenome de Correia que acresentaram ao seu nome.

Os seus contemporaneos o designavam com o epitheto de *gallego*, e os indigenas o chamavam *Caramurú*, nome de uma especie de moreia grande, de dez e mais palmos de comprido, que se encontra dentro das locas de pedras á beira mar, talvez porque fosse elle magro e alto e se parecesse com ella. Os indigenas para deitar alcunhas tinham grande discernimento.

Com respeito a elle escreveu o senador Candido Mendes o seguinte:

“ ... é indispensavel reduzir esse personagem historico ao seu justo valor.

“ Como supportar com seriedade o conto do arcabuz em epocha (1510) em que ainda não era conhecido na Europa? Então haviam alguns ensaios com fraco resultado, e o melhoramento foi tão demorado que, ainda no fins do seculo XVI, a bésta era de preferencia usada em alguns paizes da Europa, para certa ordem de serviços.

“ A acreditar-se Cantú na *Historia Universal*, a primeira vez que se empregou o arcabuz, que aliás demandava o concurso de duas e tres pessoas, foi na lucta contra Parma em 1521, pelas tropas do Imperador Carlos V. Cada arcabuz pezava quasi cincoenta libras e era difficil no manejo: e como empregal-o em caçar?

“ Por outro lado os indigenas da Bahia desde 1501 conheciam o estouro de canhão mais forte, mais troante que o do arcabuz. ”

Para aquelles que quizerem mais cabal conhecimento deste ponto da nossa historia, recomendamos a leitura da luminosa dissertação do Visconde de Porto Seguro — *O Caramurú perante a historia*, inserta no Tomo 10.º da *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Pag. 29.*

1511

Fevereiro 22—Parte de Lisboa com destino ao Brazil a náo *Bretoa* da qual eram armadores Fernão de Loronha, Bartholomeu Marchioni, Benedicto Morelli e Francisco Martins, sendo capitão Christovão Paes, e piloto Lopes de Carvalho, que depois foi companheiro de Fernão de Magalhães na primeira navegação em roda do mundo.

Veio, como outras embarcações naquella epocha, tanto portuguezas como francezas, traficar com os naturaes, recebendo páo-brazil, pelles de animaes, algodão, pimenta da terra e outras especiarias do paiz, em troca de objectos de insignificante valor, como facas, machados, espelhos, cascaveis e avelorios.

Como escrivão deste navio viera Duarte Fernandes de cuja lettra é um livro inedito que o Visconde de Porto Seguro encontrou na Torre do Tombo em Portugal, e deu á luz na primeira edição da sua *Hist: Ger: do Braz: nota 13* do primeiro volume, do qual se vê que a viagem redonda da *Bretoa* durou oito mezes, contados do dia da partida. Consta delle igualmente, acrescenta o illustre historiador, que existia na ilha da enseada de Cabo-Frio uma feitoria portugueza, e provavelmente seria a mesma que, em 1504, ahi havia deixado fundada Americo Vespucio, segundo dissera.

Os da tripulação não podiam passar dessa ilha para o continente, afim de não se deixarem ficar nelle, *como algumas vezes haviam feito*. Recommendava o regimento que fossem os de terra bem tratados, não se levando delles nenhum para Europa; ainda que para isso se offerecessem; porque, quando na ausencia falleciam, cuidavam os outros que alguém os matara para os devorar, *segundo entre elles se costuma*.

Apezar desta recommendação, importante, por nos denunciar a politica do governo a respeito dos indigenas, a *Bretoa*, com a carga de cinco mil toros de páo-

1512 Fev:—1513

brazil, e alguns animaes e passaros vivos, levou para a Europa trinta e tantos captivos.

1512

Fevereiro 25—Morre em Sevilha (44) o notavel navegador Americo Vespuccio, que teve a excepcional gloria de dar o seu nome ao novo mundo.

Não teve elle a menor intervenção neste acontecimento, como injustamente o accusaram seus dectractores.

“ Havendo o seu nome adquerido grande voga (em consequencia das muitas edições então publicadas da traducção latina da sua carta escripta ao seu antigo patrão, Lourenço de Pier Francesco dei Medici, relatando a sua primeira viagem á costa do nosso paiz, 1501—1502, na qual lhe assegurava haver explorado um novo continente, o geographo allemão Martim Wandzeemuller (pseudomino *Hylacomilus*) propoz se chamasse *America* ao continente austral por elle percorrido, indicação tão natural que foi logo adoptada por Watt (*Vadianus*) por Schöner, por Pedro Margalho, por Benewitz (*Apianus*) e outros geographos do seculo dezeseis, todos elles estranhos á Hespanha e á patria daquelle navegador.

“ Nesta indicação não ia injustiça alguma ao ousado genovez Christovão Colombo, que primeiro vira e pisara terras deste novo mundo na sua parte septrional, a qual dera o nome de Indias, e Castella acrescentara o de Occidentaes, sendo já conhecido assim por *Indias Occidentaes*, quando appareceu a indicação mencionada, em 1507, e era relativa sómente a parte austral como já dissemos.

Com o andar dos tempos passou ella, sómente pelo uso, a todo o continente sem que para isto houvesse o menor proposito.

“ Americo Vespuccio, diz o Visconde de Porto Seguro que (com Hojeda) acompa-

nhara a primeira das tres expedições que correram para loeste á parte setemptrional da nossa costa, e que depois visitou por duas vezes o littoral desde o cabo de S. Roque (45) para o Sul, foi naturalmente o primeiro europeu que navegou por toda a extensão da fronteira maritima do actual Imperio do Brazil. ”

1513

Neste anno, segundo diz o historiador Damião de Góes, “ estando el-rei D. Manoel em Santos, o velho, lhe viera fallar George Lopes Bixorda, que naquelle tempo tinha o tracto do páo-brazil na terra da Santa-Cruz, acompanhado com tres homens desta provincia, que então vieram em uma não de lá expedida, e que vinham vestidos de pennas com os beiços, narizes e orelhas cheias de grossos pendentes... trazendo cada um seu arco e flecha. “ O chronista acrescenta que vinha com elles um homem portuguez, que sabia a linguagem, por quem el-rei fez perguntar algumas cousas. Este homem presume-se que fôra um dos degradados, que Pedro Alvares Cabral deixara em Porto-Seguro, quando se fez á vela para continuar sua expedição á India.

Tambem neste anno foi ter á Ilha de Porto Rico nas Antilhas um navio de portuguezes que haviam desamparado uma paragem da nossa costa ao Norte, onde se achavam, provavelmente traficando, em consequencia de um levante dos indigenas dirigido por um tal Pero Gallego, o qual se suppõe ser um hespanhol que foi encontrado ao Norte em estado selvagem.

O tal navio se encontrava sem leme, comido do gusano e quasi impossibilitado de navegar. Em Porto-Rico tomaram o mesmo navio, e mandaram a tripou-

(44) Alguns escriptores dizem erradamente na Ilha Terceira em 1514.

(45) Aliás desde o Arraial dos Marcos.

1514 Jun: Jul:—1515 Out:

lação para a Ilha de S. Domingos, d'onde fôra remettida a Castella.

1514

Junho 12—Bulla: *Pro excellenti pro-*
eminenti do Papa Leão X creando o bis-
pado de Funchal, ao qual se consideraram
especialmente sугeitos os primeiros colo-
nos e indigenas christãos do Brazil.

Até então estiveram sугeitos ao Vigario
de Thomar que, delegado do Papa, tinha
jurisdição episcopal em todas as igrejas
nullius diocesis da ordem de Christo, a que
foram consideradas em principio pertencer
as terras do Brazil.

Julho 30—Carta escripta escripta da
Ilha de S. Domingos por Estevam de Froes
ao Rei D. Manoel, da qual diz o Visconde
de Porto Seguro, consta que andou per-
correndo as costas do Norte do Brazil, do
Cabo de S. Roque para cima, um tal João
Coelho das Portas da Cruz em Lisboa, e
que os indios haviam morto o arauto Diogo
Ribeiro que, com alvará regio, andava a
descobrir. São muito escassas as noticias
da primitiva exploração deste lado do nosso
paiz por navios de Portugal, constando,
além do explorador de que acima fallamos,
que tambem andou por essas bandas o
pilôto João de Lisboa, que deu até o seu
nome a um dos rios do Maranhão.

1515

Outubro 8—Com duas caravellas parte
de Lepé, perto de Cadiz, na Hespanha, o
navegador João Dias de Solis, pilôto-mór
de Castella, afim de passar ás Indias Orien-
taes pelo caminho do occidente, que se
procurava achar.

Tendo feito runo para o Brazil avistou
o *Cabo de S. Roque* e de *Santo Agostinho*,
navegando em seguida por toda a costa
abaixo, entrando em muitos portos, e
foi ter o Rio da Prata, que ainda conser-
vava o nome indigena de Paranaguassú.

Sóbe por elle até trinta e quatro grãos
e quarenta e um minutos de Latitude.

Os indigenas reunidos na margem, mos-
tram-se em attitude pacifica, e que induz
Solis a desembarcar; mas tendo-se afas-
tado da margem cabio n'uma emboscada
em que foi morto atravessado por flechas
e com elle pereceram cincoenta compa-
nheiros, que igualmente tinham desem-
barcado.

Este acontecimento fez com que se
desse ao Rio o seu nome, que couservou
por algum tempo.

Os dous navios, que elle commandava,
voltaram no anno seguinte, 1516, a Per-
nambuco aonde foram carregar páo-brazil.
Encontrando ahi a feitoria com onze
portuguezes, prenderam a todos e os leva-
ram comsigo para a Hespanha.

Constando ao Rei D. Manoel esta via-
gem aos seus dominios, pediu satisfação á
corôa de Hespanha por haverem entrado
embarcações castelhanas da bahia de Nic-
theroy, no Rio da Prata e exigio que lhe
restituíssem os carregamentos destes na-
vios, entregando-se-lhe as tripulações para
serem punidas como contrabandistas.

Respondeu-se-lhe que João Dias de Solis
havia sido morto naquelle rio, pelo que não
podia ser mais castigado; que para o
futuro se evitariam semelhantes attenta-
dos, e quanto a paragem aonde haviam car-
regado os navios ficava elle dentro da de-
marcação de Castella, (falsidade mani-
festa) e Portugal já retinha individua-
mente sete Castelhanos, que estando a
traficar naquella costa, foram aprisionados
na bahia dos *Inocentes* ao norte de *Ca-*
nanéa.

Terminou a prendencia com a troca
destes prisioneiros pelos onze Portuguezes,
que haviam sido presos em Pernambuco.

Pela narração que Herrera fez desta
viagem, Solis entrara n'uma Bahia da
costa do Brazil situada a 27° grãos de la-
titude Sul, a qual deu o nome de *Bahia*
dos Perdidos.

E' sem duvida, a formada pela *Ilha de*
Santa Catharina e a terra firme adjacente,
supposto que a sua Latitude seja de 27° e

1515 Out:—1516—1517—1518—1519 Dez:

26'; mas esta pequena differença deve ser attribuida á qualidade dos instrumentos nauticos daquelle tempo, que não tinham a perfeição dos de hoje. Sendo esta a primeira vez que se menciona aquella localidade, parece que fôra Solis o primeiro navegante que ali entrou, e por tanto o seu descobridor; mas o nome que lhe deu de *Bahia dos Perdidos* indica claramente que encontrou lá gente naufragada e portanto predecessores d'elle no lugar, se é que esta denominação não proveio de se terem ali perdido alguns homens de sua propria tripulação.

Segundo dizem as chronicas, mas não ha documento algum comprobatorio, tendo vindo á Porto Seguro dous frades italianos da ordem de S. Francisco, os quaes se entregaram á chatequeze dos indios, falleceu no correr deste anno um delles ao atravessar um rio que d'ali em diante se ficou chamando *Rio do Frade* e o outro regressou para o seu paiz. Veja-se factó sem data no anno de 1503.

1516

No correr deste anno, o Rei D. Manoel ordenou por um alvará ao Feitor e mais officiaes da Casa da India que dessem machados, enchadas e mais ferramentas as pessoas que fossem para o Brazil, e por outro alvará que o mesmo Feitor e officiaes procurassem e elegessem um homem pratico e capaz de ir ao Brazil dar principio a um engenho de assucar, e que se lhe desse sua ajuda de custo, e tambem todo o cobre e ferro e mais cousas necessarias, para o fabrico do dito engenho. Infelizmente não diz a ordem a que parte do Brazil se destinava o constructor, que se mandava procurar, mas parece ter sido para Pernambuco, aonde existia uma feitoria regia, unica de que há noticia autenticada.

O cavalleiro Thomaz Perth. acompanhado de Sebastião Cabot, fez neste anno

uma viagem ao Brazil por ordem do rei de Inglaterra, Henrique VIII. O objecto desta viagem, que foi mal succedida, tinha, segundo diz o historiador Hakluyt, o fim de tomar os ricos thesouros de *Perularia*, e acrescenta que na obra *A Treatise of New India* de Richard Eden, publicada em 1553 se encontrão promenores sobre esta viagem. Infelizmente não podemos alcançar a mencionada obra.

1517

Damião de Goes, na *Chronica do Rei D. Manoel* refere que um piloto portuguez chamado João Dias de Solis, tendo fugido para Hespanha, persuadira a varios negociantes hespanhóes a mandar ao Brazil dous navios neste anno de 1517, os quaes tornaram carregados de pão-brazil. Em consequencia das reclamações do Rei D. Manoel ao Imperador Carlos 5º os interessados em tal negocio foram rigorosamente castigados como quebrantadores da paz entra os dous reinos.

Não podemos comprehender como isto possa ter succedido, por quanto João Dias de Solis partiu da Hespanha dous annos antes, em 8 de Outubro de 1515, com o fim de passar ás Indias Orientaes pelo extremo do Brazil, o que não fez, e subindo pelo Rio da Prata, que então ainda se chamava *Paranaquassú*, morreu ali no anno seguinte, 1516, assassinado pelos indigenas, como já relatamos. O illustre historiador portuguez enganou-se no anno em que se deu este factó.

1518

Não temos noticia de factó algum passado no Brazil ou fóra, com relação a elle, durante este anno.

1519

Dezembro 13—Entraram na bahia do Rio de Janeiro Fernando de Magalhães e Ruy de Falliero, pilótos portuguezes ao serviço da Hespanha, e que andavam

1519 Dez:—1520—1521 Dez:

fazendo a primeira viagem em torno do globo. Como este dia é o de *Santa Luzia*, assim denominaram elles a bahia aonde acabavam de entrar, julgando, talvez, que ainda não tinha sido descoberta.

Na relação que desta viagem escreveu o cavalheiro Pigafetta, diz o seguinte fallando do Rio de Janeiro:

“ Fizemos aqui uma abundante provisão de *gallinhas*, batatas e pinhas, *cannas de assucar* e carne de anta, mui semelhante á de vacca. Por um anzel ou facca nos davam cinco ou seis galinhas, por um pente dous *gansos*, e por um espelho ou thesoura compravamos pescado sufficiente para dez homens comerem; um cesto de batatas nos custava um cascavel ou uma cinta; estas batatas são umas raizes muito parecidas ao nabo, e com o sabor das castanhas. Eu vendi um rei de cartas de jogar por seis gallinhas, e os que m'ò compraram cuidaram fazer um excellente negocio.”

Não podemos comprehender como a gente, que acompanhou Fernando de Magalhães e Ruy de Falliero, acharam em 1519 no Rio de Janeiro, gallinhas, gansos e canna de assucar, quando não são aquellas aves e nem esta planta oriundas do Brazil, salvo se foi para elle trazidas em 1503 pela frota de Gonçalo Coelho, que ali permaneceu algum tempo, como dizem, ou por alguma outra embarcação, do que não ha noticia.

27—Depois de uma demora de quatorze dias, levantam ancoras os navias de Fernando de Magalhães e Ruy de Falliero, e proseguem na sua viagem descendo a costa.

Neste anno um navio do castelhano D. Luiz de Gusman, que ia para a India na conserva da armada de Jorge de Albuquerque, desertou em caminho, e veio piratear em nossos mares, buscando depois abrigo em um porto do sul da costa para refazer-se de leme, e ali deixou cinquenta

e tres homens da sua tripolação sacrificados pelos indios.

1520

Durante este anno percorreram a costa Norte do Brazil os navegantes francezes Parmentiers (eram tres irmãos) do porto de Dieppe, os quaes estiveram em Pernambuco e aqui tomaram um carregamento de páo-brazil com que tornaram ao seu paiz.

Um delles, chamado João, escreveu uma relação desta viagem, e depois de fazer uma ligeira, mais exacta descripção da parte do paiz que visitou, e dos costumes das diferentes tribus indigenas, com as quaes estiveram em contacto, diz:

“ Ao longo desta costa e para o occidente, os Portuguezes não fizeram nenhuma fortaleza; sómente se encontra n'um lugar chamado Pernambuco, situado além do *Cabo de Santo Agostinho*, um fortim de madeira, que serve para abrigar alguns portuguezes degradados. A parte mais frequentada pelos Francezes e Bretões, está situada entre o *Cabo de Santo Agostinho* e o *Porto Real*, que se acha a doze grãos; é tambem nesta parte da costa que se encontra o melhor páo-brazil e na maior quantidade.

“ Não se encontra ao longo desta costa nenhuma fortaleza ou fortificação, que indique a presença dos Europeus. A população, se mostra mais affável aos Francezes que aos Portuguezes. As terras destas paragens são excellentes e abundantes de arvores fructiferas, sendo as fructas na sua maior parte boas para alimentação; o ar é puro e saudavel; a costa tem bons portos e rios navegaveis.”

1521

Dezembro 13—Fallece o Rei D. Manoel (chamado o *Venturoso*) sob cujo reinado fôra encontrado o territorio do Brazil, tendo fixado o imperio das Quinas nas quatro partes do mando. Succede-lhe no

1522 Mar:—1523—1524 Maio—1525 Jul:

throno seu filho D. João, que veio a ser o terceiro deste nome.

19—Acclamação do Rei D. João III, que sobe ao throno com vinte annos incompletos.

Durante o seu reinado estabeleceu-se em Portugal o Tribunal da Inquizição.

1522

Marco 3—Carta Regia de D. João III, confirmando a doação que fizera seu fallecido pai o Rei D. Manoel, da ilha de S. João, hoje Fernando de Noronha, ao cavalheiro de sua casa Fernão de Loronha,

1523

Não temos noticia de facto algum passado no Brazil, ou fóra com relação a elle, durante este anno.

1524

Maio 31—Doze juizes cosmographicos e mathematicos rectificam a demarcação seguinte do Brazil: uma linha imaginaria, lançada do Norte ao Sul do ultimo ponto de outra linha transversal de trezentas e setenta leguas, lançada da ilha de Santo Antão para o poente.

1525

Julho 24—Larga de Corunha na Hespanha uma armada ás ordens do commendador Fr. Garcia Jofre de Loaysa com direcção ás Malucas, seguindo derrota pelo Occidente.

Essa armada avistou em principios de Dezembro a costa do Brazil ao sul do *Cabo de S. Thomé*, e foi pela maior parte desbaratar-se junto ao *Estreito de Magalhães*, seguindo-se a este acontecimento a morte do seu chefe.

Um dos navios della, que se salvon, a não *S. Gabriel*, era commandada por Dom

Rodrigo de Acuña, que achou refugio em um porto ao sul da *Ilha de Santa Catharina*, onde encontrou varios companheiros de Solis, que ali estavam desde 1516, e o abasteceram d'agua, lenha e mantimentos, e deram da terra taes informes, que muitos da tripolação alborotando-se, se determinaram a ficar nella, em vez de exporem-se a novos perigos do mar.

A historia deste navio, que perigrinou por quasi dous annos nas costas do nosso paiz, é tão interessante, que julgamos dever aqui transcrevel-a, copiando a narração feita pelo Visconde de Porto Seguro.

Conta este:

“ Com trinta e dous homens menos de tripolação, fez-se por fim D. Rodrigo de vela para o Rio de Janeiro. Neste porto convocou a sua gente a conselho, e nelle foi resolvido que a não, em vez de seguir para as Molucas, voltasse a Hespanha, com alguma carregação de páo-brazil. Dirigio, pois, D. Rodrigo o ruino para o Norte e entrou na Bahia. Ahi a tripolação se lhe diminuiu de nove homens, que, indo a terra, lá ficaram devorados pelos selvagens, segundo se julgou.

“ Sabindo da Bahia para o Norte, pela muita agua que fazia a não, tratou de arribar, e deu-se a casualidade de que, meiado Outubro, fosse entrar justamente n'um porto proximo do rio de S. Francisco, no qual se achavam carregando de páo-brazil, duas náos e um galeão de França. Os capitães francezes ao principio offereceram protecção a D. Rodrigo, mandando-lhe até dous calafates, e quando, passados oito dias, se achava a não hespanhola virada de crena, e impossibilitada de navegar, cahiram na fraqueza de ir accommetel-a, intimando a D. Rodrigo que se rendesse.

“ Vendo este que a resistencia era impossivel, mettu-se no batel, foi ter com os Francezes, e conseguiu delles treguas, ficando de lhes dar vinho e azeite, que diziam carecer.

“ Enquanto, porem, se negociavam estas treguas, e os Francezes, tendo o capitão castelhano em refens, se descuidavam da não agredida, ella conseguia, não só

1525 Jul:—1526 Jan: Fev: Jun:

empinar-se e surgir boiante, como picar as anarras, e fazer-se de vela.

“ Quando os Francezes despertaram do seu descuido já a não hespanhola ia barra fóra, sem o capitão e nem os marinheiros que o haviam acompanhado. Em vão D. Rodrigo lhe bradava e fazia signaes, em vão a seguia no seu batel a vela. A não *S. Gabriel* já nem nas promessas do seu proprio capitão confiava, que a tanta desconfiança levam os desenganos das promessas não cumpridas

“ Seguiu D. Rodrigo no batel todo aquelle dia e parte do immediato. Porem... baldados esforços! A não tinha desaparecido no horisonte, e o seu legitimo commandante e feis remeiros, exhaustos de forças, emproaram para terra, e foram varar á costa, a umas dez leguas para o norte do porto donde haviam partido, naturalmente na paragem que se ficou até hoje chamando os *Bairos de D. Rodrigo*, quasi defronte do rio Cururipe. D'ahi se dirigiram por terra bastante expostos aos selvagens, ao porto que acabavam de deixar.

“ Já tinham delle partido as duas náos francezas, e só ficara o galeão. Neste se alojaram os tristes por mais de um mez; mas acabando o mesmo galeão de carregar fez-se de vel-a, desamparando os miseros em um batel sem mantimento algum.

“ Não havia, porém, soada a hora fatal, aos miseros desamparados.

“ Entregues a Providencia, seguiram pelos mares durante vinte dias, nutrindo-se apenas de alguns mariscos e da pouca fructa, que acertavam colher pela costa, até que na *Ilha de Santo Aleixo* lhes deparou Deus porto, onde poderam refazer-se. Nessa ilha tiveram a fortuna de encontrar alguma farinha de trigo, uma pipa de bolacha molhada, um forno, e anzões com que apanharam muito peixe. De *Santo Aleixo* passaram a Feitoria de Pernambuco.”

Segundo diz Paulo Gaffarel, foi no correr deste anno que vieram ao Rio de Janeiro os primeiros navios francezes, e

foram mandados por negociantes da *Cidade de Honfleur* e fizeram com os indigenas una alliança, que darou muito tempo, continuando a navegação para ali regularmente todos os annos.

1526

Janeiro 15—Parte do Cabo de Finestere Diogo Garcia, portuguez ao serviço da Hespanha, commandando uma expedição, preparada a expensas do conde Fernando de Andrade., Christovão de Faro e outros, com o fim de reconhecer o Rio da Prata, então já chamado Solis.

Garcia abordou as costas do Brazil na altura do *Cabo de Santo Agostinho* e d'ahi proseguiu para o Sul.

Fevereiro 11—João da Silveira, embaixador de Portugal em França, participa ao Rei D. João III que ali se preparavão dez navios, para virem á costa do Brazil apoderar-se das embarcações, que encontrassem.

“ Este aviso a nosso ver, diz o Visconde de Porto Seguro, decidiu Portugal a mandar de guarda costa ao Brazil uma esquadrilla composta de uma náu e cinco caravelas, a qual, findo certo prazo, devia ser rendida por outra. Vinha por capitão-mór della Christovão Jacques, e trazia como chefes subalternos Diogo Leite, com seu irmão Gonçalo Leite e Gaspar Correia.”

Junho 3—Chega em frente ao *Cabo de Santo Agostinho*, e ali fundeia, uma frota hespanhola composta de tres náus e uma caravela, sob o commando de Sebastião Cabot, filho do celebre navegante do mesmo nome, aqual ia com destino ás Molucas, pelo *Estreito de Magalhães*, e havia partido de S. Lucas a 3 de Abril, dous mezes justos.

Veio nella Luiz Ramirez, que escreveu do Rio da Prata uma carta a 10 de Julho de 1528, dando conta desta viagem e diz que estiveram fundeados, em frente do re-

1526 Jun: Jul: Setem:

ferido cabo, dous dias, levantando ancora na tarde do dia 5 para continuarem a viagem:

“ Quando no dia seguinte, narra Ramirez, pensavamos ter navegado avante, nos achamos atraz umas doze legoas; em frente de Pernambuco (46) na mesma costa, proximos da terra, por nos ter sido o vento escasso e muita a correnteza. Vendo isto o Sr. Capitão General, e que era obrigado a permanecer ali por causa dos ventos contrarios, deliberou fazer aguada, do que muito já precisavamos, e para este fim mandou que o piloto da capitanea fosse na caravela com um batel, a procurar pela costa algum rio de agoa doce, e quando disto se tratava, veio ter á náu capitanea uma canoa de indios na qual estava um christão, que informou qual era a terra onde estavamos, e que havia ali uma feitoria do rei de Portugal para o estanco do páo-brazil, na qual existião treze christões portuguezes, dos quaes foi bem servido o Sr. Capitão General em tudo o que precisou para abastecimento d'armada.”

Ramirez continua dando uma descrição da terra, dos costumes dos indigenas, e dos alimentos, aproveitando, como elle diz, o tempo que aqui esteve, para de tudo se informar. A sua narração é muito exacta e minuciosa, o que prova tinha espirito observador e concencioso.

Julho 1 Foi neste dia, que reentrou no porto da Bahia a náu hespanhola *São Gabriel* do commando de D. Rodrigo de Acuña, da qual já tratamos largamente, e havia fugido abandonando o seu capitão.

Veja-se a data de 24 de Julho do anno anterior, 1525.

(46) Foi assim conhecido nos primeiros tempos o ancoradouro e terra firme em frente á *Illa de Itamaracá* do lado sul do canal ou rio *Jussará*, como os indios chamavam, e onde se fez uma feitoria legua e meia acima da entrada do mesmo canal, denominado já então rio *Santa Cruz*, por D. João III, e no lugar chamado depois *Sítio do Marco* pelo que ali se fincou, para a divisão das capitancias de Pernambuco e Itamaracá, como já tivemos occasião de expor.

Foi ali o primitivo Porto de Pernambuco, e o primeiro lugar povoado nesta parte do Brazil.

No depoimento de um dos seus tripulantes, de nome Francisco de Avila, que publicou Navarete, se lê que *achou á boca da Bahia um christão, que disse que havia quinze annos, que se havia perdido ali com uma náu.*

Era Diogo Alvares, o *Caramurú*, sendo esta a primeira noticia, que houve d'elle e da sua estada acolá.

Julho 5—Alvará regio de D. João III passado em Almeirim por Jorge Rodrigues, authorisando a Pero Capico a retirar-se do Brazil. E' do theor seguinte:

“ Eu El-Rei, faço saber a vós, Christovão Jacques, que ora envio por Governador das partes do Brazil, que Pero Capico, Capitão de *uma das capitancias* (47) do dito Brazil, me enviou dizer que lhe era acabado o tempo da sua capitania e que queria vir para este Reino, e trazer consigo todas as peças de escravos e mais fazendas que tivesse, Hey por bem e me praz que, na primeira caravela ou navio, que vier das ditas partes, o deixeis vir, com todas as suas peças de escravos e mais fazendas; com tanto que virão directamente á casa da India, para nella pagarem os direitos de quarto e vintena, e mais que a isso forem obrigados, na forma que costumam pagar todas as fazendas que vem das sobreditas partes. etc, etc.

Este Pero Capico voltou ao Brazil tres annos depois na expedição de Martin Affonso de Souza, e serviu o cargo de escriptas das sesmarias na Capitanea de S. Vicente. São escriptas por elle todas as que ali dera o mesmo Martin Affonso.

Setembro 29 Depois de uma demora de tres mezes e vinte e tres dias em nossa costa, em frente do chamado então Porto de Pernambuco, ou mais provavelmente dentro d'elle abrigados, os navios da expedição de Sebastião Cabot fazem-se de vela

(47) Prova de que existiam outras.

1526 Setem: Out:

no rumo do Sul conforme escreveu Luiz Ramirez :

“ O Sr Capitão General, diz elle, vendo que o tempo já era bonançoso e favoravel, para contennuar a nossa viagem, mandou levantar ancoras no dia do Senhor, S. Miguel, que foi a 29 do mez de Setembro do dito anno (1526). ”

Outubro 19—A frota de Sebastião Cabot chega á *Ilha dos Patos*, hoje de *Santa Catharina*, que os indigenas chamavão *Jurumerim*, segundo diz o Padre Simão de Vasconcellos, ou *Jurerémirim* segundo o Visconde de S. Leopoldo. Logo que ancorou veio ter a capitanea uma canoa de indios, e por acenos deram a entender que havia ali perto muitos christãos. Cabot lhes mandou dar algumas quinquilharias, com as quaes se foram muito contentes.

No dia seguinte pela manhã tornaram a voltar e agora acompanhados de um castelhano, que disse a Cabot que existião ali uns 15 compatriotas ao todo, alguns desde muitos annos, talvez em virtude de algum naufragio na ponta do sul, que ainda hoje se chama dos *Naufragados* e outros havia pouco tempo, e fizeram parte da frota do Commendador Loaysa, que se desbaratara, não tendo querido acompanhar a D. Rodrigo de Acuña, de cujo navio, a náu *S. Gabriel*, eram tripolantes, noticiando tambem haver mais dous chamados Melchior Ramirez e Henriques Montes, que tinhão pertencido á frota de João Dias de Solis, e moravão a umas doze legoas distante.

Ambos estes appareceram depois, e tantas maravilhas contaram dos Rios da Prata e Paraná, que induziram Cabot, a não proseguir a sua derrota para as Molucas e a subir por aquelles rios, sob o pretexto de ter perdido a náu capitanea que, realmente, naufragara ali, por ter batido n'um escolho, quando procurou mudar do ancoradouro em que primeiro fundeara, para outro mais abrigado dos ventos, facto succedido a 28 do mesmo mez, nove dias depois da sua chegada.

Nos livros de arrecadação da Casa da India em Lisboa, onde se pagavão os direitos dos productos idos tambem do Brazil, consta que neste anno chegara algum assucar procedente de Pernambuco e de Itamaracá, segundo diz o Visconde de Porto Seguro.

Isto prova evidentemente que já nesse tempo e em ambas essas localidades, se cultivava a canna de assucar, e havia, senão engenhos, pelo menos engenhocas em que elle se fabricava.

Entretanto, diz-nos Frei Gaspar da Madre de Deus que fôra na Capitania de S. Vicente onde primeiro se cultivou a canna de assucar em todo o Brazil, tendo sido a semente trazida da Ilha da Madeira por ordem da Martim Affonso de Souza, donatario da mesma capitania, e tambem ali aonde se construiu o primeiro engenho, igualmente por ordem do mesmo donatario, engenho que se denominou de *S. Jorge*, e segundo Pedro Taques (48) passou depois com grande augmento de fabrica e escravatura a ser dos allemães Erasmo Scheter (e não Esquert, como erradamente alguns escreveram) e seus filhos e um socio de nome Julio Visnat, que o compraram, e se ficou então chamando *S. Jorge dos Erasmos*.

Isto, poucs mais ou menos, já tinhão antes escripto os Padres Simão de Vasconcellos, Jaboatão, Santa Maria e Barbosa Machado e tambem Brito Freire, e este ultimo com a circumstancia de querer que as cannas fossem oriundas da localidade no que está em contradição com os outros nesta parte.

Eis o que elle escreveu :

“ Aqui se achou o modo de fazer assucar. E aqui acharam primeiro as cannas em que se cria, donde sahiu a planta que innundou utilmente a Nova Lusitania. ”

Por sua vez affirma Gabriel Soares que o primeiro lugar onde se cultivou a canna

(48) *Hist: da Cap, de S. Vicente. Rev: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol: 9 Pag. 144.*

1526 Out:

de assucar no Brazil, foi na Capitania dos Ilhéos, que começou a ser povoada em 1535, vindo a semente da Ilha de Cabo Verde.

Vê-se, porém, pelo documento official encontrado e citado pelo Visconde de Porto Seguro, que todos elles se enganaram, e que Pernambuco tem a prioridade no cultivo da planta e produção do genero.

Como veio aquella para aqui, não sabemos dizer; mas temos convicção de que fôra importada, pois não a temos por originaria do paiz, apesar de nos dizer o sisudo Monsenhor Pizarro, que "antigos povoadores do sertão descobriram essa planta em lugares assás remotos de S. Vicente, e das suas contiguidades, como acharam os sertanejos nas beiradas do rio de S. Lourenço, d'onde as mandou buscar o Brigadeiro Commandante de Cuiabá, Antonio de Almeida Lara, para dar principio com ellas á plantação de tão util vegetal no mesmo Cuiabá."

Isto, porém, deu-se em 1730 ou duzentos annos depois que no Brazil se começou a cultivar a canna, e acreditamos que tivesse sido a semente della levada para ali pelos aventureiros paulistas, que no seculo anterior devassaram todos os sertões nas suas correrias contra os indios, e na procura de minas de ouro e prata, e fizeram muitos arraiaes, que depois abandonaram, e por esta circumstancia tornavam os campos ao primitivo estado de incultura, se assim nos podemos expressar, e por conseguinte nada prova o facto mencionado por Monsenhor Pizarro.

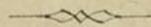
Parece ter mais força dizer, o Cavalheiro Pigafeta, embarcado na frota de Fernando de Magalhães, que entrou no Rio de Janeiro a 13 de Dezembro de 1519, (veja-se essa data) quando ali só havia selvagens, que encontrará lá a canna de assucar, e tambem escrever João de Lery, que fez parte da colonia franceza fundada por Willegaignon em 1557, que havia muita canna de assucar em toda a visinhança do mencionado porto do Rio de Janeiro.

Isto mesmo não prova que a preciosa

graminea seja oriunda do nosso paiz, por que se o fosse seria encontrada geralmente em todo elle, como a mandioca, o milho e outras plantas, e não sómente á beira-mar, em pequenas partidas e em certos e determinados pontos da costa, aonde era frequente a ida para refrescar de navios que navegavam para Europa, procedentes da India (donde ella é originaria) ou vinhão da mesma Europa para o Sul do Brazil e Rio da Prata, tendo tocado, tambem para refrescar, nas Ilhas da Madeira ou Cabo Verde, onde ella era já cultivada.

E' nossa convicção de que a semente de tão preciosa planta fôra trazida por algumas dessas embarcações, e com propabilidades pelas que tocavam em S. Thomé, onde o cultivo era já em grande escala, e a tomavão em avultada porção, para refresco da gente, ou mesmo, quem sabe? se como um desses resgates de pouco valor, com que angoriavam a boa vontade dos indigenas e lhes pagavam o seu trabalho.

Apreciada por elles, e encontrando terreno favoravel á sua propagação, estendeu-se em breve tempo por todo o litoral desde S. Vicente até a Bahia, e talvez mesmo até Pernambuco, se é qu'ella não foi mandada para aqui pelo governo da metropole, quando mandou fazer um engenho em 1516, (veja-se o facto sem data desse anno) pois assim procedeu com relação ás Ilhas da Madeira, S. Thomé e outras, quando nellas introduzio o seu cultivo.



Nos fins deste anno, depois do mez de Setembro, chegou de Lisbôa Christovão Jacques com a sua frota destinada a guardar a costa do Brazil. Compunha-se de uma não e cinco caravellas e foi ter á feitoria que Portugal já possuia desde annos atrás, em Pernambuco, na margem meridional do canal que separa a terra firme da *Ilha d'Itamaracá*, no lugar que depois se chamou dos Marcos, feitoria onde em 1516, estivera a frota de João Dias de Solis, quando, depois de assassinado este chefe, voltou do Rio da Prata, e a sua

1526 Out:

gente carregaram os navios (eram dous) de páu-brazil, prendendo para isto a onze portuguezes, que ali havia, e o levaram para Hespanha como já narrámos: (veja-se a data de 8 de Outubro de 1516) e tambem estiveram desde 6 de Junho até 29 de Setembro deste mesmo anno de 1526, os navios da frota de Sebastião Cabot de passagem para o Sul, e n'aqual ia Luiz Ramirez, que narrou a sua estada ali. Veja-se essa data.

Entretanto, diz-nos o Visconde de Porto Seguro, que Christovão Jacques chegando, e fundeando no canal, "deu ali principio a uma casa de feitoria no sitio que se chamou dos *Marcos*, em virtude dos que ali depois se collocaram (49) para termos de demarcação no proprio continente, quasi em frente da entrada do Sul do mesmo canal e da antiga Villa da Conceição, situada a cavalleiro na propria ilha. Esta feitoria ou outra apar desta, passou, ao que parece a ser estabelecida pelo mesmo Jacques no porto de Pernambuco, etc."

Não podemos comprehender isto.

Se já existia, como não resta a menor duvida, a feitoria no sitio que depois se chamou dos *Marcos*: como é que Christovão Jacques veio agora fundal-a?

E a mudança incontinente desta feitoria ou o levantamento de uma outra apar della pelo mesmo Cristovão Jacques, (que muito pouco tempo se demorou ali,) no porto de Pernambuco, que é o mesmo lugar onde existia a primitiva feitoria, (veja-se a nota da pagina 69... que explicação pode ter?

O General Abreu e Lima, diz que a feitoria que Christovão Jacques fundara neste anno, foi na *Ilha d'Itamaracá*.

Acreditamos que assim tenha sido, mesmo porque cinco annos depois, em 1531, foi tomada por Francezes uma feitoria existente naquella ilha, onde os intrusos se fortificaram; mas sendo esta a que fundou Christovão Jacques nesta data,

(49) Foi apenas um.

não foi então no sitio que depois se chamou dos *Marcos* como diz o illustrado Visconde de Porto Seguro.

Ainda ha um facto que isto confirma.

Na carta de doação da Capitania de Pernambuco, passada pelo Rei D. João III lê-se o seguinte trecho:

"...ficará com o dito Duarte Coelho a terra da banda do Sul, e o dito rio, onde *Christovão Jacques fez a primeira casa da minha feitoria etc, etc.*" ora esta *primeira casa* indica que elle fez tambem uma segunda, e devia ser a *d'Itamaracá* neste anno, assim como a outra anterior, a que se refere o Rei, era a de Pernambuco; e o illustre Visconde de Porto Seguro confundio as duas.

Mas quando fez elle a primeira?

Nenhum historiador ou chronista portuguez menciona a sua vinda ao Brazil antes desta data, mas não ha duvida que veio, á vista do documento official, ou melhor dito da asseveração real, que acima inserimos.

Não foi, com certeza, nas expedições de 1501 ou de 1503, como erradamente querem alguns antigos chronistas, que o fazem commandante ora da primeira ora da segunda, o que já está evidentemente demonstrado, ser inexacto, e nem os chefes dellas tiveram encargos de levantar feitorias.

Gaffarel poz no fim da sua obra, uma pequena chronologia na qual se lê.

Expedição de Christovão Jacques—1516—1517.

Não sabemos em que authoridade se baseou o historiador francez para isto escrever; mas esta sua afirmação a temos como um raio luminoso que nos esclarece a obscuridade do facto em questão, pois dá-nos a conhecer duas viagens ou commissões de Christovão Jacques nas costas do Brazil, com intervallo de dez annos uma da outra, sendo a primeira naquella epocha e a segunda na de que tratamos agora, 1626 a 1627.

Reforça esta nossa opinião dizer Luiz Ramirez, na sua carta escripta do Rio da Prata, que Melchior Ramirez, um dos dis-

1526 Out:

persos da frota de João Dias de Solis, que Sebastião Cabot encontrou em Santa Catharina, dissera ter servido de lingua a uma armada portugueza que fôra ao Rio da Prata em passados tempos, commandada por Christovão Jacques, e mais adiante que estando Sebastião Cabot no interior do rio Paraguay, que ia explorando, e recebendo ali noticia de que haviam chegado náos "ao rio de Solis, deliberou o Sr. Capitão General a descer, por que temia, que na dita armada viesse Christovão Jacques (isto era em 1527), Capitão do Rei de Portugal, que já uma outra vez, como disse, tinha vindo a este rio de Solis e promettido a Francisco Puerto, que ali achamos, que voltaria, e se fosse o referido Christovão Jacques, que havia entrado no dito rio, as nossas náos estariam em má situação, etc, etc.

Felizmente para Cabot as náos chegadas eram da frota de Diogo Garcia.

Christovão Jacques desta segunda vez, não passou da Bahia.

Parece-nos, pelo que temos exposto, não haver a menor duvida de que elle fizera duas viagens ao Brazil, tendo na primeira edificado a casa da Feitoria de Pernambuco, e vindo encarregado de vigiar o paiz contra os hespanhões indo até o Rio da Prata, e as ameaças que ali fizera contra elles, ouvidas por Francisco Puerto, que as referio a Sebastião Cabot, produziram neste o medo narrado pelo referido Ramirez. Da segunda, como já ficou dito, veio encarregado de expellir os francezes e fundou a Feitoria d'Itamaracá.

Segundo o historiador paraguayo, Ruy Dias de Gusman, author da obra *Argentina*, foi no correr deste anno que o celebre aventureiro portuguez Aleixo Garcia emprehendeu e realisou a sua invasão ao Perú, existindo ainda o Inca Huayna—Capac, predecessor de Atahualpa morto por Pizarro.

Partio Garcia de S. Vicente á frente de uma bandeira, foi a primeira que se cr-

ganisou no Brazil (50) com mais tres ou cinco companheiros europeos e grande numero de indios, que foi augmentado pelo caminho, e atravessando os sertões foi pelo Paraná e Paraguay ter aos confins do Perú, donde, apesar de rechaçado pelos Charcas, voltou carregado de despojos. Chegando outra vez ao Paraguay, mandou dous companheiros adiante com amostras das riquezas do paiz. Chegaram estes salvos a S. Vicente, no entretanto foi Garcia assassinado depois da partida d'aquelles pelos proprios indigenas Guaranys, com os quaes tinha realisado a sua excursão e com elles voltara, sendo a isto levados pela brutal cubica dos objectos preciosos, que para si guardara Garcia d'entre os despojos que havia trazido.

Conforme o mesmo escriptor, Garcia tinha emprehendido esta expedição por ordem de Martim Affonso de Souza em razão da sua proficiencia nas linguas guarany, tupy e tamoya.

Esta asserção, porém, é falsa, pois Martim Affonso só em 1532 chegou a S. Vicente.

O jesuita Padre Nicholau del Techo tambem diz erradamente que Garcia fôra mandado por Martim Affonso, o qual mandou depois com Jorge Sedenho sessenta portuguezes em busca d'elle. Refere-se á expedição de Pero Lobo sob a direcção de Francisco Chaves. Veja-se a data de 12 de Agosto de 1531.

Ao chegarem perto do Paraguay os mesmos indigenas, que tinham morto a Garcia, lhes mataram o commandante, pondo em fuga o resto da partida. Na volta foram embarcados pelos indigenas do Paraná em canoas comidas do bicho, betumadas com barro em vez de resina, e chegando ao meio do rio tiraram a massa

(50) Dava-se o nome de *bandeira* a um indetermi- nado numero de homens, que providos de armas, munições, e mantimentos necessarios, para sua defesa e subsistencia entravam nas terras possuidas pelos indios com algum intuito; por exemplo; de descobrir minas, reconhecer o paiz, ou castigar hostilidades.

e nadando para terra, deixaram os portuguezes ir ao fundo.

Esta historia é manifestamente fabulosa.

Em uma representação que fez o *Cabildo* (municipalidade) e mais justiças da cidade de S. Miguel de Tucuman ao governador de Buenos Ayres, datada de 6 de Abril de 1752, cuja copia se acha registrada na Secretaria do Governo de S. Paulo, livro de officios para o ministerio, que serviu de 1769 a 1771 lê-se o seguinte trecho, com relação a expedição de Aleixo Garcia.

“ Antes que os castelhanos conquistassem a povoação do Rio da Prata, um portuguez chamado Aleixo Garcia, com outros dous companheiros da mesma nação partindo da provincia do Brazil, atravessando por immensidades de paizes povoados por indios bravos e infieis, chegou ás ribeiras do rio Paraguay, povoadas naquelle tempo por multidão de indios *Guayanazes*, e, fazendo amizade com elles, persuadiu a muitos que o seguissem, e capitaneando um novo exercito delles, rompeu por entre muitas nações barbaras, até chegar á provincia do Perú, e terras sujeitas aos Reis Incas, com cujos vassallos pelejou, e adquirio delles muitos despojos de prata, roupas e varias cousas; porém, reconhecendo não ser sufficiente a gente que levava, para proseguir e manter a guerra, deu volta ao rio Paraguay com os indios que haviam ficado, com animo de trazer maior numero de portuguezes do Brazil e com elles mais numeroso exercito de indios *Guayanazes* e voltar á empreza; com esta tenção deixou seus companheiros portuguezes entre os indios e se foi ao Brazil e d’ahi outra vez ao rio Paraguay, com outros portuguezes, que se lhe haviam ajuntado, para repetir a viagem á terra dos Inéas em busca de prata e riquezas, não tendo effeito este intento, porque em sua ausencia os indios haviam morto os dous companheiros de Aleixo Garcia, e temendo que este quizesse vingar a morte dos companheiros, o esperavam em attitude de guerra. Pouco tempo depois chegaram os castelhanos aquellas paragens, e, achando

entre os indios algumas peças de prata das que haviam trazido do Perú, e persuadidos de que aquella prata era tirada das minas do paiz, puzeram ao rio o nome de *Rio da Prata*. ”

Como se vê esta narração differe das outras.

Southey, tratando desta expedição de Aleixo Garcia, escreveu:

“ Grande pena é não se ter conservado a historia deste aventureiro portuguez; homem deve elle ter sido de extraordinarios dotes, para, com só cinco européos, ter levantado um exercito, e penetrado até mais de meio do continente sul americano; e o respeito em que sua memoria era tida, mostra, que assim como em prudencia e valor deve ter igualado os maiores d’entre os conquistadores, tambem provavelmente os excedeu em humanidade. ”

Apezar de tudo quanto ali fica transcripto, diz-nos o Visconde de Porto Seguro que esta expedição não partiu do Brazil e sim do Rio da Prata, e nem Aleixo Garcia, nella tomou parte. Eis as suas palavras;

“ Consta-nos tambem mui positivamente que cinco européos vindos com Solis, informados pelos indios das riquezas existentes nas serras, aonde havia um *Rei branco que trazia bons vestidos como nós outros, se resolveram a ir lá*. ”

“ Empreendendo a viagem, chegaram até uns *indios comarcãos á serra, que traziam na cabeça corôas de prata e umas pranchas de ouro penduradas do pescoço e orelhas, e cingidos por cintas*. Mandaram disto aviso por doze indios a varios companheiros, que os não haviam querido seguir; e voltaram carregados de metal, quando achando-se já n’um dos afluentes do Paraguay, talvez no Picolmaio, foram acommettidos, roubados e mortos pelos indios. Entre os que não tinham querido acompanhar os cinco aventureiros, mencionaremos a Henrique Montes e a Melchior Ramirez, que vieram estabelecer-se junto da Ilha de Santa Catharina. Mais tres colonos desse tempo viviam ainda,

1523—1527 Jan:

annos depois, Francisco del Porto, que veremos servir de lingua aos navegantes do dito Rio da Prata; Francisco de Chaves, que se estabeleceu na Cananéa; e Aleixo Garcia que, segundo a tradição, apresionado joven, veio a prestar importantes serviços na colonisação do Paraguay. ”

É difficil, a falta de documentos authenticos, saber-se onde está a verdade do succedido.

Não ha duvida, porem, que a expedição aventureira de Aleixo Garcia é um facto real, pois della encontrou e recolheu noticias o adeantado Cabeça de Vacca, deseiseis annos depois, em 1542.

As primeiras lhe foram dadas pelos indios Guaxarapós, que residiam perto do rio Ipanema, dizendo alguns velhos que fôra por ali que Garcia, um portuguez, entrara no paiz, abrindo caminho á testa de um exercito de indigenas, tendo apenas cinco christãos commigo. Ia na sua companhia um mulato por nome Pacheco, que regressando ao paiz de um certo Cacique chamado Guayani, foi morto por este. Garcia, disseram elles, voltou ao Brazil, mas não por aquelle caminho: etc.

As segundas recolheu-as em duas aldeias de Chanesés, trazidos do seu paiz natal pelo proprio Garcia, de cujo exercito fizeram parte.

No lugar em que Cabeça de Vacca os encontrou, no paiz dos Sacociés, haviam elles tomado mulheres, alliando-se com os moradores.

“ Muitos, diz Southey, vieram ter com os hespanhoes (a gente de Cabeça de Vaca) alegrando-se de verem patricios de Garcia de quem se lembravam com saudade. D'um destes homens, que teria os seus cinquenta annos, obtiveram-se mais algumas informações sobre esta memoravel jornada. Rezavam ellas em resumo, que o resto dos companheiros de Garcia, haviam succumbido as mãos dos Guaranis, e que por este motivo não tinham podido aquelles selvagens, unicos que escaparam, voltar pelo mesmo caminho, que haviam trazido e nem conheciam outro.

“ Os Sacociés os tinham recebido bem no seu infortunio, e entre estes haviam ficado. ”

Tambem é verdadeiro o facto, que narra o Visconde de Porto Seguro, de haver prestado muitos annos depois revelantes serviços á colonisação do Paraguay, um Aleixo Garcia, que se havia criado, por dizer assim, entre os indios daquela localidade; mas este facto é facilmente explicado. Aleixo Garcia, quando partiu para a sua aventureira expedição, levou consigo um filho de menor idade, que tinha o seu mesmo nome, e lhe nascera de uma indigena em São Vicente, e esta creança, que fôra poupada pelos Guaranys quando assassinaram seu pai e mais companheiros, cresceu no meio delles, e foi, passados annos, quem relatou aos hespanhóes a catastrophe de seu progenitor.

1527

Janeiro 15—Diogo Garcia, pilôto portuguez ao serviço de Hespanha, que ia com uma frota explorar o Rio da Prata, como já dissemos, chega nesta data ao porto de S. Vicente, segundo diz o historiador Herrera; mas segundo o proprio Garcia partiu d'ali, (51).

Neste lugar encontrou elle, um bacharel portuguez que lá vivia a quasi trinta annos (52) o qual lhe vendeu muitos refrescos e mantimentos do paiz, agua e lenha e á um de seus genros, (tinha diversos) comprou um bergantim, (falua grande) e o contractou para servir de lingua no Rio da Prata.

O mesmo bacharel com seus genros lhe fretaram a maior embarcação para conduzir á Hespanha oitocentos (53) escravos

(51) Carta memoria contra Sebastião Cabot publicada na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz:* Vol. 15 Part. 1. Pag. 6 e seguinte.

(52) Garcia escreveu em 1531 e por equivoco contou o tempo da estada do bacharel até aquelle anno, quando só devia contal-o até 1527 em que com elle esteve.

(53) Ha engano manifesto neste algarismo; deve ser oitenta.

1527 Fev:

indios, o que elle cumpriu, pois logo que chegou ao Rio da Prata mandou o navio fretado, que não podia servir para a exploração do rio, regressar a S. Vicente afim de conduzir os escravos do bacharel e de seus genros para Hespanha, como havia contratado.

Fevereiro 15—Depois de uma demora de tres mezes e 27 dias a frota de Sebastião Cabot deixa a *Ilha de Santa Catharina* em demanda do Rio da Prata.

Durante a sua estada ali, Cabot fez construir um bergantim (falua grande) sendo em todos os seus trabalhos muito ajudado pelos indios, que tambem diariamente abasteciam a sua frota com viveres de toda a especie e fructas do paiz.

Cabot pagou esta generosa hospitalidade arrebatando quatro filhos dos principaes o que elles muito sentiram, e depois deixou tambem n'uma ilha diserta tres officiaes que tinham censurado a sua conducta e foram elles Francisco de Rojas, Miguel de Rosas e Martim Mendes.

Christovão Jacques, que andava percorrendo a costa do Brazil, com uma esquadilha de quatro caravelas trava peleja com tres navios francezes, um de oitenta, e dous de cento e quarenta toneladas.

“ Combateu um dia inteiro, diz o Visconde de Porto Seguro e, sahindo vencedor, levou para Pernambuco os prisioneiros em numero de tresentos (54). Segundo nos consta por tradição este combate teve lugar n'um reconcavo, pelo rio Paraguassú acima, junto á ilha ainda chamada dos *Francezes*. Sabendo porém, positivamente por outro lado, que as hostilidades começaram da parte dos navios francezes contra uma das caravelas, pelos tempos con-

trarios esgarrada das outras, que depois acudiram, só teria o combate lugar nessa paragem, se acaso a ella se foram refugiar os mesmos navios depois de começadas as hostilidades. ”

Estes navios pertenciam aos armadores João de Codgungar, Francisco Gueret, Mathurin Tourmouche, João Burco e João Jamet.

Tratando deste acontecimento diz um manuscripto da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, citado por Capistrano de Abreu o seguinte :

“ Quando estavam negociando em um porto, carregando de pão-brazil e animaes, chegou certo numero de gente portugueza estando em quatro caravelas ou barcas latinas do dito Rei de Portugal, equipadas e armadas em guerra para acommetter, offender, desbaratar nossos ditos subditos por mandado expresso de... El-Rei de Portugal... vieram acommetter e investir os navios dos ditos supplicantes e a gente que nelles estavam atirando todo o dia muitos tiros de artelharia contra os ditos navios e gente dos ditos supplicantes, mataram-lhes os pilôtos e muita gente dos navios... arrombaram e quebraram os ditos navios por tal maneira que se iam quasi ao fundo, o que vendo alguns dos nossos subditos se sahiram a terra e se metteram nas mãos dos selvagens e gente que na dita terra do Brazil estava antes ; outros dos nossos ditos subditos se metteram nas mãos e mercê dos ditos Portuguezes esperando ser delles melhor tratados : porém elles ditos Portuguezes enforcaram alguns dos nossos ditos subditos, os outros metteram e enterraram em terra até os hombros e o rosto e depois os martyrisaram e mataram cruelmente a cacetadas e tiros de espingarda, tomaram e roubaram seus navios, bens e mercadorias. ”

Como se vê, esta narração é muito diferente da que nos deu o illustrado Visconde de Porto Seguro, que concluiu dizendo: que Christovão Jacques, quando no anno seguinte foi rendido, se recolheu ao reino com os tresentos prisioneiros estrangeiros, que tinha consigo na feitoria de Pernambuco.

(54) E' muita gente para tres navios mercantes.

1528 Abr: Out:

1528

Abril 30—Carta do atribulado D. Rodrigo de Acuña, commandante da não hespanhola *S. Gabriel*, cuja peregrinação pela costa do nosso paiz já narramos. Foi escripta da Feitoria de Pernambuco aonde fôra ter, a El-Rei D. João III pedindo-lhe que o mandasse buscar d'alli para Lisbôa.

Eis o theor della :

“Tendo vindo do Estreito de Magalhães na minha não derrotada e destrocada por tormentas e comida de carunchos, estando com ella de querena e calafetando, fui accommettido por tres náos francezas.

“Sublevou-se-me a gente, fui posto em terra setenta legoas d'aqui n'um bote com sete pessoas mais, e milagrosamente vim aportar a esta Feitoria, onde acreditava ser bem tratado como vassalo de um irmão vosso; porém nein os mouros me dariam peor tratamento, sem quererem me dar passagem por preço algum em diversas náos que d'aqui hão partido.

“Estou aqui a dezoito mezes, perdido e nú como um selvagem, sem ter em nada disservido a V. Alteza, e ao contrario mesmo, meus antepassados prestaram muitos serviços aos Reis de Portugal. Mas, que esperar quando aos mesmos filhos de Portuguezes os deixam aqui para alimento e manjar dos selvagens?... Actualmente se acham espalhados por esta terra mais de tresentos christãos, filhos de christãos que estariam mais provaveis de serem salvos na Turquia que aqui.

“Lembre-se V. Alteza que os juizos de Deus são infalliveis, *et propter peccata hominum veniunt adversitates*. Aqui não há justiça: me tire V. Alteza desta terra, e me mande aonde se me faça a justiça que mereço.”

Outubro 23—Antonio Ribeiro rende a Christovão Jacques no commando da esquadilha que guardava a costa do Brazil, por ordem do Rei D. João III, contra a pirataria dos francezes.

Esta data nos é dada pelo General Abreu e Lima: não sabemos donde a co-

lheu; mas julgamos que não é exacta, á vista de um requerimento que nesta mesma data dirigio D. Rodrigo de Acuña, que estava em Pernambuco como acima vimos, ao mencionado Antonio Ribeiro e nos parece intempestivo que o fivesse feito no mesmo dia da chegada d'aquelle, como se verá pelo assumpto do mesmo requerimento que adiante damos: entretanto não podendo contestal-a vantajosamente á conservamos.

Quanto a Ribeiro, nenhuma noticia encontramos dos seus feitos em nossos mares.

Idem—O mal aventurado D. Rodrigo de Acuña, capitão da não hespanhola *S. Gabriel*, dirige ao Capitão-mór, Antonio Ribeiro, commandante da esquadilha que guardava a costa do Brazil, e se achava em Pernambuco, a seguinte petição, que teve favoravel despacho:

“Senhor Antonio Ribeiro, Cavalheiro da Casa d'El-Rei, e Copitão-mór desta armada que anda nesta costa do Brazil:

“Dom Rodrigo de Acuña, um dos capitães do Imperador, e fazia parte d'armada que ia para Moluco pelo estreito de Magalhães, pede a Vossa Mercê, que visto ter elle aportado a esta Feitoria de Pernambuco com mais sete pessoas n'um bote destrocado pelos francezes, e desamparado dos seus proprios, haverá dous annos, pouco mais ou menos, e detido por Christovão Jacques, Capitão-mór, que foi desta mesma armada, até ao presente, em que Sua Alteza os manda ir dando-se-lhes passagens para Portugal, que mande tirar informações, tanto dos ditos homens que vieram na minha companhia, como dos francezes que testemunharam a minha derrota, e a outros que ouviram contar o succedido commigo por pessoas que iam em as náos dos francezes, que me destrocaram; os quaes mande Vossa Mercê enterrogar: aos meus, do que succedeu, desde que partimos de Caruña, até a vinda de Vossa Mercê a esta Feitoria, e aos francezes do que souberam a respeito; para que o Imperador seja informado da

 1528 Nov:—1529 Abr:—1530 Agos: Nov:

verdade e eu possa dar conta de meu. Por tanto peço a Vossa Mercê mande tirar esta dita informação por João Vasque Mergulhão, escrivão desta armada e tirada por modo que faça fé como informação de Sua Mercê e garantia do meu direito, mandando Vossa Mercê dar-me-a pagando eu ao escrivão os seus emolumentos.

Feito em Pernambuco, na Feitoria de El-Rei de Portugal, hoje vinte e seis dias do mez de Outubro de mil quinhentos e vinte oito annos.—*D. Rodrigo de Acuña.*

Novembro 2—Começa o interrogatorio feito na Feitoria de Pernambuco, o qual continuou nos dias seguintes, pelo Capitão-mór Antonio Ribeiro, commandante d'armada que guardava a costa do Brazil, aos marinheiros da não hespanhola *S. Gabriel* que ali foram ter com o capitão da mesma embarcação D. Rodrigo de Acuña, que requereu o dito interrogatorio.

Depuzeram os marinheiros Jorge de Catorico, Alfonso de Napoles, Machin Vizcaino, Bartholameu Vizcaino, Pascoal de Negrón e Jeronymo Genovez, e foram todos concordes em dizer o que já narramos sob a data de 24 de Julho de 1525.

Tambem depoz o francez Francisco Gordé, ex-tripolante de um dos navios francezes, que bombardearam a não *São Gabriel*, e fôra depois aprisionado por Christovão Jacques, assim como um frade carmelita, tambem francez, Frei Guilherme de Lamel, pertencente ao convento de Sampol de Leon, que disse saber do facto por tel-o ouvido narrar no mencionado convento por João Bogé, piloto de um dos ditos navios francezes, que agrediram a referida não hespanhola *S. Gabriel*, pela maneira e forma porque despuzera o seu compatriota Francisco Gordé, e tambem o ouviu narrar diversas vezes o mesmo acontecimento por outro homem chamado Felipe Cargorio, que fôra commissario em uma das ditas náos francezas e viera com elle ao Brazil, tambem como commissario em um navio de Sampol de Leon, chamado *Leynon*, que fôra tomado na costa brazileira.

Os depoimentos destas duas testemunhas foram escriptos por ellas proprias na sua lingua, e juntos ao processo, porque não fallavam portuguez e nem havia quem conhecesse a lingua franceza para servir de interprete.

1529

Abril 22—Accordo assignado em Saragoça pelo qual as corôas de Portugal e Hespanha, combinaram os limites de suas possessões na America.

1530

Agosto 2—Carta do Dr. Simão Afonso escripta de Sevilha ao Rei D. João III, participando-lhe como acabava de chegar ali Sebastião Cabot vindo muito derrotado do Rio Paraná, e fôra mandado prender, pelo que pensava que a Hespanha não tentaria para aquellas bandas novas empresas.

Quando esta carta foi recebida em Lisboa, já se tratava ali de fundar-se no Brazil uma colonia vigorosa, por ter mostrado a experiencia que eram insufficientes as armadas de guarda costa, além de muito despendiosas, para resguardal-o das pretensões dos hespanhóes e francezes, que tentavam nelle estabelecer-se, não havendo uma forte colonia n'algum porto visinho, a que ellas se podessem recolher para refazer-se, não só de mantimentos como de gente.

“ O plano vago da fundação desta povoação forte no aquem mar, se fixou então sobre essa paragem de clima temperado e de tantas apregoadas riquezas, que os Castelhanos escarmentados iam por ventura desamparar de todo: sobre as margens do Rio da Prata, e tratou-se logo de preparar uma armada para tal fim.

Novembro 20—Cartas regias, nada menos de tres, passadas na Villa de Castro Verde, nomeando a Martim Affonso de Souza commandante de uma armada des-

1530 : Nov : Dez :

tinada ao Brazil e outhorgando-lhe grandes poderes, e a quem ficasse em seu lugar, tanto no mar como em terra, para reger a colonia, que se lhe encarregava fundasse; conferindo-lhe alçada com mero e mixto imperio no civil e no crime, até morte natural inclusive; excepto quanto aos fidalgos que, se delinguissem, deveria enviar para Portugal; authorisando-o tambem a tomar posse de todo o territorio situado até a linha meridiana demarcadora; para fazer lavrar autos, e pôr os marcos necessarios; para dar terras de sesmarias a quem as pedisse, e até para crear tabelliães, officiaes de justiça e outros cargos.

Estes importantes documentos da nossa historia patria, estão enseridos na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geogr: Braz: Vol: 24, Pags: 74 a 80.*

Dezembro 3—Parte de Lisbôa a frota de Martin Affonso de Souza destinada a percorrer a costa do Brazil até o Rio da Prata, e fundar uma colonia onde mais conveniente achasse.

Compunha-se da não capitanea, cujo nome se ignora, da não *S. Miguel*, galeão *S. Vicente* e caravelas *Rosa* e *Princeza*.

O que determinou D. João III a enviar esta armada ao Brazil, foi a noticia das explorações de Cabot e Diogo Garcia no Rio da Prata, e ver tambem que os Francezes pretendiam estabelecer-se em Pernambuco e na Bahia de Todos os Santos, pelo que deliberou tomar inteira posse da terra, colonisal-a, e fazer respeitar o seu pendão por estes mares.

Martin Affonso de Souza trouxe o titulo de *Governador das Terras do Brazil*, como se collige pelas cartas de sesmarias que passou e principiam dizendo:

“ Martin Affonso de Souza, do conselho de El-Rei nosso senhor, e *Governador das Terras do Brazil*. etc, etc.

Veio nesta armada, commandando a caravela *Rosa*, um irmão de Martin Affonso, chamado Pero Lopes de Souza que escreveu um diario da navegação da

mesma armada, da qual extrahimos as passagens que daremos com relação a ella.

“ Além das competentes guarnições e tripolações, diz o Visconde de Porto-Seguro, embarcaram nella familias inteiras...

“ — Vão para o Rio da Prata! ”... E bastava esta voz para não faltar quem quizesse alistar-se... Ao todo contava-se nas cinco vellas quatrocentas pessoas. Muitas destas diziam adeus á patria no momento em que por ventura sonhavam que dentro em pouco volveriam a ella com grossos cabedaes—com rios de prata. Henrique Montes, que estivera com Cabot e que tinha passado a Portugal, regressava n'armada feito *caralheiro da casa*, e agraciado com o officio de Provedor dos mantimentos, assim na viagem como ao depois em terra, em qualquer lugar aonde assentassem os que iam n'armada, uns por obediencia ás soberanas ordens, outros por curiosidade, ou por sua ambição ou sede de riquezas, e alguns até por sua infelicidade—seus vicios e crimes. ”

Mão grado a grande autoridade de tão eminente historiador, o embarque de *familias inteiras*, em os navios desta armada não é facto verdadeiro.

O primeiro que tal disse foi o Padre Santa Maria na sua obra *Santuário Mariano*, sendo seguido pelo Padre Jaboatão que chegou até afirmar que a frota tinha sido preparada por Martin Affonso e a sua custa!

Vê-se pela narração diaria, que Pedro Lopes de Souza escreveu dos successos desta armada, que sómente depois de ter percorrido toda a costa, desde Pernambuco até o Rio da Prata, e mandado explorar este rio, é que Martin Affonso tratou de fundar a *Villa de S. Vicente* na ilha do mesmo nome, onde chegou a 20 de Janeiro de 1532, tendo gasto em navegar, desde o dia em que partio de Lisboa, um anno, um mez e dezeseite dias.

Durante este longo espaço de tempo, sustentou um combate e apresionou navios francezes em frente de Pernambuco, a primeira terra, em que tocou, e dalli expedio duas de suas embarcações a explorar

1530 Dez:

a costa do Norte, seguindo com as outras para o Sul, onde soffreu tempestades e naufragio, não tendo querido permanecer em nenhum ponto da costa em que de passagem tocou, e nem nelles desembarcou ninguem, excepto dous homens na Bahia, só parando quando considerou terminado o principal objectivo da sua missão, que era expellir os franceses da nossa costa, e os hespanhões da margem esquerda do Rio da Prata e collocar ali, como fez collocar, marcos divisorios.

Procederia elle da mesma forma se os seus navios trouxessem familias inteiras? Não com certeza e nem por forma alguma podia fazel-o. Teria primeiramente fundado a colonia, para as acomodar nella.

Acresce ainda que abordo dos navios com que Martim Affonso chegou a *Ilha de S. Vicente* não havia uma só mulher.

Prova bem isto um titulo de sesmaria de terras de *Iriripiranga* na mesma *Ilha de S. Vicente*, dadas pelo Capitão-mór Padre Gonçalo Monteiro, como Loco-tenente do mesmo Martim Affonso ao meirinho João Gonçalves, em 4 de Abril de 1538, seis annos depois da fundação da villa, e começa assim:

“ Por João Gonçalves meirinho morador em esta villa de S. Vicente, me foi feita a petição, que lhe desse um pedaço de terra nas terras de *Iriripiranga*, para fazer fazenda como os outros moradores, visto como era casado com mulher e filhos em a dita terra, passa de UM ANNO e é o primeiro homem que a dita Capitania VEIO COM MULHER casado só com a determinação de povoar, etc. ”

“ Se Martim Affonso trouxera casaes na sua armada, diz Frei Gaspar da Madre de Deus, que nos forneceu o documento acima, não alegaria João Gonçalves como serviço especial ter sido o primeiro que veio casado e com mulher; quando muito diria que foi dos primeiros; menos faria esta allegação a Gonçalo Monteiro, o qual era um sacerdote, que acompanhou o primeiro donatario, e ficou parochiando a igreja de S. Vicente e por isto muito

bem saberia, que o meirinho não fôra o primeiro, se na mesma occasião e armada tivessem alguns conduzido suas mulheres. ”

Cumpre-nos entretanto dizer, que esta asseveração do chronista paulistano não nos mereceria fé, se não fosse a copia do verdadeiro documento official de que elle a precedeu, porquanto em outro lugar da sua mesma obra não trepidou escrever, para dar força á invenção do testamento de João Ramalho por elle fantasiado, o periodo seguinte: “ e este facto tão notavel não podia ignorar morador algum de S. Paulo, por ainda existirem nesse tempo alguns povoadores, que vieram n'armada (de Martim Affonso) com suas •mulheres e filhos. ”

29—Surge no porto da Ribeira Grande, na Ilha de Santiago, uma das do Archipelago do Cabo Verde, a frota de Martim Affonso de Souza, que vinha para o Brazil, e ahi se demora para refrescar.

31—Parte de Marselha a não franceza *La Pelerine* de propriedade do Barão de S. Blancard, general das armadas navaes, diz Fernando Diniz, (55) artilhada com desoito peças de bronze, e outras de ferro, bestas, lanças e cento e vinte soldados. Trazia um carregamento de generos apreciados pelos indigenas; munições para uma fortaleza, provisões e instrumentos para se cultivar a terra. Era commandada por João Duperret, e dirigio-se para Pernambuco.

Segundo diz Hakluit, foi no correr deste anno que veio commerciar no Brazil o primeiro navio inglez; mas não menciona o lugar,

Pertencia a Master William Hawkins, armador da cidade de Plymouth, pai de Sir John Hawkins, homem muito esti-

(55) Le Genie de la navigation Pag. 33.

1531 Jan: Fev:

mado do rei Henrique VIII como principal capitão de mar. Armou um navio seu de duzentas e cincoenta toneladas, chamado *Paul of Plymouth* no qual fez duas viagens ao Brazil; a primeira neste anno e a segunda dous annos depois, em 1532. Nesta primeira viagem levou consigo um chefe de tribu, a que um escriptor inglez chama rei brazileiro, e o apresentou a a Henrique VIII nos seus trages selvagens, á cuja vista não ficaram pouco maravilhados o rei e toda a nobreza, e razão tinham para isso. Em refem ficou no Brazil um inglez chamado Martim Cockeram.

Quando o chefe indio regressava na viagem de 1532 para o seu paiz, morreu, o que fez receiar-se pela vida do refem Martim Cockeram. Os selvagens, porem, plenamente convencidos da lisura do procedimento, que com o seu chefe se havia tido, restituíram o refem.

1531

Janeiro 3—Depois de uma demora de cinco dias a frota de Martim Affonso de Souza faz-se de vela do porto da Ribeira Grande, continuando na sua derrota para o Brazil.

31—No quarto d'alva avista-se terra de bordo dos navios d'armada de Martim Affonso de Souza. Estavam em frente da costa de Pernambuco. Chegando, mais perto avistaram uma náó, e se dirigiram para ella, mandando Martim Affonso de Souza dous navios na volta do norte, em que ia a mesma e outros dous na volta do sul. A náó apenas se vio cercada arribou para a costa; fundeou a meia legua de distancia della e deitou um bote n'agua, entrando nelle a tripolação, que fugio para terra.

Mandou Martim Affonso de Souza que Diogo Leite, capitão da caravella *Princeza*, fosse no bote do seu navio em perseguição do bote da náó, o que se fez; mas quando Diogo Leite conseguiu ganhar a praia só achou ali o bote escangalhado, tendo a

gente se internado. Apossaram-se da náó, a cujo bordo encontraram um homem. Era franceza, estava abarrotada de páo-brazil e tinha muita artilharia e polvora.

Foi defronte da Ponta de Olinda, que então se chamava *Cabo de Percaauri*, que se deu este facto.

Ao meio dia continuaram navegando no rumo do Sul, e vão aprisionar outra náó tambem franceza, que estava fundeada além do *Cabo de Santo Agostinho*.

Deste lugar mandou á noute Martim Affonso a seu irmão Pero Lopes, com as duas carávelas *Rosa e Princeza*, até a *Ilha de Santo Aleixo*, onde os prisioneiros tinham dito havia duas náós francezas carregando páo-brazil; mas nada se encontrou.

Fevereiro 1—Ao romper do dia, estando fundeado na *Ilha de Santo Aleixo*, avista Pero Lopes uma náó que ia no rumo do norte e fez-se logo de vela, para lhe dar caça.

A náó, assim que avistou as duas carávelas que a perseguiam, tratou de fugir, e só a *Rosa* ponde seguil-a, ficando a *Princeza* muito atraz.

Na altura do *Cabo de Santo Agostinho* sahio em seu auxilio o proprio Martim Affonso com a náó *S. Miguel*, o galeão *S. Vicente* e uma das náós aprisionadas aos francezes, porém o vento não lhe permitio alcançar a que ia fugindo, a qual só a caravella *Rosa* em que ia Pero Lopes, ponde alcançar, antes de cahir a noite, e começaram então a combater até pela manhã seguinte e sempre caminhando.

2—Com a luz do dia tornou-se o combate mais renhido e durou até as sete horas da noite, em que a náó se rendeu. Pouco depois chegou Martim Affonso com as duas embarcações que o acompanhavam. Por um lado e outro abordaram o navio vencido, que era francez; estava carregado de páo-brazil; tinha muita artilharia e balas, faltando-lhe polvora, razão pela qual tinha cessado o fogo.

Só nove mezes depois, em Novembro, se soube em França do aprisionamento

1531 Fev:

das tres embarcações, levantando-se grandes queixas e alaridos, e dizendo-se, não se sabe se com verdade, que Martin Affonso havia mandado enforcar o piloto portuguez Pedro Serpa, que encontrara em uma dellas, circumstancia agravante que tornava mais odioso o succedido.

3—Quando amanheceu viu Martin Affonso que estava distante uma legoa de uma terra que corria Normoroeste Sulsueste. Ao longo do mar era tudo barreiras vermelhas. Approximaram-se e fundearam em onze braças d'agoa. Foram de terra nadando alguns indigenas perguntar se queriam páo-brazil.

4—Martin Affonso passa-se para bordo da caravella *Rosa* e faz-se de vela com direcção ao Porto de Pernambuco, aonde queria chegar primeiro para mandar preparar victualhas necessarias aos navios, ficando Pero Lopes com as demais embarcações, que ao cahir da noite se fizeram também a vela no mesmo rumo.

17—Treze dias gastaram os navios que ficaram sob o commando de Pero Lopes de Souza a chegar, do ponto da costa onde fôra apriesionada a ultima não franceza, ao porto de Pernambuco, em frente do qual fundearam, menos a não *São Miguel*, que se desgarrou em caminho.

Aqui encontrou Pero Lopes a não Capitanea, o galeão *São Vicente* e a não franceza apriesionada no porto do *Cubo de Santo Agostinho*.

Martin Affonso ainda não tinha chegado e nem d'elle achou noticias, dizendo-se-lhes apenas que no dia anterior viram uma vela muito ao mar passando para o Sul.

Informaram-lhe que tinham ido ao rio de Pernambuco (56) e souberam que havia dous mezes ali entrara um galeão francez,

(56) Davam também este nome ao canal que separa a terra firme da *Illa de Itamaraca*, o qual era chamado rio *Jussará* pelos indigenas e o Rei D. João III o denominou depois rio de *Santa Cruz*.

que saqueiara a Feitoria, tendo o feitor della, chamava-se Diogo Dias, partido para o Rio de Janeiro (57) n'uma caravela, que ia de viagem para Çofala, e também que haviam morrido afogados na barra dos arrecifes sete homens da não capitanea.

Provavelmente foi algum bote que sobrou ali ao entrar ou sahir.

19—Chega ao porto de Pernambuco a caravela *Rosa* em que estava Martin Affonso.

Toda a frota está agora reunida com excepção do navio *S. Miguel*, e compõe-se de sete vasos sendo tres aprisionados.

Aquelle navio contrariado pelos ventos viu-se obrigado a voltar para Lisbôa. Martin Affonso “foi ao *Rio de Pernambuco*, diz Pero Lopes, e mandou levar todos os doentes da sua armada, a uma casa de Feitoria que ali estava.”

Em seguida ordenou que Diogo Leite com as duas caravelas *Rosa* e *Princeza* fosse descobrir e explorar o rio do Maranhão; despacha a João de Souza para Lisbôa em uma das náos aprisionadas, queima outra, e com a terceira, cujo commando deu a Pero Lopes, que a denominou *Nossa Senhora das Candeias*, porque a tomara no dia desta invocação, e a não capitanea e o galeão *S. Vicente* se fez de vela no rumo do Sul; na sexta-feira primeiro dia do mez de Março, escreve Pero Lopes de Souza no seu diario (58)

(57) Assim se lê no *Diario de Navegação* de Pero Lopes de Souza. Não sabemos como isto possa ser, pois nessa epocha o Rio de Janeiro era deshabitado tanto que muitos escriptores chegaram a dizer que elle fora descoberto por esta mesma armada de Martin Affonso quando lá entrou, o que não é verdade.

(58) O illustrado Visconde de Porto Seguro, a quem se deve a publicação d'este importante trabalho para a nossa historia patria, poz nesta data a seguinte nota.

“Enganou-se o auctor: Se a 18 de Fevereiro foi Sabbado, o ultimo desse mez (28) foi Terça-feira. Por tanto o 1.º de Março cahiu em Quarta-feira, como aliás sabemos que cahiu fazendo o computo ordinario.

“A conta dos dias da semana seguiu errada, e nem se emmendou no dia 12, passando de *Terça-feira 11 á Sabbado 12*: e assim andou errada até que entraram em *S. Vicente*.”

1531 Mar: Abr:

Diogo Leite, dando cumprimento a ordem que recebera percorreu o "littoral de leste-oeste, e chegou pelo menos até a *Bahia de Gurupy*, que por algum tempo se denominou, *Abra de Diogo Leite*, nome este que já se lê em um mappa em pergaminho de toda a costa feito por Gaspar Viegas em 1534."

Marco 13—Chega á Bahia de Todos os Santos Martim Affonso de Souza, com toda a sua frota, que entra no porto ao meio dia.

Pero Lopes de Souza escreve nesta data no seu *Diario* o seguinte :

"Nesta Bahia (de Todos os Santos) achamos um homem portuguez, pue havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu razão larga do que nella havia."

Era Diogo Alvares, o celebre *Curá-murú*.

"Os principaes homens da terra, acrescenta Pero Lopes, vieram fazer obediencia ao capitão irmão, e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailes, amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitão irmão lhes deu muitas dadivas. A gente desta terra é toda alva, (59) os homens mui bem dispostos e as mulheres mui formosas, que não hão nenhuma inveja, ás da rua Nova de Lisbôa.

"Não tem os homens outras armas senão arcos e frechas; a cada duas legoas tem guerras uns com os outros.

"Estando nesta bahia no meio do rio pellejaram cincoenta almadias de uma banda e cincoenta da outra: que cada almadia traz sessenta homens, todos apavezados de pavezes pintados como os nossos; e pelejaram desde ao meio dia até o sol posto: as cincoenta almadias da banda de que estavamos surtos, foram vencedoras."

Martim Affonso ao retirar-se deixou aqui dous homens e diversas sementes de

plantas uteis, para fazerem experiencia do que a terra podia dar, e talvez tambem por gratidão, pela maneira porque Diogo Alvares o acolheu e tratou e a toda a gente da sua frota.

17—Levanta ancora do porto da Bahia, e prosegue na sua derrota para o sul, a frota de Martim Affonso de Souza, que ali apenas se demorou quatro dias.

26—Em virtude de ventos contrarios em tempo desfeito e correnteza das agoas, os navios da frota de Martim Affonso, depois de nove dias de viagem, são forçados a arribar, e vieram surgir de novo á entrada do porto da Bahia. Aqui encontraram agora a caravela *Santa Maria do Cabo*, da qual já fallamos, que indo para Çofala, estivera em Pernambuco, achando-se a bordo della Diogo Dias, feitor da feitoria que ali havia.

Martim Affonso manda aggregar a caravela á sua armada, porque a julgou precisa para a sua viagem, tendo antes feito desembarcar os escravos, que ella conduzia, segundo diz Pero Lopes de Souza no seu diario. Deviam ser indios capturados em Pernambuco, pois negros não podiam ser, porque a caravela vinha de Portugal.

27—De novo deixam o porto da Bahia os navios de Martim Affonso, e proseguem na sua derrota para o sul.

Abril 30—Depois de uma viagem tormentosa Martim Afonso de Souza entra com a sua frota na bahia do Rio de Janeiro. Faz saltar a gente em terra e coustrue uma casa forte com cerca em roda, visto alli ainda não haver uma feitoria, mandando quatro homens pelo interior, os quaes voltaram d'ahi a dous mezes acompanhados do senhor da terra, a quem Martim Affonso encheu de presentes. Demorou-se alli tres mezes completos, durante os quaes construiu dous bergantins e abasteceu de provisões por um anno os seus navios, para quatrocentos homens que trazia.

(59) Esta cor alva não quer dizer branca, porém mais clara em referencia a cor preta e mesmo a bronzeada dos mouros.

1531 Agos:

“ Cumpre aqui accrescentar, diz o Visconde de Porto Seguro, que o mencionado estabelecimento de Martim Affonso n'esta bahia, deve ter tido lugar na enseada em que desemboca o rio *Comprido*; e em uma paragem que, ainda meio seculo depois, se denominava: *Porto de Matim Affonso*, conforme assegura Gabriel Soares.”

Agosto 1—Deixa o porto do Rio de Janeiro a frota de Martim Affonso de Souza para continuar a sua derrota no rumo do Sul.

4—Preliminares aceitos e assignados em Fontainebleau para um tratado de paz e alliança entre a França e Portugal, e cujo principal objecto era acabar de todo com as cartas de marca de uma e outra parte.

Como os Francezes insistiam em suas especulações sobre a costa do Brasil, e os Portuguezes a ellas se oppunham, tomando-lhes ás náos carregadas, que encontravam, Francisco I querendo evitar um novo inimigo, delingenciava por termo ao systema de retaliação, que tinham adoptado as marinhas das duas nações. Depois de algumas negociações pouco satisfatorias, propoz Francisco I a Portugal, que entrasse em novas negociações, o que foi acceito. Reuniram-se os procuradores das duas nações e por fim arranjaram o tratado cujos preliminares se assignaram nette dia.

12—Chegam á *Ilha de Cananéa* os navios da frota de Martim Affonso de Souza, e fundeam entre ella e a terra firme.

“ Desta Ilha ao Norte duas legoas, diz Pero Lopes, se faz um rio mui grande na terra firme.” Por este rio mandou Martim Affonso de Souza que fosse o piloto Pero Annes em um bergantim para haver falla com os indigenas.

17—Volta de sua missão Pero Annes trazendo consigo Francisco Chaves, e um bacharel, que havia trinta annos ali estava degradado e mais cinco ou seis castelhanos que encontrara.

Este bacharel é, sem duvida alguma, o mesmo que Diogo Garcia encontrou em S. Vicente quatro annos atraz, em 15 de Janeiro de 1527; (veja-se essa data), e que dizem as chronicas ter sido deixado em 22 de Janeiro de 1502 nesta *Ilha de Cananéa* (veja-se tambem essa data) pela frota exploradora, e sobre cuja identidade existe a controversia de que já fallamos.

O que ha de mais notavel é que este personagem desappareceu totalmente desta data em diante, pois ninguem mais falla nelle e nem consta nada a seu respeito em papel algum, sumindo-se, como por encanto, com os seus muitos genros, e apparecendo apenas reunindo em si as condições em que elle se achava, isto é de longa residencia na terra, e numerosa prole, o celebre João Ramalho, que ninguem, qualifica de bacharel, e não era e nem tambem degradado; primeiro porque não sabia lêr e nem escrever, como diz o Visconde de Porto Seguro, e nestas condições não se podia ter formado, salvo se o titulo era uma alcunha, e neste caso lh'a conservariam, o que não se deu; segundo porque veio a ser capitão-alcaide-mór da *Villa de Santo André*, e tambem camarista desta e da *Villa de S. Paulo*, cargos que não podia exercer sob o pezo de uma condemnação.

Ainda mais.

Azevedo Marques diz que vio, e realmente é exacto, no auto de posse da sesmaria concedida por Martim Affonso a Pero de Góes, passada em 1534, o seguinte trecho escripto pelo tabellião respectivo:

— e levei commigo a João Ramalho e Antonio Rodrigues linguas destas terras já de QUINZE A VINTE ANNOS estantes nesta terra, etc.

“ Daqui resulta, acreseenta Azevedo Marques, que João Ramalho e Antonio Rodrigues faziam provavelmente parte das expedições de João Dias Solis ou de Fernando de Magalhães, que vieram a America, aquelle em 1513 e este em 1519 e ficaram na praia de S. Vicente por causa ainda hoje ignorada.”

1531 Agos :

O Visconde de Porto Seguro tratando da chegada de Martim Affonso a S. Vicente de volta do sul, diz :

“ Entrando no porto de S. Vicente, o bom abrigo que nelle encontrou para as náos, a excellencia das aguas, a abundancia do arvoredor, encantador principalmente aos que acabavam de viver nos areientos plainos do Chuy ; a amenidade do clima, por certo mui preferivel ao do visinho porto de *Cananéa*, onde nunca se vira o sol durante quarenta e quatro dias, e, talvez, mais que todas estas razões, a presença de um *colono* portuguez, por nome João Ramalho, que ali contava já *vinte annos* de residencia, e que naturalmente avisado pelos indios, appareceu dando razão da terra, etc. etc. ”

Se era colono e havia vinte annos que ali estava, não podia portanto ser o degradado deixado em 1502 pela frota exploradora, e nem por consequencia o tal bacharel em questão.

Entretanto, como já tivemos occasião de dizer, o Senador Candido Mendes quer que João Ramalho seja o bacharel degradado e para proval-o escreveu um longo trabalho sob o titulo : *Quem era o bacharel de Cananéa* e foi publicado na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol: 40. Pag. 163.*

Segundo o dizer da maioria dos chronicistas, João Ramalho se achava em *S. Vicente* desde 1502; mas não ha disto prova, e um delles, Frei Gaspar da Madre de Deus, falseando a verdade da historia, quer que seja desde 1490, antes do descobrimento da America por Christovão Colombo, fazendo delle naufrago de uma imaginaria embarcação.

Era homem de máo character e desbragado; tinha muitos filhos e dominava o paiz quando chegou Martim Affonso.

Sobre elle escreveu o Padre Simão de Vasconcellos.

“ Havia em *S. Vicente* um João Ramalho homem por *graves crimes infames* e actualmente excommungado. Mandou-lhe o Padre Leonardo pedir com cortezia fosse servido sahir da igreja, para que elle

podesse celebrar o sacrificio, pois não o podia em sua presença ; fê-lo assim e celebrou o padre. Porém dous filhos seus *mamelucos*, dados por affrontados, determinaram castigar no servo do Senhor a injuria que tinham por feita ao pai, etc., etc. ”

E mais adiante :

“ Aquelle famoso João Ramalho, homem rico na terra, mas *infame* nos vicios, amancebado publico, por quasi *quarenta annos*, e de ordinario por essa causa excommungado, (cujos filhos dissemos acima tentaram pôr as mãos no servo de Deus, Leonardo Nunes) lembrado agora de seus antigos odios, e tendo ainda vivo em seu peito o agravo que cuidou lhe fizera o padre, quando o mandou avisar se sahisse da igreja, porque presente elle não podia exercer o sacrificio do altar, por estar censurado : entre alegrias e parabens com que o povo recebia por hospede o Padre Nobrega, andava elle com a caterva dos seus filhos, *muitos em numero*, e todos de má casta, *mamelucos* illegitimos, desalmados, com arcos, flexas e gritarias, fazendo gente e desinquiando a villa contra os Padres, etc., etc. ”

Estes trechos indicam que João Ramalho reunia em si as condições que já mencionamos, de longa residencia e numerosa prole, que tinha o fallado bacharel, menos os genros (circunstancia valiosa deste) mas não prova que fosse degradado, e as palavras por *quasi quarenta annos*, (o Padre Simão escrevia com referencia ao anno de 1553) mostram bem que João Ramalho só alli chegou depois do anno, de 1510, o que está de accordo com as palavras do tabellião, que funcionou na posse da sesmaria das terras de Pero de Góes, citadas por Azevedo Marques.

Tambem o allemão Ulrico Schmidt que vindo de Assumpção por terra, alli chegou em 13 de Junho do mesmo anno de 1553 (veja-se essa data), escrevendo com relação a João Ramalho disse :

“ Elle pretende que havendo feito a guerra por espaço de *quarenta annos* nas Indias (o Brazil, S. Vicente) e conquista-

1531 Agos:

do esse paiz, era mui justo que fosse elle quem o governasse.”

Como se vê pela data acima mencionada, 1553, sómente depois de 1510 era que João Ramalho podia ter chagado a S. Vicente, e por consequencia não podia ser o degradado deixado em *Cananéa* no anno de 1502.

O Visconde de Porto Seguro no designio de sustentar a sua erronea hypothese, de ser Gonçalo da Costa, que Cabot levara para Hespanha em 1527, o bacharel em questão (veja se a data de 22 de Janeiro de 1502 parte final) escreven no fim do primeiro volume da sua *Hist: Ger: do Braz*: segunda edição, a seguinte nota:

“ Em nossa opinião existiram, de principio, na antiga Capitania de S. Vicente, dous differentes colonos portuguezes, ambos com descendencia.

“ Um era bacharel e fôra deixado degradado, mui provavelmente pela frota em 1501; visto que Pero Lopes, em 1531 diz, ao encontral-o perto de Cananéa, que ali estava havia trinta annos.

“ Este bacharel percorria com os seus Indios toda a costa visinha para o Norte e para o Sul; pois tudo nos induz a crer que seria o mesmo encontrado quatro annos antes por Diogo Garcia, embora já então avalie nos mesmos trinta annos (*que ha bien 30 años*) o dito tempo de residencia, quando contratou com elle (60) o acompanhál-o ao Rio da Prata, e o fornecer-lhe 800 indios escravos para mandar á Hespanha.

“ O outro era o bem conhecido João Ramalho, que habitava e dominava nos elevados Campos, visinhos á actual cidade de S. Paulo, e a quem Thomé de Souza promoveu a Capitão e Alcaide-mór do Campo, vindo o ser tambem vereador da camara de Santo André, em cujas vereanças de

1555 a 1588, se encontra o seu name assignado de *cruz*, ou antes com uma simples risca em forma de ferradura, (sendo as palavras do sen nome em lettra de escriptura) prova de como não sabia escrever e por consequente que não seria bacharel. Este Ramalho devia ter vindo a estas terras em 1508; pois em uma carta escripta da propria Capitania de S. Vicente, ao que parece de Piratininga, pelo jesuita Balthazar Fernandes, por commissão do Padre Reitor José de Anchieta em 22 de Abril de 1568, a nosso ver só a elle se podem referir estas palavras: Um homem branco, que *ha sessenta annos que está nesta terra* entre este gentio, que agora é quasi de cem annos, estando entre os indios e vivendo não sei de que maneira, e não querendo nada de nossas ajudas nem ministerio, deu-lhe Deus de rosto com um accidente, alé de muitos corrimentos e pontadas que tinha: veio em tanto um filho seu, que pousava d'aqui uma legua, a dizer-nos que seu pai morrera, e suspeitando nós que não seria ainda morto: foram dous padres cedo a correr por aguas que estavam pelo Campo por onde haviam, de passar por ser grande cheia. Chegados á casa do miseravel velho, que não queria nada de Deus, veio Deus a visitar com os nossos, porque o que estava dantes já morrendo em máo estado, acudio-lhe Deus com a confissão, que elle fez bôa pondo-se em bom estado, e commungando; mas não morren daquelle accidente senão anda para isso aparelhado e posto na verdade, esperando por sua hora. Cêdo lhe virá:

“ Nem se diga que este mesmo João Ramalho seria o proprio designado como bacharel por Pero Lopes e Diogo Garcia, e que um e outro lhe chamariam bacharel, porque seria este nome uma sua alcunha. O ultimo destes dous escriptores diz positivamente: *Ali vive un bachiller*; o que não pode dar lugar a dita interpretação, talvez admissivel no texto de Pero Lopes. Demais sabemos que Cabot tambem veio a encontrar por essas mesmas alturas, um pouco mais ao Sul, a um bacharel cujo

(60) Aliás com um genro.

1531 Agos:

nome nos é revelado ser Gonçalo da Costa, conforme publicamos. (61)

“ Deste modo, se o texto jesuitico acima se applica, segundo cremos, a João Ramalho, de quem parece, não terem tido conhecimento os navegadores, que se limitaram a correr a costa, bem que este não era fallecido em 22 de Abril de 1568, pouco mais tempo viveria; e não é impossivel o suppor-se que o testamento de que dá fé, Frei Gaspar da Madre de Deus, com feito perante o tabellião Lourenço Vaz, em presença do juiz ordinario Pedro Dias, aos 3 de Maio, deva referir-se ao anno de mil quinhentos e *setenta* (não *oitenta*) e que nos annos de residencia tambem tenha havido errada leitura, devendo ser *sessenta* e não *noventa*.

“ Infelizmente foram inuteis todas as nossas averiguações em S. Paulo em 1840 para encontrar o texto ou notas originaes deste testamento. ”

E nem podia deixar de succeder assim, porque, segundo diz o Senador Candido Mendes, semelhante peça nunca existio, sendo apenas obra phantasiada por Frei Gaspar da Madre de Deus.

Eis as suas palavras:

“ Com a autoridade prestigiosa de sua palavra o chronista santarino assegura-nos que, se não leu, *vio* o testamento original de João Ramalho, e *d'elle obteve copia authentica*, que encarece com reflexões com que adorna o acontecimento, por onde se prova de modo irresistivel haver Ramalho desembarcado ou aportado na patria Santos, pelo Guarapissuma dentro, não em 1502 ou 1514, mas precisamente em 1490, isto é, dous annos antes de abicar Colombo ao archipelago das Lucayas, em Guanahani.

“ O testamento tinha uma data feliz: foi lavrado a 3 de Maio de 1580. Essa data em si comprehendia duas epochas

notaveis: a do descobrimento do Brazil por Pedro Alvaras Cabral (3 de Maio) (62) e a do estabelecimento da ordem benedictina entre nós (1580). Que descoberta e quantas coincidencias! ”

E mais adiante acrescenta:

“ Além daquella descoberta, fez ainda mais: o veridico e grave chronista na mesma noticia em que relata essa famosa descoberta, que tanto tem feito cogitar os americanistas-europeus, brinda João Ramalho com uma idade além de centenaria, pois fazeudo-o fallecer em 1580 ou mais, só de estada no Brazil contava elle noventa annos.

“ Trataremos deste assumpto mais detidamente em outra oportunidade (63) por ora basta dizer que, por nossa conjecturas, João Ramalho já não era deste mundo em 1560. Precisamente poderiamos talvez, assegurar 1558.

“ Portanto, ainda á luz dos argumentos expendidos, em nossa opinião é elle o bacharel degradado, visto por Diogo Garcia em 1527 em *S. Vicente* e por Martin Affonso de Souza em 1531 em *Cananéa*. ”

Não podemos aceitar esta illação tirada pelo illustrado escriptor.

A' luz dos argumentos expendidos e tambem dos documentos exhibidos, acrescentamos por nossa vez, só provam que João Ramalho não era um degradado e menos o que fôra deixado em *Cananéa* pela frota exploradora em 1502, pois somente no anno de 1510 ou pouco depois é que elle ali foi ter. como atraz ficou demonstrado.

João Ramalho vivia serra acima, no interior do paiz, em quanto que o tal bacharel *encantado* morava no littoral, onde possuia estaleiro para construir bergantins, e negociava com a gente dos navios, que casualmente ali aportavam, fornecia-lhes viveres por dinheiro e fretava embarcações

(61) Já mostamos que Gonçalo da Costa não era bacharel. Veja-se a data de 22 de Janeiro de 1502, parte final.

(62) O Brazil foi descoberto a 22 de Abril como já ficou demonstrado, e só em virtude da correção gregoriana esse dia vem a corresponder a 3 de Maio.

(63) Infelizmente morreu sem fazel-o.

1531 Agos: Set:

para conduzir indigenas escravizados á Hespanha, como succedera com Dioga Garcia, e era no seu negocio ajudado por seus genros, tinha diversos, que conbeciam o littoral até o Rio da Prata.

João Ramalho só teve duas fillas, Beatriz e Joanna, as quaes casaram com portuguezes vindos na frota de Martim Affonso, e foram elles Lopo Dias e Jorge Ferreira, como nos diz Azevedo Marques, que examinou documentos authenticos e comprobatorios no primeiro cartorio da Thesouraria de Fazenda e nos llyros de vereanças antigas da camara de São Paulo.

Portanto não era elle o bacharel degradado,

O facto, acima mencionado, de não se fallar mais de semelhante personagem, depois da sua entrevista com Martim Affonso em *Cananéa*, não prova que elle deixasse de permanecer ali e por lá ficasse, ou mesmo tornasse para *S. Vicente*, onde nos disse Diogo Garcia que elle morava, explicando-se bem este silencio pelo desprezo com que devia ser olhado e tratado pelos recenhegados compatriotas, investidos, uns de character mais ou menos official; e outros em posição superior á d'elle, os quaes, agora installados em *S. Vicente*, já não precisavam dos seus serviços e das suas informações, pois, com certeza, foram ellas que fizeram Martim Affonso abandonar a ideia, que trazia, de fundar a colonia na foz do Rio da Prata, onde, por certo não acharia os recursos de *S. Vicente*, e procurar certo este porto, que não conhecia, para fundal-a, quando d'alli tornou, e onde encontrou quem o auxiliasse, pois já existia ali um nucleo de população, como bem se deprehende das seguintes palavras d'*Annua* de 1584 escripta pelo padre José de Anchieta, na qual, tratando das capitancias existentes, disse:

“ Na de *S. Vicente*, que é de Martim Affonso de Souza, a qual elle mesmo foi ter com a armada, depois de haver nella alguns poucos e antigos moradores e acrescentou muito, etc., etc.

Anchieta, que foi para *S. Paulo* em fins de 1553, bem perto da criação da colonia, e ali viveu muitos annos, não escrevia isto se não fosse verdade.

Entre esses *antigos moradores* estavam João Ramalho e Antonio Rodrigues, que as chronicas dizem haver prestado a Martim Affonso grandes serviços; Pedro Correia e Manoel de Chaves, que entraram vinte annos depois para a Companhia de Jesus, homens principaes, como nos diz o Padre Simão de Vasconcellos, moradores na terra de *muitos annos* no Brazil, e muito grandes linguas e tambem outros, que por menos poderosos e influentes ou estrangeiros, hespanhões como os genros do bacharel, passaram desapercibidos, em cujo numero incluímos aquelle, pela sua posição de degradado, vivendo humildemente do seu negocio com seus genros, pois não é possivel admittir o desaparecimento subito d'elle e de toda a sua familia de um luagr onde tantos annos tinha vivido e tinha a sua casa e o seu negocio.

Setembro 1—Em virtude das informações que dera Francisco Chaves, e a obrigação que tomara de voltar em dez mezes com a gente que lhe desse Martim Affonso, trazendo quarenta escravos (indigenas) carregados de ouro e prata, mandou este a Pero Lobo com 80 homens, quarenta espingardeiros e quarenta besteiros, a descobrir pela terra a dentro em companhia do mesmo Chaves. Foi esta a segunda *bandeira* que se entranhou pelo Brazil, se é que de *S. Vicente* partio em 1526 a de Aleixo Garcia. Veja-se essa data.

26—Depois de uma demora de quarenta e quatro dias, a frota de Martim Affonso deixa a *Ilha de Cananéa*. afim de continuar a exploração da costa até o Rio da Prata.

Fallando da estada de Martim Affonso neste porto, diz o *Visconde de Porto Seguro*:

“ Quarenta e quatro dias se demorou a esquadra junto de *Cananéa*, durante os

1531 Set: Out:

quaes esteve sempre encoberto o sol, circumstancia pouco para admirar aos que saibam que ainda hoje raras vezes elle se mostra radiante aos habitantes desses contornos. ”

“ Tambem no ancoradouro se romperam muitas amarras, perderam-se varias ancoras, o que succede ainda agora nesse porto, cujo fundo tem ratos, como dizem os mariantes daquelles que rompem as amarras, quando não são de élos de ferro.

“ Defronte da *Ilha de Cananéa* sahe da terra para o mar um pontal de pedra, que se chama hoje de Itaquaruçú, onde ainda existem tres padrões de marmore sacharoides, do que se encontra nas formações vulcanicas das immediações de Lisboa, os quaes, com toda probabilidade, foram ali postos durante estes quarenta dias, apesar do silencio que a tal respeito guarda o (tantas vezes desesperadamente omisso) escriptor dos feitos desta expedição, que merece desculpa, porque não se propunha elle a ser chronista, mas sómente a consignar por escripto o seu roteiro ou diario maritimo. Os padrões de *Cananéa*, que examinamos pessoalmente, são de quatro palmos de comprido, dous de largura e um de grossura; e tem esculpidas as quinas portuguezas sem a esphera manuelina, nem castellos, e nenhuma data se lê em sua face. ”

Antes do Visconde de Porto Seguro já Frei Gaspar da Madre de Deus affiançara esta inexacta asserção: isto é que o padrão tinha sido ali posto por Martim Affonso, no que tambem concordaram Machado de Oliveira (64) e Azevedo Marques. O padre Ayres do Casal quer que tenha sido chantado pela gente da armada de 1503 e Gabriel Soares pela da frota exploradora de 1501. Este foi o que acertou, e admira que o Padre Ayres do Casal, que diz na introdução da sua obra que o terceiro marco assentado pela gente daquella frota, segundo os autho-

res que teve a seu alcance, fôra em *Cananéa*, affirme depois que o mesmo marco fôra collocado pela frota de 1503.

Tendo estado naquelle lugar a frota exploradora de 1501, incumbida de chantar os padrões como titulos de posse, não o deixaria por certo de fazer, encontrando o lugar tão asado para isto, e deixando de mais a mais nelle um ou dous degradados como se affirma.

Além de que, o marco lá encontrado, e que se acha hoje collocado á entrada do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro* no Rio de Janeiro, para onde foi elle conduzido no anno de 1866, por iniciativa do Barão de Capanema, é em tudo igual ao que está no *Arraial do Marco*, costa do Estado do Rio Grande do Norte, e foi o primeiro chantado pela gente da mencionada frota exploradora, como já tivemos occasião de expor. Veja-se a data de 7 de Agosto de 1501.

Acresce que em 1531, quando ali esteve Martim Affonso, já o lugar era muito conhecido, estava mencionado nas cartas e mappas geographicos desde 1508, e era frequentado pelos que navegavam em busca do Rio da Prata, e não havia, pois, necessidade de se lhe marcar a possessão, que era já reconhecida.

Outubro 15—A frota de Martim Affonso de Souza chega ao cahir da noite no Cabo de Santa Maria e fundeia ao loeste do mesmo.

16—Logo pela manhã manda Martim Affonso o pilôto-mór Vicente Lourenço, a uma ilha proxima do Cabo de Santa Maria, onde na vespera fundeara a sua frota, ver se entre aquella e a terra firme havia bom surgidouro, e como fosse encontrado, os navios levantaram ferro e foram ancorar nelle.

“ Aqui nesta ilha, escreveu Pero Lopes, tomamos agna e lenha e fomos com os bates fazer pescaria, e em um dia matamos dezoito mil peixes entre corvinas, pescadas e anxovas; pescavamos em fundo de oito braças: como lançavamos os anzões

(64) *Quadros Historicos da Provincia de S. Paulo.*

1531 Out: Nov: Dez:

n'agua não havia ahí vagar de recolher os peixes. Nesta ilha estivemos seis dias esperando por um bergantim que de nossa companhia se perdêra; como não veio mandou o capitão Irmão pôr uma cruz na ilha, e nella atada uma carta embrulhada em cêra, e nella dizia ao capitão do bergantim o que fizesse vindo ahí ter."

22—A frota de Martim Affonso deixa o ancoradouro em que fundeara no dia dezeses, entre a terra firme e uma ilha proxima ao Cabo de Santa Maria, e continua a sua navegação no rumo do Sul.

Tornou-se esta agora muitissimo tormentosa, começando logo na tarde deste mesmo dia uma tempestade, que se foi tornando mais furiosa de dia em dia, dando em resultado desbaratar-se a frota, indo um bergantim naufragar na *Ilha de Santa Catharina* e a não capitanea, em que se achava Martim Affonso, dar á costa junto ao rio do *Chuy*, na actual fronteira meridional do Brazil, do que resultou morrerem sete pessoas, e perderam-se, além do navio, que era o principal da frota, todos os mantimentos de que estava repleto.

Aqui o veio soccorrer alguns dias depois seu irmão Pero Lopes, que tambem correrá grande risco de naufragar e milagrosamente se salvara, pois o seu navio chegou a ter seis palmos n'agua no porão.

"Reunidos de novo todos os navios, excepto o bergantim tambem naufragado, chamou Martim Affonso a conselho todos os que para isto eram, e neste foi assentado, que em virtude, não só da falta de mantimentos, originada, pela perda da capitanea, como do máo estado das outras duas náos, que não podiam expor-se aos temporaes do Rio da Prata naquella estação, (naturalmente os conhecidos pampeiros), se desestisse da empreza de ir colonizal-o."

"Apezar desta resolução, julgou Martim Affonso que, estando tão perto desse rio, que não devia deixar para mais tarde o acto da posse delle, por meio dos padrões que levava.

"Julgando ser para isso sufficiente um bergantim com trinta homens, encarregou o commando deste, e a commissão de pôr os mesmos padrões a seu irmão Pero Lopes, que não tardou em partir acompanhado de Pero de Góes, enquanto Martim Affonso se dirigia para a *Ilha das Palmas* ao norte do *Cabo de Santa Maria*, aonde foi aguardar a sua volta.

Novembro 23—Pero Lopes de Souza, conforme a ordem que havia recebido de seu irmão, parte a explorar o Rio da Prata com um bergantim e 30 homens bem armados, e chegou até o esteiro dos Carandins, onde chantou dous padrões com as armas de Portugal.

Dezembro 27—Chega á ilha das Palmas Pero Lopes de Souza de volta da sua expedição ao Rio da Prata.

Nesta deligencia passou elle inclemencias e trabalhos em que mostrou o seu valor em soffrer e seu genio em descrever.

No principio deste anno Diogo de Ordas partio de Sevilla, com destino ás Indias Occidentaes, e chegando á costa do Brazil entrou no Rio Amazonas, ainda então chamado Maranhão, que não pode navegar em razão da correnteza, e depois de perder um dos seus navios, resolveu procurar fortuna em outra parte.

Em dias do mez de Março deste anno chegou a Pernambuco a não franceza *La Pelérine* que partira de Marselha á 31 do mez de Dezembro do anno anterior, 1530, (veja-se essa data) e entrando pela barra do rio *Jussará* ou *Santa Cruz* fundeou em frente da ilha de Itamaracá, onde encontrou uma feitoria guardada por seis portuguezes, que auxiliados por alguns indios, procuraram vedar o desembarque dos francezes, mas foram facilmente vencidos,

1532 Jan:

apoderando-se os intruzos da feitoria em cujo lugar trataram logo de edificar uma fortaleza, feito o que estabeleceram as suas relações com os selvagens, e dentro em pouco tempo já tinham reunido tanto generos do paiz, que mal cabiam no deposito feito para guardal-os, pelo que carregaram logo a não com a maior porção que ponde receber e a fizera tornar ao seu paiz.

1532

Janeiro 1—A frota de Martim Affonso de Souza, que desde os fins de Novembro do anno anterior, 1531, se achava fundada junto á *Ilha das Palmas*, parte d'ali em viagem de regresso com direcção ao porto de *S. Vicente*.

20—Depois de uma viagem de dezoito dias, contrariada por ventos desfavoraveis e mar agitado, a frota de Martim Affonso de Souza avista a abra do porto de *S. Vicente*, para onde se derigia, e que lhe ficava a nornordeste, e vai fundear meia legoa distante de terra, não podendo nelle entrar por lhe ser contrario o vento.

22—Os navios da frota de Martim Affonso conseguem nesta data ancorar dentro do *Porto de S. Vicente*.

“A todos, diz Pero Lopes de Souza, nos pareceu tão bem esta terra, que o capitão Irmão determinou de a povoar e deu a todos os homens terras para fazerem fazendas: e fez uma villa na *Ilha de S. Vicente* e outra nove legoas dentro pelo sertão, á borda de um rio que se chama *Piratininga*: e repartio a gente nestas duas villas e fez nellas officiaes e poz tudo em bôa ordem de justiça, etc, etc.”

Azevedo Marques escreveu a este respeito o seguinte:

“Em nenhum dos archivos mais antigos de S. Paulo, nem nos escriptores que até hoje se tem occupado da historia do Brazil, e especialmente da Capitania de S. Vicente, encontramos indicios de semilhante *Villa de Piratininga* antes de 1570.

“E' provavelmente a aldeia de indios existente nos campos de *Piratininga* a que se refere Pero Lopes de Souza. etc, etc.”

Martim Affonso demorou-se em S. Vicente até quasi meados do anno seguinte 1533, quando tornou para Portugal, tendo sido muito coadjuvado por dous individuos, que, entre outros, encontrou, e foram João Ramalho e Antonio Rodrigues, ambos portuguezes e ali viviam desde muitos annos.

O primeiro residia em *Piratininga*, acima da serra, e o segundo em *Tumiarú*, terreno fronteiro a *Ilha de S. Vicente*.

Foram pois as duas villas de *S. Vicente* e *Piratininga* as primeiras colonias regulares dos portuguezes no novo mundo, tendo prioridade a primeira.

Com o andar dos tempos a ilha, em que esta fôra fundada desapareceu, e a localidade tornou-se depois continental, como diz o Dr. Texeira de Mello, pela gradual elevação da terra, que os geologos tem assignalado. Além d'isto, imperando D. Pedro I, ligou-se esta ilha ao continente por uma estrada feita de pilares de cerca de uma legua de extensão. Tinha a ilha perto de seis legoas de circumferencia quando se fundaram as villas de *S. Vicente* e de *Santos*.

“Se ainda existe diz o Dr. J. M. de Macedo referindo-se á *Villa de S. Vicente*, é pelo escrupulo generoso e pela nobre glorificação da historia.”

Conhecendo Martim Affonso o prejuizo, que resultaria da demora ali dos navios da sua frota, por que “se estivessem dous mezes dentro no porto não podiam ir a Portugal, por serem mui gastados do busano, e a gente do mar vencia toda soldo sem fazerem nenhum serviço de El-Rei, e comiam os mantimentos da terra” reuniu em conselho a todos os mestres e pilotos, para resolver sobre o que se devia fazer, e assentaram que se devia mandar os navios para Portugal com a gente do mar e ficasse o capitão com a mais gente em suas duas villas, que tinha já fundadas, até ver recado da gente, que tinha mandado a descobrir pela terra a dentro” e

1532 Maio Jul: Agos:

assim se fez, ordenando logo Martin Affonso a seu irmão, Pero Lopes que se apromptasse com brevidade, para que tornasse a Portugal nas duas náos, que restavam da frota, a dar conta a El-Rei do que se tinha feito.

Maio 22—Em virtude do que lhe havia sido ordenado Pero Lopes parte do porto de *S. Vicente* em regresso para Lisbôa no galeão *S. Vicente* e vai entrar no porto do Rio de Janeiro, dous dias depois, onde foi esperar a náo *Santa Maria das Candeias*.

Julho 2—Abastecidas com mantimentos para 3 mezes, levantam ancora os navios de Pero Lopes e deixam o porto do Rio de Janeiro, para onde tornam a voltar no mesmo dia, arribados por causa de máu tempo.

4—De novo partem do Rio de Janeiro os navios de Pero Lopes e continuam na sua derrota para Portugal costeando o Brazil.

12—Entram na Bahia de Todos os Santos, os navios de Pero Lopes de Souza, e ali se demoram doze dias, calafetando e tomando mantimentos.

Neste intervalo fugiram para terra três marinheiros, que se occultaram para ficar, ajudados pelos indigenas e assim o conseguiram.

30—Os dous navios de Pero Lopes deixam o porto da Bahia e proseguem na sua derrota subindo a costa.

Agosto 3—Chegam em frente á *Ilha de Santo Aleixo* os dous navios, que sob o commando de Pero Lopes de Souza, regressavam a Portugal, e avistam uma náo grande fundeada entre a mesma ilha e a terra firme, e parecendo a Pero Lopes que era franceza, deu logo ordens de se preparar a artilharia para combate, pois era sua intenção atacal-a.

Não consta, infelizmente, o que succedera em seguida, pois neste ponto terminou, por interrupção, a copia manuscrita do codixe do seu importante *Diario*

de Navegação publicado pelo Visconde de Porto Seguro, d'onde extrahimos o que havemos relatada, continuando do dia 4 de Novembro em diante, quando elle seguiu de Pernambuco para Portugal.

Agosto 15—A armada de guarda-costa, que Portugal mantinha na bocca do Estreito de Gibraltar, sob o commando de Antonio Correia, apreiona a náo franceza *La Pelerine*, do porto de Marselha, a qual voltava de Pernambuco com uma carga que, (segundo as reclamações posteriores dos interessados, ás quaes cumpre dar algum desconto) montava a cinco mil quintaes de páo-brazil, trescentos de algodão (*bombixis*), seis centos papagaios, tres mil pelles de animaes, grande numero de macacos e muitas outras bugiarias.

Este navio que, como já vimos, fôra armado á custa do Barão de Saint Blancard, com dezoito peças de artilharia e cento e vinte homens: veio ter a *Itamaracá*, aonde tomou a Feitoria portugueza que ali havia guardada por seis pessoas, e construiu em seguida uma fortaleza provisoria, que guarneceu com artilharia e trinta homens, sob o commando de um chefe de nome De La Motte, feito o que tornou para Europa com o carregamento acima mencionado, mas ao entrar no Mediterraneo se vio necessitada de arribar á Malaga, e por causa d'isto scube a gente da esquadilha portugueza que ella voltava do Brazil, sendo por isto apresionada quando sahio.

O Barão de Saint Blancard, no protesto que fez por este apresionamento do seu navio, conta o facto da seguinte forma:

“ A viagem correu prospera, até que no mez de Agosto de 1532, a falta de provisão obrigou a aportar a Malaga. Ahi estava uma armada portugueza de dez caravelas e navios e nella Antonio Corrêa, Capitão-mór e D. Martinho, os quaes indagando d'onde vinha e o que trazia a gente de *La Pelerine*, deram-lhe trinta quintaes de biscoitos para remediar o aperto e prometteram-lhe conserva até Marselha, pois que se destinavam a Roma.

1532 Set:

“ Os Francezes acceitaram tanto uma como outra couza. Sahidos juntos, não andadas ainda cincoenta legoas, appareceu a calmaria. No dia seguinte, que era 15 de Agosto, D. Martinho fingindo querer consultar os pilôtos sobre a navegação a fazer, reunio-os todos e nesta occasião prendeu a Du Barran, ao mestre e a outros Francezes, apossou-se da não e mandou-a para Portugal.”

Setembro 28—Carta Regia de D. João III dirigida a Martim Affonso de Souza, dando-lhe noticia de haver dividido o Brazil em capitánias.

É um documento importante da nossa historia patria, e por isto aqui o transcrevemos em sua integra :

“ Martim Affonso, amigo. Eu El-Rei vos envio muito sandar.

“ Vi as cartas que me escrevestes por João de Souza e por elle soube de vossa chegada a essa terra do Brazil, e como ieis correndo a costa, caminho do Rio da Prata e assim do que passastes com as náos francezas, dos corsarios que tomastes e tudo o que n'isto fizestes vos agradeço muito : e foi tão bem feito, como se de vós esperava ; eu sou certo qual a vontade que tendes para me servir.

“ A não que cá mandastes quizera que ficasse antes lá com todos os que nella vinham. D'aqui em diante, quando outras taes náos de corsarios achardes, tereis com ellas e com a gente d'ellas a maneira que por outra provisão vos escrevo (65)

“ Por que folgaria de saber as mais vezes novas de vós, do que lá tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio para se tornar João de Souza para vós ; e quando foi de todo prestes para poder partir, era tarde para lá poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar e não foi. Vai agora com duas caravelas armadas, para andarem com-

vosco o tempo que vos parecer necessario, e fazer o que lhe mandardes.

“ E por até agora não ter algum recado vosso, do feito vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque, e sómente encomendar-vos muito que vos lembre a gente e a armada, que lá tendes e o custo que se com ella fez e faz : e segundo vos o tempo tem succedido, e o que tendes, feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada, fazendo o que vos melhor e mais meu serviço parecer, por que eu confio de vós que não que assentardes será o melhor. Havendo de estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravela com recado vosso, e me escrevereis muito largamente tudo o que até então tiverdes passado, e o que na terra achastes ; e assim o que no Rio da Prata, tudo mui declaradamente, para eu por vossas cartas e informações saber o que se ao diante se deverá fazer. E se vos parecer, que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-heis vir ; por que pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós ; que sou certo que n'isso fareis o que mais meu serviço fôr.

“ Depois da vossa partida se praticou se seria meu serviço povoar-se toda essa costa do Brazil e algumas pessoas me requereram capitánias em terra della. Eu quizera, antes n'isso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda, para com vossa informação, fazer o que me bein parecer e que na repartição, que disse se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porém por que depois fui informado que de algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brazil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fôra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feito algumas forças (como já em Pernambuco começavam a fazer, segundo o Conde de Castanheira vos escreverá) determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o Rio da Prata cincoenta legoas de costa a cada capitania, e antes de se dar a ne-

(65) Não foi ainda encontrada a copia dessa provisão.

1532 Set: Out:

nhuma pessoa, mandei apartar para vós cem legoas, e para Pero Lopes, vosso irmão, cincoenta, nos melhores limites dessa costa, por parecer de pilótos e de outras pessoas de que se o Conde, por meu mandado, informou; como vereis pelas doações, que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidas estas cento e cincoenta legoas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam capitánias de cincoenta legoas cada uma; e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como vós o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse.

“ Na costa d’Andaluzia foi tomada agora pelas minhas caravelas, que andavam n’armada do Estreito, uma não franceza carregada de páo-brazil, e trazida a esta cidade; a qual foi de Marselha a Pernambuco e desembarcou gente em terra, a qual desfez uma feitoria minha, que ahí estava, e deixou lá trinta homens, com tenção de povoarem a terra e de se defenderem.

“ E o que eu tenho mandado que se nisso faça mandei ao Conde que vol-o escrevesse, para serdes informado de tudo o que passa, e se hade fazer; e pareceu necessario fazervol-o saber, para serdes avisado disso, e terdes lá vigia nessas partes, por onde andaes, que vos não possa acontecer nenhum máo recado; e que qualquer força ou fortaleza que tiverdes feita, quando nella não estiverdes e deixeis pessoa de quem confieis, que a tenha a bom recado; ainda que eu creio que elles não tornarão lá mais a fazer outra tal; pois lhe esta não succedeu como cuidaram.

“ E mui declaradamente me avisai de tudo o que fizerdes; e me mandai novas de vosso irmão, e de toda a gente que levastes; por que com toda a boa que me enviardes, receberei muito prazer. Pero Anriques a fez em Lisboa aos 28 de Setembro de 1532.—Rei.

Apesar da divisão mencionada nesta carta, as capitánias não vieram a ser todas iguaes: a de Martim Affonso de Souza teve menos das cem legoas mencionadas; a do seu irmão Pero Lopes de Souza veio a ter oitenta, e a que foi doada a Pero de Góes, apenas trinta, sem fallarmos na de João de Barros ao Norte, de que então se não tratou.

“ Estas Capitánias foram heriditárias e a hereditariedade assentada em bazes calculadamente aristocraticas, independentes umas das outras, e com direito de couto e homisio, não tinham poder superior no Brazil, e nem podia entrar nellas a justiça, ou magistrado algum do rei: os donatarios só dariam conta de si pessoalmente ao rei: creavam villas, nomeavam juizes e empregados, eram alcaides-móres, delegavam alcaidarias, e apenas fraquissimas e facilmente illusorias excepções e reservas deixavam incompleto o seu poder absoluto nas capitánias, e independente do governo da metropole.”

“ Os donatarios eram como senhores de Estados suzeranos do soberano da monarchia portugueza.”

Outubro 10—Primeira carta de sesmaria doando terras do Brazil. Foi passada por Martim Affonso de Souza no campo de *Piratininga* Capitania de S. Vicente e a favor de Pero de Góes.

E’ do theor seguinte este curioso documento, que servio de norma a todos os outros do mesmo genero *mutatis mutandis*:

“ Martim Affonso de Souza do Conselho d’El-Rei Nosso Senhor, Governador destas terras do Brazil, etc.

“ Faço saber aos que esta minha carta virem, que havendo respeito em como Pero de Góes, fidalgo da casa d’El-Rei Nosso Senhor, servio muito bem Sua Alteza nestas partes e assim ficar nesta terra para povoador, que será com ajuda de Nosso Senhor ficar povoada. Eu hei por bem de lhe dar e doar as terras de *Taquaravira* com a serra *Taperovira* que está da banda d’onde nasce o sol com aguas ver-

1532 Out: Nov:

tentes com o rio *Jarabatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente donde chamam *Gohayó*, a qual terra subirá para serra acima até o cume e dahi a buscar o *Capeterar* e dahi virá intestar e por elle akaixo até *Ygar* por terra, tornar á dentro a um pinhal que está na banda do campo *Gioupé* e dahi virá pelo caminho que vem de *Piratininga* a entestar com a serra, que está sobre o mar, e dahi por uma ribeira que vem pelo pé da serra, que chamam *Maroré*, e dahi dentro no pé da serra de *Ururay* e virá dentro por este rio, a entestar com a ilha *Caremaccoura* e então pelo rio de S. Vicente tornar á a entestar com a dita serra de *Tuperovira* donde começou a partir e assim os couteiros e cabeças d'aguas, e todas as entradas e saídas das ditas terras, por virtude de uma doação, que para isto tem de El-Rei Nosso Senhor, a qual seu conteúdo é o que se segue;

“ Dom João etc., etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber, para que as terras que Martin Affonso de Souza do meu conselho descobrir na terra do Brazil onde o envio por meu Capitão-mór, se possam aproveitar, eu por esta minha carta lhe dou poder para que elle, dito Martin Affonso possa dar ás pessoas que consigo levar, as que na dita terra quizerem viver e povoar, aquella parte das terras que assim achar e descobrir que lhe bem parecer e segundo o merecerem as ditas pessoas por seus serviços e qualidades para as aproveitarem e ás terras que assim der será sómente nas vidas daquelles a que as der e mais não, e as terras que lhe parecer bem poderá para si tomar porem tanto até me o fazer saber e aproveitar e grangear no melhor modo que elle poder e vir que é necessario para bem das ditas terras e das quaes assim der as ditas pessoas lhes passará suas cartas declarando nellas como lh'as dá em suas vidas sómente e que dentro de seis annos do dia da dita data, cada um aproveitar a sua e se no dito tempo assim o não fizer as poderá tomar e tornar a dar com as mesmas condições a outras pessoas que ás aproveitem

e nas ditas cartas que lhes assim der, irá transladada esta minha carta de poder, para se seber a todo tempo como fez por mandado e lhe ser inteiramente guardada a quem a tiver, e o dito Martin Affonso me fará saber as terras que achou para poderem ser aproveitadas e a quem as deu e quanta quantidade a cada um e as que tomou para si e a disposição dellas para eu ver e mandar nisso o que me bem parecer e por que assim me praz lhe mandei dar esta minha carta por mim assignada e sellada com o meu sello pendente. Dada em a Villa de Castro Verde aos vinte dias do mez de Novembro. Fernão da Costa a fez. Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1530 annos.—

REI.

“ E por virtude da qual doação lhe dou as ditas terras, as quaes serão para elle dito Pero de Góes e para todos os seus descendentes, com declaração que elle as aproveite nestes dous annos primeiros seguintes e não o fazendo, as suas ditas terras ficarão devolutas para dellas fazer aquillo que me bem parecer e as ditas terras serão forras e isemptas sem pagarem nem uns direitos, sómente dizimo a Deus, e por este mando que logo seja mettido de posse das ditas terras e esta será registrada no livro do tombo que para isso mandei fazer. Dada em Piratininga a 10 dias do mez de Outubro. Pero Capico escrivão de El-Rei Nosso Senhor e das sobreditas terras o fez. Anno de mil quinhentos e trinta e dous.—*Martin Affonso de Souza.* ”

Neste mesmo lugar edificou Pero de Góes uma capella, que ainda hoje existe, e conserva a invocação de *Nossa Senhora das Neves* que lhe deu o fundador.

Pedro Taques diz que Martin Affonso tambem dera nesta data terras a Braz Cubas por sesmaria, cuja copia vira no Livro de Registros das sesmarias existentes no Cartorio da Provedoria da Fazenda Real.

Novembro 4—Larga de Pernambuco com destino a Portugal a frota de Pero

1532 Nov:

Lopes de Souza, agora composta de quatro embarcações, a saber a não *Nossa Senhora das Candeias* e galleão *S. Vicente*, com as quaes partira do porto deste ultimo nome (veja-se a data de 12 de Maio deste mesmo anno) e mais duas náos francezas que aprizionara na costa de Pernambuco depois do dia 3 de Agosto em que o vimos chegar em frente a Ilha de Santo Aleixo. Leva consigo alguns indigenas, quatro dos quaes eram chefes de tribus, e foram em chegando a Lisboa muito distinguidos pelo soberano, que os mandou vestir de seda e deu-lhes o titulo de reis. Tambem conduz trinta e tantos prisioeiros francezes, parte pertencente á guarnição de uma fortaleza que tinham feito na *Ilha de Ilamarucá*, e fora por elle tomada, e parte tripolantes dos navios que aprizionara.

Depois que Martin Affonso e o mesmo Pero Lopes aqui estiveram no anno anterior, chegou a não franceza, *La Pereline* de que atraz fallamos (veja-se a data de 15 de Agosto deste mesmo anno) commandada por Juan Duperet, que se apossou da feitoria onde apenas havia seis portuguezes, e no lugar della construiu uma fortaleza que artilhou e deixou garnecida por trinta homens sob o commando de um official chefe chamado De La Motte, regressando a França.

Chegando Pero Lopes pôz-lhe cerco que, durou 18 dias, durante os quaes se combateu denodadamente de um e outro lado, conseguindo elle, por fim, apoderar-se da fortificação, na qual poz gente sua sob as ordens de Paullos Nunes.

O Barão de Saint Blancard narra este facto no seu protesto, de que já fallamos, pela seguinte forma; depois de dar conta da chegada ali de Pero Lopes, "...poz cerco á fortaleza e bombardeou-a durante dezoito dias. O senhor De La Motte, que era o commandante, vendo que tão cedo não seria soccorrido, propoz a capitulação, e Pero Lopes acceitou-a, prometendo vida e bens aos aliados, e leval-os a lugar livre, onde lhes daria a liberdade.

Assim, porém, não o fez, apesar do juramento solennemente prestado sobre a

hostia consagrada: mandou enforcar o Sr. De La Mottê, mais vinte companheiros, dous entregou vivos aos Indios, para que os comessem, os outros levou consigo para Portugal. El-Rei mandou-os prender em Faro, onde passaram vinte e quatro mezes: afinal foram soltos os que restaram: excepto onze que foram enforcados e quatro que morreram de mãos trátos."

Este barbaro procedimento tido para com os presioneiros, é em parte confirmado por Frei Vicente do Salvador que, depois de narrar a tomada da fortaleza (que elle erradamente diz fôra arrasada) e dizer que se preparavam mantimentos e carga depáo-brazil para os navios de Pero Lopes accrescenta:

"Em quanto estas cousas se faziam succedeu uma noite que estando o capitão-mór com a candeia accesa e janella aberta, lhe tiraram de fôra com duas frechas, das quaes uma lhe foi tocando com as penas pelo roupão, e ambas se foram pregar em umas rodellas que estavam defronte na parede. O qual suspeitando nos Francezes, mandou pela manhã que os enforcassem todos e começando-se a fazer execusão vindo dous, que elle havia tomado para a fortaleza por serem bombardeiros, que os mais eram innocentes, disseram em altas vozes que elles eram os culpados, que lhe haviam atirado cuidando de o acertarem; e nem um d'aquelles outros tinha culpa; pelo que mandou sobrestar a execusão nelles e enforcar a estes outros, mas estavam muitos enforcados e cá se acabaram todos. etc, etc."

Nos fins deste anno chegou a S. Vicente, de volta de Lisbôa, pouco depois de ter regressado Martin Affonso, de Piratininga, aonde estivera, o capitão João de Souza com duas caravelas, trazendo a carta de D. João III, datada de 28 de Setembro deste mesmo anno. Veja-se essa data.

1533 Fev: Mar:—1534 Jan:

1533

Fevereiro 28—Segunda carta de sesmaria dando terras do Brazil, passada em *S. Vicente* por Martim Affonso de Souza em favor de Ruy Pinto, Cavalheiro da Ordem de Christo, que o acompanhara. As terras eram no *Porto das Almadias*, conhecido depois com o nome de *Santa Cruz*.

Marco 4—Carta de sesmaria das terras de *Tumiassú* em *S. Vicente* passada em favor de Francisco Pinto, por Martim Affonso de Souza. Foi o ultimo papel que elle assignou quando ali esteve.

Em virtude da carta do Rei D. João III, datada de 28 de Setembro do anno anterior, 1532, (veja-se essa data), resolveu Martim Affonso voltar a Portugal, e se dispoz a partir na primeira monção deste anno, 1533, recebendo, pouco antes de sua partida noticia de haver sido sacrificada pelos barbaros carijós a expedição de oitenta homens, que do Cananéa mandará pela terra a dentro com Pero Lobo no dia 1 de Setembro de 1531. Veja-se essa data.

Deixou como seu Loco-tenente e Capitão-mór encarregado do governo da capitania, a Gonçalo Monteiro, a quem alguns historiadores, conforme diz Azevedo Marques, attribuem a qualidade de eclesiástico, e primeiro parochio de *S. Vicente*, “mas, acrescenta elle, devemos a este respeito declarar que em muitos papeis de aquellas epochas que consultamos, jamais encontramos confirmada semelhante asserção. Ao contrario, as sesmarias que concedeu, e uma ou outra provisão que expedio, começam assim: *Gonçalo Monteiro, capitão e ouvidor pelo Sr. Martim Affonso*, etc, etc.

Entretanto o chronista Pedro Taques, (66) um dos que afirmam que elle era padre e Vigario de *S. Vicente*, cita uma carta de sesmaria passada pelo mesmo a favor de Estevão da Costa, a qual começa assim:

“Gonçalo Monteiro, Vigario e capitão lugar tenente, etc, etc.

Qual dos dous diz a verdade?

Parece que Pedro Taques á vista deste documento, se não é apocripho.

O mesmo Pedro Taques diz sobre a retirada de Martim Affonso para Portugal, que pelas suas conjecturas elle chegou a Lisboa nos fins deste mesmo anno de 1533, ou no principio do anno seguinte, 1534.

Foi Gonçalo Monteiro o primeiro Loco-tenente Capitão-mór na ordem chronologica e governou cerca de seis annos pouco mais ou menos, acabando nos fins do anno de 1538, quando foi substituido por Antonio de Oliveira.

1534

Janeiro 1—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Vasco Fernandes Coutinho da Capitania do Espirito Santo, e na qual se menciona ser a dita capitania de “...cincoenta leguas de terra, as quaes se começarão na parte onde acabarem as cincoentas leguas de que tenho feito mercê a Pero de Campos Tourinho, e correrão para a banda do Sul tanto quanto couber nas ditas cincoenta leguas.”

Esta carta teve um addendo feito a 25 de Setembro deste mesmo anno de 1534, e no qual foi declarado que ficava sem effeito a mercê contida no seu capitulo decimo, e uma apostilla em data de 6 de Outubro, ainda deste mesmo anno de 1534. Vejam-se essas datas.

A sua integra, assim como a do addendo, foi publicada na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol. 24 Pag. 175*.

(66) *Hist: da Cap: de S. Vicen: Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geogr: Braz: Vol: 9.*

1534 Mar: Abr: Jul: Agos:

Enthusiasmado com esta doação, e sonhando com a posição de um potentado, que lobrigou no futuro, Coutinho não trepidou ante os embaraços que contrariavam seus planos de engrandecimento, e que para serem desviados era mister outros meios que não a coragem nos combates, de que tinha dado provas n'Asia.

Apressou a sua partida; vendeu a quinta de Alenquer, onde descansava das fadigas da guerra, desfructando uma tença remunerativa; cedeu essa mesma tença em troco de um navio e provisões; embarcou com sua familia, acompanhado por D. Jorge de Menezes, o descobridor da Nova Quiné, e que se havia distinguido nas Molucas, e por D. Simão de Castello Branco, ambos fidalgos, condemnados a desterro, e outros aventureiros em numero de sessenta, e fez-se a vela no começo do anno seguinte, 1535, para o seu destino.

Marco 10—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Duarte Coelho da Capitania de Pernambuco, e na qual se menciona ser a dita capitania de “sessenta leguas de terra na dita costa do Brazil, as quaes se commearão no rio de *S. Francisco*, que é do *Cabo de Santo Agostinho* para o Sul, e acabarão no rio que cerca em redondo toda a *Ilha de Itamaracá*, ao qual rio ora novamente ponho o nome de rio da *Santa Cruz* e mando que assim se nomeie.”

A integra deste importante documento, para a historia pernambucana, vem incerta nas *Mem: Hist: de Pernamb:* por José Bernardo Fernandes Gama, Vol. 1 Pag. 42 e foi copiado do original que existe na Torre do Tombo em Lisboa.

Idem—Alvará de lembrança, passado em Evora pelo Rei D. João III, prometendo a Pero de Goes da Silveira fazer-lhe doação de uma capitania no Brazil.

Abril 5—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Francisco Pereira Coutinho da Capitania da Bahia de Todos os Santos, e na qual se

declara ser a dita capitania de “cincoenta leguas de terra na dita costa do Brazil, as quaes se commearão na ponta do rio de *S. Francisco* e correrão para o Sul, até a ponta da *Bahia de Todos os Santos* entrando nesta terra e demarcação della toda a dita *Bahia de Todos os Santos* e a largura della, de ponta a ponta, se contará nas ditas cincoenta leguas, e não havendo no dito limite as ditas cincoenta leguas, se lhe entregue a parte que fallecer para a banda do Sul, etc.

A integra desta carta, que parece não haver sido publicada, existe em manuscrito na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, conforme diz Capistrano d'Abreu nas suas notas, a de numero 75, feitas a *Historia do Brazil* por Frei Salvador donde, copiamos o trecho acima.

Coutinho era filho de Affonso Pereira Coutinho, alcaide-mór de Santarem, e havia militado na India sob as ordens do grande Affonso de Albuquerque, tendo servido em Goa, Malaca e China. Havendo ajuntado alguma fortuna, tornara para Portugal, e residia em Alenquer, villa distante algumas leguas de Lisboa, e onde desfructava o que ajuntara, e a tença que recebia do Estado.

Julho 26—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Jorge de Figueiredo Correia, Escrivão da Fazenda Real, da Capitania dos Ilheus, e na qual se menciona ser a dita capitania de... “cincoenta leguas de terra na dita costa do Brazil, as quaes commearão na ponta da *Bahia de Todos os Santos* da banda do Sul e correrão ao longo da costa para o dito Sul, quanto couber nas ditas cincoenta leguas.”

Esta carta, assim como o Foral, ainda estão ineditos. conforme diz Capistrano de Abreu, e a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro possui uma copia manuscripta de ambos estes documentos.

Agosto 26—Foral passado em Evora, por D. João III, confirmando a Francisco Pereira Coutinho a doação, que lhe havia feito da Capitania da Bahia.

1534 Set: Out:

A integra deste documento vem publicado nas *Mem: Hist: e Pol: da Prov: da Bahia*: Vol. 3 Pag. 189 e seguintes.

Setembro 1—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Pero Lopes de Souza de... “oitenta leguas de terra na dita costa do Brazil, repartidas desta maneira: quarenta leguas que começarão de doze leguas ao Sul da *Ilha de Cananéa*, e acabarão na terra de Santa Anna, que está em altura de vinte e oito grãos e um terço... e dez leguas que começarão do rio de Curpacé e acabarão no rio de *S. Vicente* etc.,... e as trinta leguas que fallecem começarão no rio que cerca em redondo a *Ilha de Itamaracá* etc.,... e acabarão na Bahia da Traição que está n'altura de seis grãos.”

Esta carta teve *adendum* á 21 de Janeiro do anno seguinte, 1535.

A integra della, com o acrescimo, vem inserida nas *Mem: Hist: de Pernamb:* Vol. 1 Pag. 105 e seguintes.

23—Foral passado em Evora, pelo Rei D. João III, confirmando a Pero de Campos Tourinho, a doação que lhe havia feito, da Capitania de Porto-Seguro, da qual só lhe foi passada a carta de doação a 7 de Outubro deste mesmo anno de 1534.

Deste Foral possui uma copia a Bibliotheca Nacional e parece que ainda não foi publicado, diz Capistrano de Abreu.

24—Foral passado em Evora, pelo Rei D. João III, confirmando a Duarte Coelho a doação que lhe havia feito da Capitania de Pernambuco.

A integra deste documento importante para a historia pernambucana, vem inserida nas *Mem: Hist: de Pernamb:* por José Bernardo Fernandes Gama, Vol. 1 Pag. 53.

25—Apostilla posta na carta de doação da Capitania de Pernambuco feita a Duarte Coelho.

Tambem a integra deste documento vem inserida nas *Mem: Hist: de Pernamb:* por José Bernardo Fernandes Gama Vol. 1 Pag. 52.

25—Addendo feito á carta de doação da capitania do Espirito-Santo dada a Vasco Fernandes Coutinho, declarando ficar sem effeito a mercê concedida no capitulo decimo da mesma carta.

Outubro 6—Foral passado em Evora pelo Rei D. João III, confirmando a Pero Lopes de Souza a doação que lhe havia feito de oitenta leguas de terra na costa do Brazil, as quaes constituíram as capitancias de Itamaracá e Santo Amaro.

Idem—Foral passado em Evora pelo Rei D. João III, confirmando a doação que fizera a Martim Affonso de Souza da Capitania de S. Vicente, da qual só teve carta de doação a 20 de Janeiro do anno seguinte, 1535.

A integra deste documento vem publicada na *Corographia do Imperio do Brazil* escripta pelo Dr. Mello Moraes, Tomo 1 Pag. 196 e seguintes e tambem na *Rev: do Inst: Hist: e Geog: Braz:* Vol. 9 Part. 2 Pag: 456 e seguintes.

Idem—Apostilla posta na carta de doação da Capitania do Espirito-Santo, feita a Vasco Fernandes Coutinho, concedendo-lhe o direito de homizio.

A integra deste documento vem inserida na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz:* Vol: 24 Pag: 187.

7—Foral passado em Evora pelo Rei D. João III, confirmando a Vasco Fernandes Coutinho a doação que lhe havia feito, da Capitania do Espirito-Santo.

A integra deste documento vem publicada na *Rev: Trim: do Ins: His: e Geog: Braz:* Vol: 24 Pag: 189.

Idem—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Pero de Campos Tourinho da Capitania de Por-

1534—1535 Jan:

to-Seguro e na qual se menciona que a dita capitania é de... “cincoenta leguas de terra na dita costa do Brazil, as quaes se começarão na parte onde se acabarem as cincoentas leguas de que tenho feito mercê a Jorge de Figueiredo Correia na dita costa do Brazil da banda do Sul quanto couber nas ditas cincoentas leguas.”

A integra desta carta foi publicada por occasião das questões do Duque de Aveiro com a donataria, segundo diz Capistrano de Abreu.

No correr deste anno celebrou-se no Brazil o primeiro consorcio do qual ha noticia, que parece authentica, e teve lugar na Bahia, como se deduz da seguinte inscripção lapidaria que existe em um quarto ou sacristia do lado do Norte do arco cruzeiro na igreja da Victoria.

“Aqui jaz Affonso Rodrigues natural de Obidos, o primeiro homem que casou nesta igreja no anno de 1534, com Magdalena Alvares, filha de Diogo Alvares Corrêa, primeiro povoador desta capitania: falleceu o dito Affonso Rodrigues em 1564.”

Não se sabe a que armada pertencia o sacerdote que celebrou este consorcio a qual, por casualidade, lá fôra ter, pois n'aquelle tempo ali não haviam sacerdotes.

Segundo o Padre Jaboatão, que affirmou ter visto escripto, mas não disse aonde, arribou á Bahia neste anno a frota com que Martim Affonso de Souza partira de Lisbôa para a India, e os capellões della baptisaram e casaram as filhas de Diogo Alvares, e por consequente o casamento acima mencionado fôra celebrado por alguns delles. Mas esta asserção de arribada da frota de Martim Affonso não é verdadeira, não só porque nenhum dos escriptores, que trataram desta armada, faz menção de semelhante facto, como tambem porque seria muito provavel, no caso d'elle se ter dado, que Martim Affonso preferisse arribar a sua capitania de S. Vicente.

Ignacio Acciole, que aceitou esta falsa asserção, diz-nos tambem que consta terem aportado ali, por differentes occasiões, outros padres, que se dirigiram para diversos lugares, “entre os quaes, accrescenta, se contam dous que naufragaram na bahia da cidade: foram dar a uma ilha que tambem de então para cá, ficou conhecida por ilha dos Frades por servirem nella de pasto ao gentio.

Se isto é verdade, foi provavelmente, algum dos que ahi appareceram em 1534, que realisou o consorcio mencionado; mas, com certeza, não foram os d'armada de Martim Affonso, a qual lá não foi.

1535

Janeiro 20—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Martim Affonso de Souza da Capitania de S. Vicente, e na qual se declara ser a mesma capitania de... “cem leguas de terra na dita costa do Brazil, repartidas nesta maneira: cincoenta e cinco leguas de terra, que começarão de treze leguas ao Norte do Cabo Frio e acabavam no rio Curúpacé, e do dito Cabo Frio começarão as ditas treze ao longe da costa para a banda do Norte, e no cabo dellas se porá um padrão das minhas armas, e se lançará uma linha pelo rumo do Noroeste até altura de vinte e um grãos, e desta altura se lançará outra linha que virá directamente a loeste e se porá outro padrão da banda do Norte do dito rio Corupacé, e se lançará uma linha pelo mesmo rumo de Noroeste até altura de vinte e tres grãos, e desta altura cortará a linha directamente a loeste; e as quarenta e cinco leguas que fallecem começarão do rio de S. Vicente e acabarão doze leguas ao Sul da ilha de Cananéa, e no cabo das ditas doze leguas se porá um padrão; se lançará uma linha que vá directamente para loeste do dito rio de S. Vicente, e no braço da banda do Norte se porá um padrão e se lançará uma linha que corra directamente a loeste.”

1535 Mar:

A integra deste documento vem inserida na *Corogr: do Imp: do Braz:* pelo Dr. Mello Moraes, Tom 1º Pog. 194 e seguintes, e tambem na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geogr: Braz:* Vol. 9 Part. 2ª Pag. 457 e seguintes.

Marco 9—Segundo um documento que existia no archivo do Mosteiro de S. Bento da cidade de Olinda, e fôra visto pelo auctor da obra *Instituições Canonicas patrias*, o advogado pernambucano Francisco Soares Mariz, como elle proprio o afirma em nota as paginas 49 do seu livro, foi nesta data que chegou a Pernambuco o seu donatario, Duarte Coelho, entrando com a sua armada pela barra do lado Sul da *Ilha de Itamaracá*, que então se chamava *Porto de Pernambuco*, como já tivemos occasião de dizer. Veja-se a nota 46, as paginas 69.

Os padres Simão de Vasconcellos; Jaboatão e Raphael de Jesus (67) querem, erroneamente, que Duarte Coelho tenha vindo para Pernambuco no anno de 1530, (quando ainda o Brazil não tinha sido dividido em capitánias, e nem em tal pensava a corôa), e Fernandes Gama, a quem seguimos na primeira edição deste trabalho, que elle arribasse aqui quando voltava d'Asia com uma armada, batendo no dia 26 de Setembro do mencionado anno de 1530 a Francezes, que encontrou de posse da Feitoria d'Itamaracá, e subindo em seguida o rio *Jurusá* foi bater no dia seguinte, 27, os indios *Potiguarés* alliados daquelles, destruindo-lhes uma aldeia que tinham sobre um monte, e lançando ali os primeiros fundamentos da *Villa d'Iguarassú*, dando-lhe a invocação de SS. Cosme e Danião, que nesse dia reza o kalendario; feito o que continuou a sua derrota para Portugal, donde tornou no anno seguinte, 1531, ou no de 1532, para colo-

nisar a terra, da qual havia obttido promessa de doação, que se realisou em 1534, podendo nesta data registrar a sua carta doativa na Camara de Olinda, que já era villa, como tudo dissemos na primeira edição deste trabalho.

Todas estas asserções são inexactas.

Duarte Coelho foi em 1509 para Asia n'armada de D. Fernando Coutinho, e ali permaneceu até 1529 quando voltou para Portugal, aonde se conservou até os fins do anno de 1532, quando foi mandado n'uma armada cruzar na costa da Malagueta. D'ahi foi em meados do anno seguinte, 1533, com sete velas para a *Ilha Terceira*, esperar as náos da India.

Dentro de poucos dias reunio-se-lhe Martim Affonso de Souza, que voltava do Brazil, com quem tornou para Lisbôa, como tudo narra Frei Luiz de Souza (68) e por tanto não podia ter praticado em Pernambuco no anno de 1530 nenhum dos feitos, que lhe atrebuiram e nem para aqui tornado no anno seguinte.

Os Francezes, que occuparam a feitoria d'Itamaracá, foram batidos por Pero Lopes de Souza, no correr do anno de 1532.

Veja-se a data de 4 de Novembro desse anno.

Tambem não pedio elle por doação a Capitania de Pernambuco, pois lhe foi ella expontaneamente doada por D. João III, como se vê bem da carta que a este dirigio elle da villa de Olinda, em 20 de Dezembro de 1546, quando depois de mencionar o máo proceder de outros donatarios, que não davam execução as cartas precatórias, que lhes dirigia, reclamando criminosos mercedores de grave punição, escreve.

“ Digo isto, Senhor, por as outras pessoas que V. A. tem dado terras por esta costa do Brazil que em suas terras ou Capitánias, que cumpam e façam cumprir as cartas precatórias, que lhe os outros Capitães e Governadores manda-

(67) Este na sua obra *Castrioto Lusitano*.

(68) *Annaes*. Pag. 377, 378 e 382.

1535 Mar:

rem, e que façam e uzem como uza o Duarte Coelho a quem V. A. cá mandou e por que o cá mandou procura de fazer o que deve, etc, etc. e ainda, em outra carta datada de 15 de Abril de 1549, escreveu elle:

“ E, pois, V. Alteza sabe que pol-o servir cá vim. Isto tudo é bem claro, pois se elle tivesse pedido, não se atreperia dizer ao Rei, que o tinha mandado quando havia sido elle que pedira para vir.

Diz o Visconde de Porto Seguro, que Duarte Coelho, partira para Pernambuco em dias do mez de Outubro do anno de 1534, baseando, talvez, esta sua asserção n'um Alvará Regio de D. João III, datado de 2 daquelle citado mez e anno, pelo qual o monarcha houve por bem fazer a Duarte Coelho mercê dos direitos que havia de pagar dos ferros e cousas outras que mandara trazer de fóra do reino para provimento de seus navios em que ora vai para o Brazil: etc, etc.

Julgamos, porém, que não se realisou a partida em tal tempo, apesar do ora vai, pois não é crível, a vista do documento, que menciona a sua chegada, gastasse elle em viagem cinco mezes, a menos que não tivesse permanecido algum tempo arribado em qualquer porto intermediario, o que não consta.

Frei Vicente do Salvador escreveu com relação a elle:

“ Desta capitania (Pernambuco) fez El-Rei D. João III, mercê a Duarte Coelho pelos muitos serviços, que lhe havia feito na India na tomada de Malaca, e em outras occasiões, o qual, como tinha tão valerosos e altos espiritos, fez uma grossa armada em a que se embarcou com sua mulher, D. Brites de Albuquerque, e seu cunhado, Hieronimo de Albuquerque, e foi desembarcar no rio de Iguarassú, onde chamam os Marcos, porque alli se demarcam as terras da sua capitania com as de Tamaracá, e as mais que se deram a Pedro Lopes de Souza, onde já estava uma feitoria d'El-Rei para o páo-brazil, e uma fortaleza de Madeira, que El-Rei lhe largou

e nella se recolheu, e morou alguns annos e alli lhe nasceram seus filhos Duarte Coelho de Albuquerque e Jorge de Albuquerque, e uma filha chamada D. Ignez de Albuquerque, que casou com D. Hieronimo de Moura, e cá morreram ambos e um filho que houveram, todos tres em uma semana.”

Não é porém, exacta esta longa residencia de Duarte Coelho na fortaleza de madeira do sitio do Marco, porque dous annos depois da sua chegada, em 1537, já elle residia em Olinda, como se vê do Foral, que deu á nascente villa, a 12 de Março d'aquelle anno. Veja-se essa data.

Da Feitoria do sitio do Marco, segundo o mesmo historiador, deu Duarte Coelho ordem a se fazer a Villa d'Iguarassú, encarregando desta commissão a “ um homem honrado viannez, chamado Affonso Gonçalves, que já o havia acompanhado da India. Da villa de Iguarassú ou dos Santos Cosmos mandou vir de Vianna seus parentes, que tinha muitos, e mui pobres, os quaes vieram logo com suas mulheres e filhos e começaram a lavrar a terra entre os mais moradores, que já havia, plantando mantimentos e cannas de assucar, para o qual começara já o Capitão a fazer um engenho.”

Esta narrativa de Frei Vicente, destroe a inveterada crença de ter sido a Villa de Iguarassú fundada primeiro que Olinda, e por Duarte Coelho, que, parece, nem lá fóra quando chegou.

Pensamos que nasceu ella de terem sido as terras d'aquellas bandas as primeiras que se povoaram em Pernambuco, do que não existe a menor duvida, pois foi nellas que se fez a Feitoria em 1516 no sitio que se chamou depois do Marco.

II—Foral passado em Evora, pelo Rei D. João III, confirmando a Jorge de Figueiredo Correia a doação, que lhe havia feito, da Capitania dos Ilhéos.

Idem—Foral passado em Evora, pelo Rei D. João III, confirmando ao historiador João de Barros a doação, que lhe

1535 Maio

havia feito, de cincoenta leguas de terra na costa do Brazil; entretanto na carta da doação feita a Fernão Alvares de Andrade, com quem elle se associou, se diz que é de cento e cincoenta leguas, como adiante veremos.

A carta da doação feita a João de Barros não é conhecida.

Maio 1—Naufraga nos baixos de Boypéba, vinte leguas ao Sul do porto da Bahia, a não hespanhola *Capitanea* da expedição de Simão de Alcaçova.

Este official, natural de Portugal, e conhecido como habil cosmographo, recebeu da côrte de Hespanha a commissão de explorar e povoar 200 leguas de costa ao sul do Perú. Partio para isto de São Lucas em Setembro do anno anterior, 1534, com duas náos a *Capitaneu* e a *São Pedro*, tripoladas ambas com 250 homens entre marinheiros e soldados.

Esta expedição chegou ainda a entrar no estreito de Magalhães; mas taes contrariedades soffreu, que Alcaçova vio-se obrigado a retroceder para o porto da ilha dos Lobos, e ali foi assassinado pela soldadesca amotinada.

“ João de Echearcaguana, diz Herrera, mandou cortar a cabeça aos capitães, e determinou seguir com as duas náos para S. João de Porto Rico, e depois de terem caminhado dous dias de conserva, desapareceu a *Capitanea*.

“ A gente da *S. Pedro* deu mostras de querer amotinar-se, porque padecia fome e molestias, porém a prisão de alguns apazigou o motim. Visto não haver a bordo mantimento para a viagem, encaminharam-se para o Brazil, e depois de cincoenta dias de navegação, chegaram a Bahia de Todos os Santos, onde acharam um Portuguez que os soccorreu, e que disse que havia vinte e cinco annos estava entre os indios, e outros oito que ali ficaram depois de um naufragio de armada portugueza.”

Era Diogo Alvares, o *Caramurú*.

“ Estando neste porto a *S. Pedro* appareceu ali a chalupa de *Capitanea* com

dezesete homens, estando a maior parte delles feridos de flechas, e disseram ter-se a mesma perdido no dia de Santiago, vinte leguas distante dali, (na ilha de Boypéba que desde então se ficou chamando Ponta dos Castelhanos) naquella mesma costa; que a gente havia escapado nos botes e na chalupa; que nos primeiros oito dias os indigenas os trataram bem; porém, que depois apanhando-os despercebidos, mataram a todos, com excepção delles, que puderam fugir em tempo. João de Mori, o capitão da *São Pedro*, enviou a chalupa com o Portuguez (Diogo Alvares) que sabia a lingua, a recolher algum dos naufragos, se ainda existissem, e acharam mortos noventa e vivos quatro, os quaes disseram, que a não tinha mantimentos, e que não se tinha aproximado com bom proposito ás costas do Brazil, pelo que se julga, que a mesma soldadesca, que matara Alcaçova, havia forçado o capitão a naufragar.”

23—Vasco Fernandes Coutinho, primeiro donatario da Capitania do Espirito-Santo, chega as terras da sua donataria.

Tendo avistado, quando dellas se aversinhava, a elevada serra de fórma arredondada chamada do Mestre-Alvaro, que os maritimos descobrem de longe, emproou a buscar o porto, já antès conhecido dos navegantes desses mares, o qual se afeiçoa, como enseada, para dentro da ponta do Tubarão ao Norte, e do monte Moreno dá banda do Sul e foi desembarcar logo a entrada a mão direita, n'uma especie, de sacco, que elle faz, dando a terra o nome de Espirito-Santo, por ser o domingo dessa solemnidade este dia em que chegou.

O Padre Jaboatão diz inexactamente que este acontecimento tivera lugar dez annos antes, em 1525; erro que se prova com a carta de doação da mesma capitania, (veja-se a data de 1 de Janeiro do anno anterior, 1534) e nem nessa epocha o governo portuguez pensava em dividir as terras do Brazil por donatarios.

Os selvagens procuram obstar o desembarque de Coutinho e seus companhei-

1535 Jun: Agos:

ros, mas estes, fazendo-lhes fogo com duas peças de artilharia, os pozeram em debandada, e aterrorisados se refugiaram nas mattas.

Tomada a terra, occuparam-se os colonos em fundar uma povoação junto ao monte, que ali ha e construíram um forte de madeira para sua defeza. Esta povoação recebeu tambem o nome de *Espirito Santo*, que ainda hoje conserva, e é tambem designada com o nome de Villa Velha.

Junho 13—Os colonos, vindos com Vasco Fernandes Coutinho, para a sua Capitania do Espirito Santo, onde já se achavam havia vinte e um dias, fazem uma excursão pela bahia daquella capitania e vão ter nesta data a uma ilha que denominaram de *Santo Antonio*, em honra do santo do dia, e na qual está hoje fundada a cidade da *Victoria*.

18—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Fernão Alvares de Andrade de “setenta e cinco leguas de terra na costa do Brazil, que começam do *Cabo de Todos os Santos* da banda de leste e vão correndo para loeste até o rio que está junto com o rio da *Cruz*, e aos ditos Ayres da Cunha e João de Barros cento e cincoenta leguas, a saber: cem leguas que começam onde se acaba a capitania de Pero Lopes de Souza da banda do Norte e correm para a dita banda do Norte ao longo da costa, tanto quanto couber nas ditas cem leguas, e as cincoenta que começam da abra de Diogo Leite, da banda do loeste, e se acabam no *Cabo de Todos os Santos* da banda de leste do rio do Maranhão.

Agosto 18—Deixa o porto da Bahia, em viagem de regresso para Europa, a não *S. Pedro*, da infeliz expedição de Simão de Alcaçova, e que ali fôra ter, como já dissemos.

Com relação á estada deste navio em aquelle porto, e dos serviços prestados a sua gente por Diogo Alvares, publicou Capistrano de Abreu, em uma das notas

feitas á *Historia do Brazil* por Frei Vicente do Salvador, a de numero 77, o seguinte trecho traduzido da *Historia general e natural de las Indias* por Oviedo, Liv: XXII Cap. III. e que mostra exactamente a posição de Diogo Alvares naquella epocha.

“Ali (na Bahia de Todos os Santos) acharam e vivia um Diogo Alvares, portuguez, que lhes disse que havia vinte e cinco annos que estava naquella terra, e que se achava mui bem com os indios, e o tinham por seu capitão e lhes eram mui obedientes, e os tinha tão sugeitos e lhe guardavam tanto acatamento como se nascera senhor delles; e tinha consigo sua mulher, que era India da qual tinha muitos filhos e duas filhas casadas com dous Hespanhóes, que alli estavam. Este assento e povoação deste Diogo Alvares seriam até tresentas casas que eram como casarias espalhadas, porém á vista uma de outras, muitas dellas, em que haveria mil homens indios; e acharam com este Diogo Alvares quatro christãos que se haviam recolhido ali, que vieram perdidos de uma armada de Portugal, que se perdeu quatro mezes antes d'isto, a qual armada levava tresentos homens que nem um escapou senão estes quatro, e os Indios queimaram as náos della e navios na costa, onde deram de traves, a estes quatro christãos trouxe esta não *S. Pedro* a esta cidade e porto de *S. Domingos* da ilha Hespanhola... A este Diogo Alvares deu-se a chalupa a troco de bastimento e tambem lhe deram duas pipas de vinho, e fallou-se-lhe em alguma cousa da Fé, e, ao que mostrou, estava bem nella, e deu a a entender que vivia naquella costa e soledade para salvar e socorrer aos christãos, que por ali passassem; e disse que havia salvado Francezes, Portuguezes e Castilhanos que por aquella costa se haviam perdido, e que se elle não estivera ali que os Indios houveram morto a esses que ficaram d'armada de Simão de Alcaçaba. (69) Disse que oitenta laguas dali pela costa

(69) Aliás Alcaçova.

1535 Nov:

adiante tinha El-Rei de Portugal uma fortaleza donde lhe levam o brazil, que se chama Pernambuco, onde residem oito ou dez pessoas, e que esperavam de Portugal uma armada, que ia a povoar aquella costa. ”

Novembro 19—Carta Regia de Dom João III, passada em Evora, fazendo doação ao Cavalheiro Fidalgo Antonio Cardozo de Barros de quarenta leguas de terra na costa do Brazil, e que começarão no rio da Cruz, em dous grãos e dous terços correndo por leste até Angra dos Negros em dous grãos.

Esta capitania tinha apenas seis leguas de costa.

“ Segundo certos indicios, diz o Visconde de Porto Seguro, de ruínas de pedras e cal, encontradas depois na Tutoia, elle pretendeu estabelecer ali uma colonia, que foi obrigado a desamparar. ”

Deste Antonio Cardozo não se sabe outra cousa senão que veio com o Governador Thomé de Souza, como Provedor da fazenda em 1549, e que tornando para o reino no governo de Duarte da Costa, em companhia do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, naufragara no rio Cururipe, aonde foram todos devorados pelos Cahetés. Veja-se a data de 16 de Junho de 1556.

Segundo a opinião mais seguida foi neste anno que começou a ser povoada a Capitania de Porto Seguro.

“ Seu nobre donatario, diz o Visconde de Porto Seguro, homem prudente, esforçado e mui entendido nas cousas, do mar, gozava de tal credito na populosa provincia do Minho, nas mediações da sua villa natal de Vianna, que apenas fez constar, que daria terras aos que o quizessem acompanhar, se encontrou com tantos, que não pode aceitar a todos, e preferio, depois dos parentes pobres, os de que tinha mui seguras informações. Tendo vendido as propriedades que possuia em

Vianna, ali se embarcou levando comsigo mulher e filhos; e emprando direito ao Brazil, foi demandar o mesmo Porto Seguro, onde a armada do afortunado Cabral entrara sete lustros antes. ”

Nesta localidade existia já uma pequena colonia, (veja-se facta sem data do anno de 1503), aonde elle encontrou muitos portuguezes com filhos tidos de indias com quem viviam; mas não julgou dever aproveitar-se dessas circumstancias, provavelmente por que o lugar não era vantajoso e nem saudavel, e dirigio-se para o surgidouro do rio Buranhen, em cuja margem esquerda lançou os fundamentos da sua primeira villa, na chapada de um monte, *tão extensa*, diz o Padre Cardim, *que poderá em si admitir para o futuro uma grande cidade*.

Tourinho tratou para logo de fortificar-se no lugar em que desembarcou, afim de fazer face aos indios se fosse por elles incommodado, o que succedeu, oppondo-se os Tupiniquins a seu estabelecimento: puzeram-lhe cerco e mataram-lhe alguma gente; mas depois fizeram paz, e a colonia prosperou.

No mez de Novembro deste anno partio de Lisboa uma expedição sob as ordens de Ayres da Cunha com destino a colonisar a capitania doada á João de Barros a quem se associara Fernão Alvares d'Andrade e tambem o mesmo Ayres da Cunha, vindo em sua companhia dous filhos de João de Barros para o representar, e um delegado de confiança de Fernão Alvares. Compunha-se ella de dez navios e conduzia novecentos homens, conforme diz o mesmo João de Barros, sendo cento e treze de cavallo, e conforme diz Galvão cento e trinta, *cousa que para tão longe nunca sahio deste reino*, escreve o mencionado João de Barros.

Os preparativos desta armada, verdadeiramente extraordinarios para aquelles tempos, fizeram tanto ruido, diz o Visconde de Porto Seguro, que o embaixador hespanhol Sarmiento, chegou a crêr que

1535

ella era mandada pelo governo portuguez contra os recentes estabelecimentos castelhanos no Rio da Prata, duvidando até da palavra do Rei D. João III que lhe assægurava o contrario.

“ Sarmiento, acrescenta elle, na carta a sua côrte pondera como os navios (nenhum dos quaes havia ainda regressado) anteriormente partidos para o Brazil, por conta de outros donatarios, não haviam levado, como estes, preparativos para a guerra; mas simplesmente gente para povoar, e o necessario a vida habitual e pacifica. E além disto participava, como se dizia, que os desta expedição, ao desembarcarem, se entranhariam pela terra a dentro até dar com o Perú. ”

“ Este ultimo boato, devia, cremos nós, ter todo o fundamento. ”

“ Já era sabido que as costas d'America do Sul contornavam um grande continente e nada mais natural do que colligir que partindo do Brazil, sempre para o Occidente, se chegaria aos dominios do Inca de Cuzco, cujas riquezas patenteadas de todo pela atroz audacia de Pizarro, poucos annos antes, devia naturalmente excitar a cubiça de muita gente. Para nós é sobre tudo grande argumento para crêr no boato o terem levado cavallaria, arma esta que valeu mais a Pizarro para vencer, que toda a sua audacia; como já n'outros tempos tinha valido aos Arabes, para o exito feliz de suas conquistas. ”

Havendo a frota avistado as Canarias, fez d'ali prôa para o Brazil e veio com bôa viagem ter a Pernambuco, cujo donatario, Duarte Coelho, lhe ministrou alguns linguas ou interpretes e até uma fusta de remos, que podesse ir adiante sondando nas paragens menos conhecidas ou exploradas.

“ Com tão bons auspicios, deixou Ayres da Cunha e porto de Pernaubuco, seguindo para o Norte; primeiro resolveu desembarcar e estabelecer-se no Rio Grande do Norte no lugar chamado Ceará-mirim, mas encontrou tão grande opposição de parte dos indios *Pitaguairés* unidos a muitos Francezes, que com elles se acha-

vam, que, depois de perder alguma gente, fez-se ao mar levando comsigo alguns naufragos de um galeão da armada hespanhola de D. Pedro de Mendoza, que ali se havia perdido salvando-se a gente, parte da qual já tinha sido pasto dos *Postiguairés*.

“ Montaram o Cabo de S. Roque com proposito de buscarem o porto do Maranhão, porem, por nova deslita, a fusta de remos, que devia conduzil-os, se lhes esgarrou, chegando a andar perdida, e já sem mantimentos nem agua, quando um navio hespanhol a encontrou, e tomando a bordo os tripolantes, os levou a ilha de S. Domingos. ”

A este accidente seguio-se o naufragio do navio em que ia o commandante da expedição e a morte deste nos recifes ou parais do littoral dos Lenções Grandes, seguudo a opinião do Senador Candido Mendes, que contesta a asserção de ter sido no Boqueirão, como querem alguns escriptores, ou nos bancos da Corôa Grande como querem outros. (70)

Esta perda concorreu para o transtorno da expedição que se mallogrou totalmente por falta de um director capaz de infundir o necessario respeito, a tanta gente ainda mal disciplinada, e conter pelo temor, suavizado pela caridade ao numeroso gentio, que habitava a grande ilha do Maranhão em que está o ancoradouro, e onde foram ter os outros navios da expedição em numero de nove, no mez de Março do anno seguinte, 1536, como já isto se sabia em Evora (Portugal) em 15 de Julho do mesmo anno, conforme diz o Visconde de Porto Seguro.

A gente desembarcou nesta ilha, formando uma povoação a que deram o nome de Nazareth, da qual não existe o menor vestigio, que indique a localidade.

“ A principio estivera de pazes com os indios, fizeram muitas roças e mandaram explorar os rios visinhos.

(70) *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Braz. Vol. XII Part. 2 Pag. 118.*

1535

“ Não tardaram, porém, os mesmos indios a se levantarem, queimando e destruindo as plantações e sementeiras, chegando a pôr em apertado cêrcio a povoação de Nazareth, a tomar as fontes d'agua de beber, de modo que ficaram constrangidos a ir embarcado em busca desta e do necessario elemento, que se reduzia a palmitos, algum peixe e caça que conseguiam obter e alguns fructos selvagens. Por fim vendo-se nos ultimos apuros, e havendo já perdido muita gente, se resolveram a embarcar e a deixar de todo a terra.

Não se sabe se alguns conseguiram regressar directamente a Portugal, e sómente que tres caravelões, com muitos colonos e uns duzentos indios, foram ter ás Antilhas em Agosto de 1538, chegando á ilha de Porto Rico dous delles com quarenta e cinco dos mesmos colonos, alguns casados, e cento e quarenta indios, entre escravos e livres, e um a S. Domingos, onde os moradores lançaram mão dos indios e dos bens dos infelizes que, por mandado da metropole, (Hespanha) foram retidos como colonos. João de Barros só á custa de muitos trabalhos ponde reaver seus dous filhos.

Tratando desta malograda empresa, o Dr. João Francisco Lisboa fez as seguintes e judiciosissimas observações:

“ A armada seria com effeito de dez velas e transportaria um exercito de novecentos homens, e cento e treze ou cento e trinta de cavallos, como assevera Galvão? Apesar da grande auctoridade de João de Barros, que o affirma tão desenganadamente, e era parte mui principal na empresa, é licito, pelo menos, hesitar, antes de acolher um facto tão extraordinario, como o de um armamento tão gigantesco sobre tudo para aquelles tempos. Por mais avultadas que fossem as riquezas do feitor da Casa da India, do thesoureiro-mór do reino, é certo que se não podiam medir com as dos monarchas seus soberanos. E se o braço real nunca foi poderoso então para fazer abalar tão crescidas forças, como se-lo-ião tres simples particulares associados?

“ Ora, a historia refere que a prodigiosa expedição de Vasco da Gama ao Oriente foi só de quatro navios, (um dos quaes de simples transporte com mantimentos e munições de sobressalente) e cento e setenta homens de mar e terra, e em 1549, muitos annos depois da expedição de Ayres da Cunha, determinando El-Rei fundar na Bahia um governo proprio, na poderosa armada em que mandou a Thomé de Souza por seu primeiro governador e capitão general, vieram não mais de mil homens. sendo destes, quatrocentos degradados, e apenas seiscentos homens de tropa regular e colonos.

“ A primeira expedição em que 1614, sahiu de Pernambuco e outros pontos, ao mando de Jeronymo de Albuquerque, para expulsar os francezes do Maranhão, era de dous navios, uma caravela e dous caravelões, com pouco mais de quinhentos homens, entre soldados, homens de mar e indios auxiliares.

“ Na monarchia hespanhola, muito mais consideravel, e apesar de todos os esforços de Izabel a catholica, e de Colombo, a expedição que descobriu a America, não correspondia nem a dignidade e possança da nação, nem a importancia da empresa, pois consistia apenas em noventa homens embarcados em tres pequenos navios, a *Santa Maria*, a *Pinta* e a *Niña*, sendo que os dous ultimos não eram em verdade mais do que alterosas chalupas.

“ Quando Fernão Cortez partiu para a conquista do imperio de Montezuma, observa Robertson, não obstante haverem os hespanhoes de Cuba empenhado todos os seus recursos, despendendo o governo sommas consideraveis, fornecendo todos os estabelecimentos quanto havia em homens e provisões, e pondo cada aventureiro o melhor dos seus cabedaes. não houve quem se não espantasse da fraqueza do armamento, por nenhum caso proporcionado a tão gloriosa e arricada empresa. A esquadra compunha-se de onze vasos, o principal dos quaes, pom-

1535—1536 Fev: Maio Agos: Set:

posamente qualificado de não almiranta, não era de lotação maior de cem toneladas, tres outros apenas tinham, de sessenta a oitenta, e os sete restantes eram umas pequenas barcas sem coberta. Em todos elles ião embarcados seis centos e desette homens, dos quaes quinhentos e oitenta soldados e cento e nove marinheiros.

“ Mas a expedição de Pizarro ao Perú ainda foi mais mesquinha, pois a sua tropa não contava mais de sessenta e dous infantes, dos quaes vinte e tres sómente ião armados de arcabuses e mosquetetes.

“ A’ vista destes exemplos a armada de Ayres da Cunha, seria ella só tão poderosa, como as de Colombo, Vasco da Gama, Cortez e Pizarro reunidas.

No correr deste anno começou a ser povoada a Capitania dos Ilhéos, territorio que pertence hoje á Bahia, e fôra dado em doação a Jorge de Figueiredo Correia, escrivão da fazenda real, que não podendo vir pessoalmente, em virtude do seu cargo tratar da colonisação, encarregou deste trabalho a um João de Alneida, segundo diz Gondavo (71) e segundo outros chronicistas a um cavalheiro castelhano chamado Francisco Romero, a quem o donatario entregou o commando da armada que a prestara com todo o necessessario para tal fim. Sahio elle de Lisboa e com feliz viagem veio surgir no porto da ilha de Tinharé, aonde desembarcando deu principio á povoação sobre o Morro de São Paulo; d’onde, algum tempo depois, porque se desgostou da localidade, passou para o rio dos Ilhéos, e alli fundou a villa que denominou de *S. Jorge*, em honra do santo do nome do proprietario.

Nos primeiros annos teve guerra com os indigenas, mas estes, como eram *Tupiniquins*, povo da melhor condição que os

outros, passados tempos, fizeram com elle pazes.

1536

Fevereiro 26—Foral passado em Evora pelo Rei D. João III confirmando a Pero de Góes a doação, que lhe havia feito, por Alvará de lembranças, passado a 10 de Março de 1534 (veja-se essa data) da Capitania de S. Thomé ou Parahyba do Sul, cuja carta de doação só lhe foi passada seis mezes depois, a 28 de Agosto deste mesmo anno de 1536.

O General Abreu e Lima diz que ella fôra passada a 28 de Janeiro deste mesmo anno de 1536, o que não é exacto.

Maio 23—Bulla: *Cum ad nihil magis* do Papa Paulo III, passada por interpretação de D. João III estabelecendo em Portugal o Tribunal da Inquisição, que teve agencias no Brazil.

Foi seu primeiro inquisidor-mór D. Diogo da Silveira.

Agosto 28—Carta Regia de D. João III, passada em Evora, fazendo doação a Pero de Goes da Silveira da Capitania de S. Thomé com “trinta leguas de terra na dita costa do Brazil, e começarão de treze leguas adiante de Cabo Frio, pela banda do Norte, onde se acaba a capitania do dito Martim Affonso de Souza, e se acabarão nos baixos dos Pargos; se, porém, não houver dentro do dito limite e demarcação as ditas trinta leguas, Eu lhe não serei obrigado a satisfazer, e havendo mais, ficará com tudo que mais for.” Quando se fez a medição verificou-se que só havia 21 leguas.

Esta capitania se chamou de S. Thomé ou da Parahyba do Sul.

Setembro 25—Carta de sesmaria passada por D. Anna Pimentel, mulher de Martim Affonso de Souza, concedendo, como sua procuradora e na sua auzencia, a Braz Cubas as terras de Geribatuba, hoje, Jabubatuba, fronteiras a Engaguassú, na Capitania de S. Vicente, e onde elle fun-

(71) *Hist: do Prov: de Santa Cruz.*

1536 Dez :

dou à povoação que se chamou do Porto : depois foi a villa de Santos e hoje é a cidade do mesmo nome no Estado de S. Paulo.

Dezembro 20—Carta da sesmaria passada por Francisco Pereira Coutinho, donatario da Capitania da Bahia, a Diogo Alvares (*o Caramurú*) de quatrocentas varas de terra de frente e quinhentas de fundo, onde elle já se achava estabelecido e tinha feito uma povoação.

Eis o theor della com algumas pequenas faltas, pois assim chegou até nós este curioso documento.

“ Saibam quantos esta carta de sesmaria virem, que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de 1536, aos 20 do mez de Dezembro da dita era, Francisco Pereira Coutinho, fidalgo da casa de El-Rei Nosso Senhor, Capitão e Governador da Bahia de Todos os Santos, faço saber como por esta minha carta dou ora novamente a Diogo Alvares, morador em a dita Bahia quatrocentas varas de terra de largo e quinhentas de comprido, convem a saber : as quatrocentas de largo começarão a contar da banda de leste do caminho do Conselho, que vai pelas cabeçadas das terras dos moradores desta fortaleza ; convem a saber : Fernão Dolores, Pedro Affonso bombeiro, e Sebstião Aranha ; e d’ali a leste até o rio dos Seixos que é o primeiro que está na dita... o qual rio parte com Paulo Dias Adorno da banda de leste, e d’ali do dito rio dos Seixos, do mar directamente ao Norte... as ditas quinhentas varas de comprido, e vai entestar com o Outeiro Grande, e tonra d’ali a leste a partir com terras de Francisco de Azevedo, e d’ali directamente ao mar contra o sol, outras quinhentas varas de largo, se rezam largas por costa, como pelo meio, como por cima, as quaes varas acima conteudas é cada uma de duas varas e meia de medir o costumado, por onde foram medidas, do que está feito assento por padrão.

“ A qual terra assim lhe dou e outorgo, com todas as entradas e sahidas, serven-

tias e fontes e os mattos, arvoredos de toda a sorte e maneira, que dentro da dita terra houver, de que se aproveitar possa. E que o dito Diogo Alvares deste dia para todo sempre, possua a dita terra, tudo inteiramente como cousa propria, e outros quaes bens seus, em todos os seus ascendentes e descendentes que delle succederm, e hajam e gozem livremente, e aproveitem sem pagar outro nenhum fôro nem direito que pagar possam sómente o dizimo a Deus dos fructos e novidades que a dita terra der. E outro sim lhe dou e outorgo, pela mesma maneira, deste dia para sempre ao dito Diogo Alvares, como herdeiros acima contestados, a camboa de pescar, que está ao pé desta fortaleza ; com tanto que elle ou seus herdeiros, que a possuirem, paguem os direitos da posse e do que na dita camboa pescar ou matar, conforme o foral d’El-Rei Nosso Senhor.

“ A qual terra e demarcação o dito Diogo Alvares, e herdeiros que a possuirem, serão obrigados a limpar e aproveitar, para as novidades e fructos que lhe bem vier, de modo que dentro de cinco annos, do dia da feitura desta, aproveitem e façam bemfeitorias nella, conforme aos titulos d’El-Rei Nosso Senhor das datas das terras e sesmarias, sob as penas nelles contidas : roçando, alimpando e plantando na dita terra, para seu proveito, como dito é, e lhe aprouver... suas novidades e fructos pela maneira sobredita sem pagar cousa alguma, sómente o dizimo a Deus.

“ E por assim haver por dada e entregada e outorgada... por bem de minha doação, e poder que me Sua Alteza deu e outorgou, lhe mandei... para sempre, para sua guarda e possuimento e de todos seus herdeiros: a qual mando que seja sellada do sello de minhas armas, que perante mim serve. Rodrigo Fernandes a fez, por meu mandado e authoridade. Feita nesta Bahia em o dito dia, mez e era acima escripta. ”

Este documento tem por unica assignatura o sello do donatario, o que deixa suspeitar que não sabia escrever.

1536

Elle destroe completamente todo esse ficticio e apregoado direito de senhorio da terra, que os chronistas primitivos deram á celebrada Paraguassú, onde seu *marido* e ella para viverem necessitaram da concessão da sesmaria acima.

Entretanto, graças a essas falsidades historicas, inscreveram na pedra que lhe cobre os restos mortaes na igreja do convento de S. Bento na cidade do Salvador, que ella fora senhora da Capitania da Bahia, a qual deu aos Senhores Reis de Portugal de parceria com seu *marido*, Diogo Alvares *Correia*.

Neste anno teve começo a fundação da hoje cidade de Santos em S. Paulo.

Havendo Braz Cubas obtido a posse das terras de Geribatuba, aonde se estabeleceu, e querendo evitar o incommodo de fazer viagens largas quando lhe fosse necessario ir á villa, que era então S. Vicente, ideiou levantar outra em sitio mais proximo á sua fazenda, e justamente mais apto para o embarque e desembarque dos navios. Com este projecto comprou a um dos dous primeiros moradores, que teve aquelle lugar, e foram Pascoal Fernandes, genovez, e Domingos Pires, a parte que comprehendia o outeirinho de Santa Catharina, que ainda nesse tempo era matto virgem, e mandou roçal-o, e deu principio á nova povoação junto do mencionado outeirinho.

Caminhou ella com passos largos porque logo fizeram ali casas todos os moradores do Rio Bertioga; os da terra firme mais chegada; muitos da ilha de Santo Amaro, e varios da outra de S. Vicente, cujas fazendas estavam mais proximas á povoação do que á villa.

Tambem os navegantes desampararam o antigo surgidouro, e vieram dar fundo mais acima defronte da dita povoação, aonde por seu turno vinham tambem fundear todas as embarcações que desciam das fazendas, e os moradores da visinhança que das suas roças vinham em canôa para a villa, os quaes saltavam na po-

voação, e iam d'alli por terra por ser caminho mais seguro, isto é livre dos perigos do mar.

Por este motivo deram o nome de *Porto* á povoação, isto é que era porto da villa de S. Vicente, e com este nome, sem nenhum additamento, se conservou alguns annos, até lhe acrescentaram o de *Santos*, nome de um hospital, que depois fundara Braz Cubas com esmolos, e assim chamado por elle á imitação de outro que em Lisboa tinha o mesmo nome.

Este titulo, que sómente era proprio do hospital, depressa se communicou á povoação e d'alli em diante entraram a chamar-lhe *Porto de Santos*.

No meiado deste anno, segundo se suppõe, chegou á Bahia o seu donatario Francisco Pereira Coutinho que effectuou o desembarque e se estabeleceu "logo da barra para dentro á mão direita, na linda paragem que ainda hoje se chama da *Victoria*, pela primeira que ali alcançaram os colonos, quando de surpresa os atacaram os barbaros e a piedade lhes suggerio uma capellinha á Rainha dos Ceos invocando-a n'um feito que julgaram milagroso." diz o Visconde de Porto-Seguro.

Aquelle lugar em que elle desembarcara e se estabelecera, se ficou chamando depois Villa Velha, e é hoje o sumptuoso bairro da *Victoria*.

"Em uma collecção de papeis velhos, diz-nos Capistrano de Abreu, que existe na Bibliotheca Nacional, ha o seguinte extracto de uma carta, até agora inedita, do infeliz donatario:

1536.—Relação de Francisco Martins (sic) Coutinho, que chegando á terra do Brazil, a primeira terra que viu foi um rio de agua doce tamanho como o de Lisboa e não consente maré em si, que tamanha é esta corrente, e de comprido pelo sertão nove mezes de jornada, e vindo deste rio pela costa, se acha a melhor e mais limpa terra do mundo; ao outro dia achou um rio de agua doce pe-

1536—1537 Jan: Mar:

queno e ao seguinte dia uma augra com dous rios de agua salgada e de muita frescura; d'ahi partindo-se ao outro dia, foi ter a uma bahia em que agora está, que tem a entrada de duas leguas de ponta a ponta, de baixa-mar tem quatro braças e meia, sem restinga nem baixo, podem entrar quantas náos ha no mundo, nem nunca se viu porto melhor nem mais seguro e ha dentro desta bahia treze ilhas em que ha ilha de nove leguas em roda, de barro massapê muito bom; tem dentro cinco rios em que ha dous de agua doce e delles esteiros, as melhores aguas e ares que nunca se viram. Poz Villa no melhor assento que achou, em que tem feito casas para cem moradores e tranqueiras de redor e uma torre já no primeiro sobrado.

“ A terra muito pacifica; obra de uma leguas d'aqui ha uma aldeia com 120 ou 130 pessoas muito pacificas que vem a casa por razão, e o principe delles com sua mulher filhos e gente, querem já ser christãos. De uma parte de sua capitania se vem quasi todos para elle, dizendo que querem ser christãos, e não querem comer carne humana e trazem mantimentos: uma anta vale um vintem, um veado mesmo vintem, um porco montez mesmo vintem, um coelho dous vintens e muitas outras caças de muitas maneiras. O peixe é tanto que val de graça, a peixe de oito palmos e mais que se toma ao anzol, muitas pescadas, salmonetes, linguados, sardinhas. A costa tem muito coral, mas não tem ainda com que o tire. A terra dará tudo o que lhe deitarem, os algodões são os mais excellentes do mundo, o assucar se dará quando quizerem. ”

1537

Janeiro 18—Provisão regia de Dom João III, fazendo mercê a Antonio de Oliveira, cavalheiro fidalgo, da feitoria do almoxarifado da fazenda real da capitania de S. Vicente, Foi o primeiro funcionario desta cathgoria que teve o Brazil.

Marco 12—Foral dado á Villa de Olinda por Duarte Coelho, donatario da Capitania de Pernambuco, e teve confirmação por Carta Regia de D. João III, datada de 17 de Março de 1550.

“ Isto é asseverado por escriptores sisudos, diz o Visconde de Porto Seguro, que ignalmente asseveram que fôra primeiro juiz ordinario da Villa, um João Carneiro. Até hoje não me tem sido possível ver tal foral, nem saber nada mais ácerca do primeiro juiz ordinario de Olinda. ”

Entretanto n'um livro manuscripto, que possui o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, com o titulo: *Notas Historicas e Curiosas*, existe as paginas 207 e seguintes, uma copia do mencionado foral.

Eis o que ali se lê :

“ Aos vinte dias do mez de Junho de mil e setecentos e dez nesta cidade de Olinda em casas de morada do Dr. José Ignacio de Arouche, juiz do Tombo dos bens doados á Camara desta cidade, ahi, pelo dito juiz do Tombo, foi mandado a mim Escrivão juntasse a estes autos um traslado do Foral dado a Camara desta cidade pelo donatario que foi desta capitania, e bem assim uma provisão do anno de 1678, que andava junta com o mesmo Foral, e notificasse as pessoas mais antigas desta cidade e redores d'ella, para virem dar informações sobre o que lhes fosse perguntado, do que fiz este termo, eu Domingos Gomes Galvão, Escrivão do Tombo, o escrevi.—*Domingos Gomes Galvão.* ”

Certidão

“ Domingos Gomes Galvão, Escrivão do Tombo dos bens doados á Camara de Olinda, por Sua Magestade Fidelissima, que Deus guarde, etc., etc.

“ Certifico que um livro que os officiaes da Camara desta cidade mandaram entregar ao Dr. José Ignacio de Arouche, para continuar o Tombo dos bens doados á Camara, está este Foral, cujo theor de *verbo ad verbum* é o seguinte :

1537 Mar:

“ Duarte Coelho, Fidalgo da Casa d’El-Rei Nosso Senhor, Capitão Governador destas terras da *Nova Iensitania*, por El-Rei Nosso Senhor, etc.

“ Faço saber a quantos esta minha carta virem, que no Anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e cinquenta annos, aos dezeseite dias do mez de Março do dito anno, a requerimento dos Vereadores e Procuradores do Conselho desta Villa de Olinda, foi mandado tirar do Livro do Tombo e Matricula, Carta de Doação, das cousas que elle dito Senhor Governador, tinha dado a esta Villa e moradores e povoadores della, as quaes dadas por elle dito Senhor Governador na éra de mil quinhentos e trinta e sete, deu e doou o Senhor Governador a esta sua Villa de Olinda, e para seu serviço e de todo o seu povo moradores e povoadores as cousas seguintes:

“ Os sssentos deste monte e arrabaldes delle, para casarias e vivendas dos ditos moradores e povoadores, os quaes lhe dá livres de foros e isentos de todo o direito para sempre, e as varzeas das vaccas e as de Beberibe e as que vão pelo caminho que vai para o Paço do Governador e isto para os que não tem onde pastem os seus gados, e isto será nas campinas para o passigo, que os reboteiros dos mattos são para roças a quem o Conselho os arrendar, que estará das campinas para o algodicho e para as margens com que confinam as terras dadas a Rodrigo Alvares e outras pessoas.

O Rocio que está defronte da Villa para o sul até o ribeiro, e do ribeiro até a lombada do monte que jaz para os mangues do rio Beberibe, onde se ora faz o varadouro em que se correja a Galeota; porque da lombada para baixo o qual dito Senhor, Governador alinhará para sua feitoria e assento della, que é do montinho que está sobre o rio, té o caminho do varadouro e d’ahi para cima, todo o alto da lombada para os mangues será para casas e assentos, de feitorias, té um pedaço de matta, que deu a Bartholomeu

Rodrigues, que está á beira do caminho que vai para Todos os Santos.

“ A ribeira do mar té o recife dos navios, com suas praias té o varadouro da Galeota, subindo pelo rio Beberibe arriba, té onde se fez um esteiro, que está detraz da roça de Braz Pires, conjunta com outra de Rodrigo Alvares, tudo isto será para serviço da Villa e povo té cinquenta braças de largo, do rio para dentro, para desembarcar todo o serviço da villa e povo della, e d’ahi para arriba e tudo o que poder ser de mais dos mangues, pela varzea e pelo rio arriba, é da serventia do Conselho.

“ Outro sim, dali mesmo do varadouro, rodeando pela praia ao longo do mar, té onde sahe o ribeiro de Val de Fontes, todo o matto dessa dita praia, té cinquenta braças a dentro da terra, tudo será serventia da dita Villa e povo; reservando que se não pode dar a pessoa alguma; e da dita ribeira sainte de Val de Fontes té o Rio Doce, que se chama *Paratibe*, tudo será para serventia do povo e Villa, té as varzeas que será, pouco mais ou mence, duzentas braças de largo, da praia para dentro das varzeas.

“ E porque do Rio Doce para a banda do norte, fica com o termo de Santa Cruz outro tanto ao longo do mar, duzentas braças pela terra a dentro de arvoredo, para madeira e lenha do povo da Villa de Santa Cruz, assim como atraz conteudo, para a villa de Olinda.

“ O monte de Nossa Senhora do Monte, aguas vertentes para toda parte, tudo será para o serviço da villa e povo della tirando aquillo que se achar ser da casa de Nossa Senhora do Monte, que é de cem braças da casa ao redor de toda parte, e assim o vallinho que é da banda do norte, rodêa todo o monte, pelo que té o caminho que vai da dita Villa para Val de Fontes, para o Curral Velho das vacas, que isto é da dita casa de Nossa Senhora do Monte.

“ E que detraz do dito montinho onde ha de fazer o Senhor Governador a sua feitoria ao varadouro da Galeota, e ha-se

1537 Mar:

de abrir o rio Beberibe e lançar ao mar por entre as duas pontes de pedras, como tem assentado o Senhor Governador entre o dito rio Doce de novamente, e as roças da banda de riba, a de Paulo Correa e a da Seuhora D. Brites, e o mato que está adiante, que ora é do senhor Jeronymo de Albuquerque; que ha de ir uma rua de serventia ao longo do dito rio novo, para serventia do povo, de que se possa servir de carros, que será de cinco a seis braças de largo e rodeira.

“ Pelo que do montinho té o varadouro da Galeota, todas as fontes e ribeiros ao redor desta Villa, doustiros de bésta, serão para serviço da dita Villa e povo della; fal-as-ha o povo a limpar e corregir ás suas custas todos os mangues ao redor desta villa, que estão ao longo do rio Beberibe; assim para baixo, como para cima té onde estiver terra de arvoredo, de roças ou fazendas pelo Senhor Governador.

“ Todos os ditos mangues serão para serviço da dita villa e povo.

“ E assim os do rio dos Cedros e ilha do porto dos navios, os varadouros que estão dentro do Recife dos navios e os que estiverem pelo rio arriba dos Cedros e do Beberibe, e todo outro varadouro, que se achar ao redor da Villa e terreno della, será para serviço seu e de seu povo.

“ Isto foi assim dado e assignado pelo dito Governador e mandado a mim escrivão, que disto fizesse assento, e foi pelo dito governador a doze de Março de mil quinhentos e trinta e sete.

“ E assim hei por bem de lhe dar e confirmar para sempre, e assim mando que todo o povo se sirva e logre dos ditos mattos e lenhas e madeiras para casas tirando; fazer roças que não pouparão; e assim arvores de palmo e meio desta e d'ahi para arriba não contarão sem minha licença ou de meus officiaes, que por mim o cargo tiverem; por que as taes arvores são para outras cousas de maior substancias em especial, sob pena em meu regimento: e assim resguardarão todas as madeiras e mattos, que estão ao redor das ribeiras e fontes.

“ A qual carta foi tirada do livro e matricula do livro do Tombo e terras della, que o Governador mandou fazer quando chegou na era de mil quinhentos e trinta e cinco, a nove de Março do dito anno, quando tomou posse destas terras e governança dellas, jurisdições, liberdades, privilegios, e alvarás de Sua Alteza, dos ditos privilegios e doações, Foral que o dito Senhor, tem para si, e seus herdeiros moradores e povoadores dellas, conforme as ditas doações Foral e Alvarás; a qual foi tomada a requerimento dos ditos Vereadores e por mando do dito Senhor Governador aos dezeseite dias do mez de Março, de mil quinhentose cincoenta annos.

“ Gaspar de Barros a fez, dia, mez, e era atraz, escripta em mil e quinhentos e cincoenta annos; a qual é assignada pelo dito Senhor Governador e sellada do seu sello de suas armas.

“ Pagou com nota, trescentos réis; pagou nove (centos?) cincoenta e quatro réis.

“ Registrada no livro do registro, de El-Rei Nosso Senhor, em que manda que se registrem todos as cartas de sesmarias e datas das terras desta capitania, por mim Heitor Carvalho, Escrivão da Fazenda de Sua Alteza nesta capitania, as folhas 166, 167 e 168,

“ A requerimento de Simão Paiva, Procurador do Conselho desta Villa de Olinda, aos quatro dias do mez de Setembro, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil quinhentos e cincoenta e sete annos. Heitor Carvalho.

Pagou cincoenta réis.

“ Foi concertada com a própria que, está na caixa da Camara, por mim Duarte de Sá, Escrivão della, com o Tabellião abaixo assignado, bem e fielmente porque se fez na verdade em Olinda a trinta de Agosto de mil quinhentos e oitenta e tres annos.

“ Concertada por mim Escrivão Duarte de Sá commigo Tabellião Antonio Lopes.”

“ O qual translado de Deação e Foral, eu Jorge da Costa Calheiros, Tabellião pu-

1537 Mar:

blico do judicial, nesta Cidade de Olinda e seu termo, Capitania de Pernambuco por Sua Magestade, que Deus Guarde, depois de feita a conferencia com os Tabelliães Gaspar da Serra Inojosa, e Dionisio de Freitas da Cunha, no Foral que me foi apresentado pelo Reverendo Presidente deste Mosteiro de S. Bento, Frei Bernardo de Jesus Maria, e com o Foral do Senado da Camara desta cidade, e com o traslado do Foral que andava nos autos e sentença contecida na petição atraz, aos quaes nos reportamos, examinando com os ditos Tabelliães tudo como dito é; fiz trasladar bem e fielmente dos sobreditos traslados de Foraes e do Foral do dito Mosteiro de São Bento, que o tornei a entregar ao dito Reverendo Presidente, que, de como o tornou a receber, assignou aqui com os ditos Tabelliães.

“ Conferi e concertei, subscrevi e assignei dos meus signaes razos seguintes, nesta Cidade de Olinda, Capitania de Pernambuco, aos vinte e cinco dias do mez de Dezembro de mil setecentos e nove. Em fé de verdade, Jorge da Costa Calheiros,

“ Concertada por mim Tabellião Jorge da Costa Calheiros e commigo Escrivão Gaspar da Serra Inojosa e commigo Tabellião Dionisio de Freitas da Cunha, Frei Bernardo de Jesus Maria.

“ E não se continha mais em o dito Foral que trasladei bem e fielmente e com o proprio, este conferi e concertei, e com o official abaixo assignado, e vai sem cousa, que duvida faça, e por verdade o escrevi e assignei com os meus signaes costumados nesta Cidade de Olinda Capitania de Pernambuco, aos vinte e tres dias do mez de Junho de mil sete centos e dez annos. —Domingo Gomes Galvão.

“ Concertada por mim escrivão Domingos Gomes Galvão e commigo Escrivão Jorge da Costa Calheiros.”

Dizem que foi este foral confirmado em 17 de Março de 1550, pelo Rei D. João III, e reconfirmado em 14 de Julho de 1679, pelo Principe Regente D. Pedro.

A primeira data, porém, a da confir-

mação, não pode ser verdadeira, pois do mesmo Foral consta que foi ella a em que se mandou extrahir copia delle do livro do Tombo, Matricula e Cartas de Doações a requerimento dos Vereadores e Procuradores do Conselho, e só depois que esta copia chegasse as mãos do Rei, é que podia ser dada a confirmação.

Foi tambem o mesmo Foral julgado por sentença em 23 de Setembro de 1710, pelo juiz dos Tombos e Bens Doados á Villa de Olinda, Dr. José Ignacio de Arouxa. Veja-se essa data.

Agora algumas reflexões despertadas por este documento.

Duarte Coêlho chegou a Pernambuco, no dia 9 de Março de 1535. Veja-se essa data.

Poderia elle, com os recursos de que dispunha, que não eram extraordinarios, fundando *Olinda*, em terreno inculto e disputado aos indigena selvagens e bravios, como se escreveu, pol-a, no curto espaço de dous annos, e tambem os lugares circumvisinhos a ella, no pé de adiantamento que o Foral revela?

Acreditamos que não; por muito grande que fosse a sua bôa vontade e energia no trabalho.

Entretanto o que diz o Foral e verdadeiro e do qual se não pode duvidar, pois é um documento official, e authenticico.

Elle destroe todas as lendas fabulosas sobre a edificação de *Olinda*, inventadas pelos primitivos chronistas; e até a conhecida affirmativa de Frei Vicente do Salvador, sobre a residencia de Duarte Coêlho, por alguns annos, na fortaleza de madeira existente no sitio do *Marco*. Veja-se a data de 9 de Março de 1535.

Mas como explicar essa notavel, diremos mesmo assombrosa prosperidade da nascente colonia, em tão curto espaço de tempo?

Só encontramos uma solução a este enigma, se o é, e vem á ser, que quando Duarte Coelho chegou á sua Capitania, não encontrou a localidade, em que se estabeleceu, no primitivo estado da natureza

1537 Mar:

como escreveram, e nem lutou para nella se fixar.

As matas virgens já tinham sido em parte derrubadas naquellas circumvisinhanças, o indigena bravo affugentado, a terra mais ou menos explorada, povoada e trabalhada, tendo já o *colono* avançado por ella adentro quasi quatro leguas, se não mais, desde o ponto do desembarque.

Basta se ler com attenção o Foral, e reflectir sobre alguns nomes mencionados nelle, como, por exemplo, *Curral Velho*, que é bem significativo, pois revela antiquidade, para se conhecer isto.

Entretanto vejamos se assim foi ou não.

Já tivemos occasião de dizer que por ordem do Rei D. Manoel fundara Christovão Jacques uma feitoria no anno de 1516, para o trato do páo-brazil.

Devia ter dado causa a esta ordem saber elle que vinham aqui muito regularmente os aventureiros explorar este genero com prejuizo da real fazenda, e a localidade lhes era favoravel, por ser o ponto do litoral, então conhecido, mais proximo de Europa. Era, portanto, um lugar frequentado e aonde, é bem provavel, que alguns dos exploradores tivessem ficado relacionados com os indigenas.

Vimos que no correr desse mesmo anno de 1516, o mencionado monarcha ordenou, por um alvará ao Feitor e mais officiaes da Casa das Indias, que procurassem e egessem um homem pratico, capaz de vir ao Brazil, dar principio a um engenho de assucar. Ora sendo a Feitoria de Pernambuco a unica que o governo da metropole creou e manteve, ao menos não há noticia de outra, é de crer que fosse para ella o mestre que se procurava, e não duvidamos mesmo affirmar que foi, por quanto, como tambem já vimos, pelo assento que encontrou o Visconde de Porto Seguro nos livros d'Arrecadação da mesma Casa das Indias em Lisboa, chegara ali algum assucar ido de Pernambuco e d'Itamaracú no anno de 1526, documento official que não soffre a menor duvida. Veja-se factó sem data desse anno.

Não podia ter sido elle, fabricado sem que a terra fosse arada, para o cultivo da canna que o produzio, e este trabalho só podia ter sido feito por conta do governo, e não de particulares, que estes só vinham buscar o páo-brazil e outros productos naturaes da terra.

O Rei D. João III, ordenou naquelle mencionado anno de 1526 a Christovão Jacques, que pela segunda vez era mandado ao Brazil, que na primeira caravela que d'aqui enviasse de retorno, deixasse ir para Lisboa a Pero Capico, que havia acabado o seu tempo de Capitão de uma das capitancias do Brazil, e havendo Christovão Jacques vindo direito a Pernambuco, donde pouco depois de chegar expedio para Lisboa a primeira embarcação, está claro, que aquelle capitão Pero Capico, era aqui que estava, e devia, com certeza, fazer trabalhar em favor da real fazenda os degradados, que do reino já eram então mandados para cá, e estes mesmos devião trabalhar igualmente em beneficio proprio.

Como tambem já vimos, pela carta do infortunado D. Rodrigo de Acuña, escripta da Feitoria do Marco a D. João III, em 30 de Abril de 1528, (veja-se essa data) este official hespanhol mandou dizer que se achavam espalhados pela terra *mais de tresentos christãos e filhos de christãos*, o que já é um numero bem regular para a formação de um nucleo colonial, numero que devia ter augmentado muito nos sete annos decorridos desde aquella data, 1528, até 1535, em que chegou Duarte Coêlho.

Temos ainda uma revelação mais positiva. Frei Vicente do Salvador fallando da chegada de Duarte Coêlho, e da fundação de Iguarassú, (veja-se a data de 9 de Março de 1535,) encarregada por aquelle donatario, ao viannez Affonso Gonçalves, diz, que este mandou buscar á sua terra natal os parentes pobres, os quaes vieram com suas mulheres e filhos, e começaram a lavrar a terra *entre os mais moradores que já havia*, etc, etc. ora isto

1537 Mar: Jun:

é bem claro e positivo, e prova que os colonos tinham chegado até ali.

Acresce ainda que, nove mezes após a chegada de Duarte Coêlho, vindo ter a Pernambuco a expedição commandada por Ayres da Cunha, destinada a povoar o norte do Brazil, (veja-se factos sem data no fim do anno de 1535) já se achava Duarte Coêlho em tão boa situação que ponde auxiliá-lo muito, e forneceu-lhe uma fusta, (lança grande) assim como linguas ou interpretes, gente que desde muito devia estar na terra, pois sabiam a lingua dos indigenas.

Podia elle prestar estes serviços se estivesse a lutar com os selvagens?

Ha tambem outras circumstancias, que, nos parece, não devem passar despercebidas.

Duarte Coêlho menciona no Foral a igreja de Nossa Senhora do Monte, que, como se sabe, está situada no extremo norte da Cidade de Olinda, em lugar ainda hoje quasi despovoado, e naquella tempo devia ser deserto, distante cerca de seis milhas do sitio em que está a igreja de S. Pedro Velho, que foi, segundo as chronicas, aonde elle levantou uma torre quadrada em que se metteu, certamente com sua gente, e resistiu por *muito tempo* (note-se bem) aos indigenas, que lhe faziam guerra e o foram sitiar ali; o que prova deviam estar de posse de toda a redondeza; e como em semelhante situação ponde elle ir ou mandar, levantar tão longe aquella capella para estar prompta em 1537?

Como, da mesma forma guerriados e occupados em defender-se, poderam os seus colonos explorar a circumvisinhança até longe, e nella alguns se estabelecendo conforme menciona o Foral?

Não coube a elles com certeza esta tarefa, mas sim aos primitivos povoadores. Foram estes que desbragaram a terra, que Duarte Coêlho encontrou um tanto preparada, permitindo-lhe isto dar a sua pitoresca *Olinda*, no curto espaço de dous annos, o ponto de adiantamento, que o Foral revela.

Quanto ao nome, (o lugar se chamava *Marim*) foi-lhe posto, diz Frei Vicente do Salvador, com uma engenuidade e sinseridade lamentaveis, "por um galego criado de Duarte Coêlho, porque andando com outros por entre o matto buscando o sitio onde se edificasse e achando este que é em um monte, alto, disse com exclamação e alegria: *Olinda*."

Isto não pode ser tomado a serio.

Frei Raphael de Jesus, o Padre Jabatão, Fernandes Gama e outros nararam esta fabula por outra forma.

Dizem que Duarte Coêlho, caminhando pela praia em busca de um local para fundar a capital da sua donataria "dando vista de uma alevantada eminencia sobre o mar, para parte do nascente, coberta de verde e frondoso arvoredos, disse alegre com o aprasivel e delicioso que lhe pareceu o lugar: *Oh! que linda situação para uma villa!* E' d'aqui se ficou chamando a que nelle edificaram; *Villa de Olinda e Marim*, nome que já tinha, e ainda conservou muitos tempos, imposto pelos seus primeiros habitantes, etc, etc."

"Ridiculo como nos parece este conto diz o Visconde de Porto Seguro, temos por muito mais natural que aquelle nome fosse o de alguma quinta, ou casa ou burgo, por qualquer titulo caro ao donatario na sua patria, e que elle no Brazil quizesse perpetuar; como, sem tanta infelicidade, quiz tambem com o maior empenho, praticar acerca do de *Nova Lusitania*, etc, etc."

E n'uma nota acrescenta:

"Comprova-nos esta conjectura o modo como Duarte Coêlho datava ordinariamente suas cartas—Desta de Pernambuco, ou desta Olinda da Nove Lusitania, etc, etc."

Junho 2—*Bulla Veritas ipsa que nec falli, nec fallere, poteste* do Papa Paulo III, declarando que reconhecia os americanos (indigenas da America) como homens racionais, e portanto podiam pertencer ao gremio da igreja catholica.

1537 Jun:

Poucos annos depois do descobrimento desta parte do mundo, propagou-se, com uma facilidade e rapidez espantosa, a opinião de que os naturaes destas regiões não eram homens: havia quem os classificasse abaixo dos pretos e um pouco acima dos macacos.

As consequencias de semelhante erro foram horrorosas; era o meio de desvanecer todos os escrúpulos daquelles, que barbaramente escravizavam os desgraçados americanos.

“Qualquer podia tomal-os e servir-se delles da mesma maneira que de um cavallo ou de um boi, feril-os maltratal-os, matal-os, sem injuria alguma, restituição ou peccado.

“E começou a execução desta nova doutrina na Ilha Hespanhola, a primeira que foi no descobrimento dos Indios, e primeira na execução da ruina delles, e foi lavrando pelo reino do Mexico, e por toda a Nova Hespanha. Naquella ilha testemunha Frei Bartholomeu de Las Casas, Bispo de Chiapa, varão de grande authoridade, que chegaram os Hespanhoes a sustentar os seus libréos (cães) com carne dos pobres indios, que para o tal effeito matavam, e faziam em postas como a qualquer bruto do matto.”

Foi tal a barbaridade com que os Hespanhoes trataram os infelizes indigenas, que dentro em poucos annos a Ilha Hespanhola ficou reduzida a um dizerto, porque de um milhão e meio de Indios, não restaram se quer quinhentos.

Horrorizado pelo procedimento dos seus compatriotas e compadecido das suas infelizes victimas, um frade humanitario, Fr. Domingos de Betanços, Provincial da Ordem Dominicana, naquella ilha, tomou a resolução de enviar a Roma um seu companheiro, Fr. Domingos de Minaya, afim de expor ao Papa Paulo III o que ali se passava, e pedir-lhe uma providencia que abrigasse os infelizes indios da sanha feroz, dos seus deshumanos conquistadores.

O Papa não se demorou em dal-a, expedindo a Bulla desta data, que acima mencionamos.

Submitteram-se todos a ella; mas, segundo parece, sem plena convicção; porquanto, em 1583, no concilio de Lima, discutio-se se os indios, ou naturaes da America, eram ou não dotados de intelligencia sufficiente, para poderem ser admitidos a participar dos Sacramentos da Igreja!

Eis, em substancia, o conteudo desta Bulla, que trascrevemos das obras do Dr. João Francisco Lisboa.

“Chegando a noticia do Santo Padre que nas Indias então recentemente descobertas, tanto no occidente como no meio dia, eram os respectivos indigenas tratados como brutos, e havidos por inhabeis para a fé catholica; e sob capa de que eram incapazes de recebê-la, os reduziam e punham em dura sevidão, affligindo-os e opprimindo-os em tanto extremo, que ainda aquella em que traziam as suas béstas, não lhes era comparavel, obra tudo do commum inimigo do genero humano, que suggeria estas doutrinas e procedimentos a ministros seus, por onde se impedisse a propagação da fé por todas as gentes sem excepção, porque todas são igualmente capazes para a receber.

“Em vista do que, elle Santo Padre, que fazia as vezes de Deus na terra, e tinha por officio e estreita obrigação reduzir ao seu rebanho as ovelhas que andassem perdidas e desgarradas fóra d'elle, determinava e declarava por authoridade apostolica, que os indios eram verdadeiros homens como os mais, e não só capazes da fé de Christo, senão propensos a ella, segundo chegara ao seu conhecimento; e sendo assim tinham todo o direito a sua liberdade, da qual não podiam nem deviam ser privados, e tão pouco do dominio dos seus bens, sendo-lhes livre logral-os e folgar com elles como melhor lhes parecesse, dado mesmo que ainda não estivessem convertidos. Pelo que os ditos indios e mais gentes só se haviam de atrahir e convidar a fé de Christo, com a pregação da palavra divina e com o exemplo da bôa vida, sendo irritivo, nullo, sem valor nem firmeza, todo o

1537 Jun:—1538 Out:

obrado em contrario da presente determinação e declaração apostolica. ”

Julho 15—Vasco Fernandes Coutinho, donatario da Capitania do Espirito Santo, faz doação a Duarte de Lemos, da *Ilha de Santo Antonio*, onde se fundou depois a cidade da Victoria, que é hoje a capital do Estado do mesmo nome.

Por causa desta doação passou a ilha a chamar-se de Duarte de Lemos.

No meiado deste anno foi a Villa de S. Vicente, na Capitania do mesmo nome, atacada d'improviso e saqueada por castelhanos, que se haviam estabelecido em Iguape, tendo vindo do Rio da Prata, onde foram batidos pelos indigenas, segundo diz o jesuita francez Charlevoix na sua *Histoire do Paraguay*, Tomo I Pagina 31 e seguintes.

Eram elles commandados por, Ruy Mosquera, a quem o Capitão-mór de São Vicente mandara que se retirasse com os seus logo que soube da sua estada alli, desobedecendo elle.

Então resolveram os nossos desalojar-os á força, mas em tão má hora os foram atacar, que cahiram n'uma emboscada armada por elles, e nem sequer puderam salvar os barcos ou canoas, das quaes se aproveitaram Mosqueira e os seus para irem d'improviso sobre S. Vicente: pilharam quanto encontraram e retiraram-se com os descontentes para o Sul, até ende se jugaram seguros de não terem que dar contas de tanta insolencia.

Neste assalto destruíram o archivo da camara, desapparecendo assim todos os papeis tendentes a creação da villa, o que veio a ser de grande falta para a historia, não só daquella capitania, como tambem do Brazil.

1538

Outubro 16—D. Anna Pimentel, mulher de Martim Affonso de Souza, donatario da Capitania de S. Vicente, e que se

achava ausentæ de Lisboa governando a India, nomeia, como procuradora que era do seu marido, a Antonio de Oliveira para seu Loco-Tenente na mencionada capitania, em substituição a Gonçalo Monteiro, que alli exercia este cargo. Veio a ser o segundo na ordm chronologica e governou quatro annos, pouco mais ou menos, acabando em 28 de Março de 1543, quando foi substituido por Christovão de Aguiar Altero.

Neste anno, segundo diz Gomara, entrou no Porto dos Patos, (Santa Catharina) uma náo de Alonso Cabrera, que ia explorar o Rio da Prata, e achou tres hesponhóes que fallavam muito bem a lingua dos indigenas, e estavam ali perdidos desde o tempo de Sebastião Cabot.

Eram provavelmente os que elle abandonara perto d'ali, por lhe terem censurado o procedimento de arrebatrar quatro filhos dos indigenas, que tanto serviço lhe prestaram, quando lá esteve. Veja-se a data de 15 de Fevereiro de 1527.

Em Agosto deste anno foram ter ás Antilhas tres caravelões conduzindo colonos e indios da mallograda colonia de Nazareth em Maranhão, indo dous aportar á Ilha de Porto Rico, conduzindo quarenta e cinco dos mesmos colonos, alguns casados, e cento e quarenta indios entre livres e escravos.

O outro caravelão foi dar a S. Domingos. A gente desta ilha não só lançou mão dos indios, como de todos os bens dos infelizes, os quaes, por ordem da metropole, foram mandados reter como colonos. Entre estes estavam os dous filhos do celebre historiador e donatario infeliz João de Barros, que só a custa de muitos trabalhos e despeza os poude rehaver.

E feliz com elles na pobreza, fazia d'ahi em diante protestos de não fundar mais vãs esperanças em vir a ser rico, e assim

1538—1539 Abr :

resignou toda a ideia de ser senhor donatário no Brazil.

No correr deste anno appareceram em Santa Catharina, provavelmente em razão do naufragio, para as bandas do Sul, de algum navio, que demandava o Rio da Prata, cinco frades hespanhóes da Ordem de S. Francisco dos quaes era director o Padre Mestre Bernardo de Armenta, e começaram a cathequizar os indigenas.

São estes com certeza os padres missionarios, que menciona a *Chronica da Companhia de Jesus*, quando fallando dos seus religiosos, que no anno de 1549 chegaram á Bahia, e foram mandados logo a S. Vite, diz :

“ Foram especialmente acudir aos indios, sendo muito destes christãos, baptisados pelos religiosos do Potriarcha São Francisco, Castelhanos, que por successo de viagem tinham estado com elles na paragem, que chamam dos patos.”

E mais adiante repete ainda :

“ ... e em especial os Christãos (indigenas) que tinham doutrinado e baptisado os Castelhanos Religiosos de S. Francisco.”

1539

Abril 23—Nasce na Villa de Olinda, Capitania de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, segundo filho do donatario da mesma capitania, Duarte Coelho e de sua mulher D. Brites de Albuquerque.

Seguiu a carreira das armas, que era então a da nobreza, e chegou ao posto de general.

Tendo, juntamente com seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, que já era então o segundo donatario de Pernambuco, pela morte de seu pai, acompanhado ao Rei D. Sebastião ás terras d'Africa, na qualidade de enfermeiro-mór do exercito, tomou parte na fatal batalha de Alcacerkibir, ficando prisioneiro dos mouros, assim como o irmão, e ambos muito feridos, vindo aquelle a morrer ficando elle aleijado.

Resgatado um annos depois com outros companheiros d'infortunio, tornou para Portugal, e ali morreu no fim do seculo deseseis, ignorando-se em que dia, mez e anno, sabendo-se apenas que ainda era vivo em principios do anno de 1596.

Com a morte de seu irmão, que não deixou descendencia e era solteiro, herdou a donataria da Capitania de Pernambuco, que lhe foi confirmada pelo Rei Felippe 2º de Hespanha e 1º de Portugal, que ss havia apossado deste reino.

Não tornou a ella depois da sua volta d'Africa e a governou sempre por delegação; entretanto antes de ser della donatario, a governou uma vez por delegação de seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, por espaço de cerca de tres annos de 1473 a 1576.

Casou duas vezes e do segundo matrimonio nasceu Duarte Coelho de Albuquerque, que veio a ser depois Marquez de Basto, Conde e Senhor de Albuquerque e quarto donatario da Capitania de Pernambuco.

Foi, além de valoroso soldado, homem de letras e deixou trabalhos, que não foram publicados, mas dos quaes dá resenha dos titulos o erudito Abbade Barbosa Machado na sua importante obra *Bibliotheca Lusitana*, e diz que as vira na livraria do Marquez de Valença.

A vida de Jorge de Albuquerque é cheia de episodios notaves e dignos de serem conhecidos; por isso a sua biographia merece ser lida.

Neste anno, Luiz de Mello e Silva, indo de Pernambuco para Lisboa, foi atirado pelos ventos até a embocadura do rio Amazonas, onde apanhando um indio, agradou-se tanto do que vio e do que ponde colher das informações do seu prisioneiro, que chegando a Portugal tratou de pedir ao Rei D. João III a concessão da capitania do Maranhão, que João de Barros havia renunciado. Obtido o que desejava preparou elle uma frota de tres náos e duas

1539

caravelas e partio de Lisboa com o fim de subir o Amazonas até as minas do Perú; mas chegando perto dos baixos onde os navios de Ayres da Cunha tinham naufragado, em 1536 teve a mesma sorte que elle; isto é, perdeu todas as embarcações com excepção de uma caravella, a bordo da qual voltou á Lisboa.

Foi no correr deste anno, segundo as conjecturas mais provaveis, pois não ha certeza do facto, que veio de Portugal Pero de Góes da Silveira tomar posse da sua Capitania de S. Thomé, que lhe doara o Rei D. João III, conforme a carta passada a 28 de Agosto do anno de 1536, (veja-se essa data), trazendo consigo algumas familias para fundar a colonia, a cuja empreza se associou um negociante de Lisboa chamado Martin Ferreira.

Diz Gabriel Soares que chegando Pero de Góes a foz do rio Parahyba ali desembarcou e se fortificou; fazendo uma povoação, a qual, segundo o Padre Ayres do Casal, era situada junto á extremidade de uma bahia ao lado meridional do rio *Itabapuana*, então *Cabapuana*, mui perto do mar, onde existem duas mós de pedra européa, com alguns resquícios de povoação e se chama Santa Catharina.

Ali viveram sete annos, dous dos quaes em harmonia com os naturaes do lugar, que eram os indomitos e ferozes *Goytacazes*; mas nos cinco ultimos moveram-lhe estes tão porfiada serie de hostilidades, que os colonos resolveram dar de mão á empreza e se dispersaram.

“ E vendo-se já sem remedio, acrescenta Gabriel Soares, foi forçado a despejar a terra e passar-se com toda a gente para a capitania do Espirito-Santo, onde estava a esse tempo Vasco Fernandes Coutinho, que lhe mandou para isto algumas embarcações. ”

Nesta mallograda empreza gastou o donatario não só quanto tinha de seu e nella embarcara, como muitos mil crusados do seu socio Martin Ferreira.

O Visconde de Porto Seguro narrou por uma forma mais miuciosa e um tanto differente, do que ahí fica exposto o succedido a este infeliz donatario.

Diz elle que Pero de Góes “ depois de atrahir a seu irmão Luiz de Góes, e alguns outros parentes e mais colonos fora tomar posse das suas terras, e assentar nellas alguns ranchos ou tujupares, a que deu o nome de *Villa da Rainha*.

“ Vendo-se de posse das fecundissimas liziras do Parahyba, cuidou desde logo de introduzir de S. Vicente alguma planta de cauna, e começou a cultivar-a ainda antes de ter pensado no modo como consegueria os meios para fazer um engenho. Convencido de que nada podia emprender faltando os capitaes, resolveu passar ao Reino e assim o executou, deixando em seu lugar por chefe a um Jorge Martins.

“ Em Portugal acertou de associar-se com alguns tratadores, aos quaes concedia mais vantagens em todo sentido, entrando no numero a melhor qualidade da terra, que as que se propocionavam em S. Vicente. Conseguiu principalmente entender-se com um mercador de ferragens que lhe devia fornecer os generos e artigos de resgate para pagar as roças que fizesse o gentio, e mandar-lhe novos operarios e colonos.

“ Ufano do bom exito desta ida ao Reino entrava de novo o donatario pela barra do seu rio Parahyba do Sul, quando logo soube puanto havia sido desastrosa sua ausencia.

“ Tudo se desbaratara: os colonos tinham pela maior parte desertado e á frente delles o administrador.

“ Pero de Góes soffreu muito desgosto; mas de grandes animos e affeito aos trabalhos, não descoroçou; angariou de novo o gentio, e emprehendeu outras plantações. Foi em pessoa ao Espirito Santo e trouxe d'ali um official de engenhos, com o qual começou a correr suas terras, e além de duas enghocas de cavallos, que fez perto da costa, se deliberou a construir, na distancia de dez legoas pelo rio acima, onde havia bastante ferida d'agua, um

1540 Jul: Dez:

grande engenho: e d'ahi a pouco escrevia a seu socio, que esperava dentro de um anno mandar-lhe duas mil arrobas de asucar. Instava entretanto por mais trabalhadores e pedia sessenta escravos de Guiné."

Tudo isto não impedio que elle se visse forçado a abandonar a empreza, pouco depois, e completamente arruinado voltar para Portugal. Os motivos deste desbarato elle os narrou a El-Rei D. João III, em carta datada de 29 de Abril, de 1546, anno em que se retirou. Veja-se essa data.

1540

Julho 24—Carta de sesmaria passada por Duarte Coêlho, donatario da Capitania de Pernambuco, em favor de Vasco Fernandes de Lucena, concedendo-lhe uma legua de terra em Jaguaribe.

Dezembro 31—O capitão hespanhol Francisco Orellana, que havia desertado da companhia do Chefe Gonçalo Pizarro e projectado descer pelo rio, que depois se chamou Amazonas, até a sua fóz, começa nesta data a sua aventureira e notavel viagem.

Tinha elle partido de Quito no correr do anno anterior, 1539, em companhia daquelle barbaro conquistador, no intuito de descobrirem novas riquezas nos sertões do Perú, a frente de um exercito composto de 350 europeus e crescedissimo numero de indios, e foram assolando o paiz por onde passavam, praticando Pizarro as maiores atrocidades para com os pobres indigenas no desespero de não encontrar as riquezas, com que sonhava, que suppunha serem occultadas por aquelles, e tambem pelo innumerados trabalhos e fomes, que experimentou com a sua gente por meio de invios bosques, campos alagados e escabrosas montanhas, que teve de atravessar.

Chegando á margem do rio Coca em busca de um campo cultivado, que os indios diziam-lhe ficar oitenta leguas alem, onde o Coca se juntava ao Napo, e não

podendo marchar com brevidade, porque a fome havia extenuado a sua gente, já lhe havendo morrido della mais de mil peruvianos do seu sequito, ordenou a Orellana, como melhor meio de sahir da desesperada situação, em que se achava, que tomando cincoenta homens descesse em um bergantim até o tal paiz fertil, de que fallavam os naturaes, e carregando ali de provisões, voltasse o mais depressa possivel em soccorro do exercito.

Partiu este e dentro de tres dias entrou no rio Napo e aqui, como todo o paiz que haviam atravessado, não acharam o menor signal de cultura, sendo toda a terra deshabitada.

Voltar era-lhe impossivel no estado de fraqueza em que todos se achavam, e nem a fragil embarcação, em que viera, resisteria á enorme correnteza, que os havia trazido.

Esperar ali o extenuado exercito, era morrer de fome antes que elle chegasse, e sem proveito algum para os companheiros.

Orellana ponderou isto aos seus; aquem expoz a ideia de descer rio abaixo: o argumentado era forte e concludente. Só dous ousavam oppor-se ao seu disignio o dominicano Frei Gaspar de Carvajal e Herman Sanches de Vargas, jovem fidalgo de Badajoz, representando-lhe a miseria em que se veria o exercito, quando, chegando ao ponto ajustado de reunião, visse falhar-lhe a ultima esperanza. Orellana mandou pôr este ultimo em terra entre os dous rios n'uma região deserta, onde aguardasse o exercito, e, segundo todas as probabilidades, morresse de fome, muito antes que este chegasse; mas assim não succedeu, pois o exercito ainda o veio encontrar, tendo-se sustentado de hervas.

Depois renunciando a commissão, que Gonçalo Pizarro lhe dera, recebeu de novo o commando da sua gente, por eleição della, para que assim pudesse fazer descobertas para si mesmo, e não em nome de outrem de quem houve uma authoridade delegada.

Em seguida disse Frei Gaspar uma missa, segundo a formula prescripta para os maritimos em viagem, e entregaram-se todos á corrente, que os levava."

1540—1541 Jan:

Não nos é possível acompanhar estes aventureiros em tão atrevida viagem; mas não deixaremos de mencionar alguns dos factos principaes nella succedidos; isto é o que nos parecer verosimel, na fabulosa narração que della fez Frei Gaspar e o proprio Orellana.

E' a elles que se deve a criação da valerosa tribu das Amazonas, mulheres guerreiras de estatura gigantesca e contra as quaes combateram, invenção que deu causa a ficar o grande rio, por onde desceram, conhecido por aquelle nome, que ainda conserva.

Relativamente a este nome diz o Visconde de Porto-Seguro, que n'uma relação da conquista e colonisação do Pará, escripta pelo capitão André Pereira, que fez parte da expedição de Francisco Caldeira, manuscripto existente na Bibliotheca de Madrid, lê-se o seguinte trecho:

“Trazem os homens cabello comprido como mulheres e de mui perto o parecem, do que pode ser nasceria o engano que dizem das Amazonas.”

E' bem de crer que assim fosse.

No correr deste anno foi a Portugal o donatario da Capitania do Espirito-Santo, Vasco Fernandes Coutinho, pois ali estava residindo na rua do Barão. (72)

Deixou o governo da capitania entregue a D. Jorge de Menezes como seu Loco-tenente. Esta nomeação desagradou muito aos moradores, por ser este D. Jorge um degradado, que para ali fôra por crimes praticados como Capitão-mór na India.

Logo após a sahida de Coutinho rebelaram-se os indios Goytacazes e atacaram a villa do *Espirito-Santo*, em cuja defeza morreu flechado D. Jorge de Menezes.

Tomou conta do governo da capitania D. Simão de Castello Branco, outro fi-

dalgo degradado do jaez do primeiro, e que tambem morreu logo combatendo contra os mencionados indigenas

O governo destes dous homens, que desgostara aos moradores, deu em resultado afrouxarem estes na defeza da capitania, que continuou a ser assolada pelos indios, fugindo aquelles para diversos lugares, indo alguns se estabelecer nas margens do rio *Cricurú*, hoje S. Matheus.

No correr deste anno veio ao Brazil, não se sabe, porém, aonde aportou, uma expedição de navios mercantes inglezes, a qual partiu de Southampton, sendo os emprehendedores della os armadores e negociantes Roberto Reniger, Thomaz Borcy e outros que tiraram vantajoso lucro da empreza.

1541

Janeiro 8—Francisco Orellana e seus companheiros, que vinham descendo o rio Napo em busca do Amazonas, ouvem, durante a noite e pela primeira vez naquellas solidões, os sons de um tamboril indiano.

Desde que haviam partido da junção do Napo com o Coca, tinham já navegado centenas de leguas arrastados pela enorme correnteza d'agua, sem avistar nas margens do grandioso rio o menor indicio de ser o paiz habitado. Já tinham comido a limitadissima provisão de viveres que haviam trazido do exercito de Gonzalo Pizarro, quando partiram, e a gente começava a perder coragem estando alguns quasi a expirar de fome.

Ao romper d'alva vigiando attentos, descobriram quatro canoas, que recuaram ao avistarem o bergantim em que elles vinham, e para logo appareceu-lhes á vista uma aldeia, onde grande numero de indigenas estava reunidos e preparados a defendel-a.

“Desembarcou Orellana com a sua gente, e pondo-a em linha de batalha atacou os indios com o furor da esfoameação e pon-

(72) Mem: Hist: etc. Rev: do Inst: Hist: Vol: 24
Pag. 209.

1541 Jan : Mar: Abr:

do-os em debandada, acharam prompto fornecimento.

“ Emquanto saboreavam os fructos da facil victoria, metteram-se os indigenas nas suas canoas, e approximaram-se mais para satisfazer a curiosidade do que o resentimento.

“ Fallou-lhes Orellana n'um idioma indigena, que entenderam em parte, e até alguns cobrando animo, se chegaram: deulhes elle algumas bugearias europeas, e perguntando pelo cacique, veio este sem hesitar; agradou-se muito dos presentes que lhe couberam, e offereceu-se para supprir tudo que delle dependesse.”

“ Pediram-se comestiveis, e logo tiveram aves e peixe e outras cousas em grande abundancia.

No dia seguinte appareceram tres caciques a ver os estrangeiros.

Orellana os recebeu cortezmente, intimou-os a reconhecer a soberania de Castella, e passou a excutar a cerimonia da tomada da terra.

Em virtude da fome, que haviam soffrido, morreram aqui sete hespanhoes.

Aproveitando as boas relações em que se acharam com os indigenas, trataram de fazer pregos e mais ferragens necessarias á construcção de um bergantim capaz de entrar no Oceano, para onde se dirigiam, visto que não tinha as qualidades precisas para isto o fragil barco em que navegavam.

Aonde foram buscar o ferro preciso para isto é o que não sabemos, e nem o diz Frei Gaspar, que escreveu a relação da viagem.

Gastaram neste serviço vinte dias, findo os quaes pozeram-se a caminho para não cansar a hospitalidade dos novos amigos, indo construir o bergantim mais adiante.

Marco 29—Chega a ilha de Santa Catharina a expedição hespanhola. commandada por Alvaro Nuñez, Cabeça de Vaca, enviado em soccorro dos seus compatriotas, que se achavam no Rio da Prata. Tendo tido uma viagem, tormentosa, man-

dou desembarcar toda a sua gente, afim de refazer as forças com alguns dias de repouso, e tambem fez desembarcar vinte cavallos restos de 46, que a expedição trazia.

Ao chegar, como fizera na ilha de Cananea, onde dias antes estivera de passagem, tomou posse da terra para a corôa de Castella, apesar della já pertencer a Portugal, desde muitos annos atraz, como era sabido.

Durante a sua estada ali soube pelos indigenas, que existiam nas immediações dous frades hespanhoes cathequisando; mandou chamal-os. Eram os Franciscanos, Frei Affonso Lebron e Frei Bernardo de Armenta, que naquellas paragens haviam naufragado com outros compatriotas, que tomaram destino differentes, ficando elles entre os indigenas a cathequisal-os. Veja-se factó sem data em 1538.

Cabeça de Vaca, a pedido delles. os aggregou ao seu sequito, e os levou consigo para o Paraguay, quando d'hi partiu a 2 de Novembro deste mesmo anno, 1541. Veja-se essa data.

Abril 24—Francisco Orellana e seus companheiros de viagem na descida do rio Amazonas, deixam nesta data uma aldeia de indigenas, mansos, cujo chefe se chamava Apariá, nas margens do rio Napo, e onde estiveram muitos dias, afim de continuar a sua aventureosa jornada.

Vão agora repartidos em dous bergantins, pois durante a estada neste ponto, realisaram a construcção do que haviam projectado fazer, e para o qual prepararam os pregos e mais ferragens como já expozemos. Veja-se a data de 8 de Janeiro deste mesmo anno.

Tambem durante a sua estada aqui recebeu Orellana uma embaixada, composta de quatro indios agigantados, enfeitados de pennas e com grandes cabelleiras. Deviam pertencer á tribu a que depois se deu o nome de *Incabellados*, pelo comprimento dos cabellos, que tanto homens como mulheres deixavam crescer livremente.

1541 Agos: Nov:

“Dirigindo-se a Orellana com muita reverencia depozeram mantimentos diante delle, dizendo que vinham enviados por um poderoso chefe a saber quem eram os estrnsgeiros e para onde iam.

“Orellana os recebeu affavelmente e os despediõ com presentes para o seu chefe.

Foi deste ponto em diante, segundo a narraçõ de Frei Gaspar, que a viagem se tornou mais atribulada e perigosa, já pelas perseguições que lhes ffzeram algumas tribus, fomes que supportaram e combates que tiveram de sustentar, entre os quaes um em que figuram as taes Amazonas. N'um desses encontros, perdeu Frei Gaspar, um olho de uma frechada. Southey disse com muito espirito, que teria sido melhor para elle, que houvesse perdido os dous, pois não teria visto as taes Amazonas e outras cousas que narrou.

Agosto 26—Depois de um percurso de mil e oito centas legoas, pelos rios Coca, Napo e Amazonas, chegam á fõz deste e entram no Oceano as duas pequenas embarcações que conduziam o Capitão Francisco Orellano e mais companheiros. Esta aventureosa viagem, una das mais notaveis, que os annaes maritimos registram, foi a primeira realisada, por homens civilisados, naquellas vastas arterias d'America do Sul.

Durou ella sete mezes e vinte e seis dias. Emprehendida ao acaso, sem o menor conhecimento dos lugares, que iam atravessar, e apenas com a certeza dos trabalhos, que teriam de supportar, aquelle punhado de aventureiros que a realisaram, deram incontestavelmente prova de uma grande coragem merecedora d'admerição que a posteridade lhes votou.

Uma vez no Oceano singraram para o Norte ao longo da costa, mantendo-se della apenas na distancia que exigia a propria segurança. De noite perderam-se os dous bergantins de vista: o novo e maior foi cahir no Golfo de Peria, donde nem a toda a força dos remos poudo mais sahir por sete dias. Afinal arrastados por essas tremendas correntes que Co-

lombo chamou *Bocas del Dragon*, foram dar á ilha de Cubagua a 11 do seguinte mez de Setembro, e aonde encontraram o bergantim velho, que tinha chegado dous dias antes.

Ali foram recebidos com os emboras, que suas maravilhosas aventuras bem mereciam, partindo depois Orellana para Hespanha a dar ao rei conta das suas descobertas.

Novembro 2—Segundo Ternaux Compans parte neste dia da ilha de Santa Caharina para a cidade d'Assumpção no Paraguay a expedição do celebre *adelantado* Alvaro Nuñez Cabeça de Vacca, que ali se achava haviase sete mezes, desde 29 de Março deste mesmo anno de 1541. Veja-se essa data.

Southey diz erradamente que esta partida, tivera lugar a 18 de Outubro anterior. Uma parte da gente vai por terra e a outra parte embarcada.

Elle commandava a primeira, composta de muitos bésteiros e arcabuzeiros, com vinte e seis cavallo, restantes de quarenta e seis com que havia sahido de Hespanha, havendo morrido os vinte que faltavam na viagem.

A partida, que seguio embarcada, era composta de cento e quarenta homens sob as ordens de Pedro Estopiñan Cabeça de Vacca, que pelo sobrenome parece era parente do chefe da expedição.

No correr deste anno, e antes do mez de Setembro, chegou a Villa de Olinda, vindo de Lisboa, o donatario da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, que ali tinha ido pela primeira vez, depois que viera estabelecer-se na sua donataria.

Nada se sabe desta viagem e nem quando elle a emprehendera, se no começo deste mesmo anno se nos fins do anterior, 1540, visto que até 24 de Julho delle ainda se achava em Olinda, pois assignou ali a carta de sesmaria de uma legua de terra em Jaguaribe que dera a

1542 Mar: Abr:

Vasco Fernandes de Lucena, (veja-se essa data) e em Setembro deste, escreveu ao Rei D. João III, participando-lhe a sua chegada á capitania, como se vê do principio de uma outra carta, que a 27 de Abril do anno seguinte, 1542, escreveu ao mesmo soberano.

E' de crer que tivesse ficado governando em sua ausencia sua mulher D. Brites de Albuquerque, tendo como assessor seu irmão Jeronymo de Albuquerque, o qual, como se sabe, assim ficou depois, em 1553, quando elle tornou pela segunda vez a Lisbôa, d'onde não voltou, pois lá morreu, como adiante veremos.

1542

Marco 28—Christovão de Aguiar de Altero, constituido Capitão-mór Locotenente do donatario da Capitania de S. Vicente, toma posse do cargo, que recebe das mãos de Antonio de Oliveira. Foi o terceiro na ordem chronologica e governou 3 annos e 6 dias, acabando em 8 de Junho de 1545 quando foi substituido por Braz Cubas.

Abril 27—Carta de Duarte Coêlho, donatario da Capitania de Pernambuco, dirigida ao Rei D. João III, dizendo-lhe que no mez de Setembro do anno anterior 1541, lhe havia escripto por intermedio do capitão dos navios (comboio) que tinha expedido, dando-lhe conta da sua viagem (elle tinha ido a Portugal) e chegada a *esta Nova Insitania*, e de quanto se havia passado em sua ausencia, e de como logo se poz a *dar ordem ao socego e paz a terra*, fazendo dadivas a uns, prendendo a outros, porque assim éra preciso, e deu ordem a se fazerem os engenhos de assucar, que contratara em Lisbôa, concedendo tudo quanto lhe requeriam e dando tudo quanto lhe pediam, sem olhar a proveito ou interesse algum seu, para que as obras fossem avantes como desejava.

“ Temos grande somma de cannas plantadas, diz elle, e cedo acabaremos um engenho mui grande e perfeito, e se começarão a levantar outros, e praza a Deus,

pela sua graça e misericordia ajudar a minha boa vontade. ”

Continua dizendo que quanto a existencia de minas de ouro na Capitania, nunca deixava de indagar, “ mas como estavam ellas, longe, pelo sertão a dentro, e para lá ir se tenha de passar por tres gerações de mui perversa e bestial gente e todos contrarios uns dos outros e portanto com muito perigo e trabalho, para isto lhe parecia, e a toda a sua gente, que uma tal jornada se não pode fazer sem que elle fosse, e bem preparado, afim de commetter a esta empreza e leval-a avante, e não para ir fazer *barcosiadas* como os do Rio da Prata, que perderam setecentos e por isto esperava que Deus lhe propoçionasse a occasião em que a devia emprender, pelo que já tinha mandado buscar ao reino as cousas para tal empreza, e alguns homens bons, porque era preciso deixar as cousas em bom pé, e garantidas por todas as vias, com especialidade a segurança, porque os francezes logo que soubessem da sua ausencia, fariam alguma das suas, so quaes havia apenas quatorze dias, quizeram fazer o que costumavam a fazer, mas não poderam, do que remettia a prova, para que o mesmo Rei visse, e porque Luiz de Góes, que então ia passando por aqui, lhe daria outras noticias não só delle, como de terra, não se estendia mais.

Conclue dizendo.

“ E porque para cousas de tanta importancia ha mister muitos grandes gastos e eu estou mui gastado e individado, e não poder soffrer tanta gente de soldo, como até aqui soffri. Ha já tres annos que pedi a Vossa Alteza me fizesse mercê de me dar licença e maneira de haver alguns escravos de Guiné por meu resgate, e o anno passado me sahio, que até não se acabar o contracto, que era feito se não podia fazer, dando-me a entender que como fosse acabado, seria provido, pelo qual, eu escrevi a Vossa Alteza sobre isso; não sei se me fez essa mercê por que os navios não são ainda vindos. Peço a V. Alteza se me não proveu desta licença,

1542 Set:—1543 Jan: Mar: Jul:—1544 Fev:

que olhe quanto seu serviço isto é, quão pouco danno nem estorvo faz dar-me licença para haver algumas peças de escravos para o melhor servir, e a D. Pedro de Moura e a Manoel de Albuquerque que mande Vossa Alteza dar a provisão, para isto.

Desta Villa de Olinda, a 27 de Abril de 1542, servo de Vossa Alteza—Duarte Coelho.

Setembro 9—Os camaristas e homens bons da Villa de S. Vicente, accordam em chamar os moradores dos arrabaldes e os do *Campo de Piratininga* para residirem naquella villa, afim de melhor repellirem os frequentes ataques dos indigenas.

Neste anno, segundo diz o historiador inglez Hakluyt, um negociante de Southampton chamado Pudsey, veio á Bahia e ahi estabeleceu uma feitoria.

Tambem no correr deste anno houve na costa da Capitania de S. Vicente, muitos temporaes. O mar se tornou tão furioso que chegou a destruir muitas casas da villa daquelle mesmo nome entre as quaes a do Conselho, damnificando outras e deitando abaixo o pelourinho, o que deu causa a ser mudada a mesma villa do primitivo lugar em que a fundara Martim Affonso de Souza, para o em que se acha.

Foram encarregados desta mudança Pedro Collaço, Jorge Mendes e Jeronymo Fernandes.

Hoje é mar o lugar em que estivera a villa.

1543

Janeiro 3—Os camaristas da Villa de S. Vicente, na Capitania do mesmo nome, reunidos agora em a nova casa do seu Conselho, edificada no lugar para onde a mesma villa se havia transferido, e actualmente existe, em virtude da inundação que destruiu a primitiva no anno anterior, deliberam levar em conta a Pedro Collaço,

Procurador do Conselho no anno anterior, a quantia de **50 réis** que se havia gastado em tirar do mar os sinos e pelourinho: **300 pagos** a Jorge Mendes que o merecera pelo pelourinho da praia; **20** a quem o conduziu para a villa e **250** que satisfizera a Jeronymo Fernandes por dar a pedra, barro e agua necessaria para novamente se levantar o dito pelourinho.

Marco 12—Carta Regia de D. João III confirmando o accordo feito entre os donatarios das Capitancias de S. Thomé e do Espirito-Santo, Pero de Goes da Silveira e Vasco Fernandes Coutinho, para os limites das ditas capitancias ficando como linha divisoria o rio que se chama na lingua dos indigenas *Tapemery* e os ditos Vasco Fernandes e Pedro Goes lhe puzeram nome rio de Santa Catharina e está em altura de vinte e um grãos, e obra de duas leguas de uma terra do dito Vasco Fernandes, que se chama *Aguapé*.

A integra deste documento está publicada *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz: Vol. 24 Pag. 204.*

Julho 21—Estabelecem os camaristas da Villa S. Vicente, na Capitania do mesmo nome, duas posturas: uma prohibindo aos brancos a compra de escravos indigenas por maior preço que o taxado, que era de 4\$; outra prohibindo que um christão fallasse mal de outro ou de suas mercadorias, *diante do gentio*, declarando que, para prova do facto, bastava o testemunho de qualquer christão que ouvisse a delação.

1544

Fevereiro 11—Como procuradora de Martim Affonso de Souza, seu marido, expede D. Anna Pimentel, em Lisboa, um alvará revogando a prohibição que havia de se communicarem e commerciareem os europeus de S. Vicente com os indigenas de serra-acima.

Eis a integra deste curioso documento:
“ D. Anna Pimentel, mulher de Martim Affonso de Souza, Capitão-mór e Go-

1544 Mar:—1545 Jun:

vernador da povoação e Capitania de São Vicente, costa do Brazil, que ora por seu especial mandado e provisão governa a dita capitania, etc.

“ Aos que este meu alvará virem, e o conhecimento pertencer, faço saber, que eu hei por bem e me apraz, que todos os moradores da dita capitania de S. Vicente possam ir, e mandar resgatar ao campo e a todas outras cousas, e porem mando que no tempo que os indios do dito campo andem em sua santidade, nenhuma pessoa de qualquer qualidade, que seja, possa ir nem mandar ao dito campo, por ser informada, que é grande perigo para a dita terra irem lá em tal tempo: e em tirando este tempo, todo outro mandarão e irão, com tanto que sempre tomem licença do capitão ou de quem o tal cargo tiver; e nenhum capitão nem ouvidor lh'o não poderá tolher, não sendo no tempo que se diz em cima.

E assim mando a todas as justiças que guardem este e o façam guardar, porque assim o hei por bem.

Feito em Lisboa a 11 de Fevereiro de 1544.

27—Cedulas datadas de Valladolid concedendo a Orellana o titulo e posto de Governador, Capitão General, e Adiantado das terras do Amazonas, a que se propunha denominar—*Nova Andaluza*,—e como tenente de suas fortaleza com franquias por dez annos de todos os lucros. Em virtude desta concessão preparou-se elle juntando gente para a sua expedição.

Março 1—Pedro Martins Namorado toma posse do cargo de juiz pedaneo da povoação de *Santos* na capitania de Vicente. Foi o primeiro que no Brazil teve este cargo.

3—Os camaristas da villa de *S. Vicente*, na capitania do mesmo nome, obrigam Antonio Teixeira, chegado de Lisboa, a entregar o Alvará revogando a prohibição de communicarem-se os habitantes da villa com os de serra acima, passado por D. Anna Pimentel, como procuradora de

seu marido ausente, Martin Affonso de Souza, donatario daquela capitania, documento official que havia sido confiado ao dito Antonio Teixeira para trazer, e elle occultava.

1545

Junho 8—Braz Cubas, constituido Capitão-mór Loco-tenente de Martin Affonso de Souza, donatario da Capitania de S. Vicente, pela mulher D. Anna Pimentel, como procuradora na auzencia do marido, afim de administrar a mencionada capitania, toma posse do cargo substituindo a Christovão de Aguiar de Altero, de cujas mãos recebeu o governo.

Foi o seu quarto adminstrador na ordem chronologica e governou cerca de quatro annos, acabando em 1549 quando foi substituido por Antonio de Oliveira.

O seu primeiro acto foi dar Foral de villa á povoação de Santos, por elle fundada.

No correr deste anno deu-se a retirada de Francisco Pereira Coutinho, donatario da Capitania da Bahia, com sua familia e todos que poderam acompanhal-o, para a Capitania de Porto-Seguro, aonde foram refugiar-se, fugindo dos Tupinambás revoltados e victoriosos, que desde algum tempo lhe moviam crua guerra.

Chegando e se estabelecendo pela forma, que já descrevemos, (veja-se factos sem data no fim do anno de 1536) distribuiu algumas sesmarias de terras não só pelos colonos, que comsigo trouxera, como por outros que já encontrou no paiz, chegando até a dar sesmarias em lugares affastados, como no Reconcavo, o que foi um grande mal para a nascente colonia pois derramou pela terra a pouca gente que havia, expondo assim a serem sacrificados pelo gentio, quando não se pervertiam enlaçando-se com elles, perdendo o habito da obediencia e da disciplina tão necessario na fundação de uma sociedade qualquer, como veio a succeder quando os indigenas se revoltaram.

1545 Jun:—1546 Abr:

“Vendo-se com o inimigo tão perto, diz o Visconde de Porto-Seguro, quiz o donatario tocar a reunir, e a muitos obrigou que assim o fizessem.

“Outros desprezaram suas intimações, e á furia dos indios vieram depois dispersos a succumbir, e a pagar caro sua desobediencia. Os que obedeceram, não vendo, como rudes, que só nessa obediencia podiam encontrar salvação, gritavam contra o arbitrio, e introduziam na colonia, já desmoralizada, a insubordinação; e com a maior covardia chegavam a aqular os barbaros a aggre-dir.

.....
 “O donatario alem de velho, estava achacoso, e, apezar da grande escola que tivera n'Asia, mostrava-se agora molle e falto de energia: e não sendo severo para com os maus, tornava taes os que d'antes eram bons.”

Apertado pelos inimigos teve de retirar-se para o pontal da barra chamado hoje de *Santo Antonio* e naquelle tempo do *Padrão*, por causa do que ali collocara a frota exploradora em 1 de Novembro de 1501. Veja-se essa data.

Faltos de viveres e d'agua tinham que mandar buscar uma e outra cousa á vizinha Capitania dos Ilhéos; e alguns dos caravelões, que para tal fim enviaram, em vez de voltarem a matar a fome e a sede dos que soffriam nas trincheiras da barra, passaram nas outras capitánias.

“Neste comenos, acrescenta ainda o citado historiador, fundeou no porto uma caravela, que se dizia chegar de Portugal, com um alvará regio para a prisão do velho chefe. Era portador do alvará um clérigo de missa que chamavam o Bizerra, e que d'ali fugira mezes antes, com outros descontentes.

“Apresentando-se com o alvará perante as authoridades inferiores da colonia, com quem estava naturalmente mancomunado, resultou d'ahi a prisão do donatario, apezar de suas immuni-dades. Desde logo cada um ficou livre de seguir para onde melhor lhe pareceu. A resolução que tomaram foi a de passarem todos

a acoutar-se na proxima Capitania dos Ilhéos.

“O tal alvará era falso, e a acção praticada chega a ser infame, pelo escarneo feito a um velho contrariado; e mais se aggrava com a circumstancia de ser executada pelo ministro de uma religião toda de paz e amor.

“O donatario assim desamparado retirou-se para Porto-Seguro, onde esteve mais de um anno, etc. etc.”

1546

Abril 29—Carta de Pero de Góes escripta ao Rei D. João III, da Villa da Rainha no Brazil, dando-lhe noticias da sua capitania de S. Thomé, que de novo havia sido atacada e desbaratada pelos indigenas e conclue pedindo protecção para sua familia, que deixara em Portugal: começa assim:

“Senhor.—Por uma que logo que a esta sua terra cheguei lhe escrevi, e lhe dei conta quão desbaratada achei a minha capitania, e alevantada, por ser toda a mais gente, que nella tinha deixado toda fugida com o capitão, e como mais para servir a Vossa Alteza, que pelo gosto que então della tive a não larguei e deixei, mas antes assentei e de novo comecei a povoar por um rio acima obra de dez leguas do mar por não haver aguas mais perto, onde fiz uma mui boa povoação com muitos moradores e muita fazenda a qual a elles e a mim custou muito trabalho por ser pela terra a dentro e estando assim muito contentes com ser a terra mui pacifica e um engenho d'agua quasi de todo feito com muitos cannaviaes, sahio da terra de Vasco Fernandes Coutinho um homem por nome Henrique Luiz com outros e um caravelão sem eu ser sabedor e se foi a um porto desta minha capitania, e contra o Foral de Vossa Alteza, resgatou o que quiz e não contente com isto tomou com enganos um indio, o maior principal que nesta terra havia, mais amigo dos christãos e o prendeu no navio, pedindo

1546 Jul: Dez:

por elle muito resgate o qual depois de por elle lhe darem o que pedio, por se congrassar com outros indios contrarios deste, que prendeu, lhe o levou e entregou preso, e lhe o deu a comer contra toda a verdade e razão por donde os indios se alevantaram todos dizendo de nós muitos males, que se não fiassem em nós, que não mantinhamos verdade e se vieram logo a uma povoação minha pequena, que eu tinha mais feita e estando a gente segura fazendo suas fazendas deram nelles, e mataram tres homens, e os outros fugiram e queimaram os canaviaes todos com a mais fazenda que havia e tomaram toda quanta artilharia havia, e deixaram tudo destruido, indo as novas a mim acudi com toda a gente que pude e quando já fui estava tudo destruido. etc." A integra desta carta vem publicada no *Braz: Hist: do Dr. Mello Moraes, Vol. 1 Pag. 170.*

Julho 28—Carta de Pero de Campo Tourinho, donatario da Capitania de Porto Seguro, dirigida ao Rei D. João III, dando-lhe conta da fugida de Francisco Pereira Coutinho da sua Capitania da Bahia, em virtude da guerra que lhe fez o gentio.

Este documento que existe em Lisboa no archivo da Torre do Tombo (Part. 1^a Maç. 78, Doc. 45 do Corp Chrn:) foi copiado pelo Visconde de Porto Seguro, que para melhor intelligencia do mesmo dispensou a orthographia antiga.

E' do theor seguinte:

"Senhor.—A Bahia, capitania de Francisco Pereira Coutinho, se despovoou por razão do gentio della lhe dar guerra haverá um anno, e elle se veio aqui onde ora está, sem nunca por nenhuma deligencia acerca de a povoar; e ora sou informado por um Diogo Alvares, o gallego, lingua que lá era morador (que d'aqui foi em um caravellão a dita Bahia), que se fôra d'ahi uma não de França havia dous ou tres dias, os quaes fizeram amizade com os Brazis de tornarem d'ahi com quatro ou cinco náos armadas, e muita gente a povoar a terra por causa do brazil

e algodões que nella ha, e reedificarem as fazendas e engenhos que eram feitos, e por o tal não ser serviço de Deus, nem proveito de V. A., antes destruição de todo o Brazil, eu mandei ao dito Francisco Pereira da parte de V. A. logo se embarcar para esse reino, e fazel-o saber a V. A., e por não ir o faço saber a V. A., e lhe mando um instrumento d'isso para com brevidade prover como for seu serviço.

"E para guarda e conservação do Brazil e de toda esta costas fiz já Manoel Ribeiro portador capitão do mar, por ser pessoa apta e para o tal habil e pertence, e para o serviço e cousas que cumprem a V. A. muito deligente.

"Beijarei as mãos de V. A. por ser cousa que tanto cumpre a seu serviço provel-o de artilharia, polvora, de munição de guerra que para o tal serviço ó muito necessario; porque ainda agora ao presente se mostra tão pobre que não podemos fazer nada sem ter favor nem ajuda sua; e tanto que os engenhos se acabarem, espero em Deus aqui um novo reino, e muita renda em breve tempo. As mais novas desta terra por o portador será V. A. na verdade informado por ser para isso. Deste Porto Seguro, oude fico beijando suas reaes mãos. Hoje 28 dias de Julho de 1546.—*Pero de Campo Tourinho.*"

Dezembro 20—Carta de Duarte Coelho, donotario da Capitania de Pernambuco, escripta ao Rei D. João III, dando conta de que ia pela sua donataria e outras noticias, e na qual se lê um periodo sobre os degradados que para aqui eram remetidos, graças ás penas da legislação e o mal entendido zelo do governo da metropole pelo Brazil.

A' Pernambuco é que então cabiam mais geralmente em partilha as taes remessas, por ser conhecido o rigor com que os sabia levar o seu velho donatario; mas por fim Duarte Coelho vio-se obrigado a representar contra semelhante abuso.

Começa assim:

1546 Dez:

“ Senhor.—Posto que neste anno de 1546 tenho escripto por tres vezes a V. A. dando-lhe conta das cousas de cá, e assim de algumas cousas que me pareceu seu serviço e pela incerteza das cousas do mar, quiz, Senhor, por esta tornar a dar a mesma conta para V. A. prover o que fôr seu serviço.

“ Quanto, Senhor, a esta Nova Lusitania posto que com muito trabalho e com assás de fadiga tanta quanta Senhor Deus sabe, a cousa está bem principiada, a Deus louvores mas ha muitos inconvenientes e estorvos, para ir a cousa em crescimento e augmento como eu Senhor desejo para serviço de Deus e de V. A., e os que eu cá posso remediar trabalho tanto por isso quanto Senhor é possível, mas ao que eu não posso Senhor acudir é necessario Vossa Alteza remediar e com brevidade prover sobre isso se quer ser servido. ”

Segue emnumerando as causas que entorpeciam a marcha da colonia, sendo a principal o córte do páo-brazil, para cujo serviço os interessados seduziam os indigenas com grandes promessas, afim de irem buscar esta mercadoria, que já então só a grande distancia se achava, damnificando a pequena agricultura, com fazer os mesmos indigenas deixal-a para ir a serviço delles.

“ Por que por fazerem brazil importunam tanto os indios e promettem-lhe tanta cousa fôra de ordem, que me tem a terra toda em desordem da ordem em que eu a tenho posto, etc., etc., ” e pede uma ordem para que no espaço de dez ou doze annos se não cortasse páo-brazil vinte leguas ao sul de Olinda e outras tantas ao norte de Santa Cruz (Lugarassú) como meio de sanar os males que apontou.

Quanto aos degradados de que acima fallamos, escreveu elle:

“ Outro sim, já por tres vias tenho escripto e disso dado conta a Vossa Alteza acerca dos degradados e isto, Senhor, sempre digo por mim e por miuha terra e quão pouco serviço de Deus e de Vossa Alteza e por bem e augmento desta nova capitania mandar taes degradados como de

dez annos para cá me mandam, porque certifico a Vossa Alteza e lhe juro pela hora da morte, que nenhum fructo nem bem fazem na terra, mas muito mal e damno, e por sua causa se fazem cada dia males, e, temos perdido o credito, que até aqui tinhamos com os indios, porque o que Deus nem a natureza não remediam, como eu o posso remediar, Senhor se não com cada dia os mandar enforcar o qual é grande descredito e menoscabo com os indios, e outro sim não são para nenhum trabalho, vem peiores e nós e não podem deixar de usar as suas manhas e nisto cuidar, e reinões sempre em fugir e em sahirem: creia Vossa Alteza que são peiores cá na terra que peste, pelo que peço a Vossa Alteza que pelo amor de Deus tal peçonha me não mande, etc., etc., etc. ”

E' muito interessante esta carta do velho donatario de Pernambuco, a qual por muito longa não inserimos.

Elle a conclue com o seguinte periodo:

“ Este Março passado de 1546, foi aqui entregue a um pilôto de um navio de Constantino de Queiroz uma caixa com amostras de assucar escolhido para Vossa Alteza ver e o feitor de Vossa Alteza por meu mandado a entregou pregada, assim como por mim foi verificado, e soube agora que não fôra entregue a Vossa Alteza posto que me disseram que fôra entregue na alfandega, e que d'ahi desaparecera. Mande Vossa Alteza aos officiaes que quando virem cousa que vai de cá para Vossa Alteza que lhe levem, e lhe seja apresentada. ”

A integra desta carta vem publicada no *Braz: Hist:* do Dr. Mello Moraes, Vol: 1º Pag: 171 e nas *Mem: Hist: de Pernam:* por J. B. F. Gama, Vol: 1.º Pag: 70, nota A.

No correr deste anno houve um notavel assalto dado pelos *Tamoios* á povoação de Bertioga, Capitania de S. Vicente, desembarcando de 70 canôas carregadas

1547

delles. O forte da Bertioga foi tenazmente defendido por cinco filhos de Diogo de Braga e poucos colonos que se lhe reuniram, mas foram vencidos e muito delles devorados pelos assaltantes.

1547

No correr deste anno foi o naufragio e morticinio de Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia e seus companheiros na Ilha de Itaparica daquella capitania.

Como vimos no anno, de 1545, elle se havia retirado com sua familia e os que lhe foram fieis, para a capitania de Porto-Seguro, fugindo aos Tupinambás revoltados, e que haviam destruido tudo quanto tinha elle feito em os nove annos decorridos desde a sua chegada ali, procurando assim escapar a uma morte certa nas mãos dos selvagens victoriosos.

Estes, como que satisfeitos como a sua fuga, acalmaram-se, e como já estavam acostumados ao goso das mercadorias europeas, sentiram a falta dellas e trataram de fazer pazes com elle, afim de que voltasse.

E' bem de crêr que o intermediario desta negociação fosse Diogo Alvares, por que vimos da carta de Pero de Campos Tourinho (veja-se a data de 28 de Julho de do anno anterior, 1546) que elle, que havia acompanhado Coutinho em sua fuga, veio de Porto-Seguro a Bahia tornou para ali. Fosse elle ou não, o certo é que Coutinho deliberou-se a voltar com a sua gente, menos a familia, e tambem o mesmo Diogo Alvares, embarcando-se todos em duas embarcações. Ao chegarem ellas, porem, a barra da Bahia, foram assaltadas por um temporal, que atirou com a em que ia Coutinho sobre os baixos de Parana na Ilha de Itaparica, onde se espedaçou sendo a gente, que ponde salvar-se ganhando a terra, entre os quaes Coutinho, assassinada ali pelos ferozes selvagens do lugar.

A outra embarcação, em que ia Diogo Alvares, salvou-se e se recolheu ao porto de Villa Velha.

Nos fins deste anno rebellaram-se os indios *Cahetés* em Pernambuco e sitiaram a Villa d'*Iguarassú*. Fr. Vicente do Salvador dá como causa desta rebelião o seguinte:

“ Os indios, diz elle, entravam e sahiam da villa com seus resgates ou sem elles, cada vez que queriam; mas embebedando-se uma vez uns poucos se começaram a ferir e matar de modo que foi necessario mandar o Capitão alguns brancos com seus escravos, que os apartassem ainda que contra o parecer dos nossos linguas e interpretes que lhe disseram os deixasse brigar e quebrar as cabeças uns e aos outros; porque si lhes acudiam, como sempre se receiem dos brancos, haviam cuidar, que os iam prender e captivar e si haviam de por em resistencia, e assim foi, que logo se fizeram em um corpo e com a mesma furia, que uns traziam contra os outros, se tornaram todos aos nossos sem bastar vir depois o mesmo Capitão com mais gente para acabar de aquietar, e o peor foi que alguns, que ficaram fóra da bebedice, se foram logo correndo á sua aldeia appellidando arma; porque os brancos se haviam já descoberto com elles, e tinham presos mortos e captivos e feridos quantos estavam na villa, e assim o iriam fazendo pelas aldêas, e para mais confirmação desta mentira, levaram um dos mortos, que era filho do principal da aldeia com a cabeça quebrada, dizendo que por ali veriam se fallavam verdade, o qual visto e ouvido pelo principal e pelos mais se puzeram logo em arma, e foram dar em os escravos do Capitão, que andavam no matto cortando madeira, onde mataram um, e os outros fugiram para a villa a contar o que se passava; e não bastou mandar-lhes o Capitão dizer que os seus proprios fizeram a briga, e se mataram uns aos outros com a bebedice, e que os brancos foram só a apartal-os, e eram seus

1548 Jan:

amigos; nada disto bastou, antes appellidou o principal, os das outras aldêas mandando-lhes parte do escravo do Capitão que haviam morto, para que se cevassem nella com os da sua haviam feito na outra, e assim se ajuntaram infinitos e puzeram em cerco a villa dando-lhes muitos assaltos, e matando alguns moradores e entre elles o Capitão Affonso Gonçalves de frechada que lhe deram por um olho e lhe penetrou até os miolos, o qual os da villa recolheram e enterraram com tanto segredo que o não souberam os inimigos em dous annos que durou o cerco. ”

Esta ultima parte, porém, não é exacta, pois a guerra não durou dous annos, e já estava acabada em Abril do anno seguinte, 1548, e nem morreu nella o fundador da villa e seu Capitão-mór, Affonso Gonçalves, pois a 3 de Maio do mesmo anno seguinte, escreveu ao Rei D. João III, uma carta dando-lhe noticias da villa. Veja-se essa data,

1548

Janeiro 28—Chegam a Pernambuco, procedentes de Lisbôa com 88 dias de viagem, dous navios conduzindo um delles porção de degradados, e outro vindo de conserva; ambos, porém, bem providos de petrechos bellicos. N'um destes navios veio pela primeira vez ao Brazil, e como artilheiro, o allemão Hans Staden, cujas ultteriores aventuras formam uma parte interessante da historia do nosso paiz, nos seus primeiros tempos. Era natural de Homberg, no territorio de Hesse. Projectára fazer fortuna na India, e com esse designo embarcou na Hollanda n'uma frota mercante, que ia a Setubal buscar sal; mas chegou a Portugal quando eram já partidas as náos da India, pelo que aceitou o posto de artilheiro a bordo do navio que o trouxe para Pernambuco.

Quando chegaram as duas embarcações durava, havia alguns mezes, o assedio posto a *Villa d'Iguarassú* pelos indios *Cahetés*, e Duarte Coêlho não podendo ir em soccorro della, por que temia, que os mes-

mos indios com a sua ausencia atacassem a *Villa de Olinda*, estavam os sitiados abandonados as suas proprias forças, que eram bem fracas, pois a villa estava apenas resguardada por uma pallissada e defendida por 90 européus, 30 negros e alguns indios alliados, sendo os sitiadores para cima de oito mil, segundo dizem as chronicas, numero que nos parece exagerado.

Duarte Coêlho, conseguiu que Hans Staden, acompanhado de uns quarenta homens, que se pouderam arranjar, fosse em soccorro dos sitiados.

“ Os *Cahetés*, tinham construido, bem que de uma maneira informe, dous entrincheiramentos de arvores cortadas: de noite recolhiam-se a elles, para se defenderem das sortidas inesperadas, e de dia punham-se ao abrigo dos tiros de espingardas em fossos profundos, que haviam cavado, e d'onde sabiam muitas vezes, na esperanza de sorprehenderem a praça.

“ Nestes ataques, logo que viam fazer-se lhes pontaria, deitavam-se por terra, entretanto que passadas as balas, levantavam-se e avançavam arremecendo dardos para dentro da estacada, disparando flechas com algodão inflammado, para incendiar as casas, que pela maior parte eram ainda cobertas de palha e feitas de madeira ou taipa. Não tardou que os sitiados sentissem falta de mantimento, porque não podiam colher a mandioca, visto que os *Cahetés* estavam senhores do campo. Mandaram-se dous botes em busca de alimentos á ilha de Itamaracá, e Hans foi da partida.

“ No lugar aonde o rio se aperta, haviam os selvagens obstruido a navegação, atravessando grandes arvores; este obstaculo removeram os Portuguezes á viva força, mas em quanto isto faziam, seccava a maré, e antes de chegarem a Itamaracá ficaram em secco.

“ Em lugar de ataca-los os indios ergueram um monte de lenha secca o mais perto possivel e tocaram-lhe fogo, pensando com a fumaça suffocar os contrarios. Um vento do lado opposto inutilisou o ar-

1548 Mar:

tificio, não chegando mesmo a arder metade da fogueira, porque a maré que de novo encheu apagou-a, pondo a nado as embarcações, que seguiram para o seu destino. ”

“ Aguardando a volta dos escaleres trataram os indios de serrar em partes duas grandes arvores que existião á borda do canal, e sustel-as por meio de grossos sipós, para largal-as quando os botes estivessem debaixo.

“ Conheceraam os Portuguezes o ardil quando se aproximaram, e como estavam ao alcance de voz da villa, entraram a chamar os de dentro para que viessem em soccorro delles.

“ Apenas os indios ouviram gritar fizeram outro tanto, procurando assim abafar as vozes do inimigo.

“ Nestas circumstancias o unico recurso estava na força dos remos, isto é passar rapido, em quanto elles, cortando uns e puxando outros, não derribavam as arvores. Assim fizeram, conseguindo passar ajudados da fortuna, perdendo apenas o ultimo escaler, que ficou debaixo de uma das arvores, salvando-se a gente. ”

“ Finalmente depois de um sitio de seis a oito mezes, perdendo os selvagens a esperança de reduzir a praça pela fome, exhausta a sua perseverança com ver malmalograda todas as suas tentativas, fizeram a paz e retirando-se. Depois desta guerra continuou a capitania a prosperar até a morte de seu donatario. ”

Marco 22—Carta de Duarte Coelho, donatario da Capitania de Pernambuco, escripta da Villa de Olinda ao Rei Dom João III relativamente a Vasco Fernandes de Lucena.

E' do theor seguinte:

“ Senhor.—Por já ter escripto e por outras, dado conta a Vossa Alteza do que cá passa. como (por ellas o Senhor verá) não lhe dou por esta mais conta que de seu feitor e almoxarife Vasco Fernandes, que commigo Vossa Alteza mandou ha trese annos, e que me pedio que delle desse conta

a Vossa Alteza e lhe fizesse saber que cá está servindo-o, deixando sua mulher e filhos sem mais tornar ao Reino, e assim é verdade e em tudo o que foi necessario e cumprio seu serviço, e deu bôa conta de si e certifico a Vossa Alteza que é muito homem de bem e desejo só de o servir, e que não virá por elle mal, por ser homem manso e de bôa consciencia, que em todos se não acha no tempo d'agora; elle até o presente tem gastado do seu e não aproveitado nada, por até o presente tudo ser trabalhos e gastos e não proveito algum, e por a terra ir agora para bem, a Deus lovoures e querem os homens fazer fundamento della e fazerem fazendas para ter alguma cousa ao seu com que se sustentem, por a qual é necessario a mercê e ajuda de Deus e de Vossa Alteza, e por elle querer fazer um engenho em uma ribeira e n'um pedaço de terra que lhe dei, pede a Vossa Alteza por ajuda de o fazer lhe faça mercê de lhe dar licença para poder mandar algum brazil de cá para ajuda disso, e que o irá fazer para a costa donde não faça damno, nem prejuizo, certo, Senhor, que elle disse e de toda outra mercê é merecedor de Vossa Alteza, e a mim, Senhor, a fará fazendo a elle pois a merece e elle escreve a Vossa Alteza sobre isso por um seu filho.

“ Não tenha Vossa Alteza em tão pouco estas terras do Brazil, especlal esta nova luzitania, como mostra ter em pouco, pois não prouve nem me respondeu as cartas e avisos que ha tres annos e que por tres e quatro vias lhe tenho escripto, mostra que tem, pois a isso não acode nem menos me tenha em tão pouco e em tão pouca estima, que haja por mal empregado em me dar credito ao que lhe digo e escrevo para bem de seu serviço, e responder-me para que eu saiba sua intenção, procure das cousas irem como tem andado, porque ainda que este proveja e gastado da fazenda, nenhuma inveja tenho aos mais ricos nem ás suas riquezas, pois do all para o de Deus e para o do meu Rei e Senhor, e poucos darei a vantagem assim do passado como do porvir, confiando em Deus.

1548 Maio

“ Por outro navio que ora d'aqui, Senhor, partio, escrevi a Vossa Alteza, e as cartas leva Francisco pagem, meu criado, aqui casado e morador, peço a Vossa Alteza as veja e me responda o que fôr servido por que elle a esperar pela resposta e os gastos são grandes para esperar muito tempo.

“ Deus por sua graça e misericordia tenha a Vossa Alteza e a seu centro real em sua santa guarda e lhe dê victoria contra todos os que contra elle presumirem ser. Amen. Olinda 22 de Março de 1548. Servo de Vossa Alteza.—*Duarte Coelho.* ”

Maio 3—Carta de Affonso Gonçalves, o fundador da hoje villa de Iguarassú, escripta d'ali ao Rei D. João III, dandolhe noticias da terra.

E' do theor seguinte :

“ Senhor.—Depois que de Vossa Alteza me parti e embarquei para esta terra de Santa Cruz, de que é capitão e governador Duarte Coelho, puz no caminho muitos dias por causa dos tempos que me foram adversos e fortes, ou por a vontade do Senhor Deus ser assim, finalmente cheguei a esta terra onde fico para servir Vossa Alteza, e quando aqui vim ter deram-me novas de sete náos francezas, que passaram para os pitaguarés, onde lhe eu, senhor, disse que se podia fazer offensa aos francezes, e depois passaram outras muitas, e com uma dellas encontrou um meu bergantim que ia a Resgate, e sahio-lhe uma zaura que ia com ella e foi o seguinte, tanto que o alcançou é andavam ás bombardadas, e espingadadas e flechadas.

“ De maneira que quizeram abalroar com elle, mas os flecheiros com a mais gente não nos consentiram e mataram-lhe o mestre, e feriram alguma gente da que ia nelle, e dos francezes morreram cinco ou seis, e outros muitos foram feridos por causa dos flecheiros que os trataram mal, e assim se alargaram d'elles no que tudo se fez muito serviço a Vossa Alteza, e muito mais se faria se favore-

cesse estas terras com alguma gente e justicas de que tem muita falta, e posto que nesta capitania ha muita gente e está bem fortalecida e segura se Vossa Alteza tivesse aqui justicas suas, porque as terras novas como estas não se povoam e sustentam-se com muita brevidade e justiça cada um a seu tempo; isto digo porque sou criado de Vossa Alteza.

“ E obrigado a lh'o fazer saber...

“ Senhor, a Igreja desta minha fazenda de que lhe dei conta e pedi me fizesse mercê do abito com alguma tença para com tudo o servir, porque esses são meus desejos; beijarei as mãos de Vossa Alteza conceder-m'o, e um Pero de Mesquita, filho de Bastião Affonso, que foi vosso ourives e afinador da moeda de Lisboa, terá carrego de lh'o lembrar e requerer e Vossa Alteza me faça mercê confirmar n'elle a Reitoria desta Igreja, porque elle é pessoa para isso.

“ Senhor, eu quizera os dizimos desta Igreja para os gastar nella e em casas necessarias para o culto divino e ornamentos, pois sou fundador della e a fiz a minha custa propria, e a tenho feita a melhor que ha nestas terras como Vossa Magestade poderá saber, e assim folgaria que tivesse todas as cousas e ornamentos bons, e tive sempre nella um padre que é obrigado a dizer missa e confessar a gente desta minha povoação, e isto tudo pago a minha custa, porque não sei como se soffre uma povoação tão grande como esta está sem Igreja e clerigo que os confesse e lhes diga a missa, porque tem bem duzentas almas e ha mister dous clerigos para poderem acudir a tudo e tambem para se poderem reconciliar um com o outro, porque daqui a Villa de Duarte Coelho ha cinco leguas, e tudo por entre gentios e correm os homens risco em ir lá e um padre tem necessidade de outro para se reconciliar e para o ajudar, porque não pode sempre estar disposto para poder celebrar e confessar a gente desta povoação, assim que tinha bem necessidade de dous padres, beijarei as mãos de Vossa Alteza, escrever a Duarte Coelho que não

1548 Maio Nov: Dez:

me impida que os dizimos se adquiram para esta Igreja, para se prover das cousas necessarias para o culto divino, a que Vossa Alteza é tão inclinado, assim que em tudo proveja como fôr mais serviço de Deus e acrescentamento de seu Real Estado, e eu receba mercê por tanto trabalho como tenho recebido em fazer e sustentar esta fazenda com tanto gasto e risco para com ella servir Vossa Alteza: beijo as mãos, beijo hoje 3 de Maio de 1548. Criado de Vossa Alteza.—*Alfonso Gonçalves.*

12—Carta de Luiz de Góes, irmão de Pero de Góes, e do notavel guarda-mór da Torre do Tombo em Lisboa, Damião de Góes, escripta da *Villa de Santos, Capitania de S. Vicente*, ao Rei D. João III, pedindo-lhe soccorro contra os francezes que infestavam a costa e estavam de posse do Rio de Janeiro.

Della extrahimos os seguintes periodos:

“... se com tempo e brevidade Vossa Alteza não soccorre a estas Capitánias e costa do Brazil, ainda que nós percamos as vidas e fazendas, Vossa Alteza perderá a terra...

“De dous annos a esta parte vem sete e oito náos cada anno ao Cabo Frio e Rio de Janeiro: já não ha navio que se atreva a passar, porque a muitos tem elles acomettidos e alguns tomados; enquanto os francezes não passavam do Cabo de Santo Agostinho mais que até a Bahia, não eram tão suspeitosos e nem tão perigosos, mas desde que se atreveram a passar os baiscios e dobrar o Cabo Frio, queira Deus não se atrevam a dobrar o Cabo da Bôa Esperança.

“Roubam os portuguezes a terra e mais que os francezes, porque já não ha capitania, que não esteja roubada e levantado por elles, e por sua causa as que se perderam estão perdidas, e esta está para se perder, e antes que se perca socorra Vossa Alteza, tenha piedade de muitas almas christãs pois 10 nesta capi-

tania entre homens, mulheres e meninos, a mais de seiscentas almas, e de escravaria mais de tres mil e seis engenhos.

Novembro 19—Carta regia de D. João III, dirigida ao famoso Caramurú, prevenindo-o de como enviava á Bahia Thomé de Souza e ordenando-lhe que se lhe apresentasse e ajudasse, bem como seu genro Paulo Dias, em ter mantimentos preparados, etc.

E' concebida nos seguintes termos:

Diogo Alvares, eu El-Rei vos envio muito saudar, eu ora mando Thomé de Souza, fidalgo de minha casa, a essa Bahia de Todos os Santos por capitão governador della, para na dita capitania mais outras desse estado do Brazil prover de justiça della e do mais que o meu serviço cumprir, e mando que na dita Bahia faça uma povoação e assento grande e outras cousas do meu serviço: e porque sou informado pela muita pratica e experiencia que tendes dessas terras e da gente e costumes dellas o sabereis bem ajudar e conciliar, vos mando que tanto que o dito Thomé de Souza lá chegar, vos vades para elle e o ajudeis no que lhe deveis cumprir e vos encarregar; porque fareis nisso muito serviço. E porque o comprimento e tempo de sua chegada ache abastada de mantimentos da terra para provimento da gente que com elle vai, escrevo sobre isto a Paulo Dias, vosso genro procure se haverem e os vá buscar pelos portos dessa capitania de Jorge de Figueiredo, sendo-vos necessario a companhia e ajuda encomendo-vos que o ajudeis no que virdes que cumpre, como creio que o fareis. Bertholomeu Fernandes a fez em Lisboa a 19 de Novembro de 1548.—Rei.

Subscripto.—POR EL REI.—A Diogo Alvares, cavalleiro de sua casa, na Bahia de Todos os Santos.

Dezembro 17—Tendo o Rei D. João III, deliberado crear no Brazil um governo geral, foi, com antecedencia e nesta data, organizado um Regulamento para

1548 Dez:

direcção do Governador e mais dous para o Ouvidor Geral e o Promovedor-mór.

O primeiro compunha-se de 21 capitulos e mais sete adetivos.

Era por elle concedido uma grande alçada e absolutos poderes, pelos quaes suspendia e limitava o soberano a jurisdição, que havia dado aos donatarios das capitánias, quando dellas lhe fizera doação, e deste acto elles se mostraram queixosos ao mesmo soberano, que não se dignou deferir-lhes as representações, com excepção unica de Duarte Coêlho, danatario de Pernambuco, na parte da grande inconveniencia, que se seguia para o Estado e para o povo de os conversar absolutos nas jurisdição civil e criminal

“ No mesmo regimento se ordena a escolha de um outro local, sem ser o preferido por Francisco Pereira para se fundar a capital brazilica. Recommenda-se o bom tratamento dos gentios, estabelecendo-se alliança com os *Tupiniquins*; visto que os *Tupinambás* se haviam levantado. Impõe-se pena de morte aos colonos, que fossem buscar indios para os escravisar, prohibindo-se tambem o vender-lhes armas, e o embrenhar-se os mesmos colonos pela terra a dentro, communicando-se pelos sertões de umas capitánias as outras. Fixa o regimento o termo da cidade em seis leguas para cada lado. Estabelece o modo de se darem as sesmarias para os engenhos de assucar; devendo os proprietarios destes obrigar-se a moer as cannas dos lavradores, visinhos, sob as clausulas que o governador designasse. Tambem serirm obrigado os senhores de engenho a fortificar estes; fixando-lhes o regimento quanto armamente deviam ter; bem como o minimo que, em cada capitania deviam ter os donatarios, Despõe a cerca das fortificações da cidade capital; da construcção de navios, da perseguição dos corsarios. Igualmente recommenda o estabelecimento de feiras periodicas, e a exploração do Rio de S. Francisco. O governapor poderia aos que prestassem bons serviços, armar cavalleiros; prover os officios de justiça e fazenda, ainda

quando fossem em degradados por certos crimes; conceder donativos e adiantar ordenados. Nos casos omissos, devia consultar os principaes empregados, e as pessoas mais idoneas; prevalecendo, porem, a sua opinião, em havendo discordancia, mas lavrando-se da sessão da junta, um termo ou acta, que deveria ser enviado a côrte. Tal foi o origem das juntas geraes, que tanta importancia vieram a ter no regimen cclonial, o qual veio a constituir-se mais constitucionalmente que a propria metropole. ”

“ No regimento do Ouvidor fõi-lhe concedido conhecer nas causas crimes por acção nova, e teve alçada até morte natural, exclusive, nos escravos gentios e piões christãos livres; aos quaes, quando competisse pena de morte, poderia esta applicar-se sem appellação, concordando nella o Governador Geral, e não concordando teria de remetter os autos ao Corregedor da côrte, com o preso. Nas pessoas de mór qualidade, teria o Ouvidor alçada até cinco annos de degredo. Taes disposições, de mais rigor do que as contidas nas doações não deixaram de apresentar alguns inconvenientes, que ao adiante se corrigiram modificando-as. No civil foi dado ao Ouvidor alçada até sessenta mil réis; isto é até o dobro que tinha o tribunal da côrte. ”

“ Estes poderes eram independentes do Governador que não foi autorizado a annistiar nem a castigar; e o tempo veio tambem a provar que melhor houvera sido que a magistratura judicial não tivesse deste tanta independencia. ”

“ No regimento do Provedor lhe era muito recommendado o providenciar convenientemente em cada uma das capitánias e cerca das casas d'Alfandega e dos Contos (Thesouraria) e fazer por em ordem a escripturação d'ellas, organisando em livros separados os lançamentos das differentes rendas e direitos; emfim cumpriam-lhas prover e zelar tudo o que respeitasse a fazenda publica. ”

Neste mesmo regimento se ordenou a escolha de um outro local, sem ser o pre-

1548—1549 Jan:

ferido pelo fallecido donatario Francisco Pereira Coutinho, para a fundação da cidade. Recommenda-se o bom tratamento dos gentios. Impõe-se pena de morte aos colonos, que fossem buscar indigenas para os escravisar, prohibindo-se tambem o vender-lhes armas, e o embrenharem-se os mesmos colonos pela terra a dentro, communicando-se pelo sertão de umas capitánias ás outras.

“ Estabeleceu o modo de se darem as sesmarias para os engenhos de assucar; devendo os proprietarios destes obrigar-se a moer as cannas dos lavradores visinhos, sob as clausulas que o governador designasse.

“ Tambem seriam obrigados os mesmos senhores de engenho e de fazendas a fortificar a sua propriedade, fixando-lhes o regimento o seguinte armamento que deviam ter: quatro terços de espingardas, vinte espadas, dez lanças ou chuços, vinte gibões d’arma de algodão dos que se usavam, e a todos os outros moradores ao menos alguma arma; devendo os que a não tivesse tratar de havel-a dentro de um anno sob as penas especificadas.

“ Da mesma forma marcava o minimo do armamento que em cada capitania deviam ter os donatarios, para a segurança da terra, e era, com a polvora necessaria, dous falcões, vinte arcabuzes ou espingardas, vinte bestas, vinte lanças ou chuços, quarenta espadas e outros tantos gibões de armas.

“ Providenciava sobre o abuso do luxo nos vestuarios: os estabelecimentos de feiras periodicos e outros assumptos de conveniencia publica.

“ Nos casos omissos deveria o governador consultar os principaes empregados, e as pessoas idonaes: prevalecendo, porem, a sua opinião, em havendo discordancias; mas lavrando-se da sessão da junta, um termo ou nota que deveria ser enviada á côrte.

“ Tal foi a origem das jutas geraes, que tanta importancia vieram a ter no regimen colonial, o qual veio a constituir-se

mais constitucionalmente, que a propria metropole.

Pelos fins deste anno, segundo diz Jaboação chegou a Bahia o capitão, Gramatão Telles com duas caravellas, e fora mandado pelo Rei D. João III com aviso para Diogo Alvares e mais pessoas que residiam ali, da proxima vinda do governador afim de prepararem o que era necessario para o recebimento da gente. Veja-se a data de 19 de Novembro deste mesmo anno.

1549

Janeiro 7—Carta Regia de D. João III, creando um Governo Geral no Brazil, ao qual ficaram sujeitas todas as capitánias, e ordenando igualmente, para a séde delle, a fundação de uma cidade na Capitania da Bahia.

Começa assim:

“ D. João por graça de Deus, etc., etc.

“ A quantos esta minha carta virem, faço saber, que vendo eu quando cumpre ao serviço de Deus e meu, conservar e ennobrecer as Capitánias e Povoações que tenho nas minhas terras do Brazil, ordenei de mandar fazer uma fortaleza e povoação grande e forte na Bahia de Todos os Santos, por ser para isto o mais conveniente lugar, que ha nas ditas terras do Brazil, para dali se dar favor e ajuda as outras povoações, e se ministrar justiça e prover nas cousas que cumprem a meu serviço e aos negocios de minha fazenda, e a bem das partes; e e pela muita confiança que tenho em Thomé de Souza, Fidalgo da minha casa, que nas cousas de que o encarregar me saberá bem servir, e o fará com cuidado e deligencia, que se delle espera, e como até aqui tem feito nas cousas de meu serviço, de que foi encarregado: Hei por bem e me praz de lhe fazer mercê dos crrgos de Capitão da povoação e terras da dita Bahia de Todos os Santos, e de Governador Geral do dita capitania e das outras capitánias e terras da costa do dito Brazil por tempo de tres

1549 Jan :

annos. com quatrocentos mil réis de ordenado em cada um anno, pagos a custa da minha fazenda no Thesouro das Minhas Rendas e direitos; etc., etc. ”

Nesta mesma carta o Rei tirou aos donatarios todos os privilegios que lhes havia concedido nas respectivas cartas de doações, tanto no civil como no crime e os notifica a que obedeçam ao novo governador e cumpram o que lhes mandar em seu nome de accordo com o regimento que trazia.

“ Deste modo a centralisação administrativa, propriamente dita, era acompanhada da dos negocios da Justiça e dos da Fazenda, sugeitos aos cargos de um Ouvidor Geral e do Provedor-mór, que pela mesma occasião se instituiram. Igualmente foi nomeado para deffender o littoral um Capitão-mór da costa como havia na India. Mais ao diante; para mandar as armas na capital, se creou tambem o cargo de Alcaide-mór. Todos estes cargos eram providos só por tres annos como estava em uso a respeito de alguns no reino e nas outras conquistas. ”

A integra deste documento vem inserta no *Braz: Hist:* publicado pelo Dr. Mello Moraes. Vol; 1º Pag. 195.

Francisco de Andrade, Chronista do mesmo rei D. João III, escrevendo sobre a criação deste Governo Geral do Brazil, disse; “ que sendo então a principal occupação dos Portuguezes as cousas da India, pela sua grande importancia, tinham-se as do Brazil em nenhuma consideração, porque o seu proveito se esperava mais da grangearia da terra, que do commercio da gente, por ser barbara, inconsciente e pobre; por cuja causa deu-se no principio pouco apreço á colonisação, distribuindo-se a terra por particulares, com grandes poderes e jurisdicção civil e criminal, sem attenção aos damnos que disso podiam resultar, damnos esses, que a successão dos tempos veio a descobrir, nascidos da muita alçada que tinham os capitães, e por quererem usar com os povos mais do rigor, que de brandura e affabilidade, donde provieram as desordens

e desavenças que tornaram a terra menos habitada, e não tão segura como poderia ser. Estes foram os motivos, continúa Andrade, que obrigaram o rei D. João III, a mudar a forma do governo do Brazil, movido não só dos interesses, que podiam resultar aos respectivos habitantes, como tambem aos do reino de Portugal, revogando os poderes dos capitães que existiam, e transferindo-os totalmente para o da *Bahia de Todos os Santos*, que ordenou fosse Governador Geral de todas as capitánias. ”

Para tão importante cargo foi, como vimos, nomeado Thomé de Souza, mordomo-mór do Rei D. João III, Commendador de Rates e da Arruda, na ordem de Christo. Era filho natural de D. João de Souza e pertencia a uma das primeiras casas do Reino; distincto por seus grandes dotes governativos, e pela prudencia e valor que provara em muitas occasiões difíceis n’Africa.

Idem—Carta Regia do Rei D. João III nomeando a Pero de Góes da Silveira, Capitão-mór do mar da costa do Brazil por tempo de tres annos, devendo servir sob as ordens de Thomé de Souza.

8—Carta Regia do Rei D. João III, datada de Almeirim, e confirmando a Duarte de Lemos a doação que lhe fizera Vasco Fernandes Coutinho da Ilha de Santo Antonio na bahia da sua capitania do Espirito-Santo.

A integra deste documento vem inserta na *Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geog: Braz:* Vol. 24. Pag. 209.

28—Antonio de Oliveira é nomeado pela segunda vez Capitão-mór loco-tenente do donatario da Capitania de S. Vicente, por D. Anna Pimentel, como procuradora de seu marido Martim Affonso de Souza, que se achava na India.

Foi desta vez o quinto na ordem chronologica e não se sabe o tempo certo que governou, que deve ter sido tres annos,

1549 Fev: Mar:

pouco mais ou menos, pois foi substituído por Braz Cubas em 1552.

Fevereiro 1—Parte de Lisboa a frota que conduz Thomé de Souza, primeiro Governador Geral que teve o Brazil, trazendo o titulo de Governador da Nova Lusitania, segundo Frei Gaspar da Madre de Deus, e *Capitão General do Brazil* segundo outros historiadores.

“ El-Rei D. João III diz o general Abreu e Lima como soberano e pai deste pavo, que tinha vindo habitar outro hemispherio, determinou organizar a nascente colonia.

“ O inconveniente, que podia haver para a corôa, nos privilegios que tinha concedido com mui pouca parcimonia aos primeiros donatarios, não devia escapar ao monarcha, a quem a experiencia era util licção; em consequencia resolveu revogar os poderes dos capitães privilegiados, e nomear um Governador Geral com plena autoridade civil e criminal. Thomé de Souza, que havia militado na Africa e na India e era seu Mordomo-mor. foi investido deste importante cargo, para estabelecer no Brazil uma nova administração e fundar na Bahia de Todos os Santos uma cidade, capaz não sómente de conter os ataques dos selvagens e as aggressões dos europeus, mas ainda de ser a séde do governo e a metropole da America Portuguesa. ”

Acompanharam ao mesmo governador o Dr. Pedro Borges, nomeado Ouvidor Geral e director da justiça; e Antonio Cardoso de Barros em qualidade de Provedor-mór da fazenda real, cuja arrecadação uinha estabelecer, e Pero de Góes da Silveira como Capitão-mór da costa do Brazil.

Marco 29—Chega a Bahia a frota om que vinha Thomé de Souza, composta de seis velas, sendo tres navios, duas caravelas e um bergantim, os quaes conduziam tresentas pessoas de serviço; qua-

trocentos degradados e perto de tresentos colonos.

Thomé de Souza commandava um dos navios, o *Conceição*; Antonio Cardozo de Barros era o commandante do segundo denominado *Salvador*, e Duarte de Lemos o outro intitulado *Ajuda*. Pero de Góes donatario infeliz da Parahyba, e que devia ter na Bahia o commando geral das forças navaes, como Capitão-mór de mar, commandava uma caravela, e Francisco da Silva outra, não tendo commandante o bergantim, pois que Thomé de Souza lhe havia de nomear no seu governo.

Estava calculada para preencher os fins a que se destinava, porque era acompanhada de varios officiaes de artilharia e engenheiros, sem esquecer os interesses da religião. Seis padres da Companhia de Jesus, os primeiros desta sociedade que vieram ao novo mundo, compunham uma missão cujo chefe era o Padre Manoel da Nobrega, um dos mais instruidos da sua ordem: os seus companheiros foram os Padres Leonardo Nunes, João de Aspilcuetta Navarro e Antonio Pires, e os Irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome: vinham revestidos de grandes privilegios e graças apostolicas.

Dizem alguns chronistas que assim que desembarcou o Governador no lugar que depois se chamou Villa Velha, apresentou-se Diogo Alvares, a prestar-lhe obediencia, e assegurar-lhe o espirito dos selvagens, os quaes, á vista do novo chefe e da sua comitiva, deitaram por terra os arcos em demonstração de paz e amizade.

Oppõe-se ao que ahi fica narrado o que escreveu a tal respeito Francisco de Andrade na *Chronica de D. João III* Pag. 4 Cap. 32 tratando da chegada de Thomé Souza á Bahia, “ que era na capitania de Francisco Coutinho, onde já havia novas da sua ida por duas caravelas que El-Rei mandara adiante notifical-a aos capitães, e foi recebido com muito gosto e alvoroço de toda aquella povoação, porque Gramatão Telles, que estava nella, não tinha

1549 Mar:

comsigo mais que só trinta (73) homens, e ainda que estava de paz com os gentios não vivia sem grandes receios das suspeitas e não cuidadas mudanças daquella gente, que nunca está menos segura, que quando trabalha de o parecer mais ” e não falla em Diogo Alvares.

Quem diz a verdade? O historiador, chronista regio, e contemporaneo do successo, ou os que escreveram sobre elle muitos annos depois?

Entretanto acrescentam aindos os ultimos:

Thomé de Souza alojou-se na casa de Diogo Alvares. O Ouvidor Pedro Borges e o Provedor-mór Antonio Cardoso de Barros, nas casas dos dous genros de Diogo Alvares, Paulo Adorno e Affonso Rodrigues.

Os Padres da Companhia de Jesus, diz o seu irmão chronista Simão de Vasconcellos, tendo ficado á bordo desembarcaram depois, e foram agasalhados junto ao arraial onde fizeram o primeiro sacrificio, o mais solemnemente que puderam em acção de graças. “ Mandou o Padre Nobrega arvorar uma cruz, signal propicio áquelles infieis da sua salvação, e lançando os olhos do cimo daquella eminencia por todo o grande contorno da Bahia, vio que eram estancias de indios barbaros e em tanta quantidade que *podia duridar-se quaes eram mais, se elles ou as folhas das arvores:* ” entretanto diz-nos o Padre Nobrega na primeira carta que escreveu para Portugal ao Padre Mestre Simão Rodrigues de Azevedo, narrando a sua chegada: “ e achamos uma maneira de igreja junto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas apar della, que não fol pouca consolação para nós etc., ” e mais adiante, “ o primeiro domingo que dissemos missa foi a quarta domingo da quinquagessima, etc., etc., ” esta domingo cahio a 31 de Março, dous dias depois da chegada ahi da expedição.

(73) Quarenta ou cincoenta diz o Padre Manoel da Nobrega na primeira carta que escreveu narrando a chegada.

31.—Fundação da cidade do Salvador na Bahia, distante meia legoa da primitiva povoação, fundada pelo fallecido donatario d'aquella capitania, o infeliz Francisco Pereira Coutinho, n'uma altura escarpada, pouco distante do mar, e nada conveniente pela sua elevação.

Terraplanado um tanto o local escolhido traçou nelle o Governador Thomé de Souza as ruas e praças; fez as distribuições dos differentes solares, marcando o dos paços do Senado da Camara, da Casa do Governo e da Casa dos Contos. A este arraial, apenas em principio, deu o Governador o pomposo e religioso nome de Cidade do Salvador, como se lhe chama em todos os documentos contemporaneos, e não de S. Salvador, como hoje dizem, e por armas em campo azul, uma pomba branca, tendo no bico um ramo de oliveira com a seguinte divisa: *Sic illa ad Arcam reversa est,*

Os *Tupinambás*, levados pelos conselhos de Diogo Alvares, pelo character circumspetto do governador, e tambem por motivos de interesse, ajudaram os colonos na edificação da cidade, cujos primeiros edificios, projectados e começados, foram a Cathedral, a Alfandega e o Palacio do Governador. Em quatro mezes se construíram cem casas com cercados e plantações. Os jesuitas obtiveram a posse de um terreno, onde edificaram logo uma igreja, com a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, e depois um collegio para o qual a corôa marcou rendimentos.

Gabriel Soares, que viveu na Bahia muito proximo ao anno da fundação da cidade, sua capital, conta que Thomé de Souza, logo que acabou de desembarcar a gente d'armada e accomodou-a em Villa Velha, mandou descobrir a Bahia, e que lhe buscassem, mais para dentro, alguma abrigada melhor que a em que estava a frota, para atirar d'aquelle porto de Villa Velha, onde não estava segura, por ser muito desabrigado; e, por se achar logo o porto e ancoradouro, que estão defronte da cidade, mandou passar a frota para lá, por ser muito limpo e abrigado, e assim

1549 Mar: Abr:

que teve a frota segura, mandou descobrir bem a terra, e achou que defronte do mesmo porto era o melhor sitio, que por ali havia para edificar a cidade, e por consideração do mesmo porto encontrado assentou que não convinha fortificar-se em Villa Velha, por estar defronte do outro porto uma grande fonte bem áborda do mar, que serveria para aguada dos navios e serviços da cidade, o que pareceu acertado a todas as pessoas do conselho, que nisso assignaram.

“ Tomada essa resolução, tratou-se de a levar a effetto, fazendo-se primeiramente um cercamento forte de páu a pique, para os trabalhadores e soldados poderem estar seguros dos gentios, e acabado elle começaram a edificar a cidade em bôa ordem com as casas cobertas de palha, ao modo gentio, em as quaes por entretanto se agasalhavam os mancebos e soldados que tinham vindo n’armada.

“ Depois mandou o governador cercar esta cidade de muros de taipa grossa, o que se fez com muita brevidade, com dous baluartes no longo do mar e quatro a banda de terra, e em cada um delles assentou muita artilharia, que para isso levava com o que a cidade ficou mais bem fortificada para se segurarem do gentio, fundando logo o governador nella a Sé, o Collegio dos Padres da Companhia, e outras igrejas, e grandes casas para viverem os governadores, casa da camara e cadeia Alfandega, Contos fazenda, armazens e outras officinas convenientes ao serviço de Sua Alteza ”

Abril 15—Carta de Duarte Coelho donatario da Capitania de Pernambuco escripta de Olinda ao Rei D. João III dizendo-lhe que vira em uns apontamentos, que lhe enviaram para ler. que certas pessoas se offerciam a Sua Alteza para povoarem ou o ajudarem a povoar as capitancias perdidas do Brazil, para o que pediam que Sua Alteza lhes desse o monopolio do páo-brazil por vinte annos, entrando tambem o das suas terras da *Nova*

Iusitania, e que dentro do dito tempo lhes largasse igualmente todos os dizimos e rendas de todas as terras e costa do Brazil, e acrescenta que Sua Alteza fizesse o que fosse de seu gosto, se isto lhe aprouvesse e que elle se resignaria apezar dos prejuizos, que teria de soffrer, mas que no caso de Sua Alteza acceder ao que desejavam os proponentes, lhe permitisse ao menos os dizimos dos seus proprios engenhos, e de poder tirar em cada anno tres mil quintaes de páo-brazil em suas proprias terras, para o costeio das suas fazendas, além de outros aesumptos de que trata.

E’ um verdadeiro brado angustioso que o velho e fiel servidor lança contra a injustiça, que lhe pretendiam fazer expoliando-o do seu direito e do fructo de tantos annos de trabalho.

Por ser desmasiado longa esta carta não a transcrevemos toda; mas vamos dar os seus principaes periodos:

Principia assim:

“ Senhor—Averá um mez que por um meu criado, por nome Francisco Foração escrevi a Vossa Alteza dando-lhe conta de mim e do que me pareceu seu serviço, e relatando-lhe as cousas conforme ao tempo e a necessidade, segundo o meu entender, a qual me reporto e peço a Vossa Alteza a veja e sobre o nella conteudo proveja, e me responda, para que saiba o que devo fazer.

“ E por esta, Senhor, quero dar conta a Vossa Alteza do que depois da outra escripta, e d’aqui partida a vinte dias, vim a saber por cartas de meus amigos, em especial por uma de Manoel de Albuquerque, que me disse, deu conta por já lá ter passado alguma pratica sobre isto, com algumas pessoas que no negocio entendem, ou entender querem, os quaes, segundo por um apontamento que vi, se offeressem a Vossa Alteza de quererem povoar, ou ajudar a povoar, as Capitancias perdidas de lá de baixo, e outras cousas que nos apontamentos vi, para o qual pedem a Vossa Alteza que por vinte annos

1549 Abr:

lhes dê o Brazil todo de toda costa, mettendo diante de tudo o destas minhas terras da Nova Lusitania, e assim lhe pedem que dentro do dito tempo lhe largue, e de todos os dizimos, e rendas de todas as terras e Costa do Brazil, assim o rendimento tanto de cá como o de lá do que de cá for, outras cousas que nos apontamentos vi, e posto, Senhor, que se me offereciam algumas cousas em este instante para sobre isto dizer, soffri e calo, e o não faço por não ter certeza se o de mim Vossa Alteza tomara segundo minha sã e verdadeira intenção, e por haver tres annos que por quatro vias tenho escripto, e dado conta a Vossa Alteza de tudo o que me pareceu seu serviço, e até ao presente não tenho visto resposta, o qual, Senhor, me parece do pouco credito que com Vossa Alteza tenho.

“ Mas quiz, Senhor accudir ao que com razão ou com justiça a mim toca, e relleva não me afastando do que a seu serviço cumpre, pois este foi sempre o meu proposito’ e costume, e digo, Senhor, que quanto é a retornarem a povoar e aproveitar as terras e Capitania lá de baixo, que se despovoaram da maneira que Vossa Alteza, já la sabe, é muito bom e serviço de Deus, e de Vossa Alteza, e se Vossa Alteza vio o que lhe tenho escripto, veria o que sobre isto lhe escrevi e dei conta, por que sempre me pareceu muito seu serviço prover sobre isto pelos respeitos que nas minhas a Vossa Alteza lhe lembrava, e este foi e é meu parecer que torne a mandar que se povoe, e aproveitem as ditas terras como Vossa Alteza for servido e por razão e justiça.

“ Mas aspera cousa ser parece querem esses armadores, ou contractadores, metter o que Deus por sua misericordia e meus grandes trabalhos gastos e despesas e derramamento de sangue, quiz dar-me este ganhado e melhor principiado, e povoado, e regido, e governado, e com justiça administrado, com todas as outras que por muito desvarios estão perdidas, e o proveito bem disto que tenho adquirido e grangeado para Vossa Alteza, do

que levo muito gosto e contentamento em especial pelo mais que d’aqui em diante se mostra haver a multiplicar e outro sim alem de me nisso tirarem o gosto e contentamento, algum proveito, e por isto que de meus trabalhos pudesse vir a caber querem-no elles para si, não me parece, Senhor, razão nem justiça, e Vossa Alteza nisso fará o que for servido, mas eu, Senhor, não deixarei de dizer o que com verdade entendo, que tanto por tanto melhor e mais razão seria accudir com alguma ajuda e favor a quem o ganhou, e com tanto trabalho, gasto e fadiga, e derramamento de sangue, o poz e tem uo estado em que está, e para a cousa ir de bem a melhor, e se mais multiplicar, e augmentar que é o proprio pastor, e não mercenarios, que querem disso adquirir e tirar seu proveito, e por cima de tudo Vossa Alteza para o qual for servido, posto que de minha livre vontade não concederei em me metterem em taes armações e companhias, nem quero de V. Alteza o que elles querem e pedem, sómente se Vossa Alteza for servido e lhe parecer razão e justiça para a causa que entre as mãos trago, desejo fazer vir a bom effeito ajudar-me e favorecer-me se n’isso merecer que é o seguinte:

“ E quanto, Senhor, aos direitos e dizimos destas minhas terras, assim como os de cá como os de lá, que lhe pedem, torno, Senhor, a dizer que Vossa Alteza os livre e haja em tudo e por tudo como em minhas doações se contem, que em nada delles lhe peço sómente que delles se tirem cá os pagamentos dos ordenados como quando para cá vim, e assim, Senhor, para as obras e cousas das Igrejas da obrigação de Vossa Alteza, sobre a qual tenho escripto a Vossa Alteza, por tres vezes e por tres vias, e sobre isto peço a V. Alteza, que proveja por haver disto muita necessidade.

Mas a mercê que a Vossa Alteza peço e que licitamente pode fazer, que por espaço de vinte annos, ou pelo espaço que Vossa Alteza conceder a esses armadores, haja por bem de me largar os dizimos dos

1549 Abr: Jun: Nov:

meus proprios engenhos, e isto sómente da minha lavra, e o que me pertencer das partes, que a parte dos lavradores seja muito embora de Vossa Alteza, e isto se Vossa Alteza disso for servido e se não, seja como mandar.

“ E outro sim que por espaço do dito tempo, haja por bem de me dar licença, para que em cada um anno possa mandar de cá tres mil quintaes de Brazil a minha propria custa, forros de todos os direitos para ajuda dos gastos, para me tornar a fornecer e reformar de cousas de que tenho necessidade para os negocios de cá, por que não acho já no Reino quem me empreste nem me dê tanto dinheiro a *caymbos*, (juros) o qual Brazil podesse mandar aonde me bem servir. etc, etc. ”

Segue dizendo que logo que constou a noticia do arranjo, que se pretendia fazer, todos os habitantes da Capitania se pozeram em alvoroço pela prespectiva do prejuizo que ião ter com semelhante monopolio, e lhe representaram, que não abris-se mãos do seu direito n'um requerimento, que enviava para que o Rei visse, tendo no verso o despacho que dera, appellando para elle, com o que os acalmou, esperando que Sua Alteza não causasse o mal estar de tanta gente, o que teria de succeder, se lhe cortasse os privilegios da sua doação, basiados nos quaes havia elle concedido aos colonos, que havia angariado, direitos, pue agora procuravam tirar, causando a sua ruina, a da Capitania e de todos.

Mostra como marchavam bem todos os negocios e se achavam os colonos, uns, os ricos, levantando engenhos, outros fazendo canaviaes, outros cultivando generos alimenticios, outros empregados na pesca e na navegação costeira, e elle a todos ajudando e fazendo vir trabalhadores e officiaes de officios já da Galisa, já das Canarias.

“ Ora pois, Senhor, já que eu cá por minha parte trabalho e faço tanto o que devo, não consinta Vossa Alteza lá bulirem com estas cousas, etc. etc.” e conclue pedindo que Sua Alteza tomasse em con-

sideração tudo quanto lhe expunha e providenciasse com brevidade, tendo em conta a sua bôa e sã intenção, “pois sabe, acrescenta, que minha condição e intenção é fazer verdade é fallar á verdade com todos em geral quanto mais com Vossa Alteza, e nas cousas de seu serviço, sobre que ando trabalhando, e que tanto cumpre e importa, que se isto não fosse e assim o não entendera, juro pela hora da morte que para Portugal me fora, pois sou homem para em todas as partes de mais honra e proveito servir a Vossa Alteza do que até o presente o tenho e sei de certo que darei boa conta de mim como quem a melhor deu ou der.

“ Deus por sua misericordia tenha a Vossa Alteza em sua santa guarda, e a todas as cousas do seu serviço, e lhe dê victoria contra todos os que presumirem de contra ellas ser, amen. De Olinda a 15 de Abril de 1549. Servo de Vossa Alteza.—*Duarte Coelho*.

A integra desta carta vem publicada no *Braz: Hist:* do Dr Mello Moraes, Vol. 1 Pag. 185 e tambem nas *Mem: Hist: de Pern:* por J. B. F. Gama Vol. 1 Pag.

Junho 13—Primeira procissão de *Corpus Christi* que houve no Brazil.

Foi feita por esforços dos padres jesuitas na nascente cidade do Salvador, capitania da Bahia, tomando parte nella os indigenas cathequisados.

Havia apenas dois mezes e meio que a cidade commegara a ser fundada naquellas desertas campinas cobertas de matto virgem, pelo que é facil de ajuizar-se o que seria uma tal procissão; entretanto disse o Padre Manoel da Nobrega que fora *mui solemne, em que jogou toda artilharia que estava na cerca, as ruas muito enramadas, houve dansas e invenções a maneira de Portugal*.

Novembro 1—Thomé de Souza, toma posse solemne do governo do Brazil registrando a sua patente e prestando juramento na camara da cidade do Salvador da Bahia, em presença da nobreza, clero e povo. Foi

1549 Nov:

o primeiro na ordem chronologica e governou, a contar do dia de sua chegada, quatro annos, tres mezes e quatorze dias, acabando em 13 de Julho de 1553, quando foi substituido por D. Duarte da Costa.

Idem—Parte da Bahia, sobo commando de Pero Góes da Silveira, Capitão-mór da Costa do Brazil, a frota destinado a guardar a mesma costa, e que ia com destino a S. Vicente, levando a seu bordo o Ouvidor Geral Pedro Borges e o Provedor-mór Antonio Cardoso, que por ordem do Governador Thomé de Souza, iam encarregados de regularisar as administrações da justica e fazenda real, não só naquella como em todas as capitancias intermedias, para o que devia nellas tocar a mesma frota.

Tambem se embarcaram na mesma occasião os Padres Manoel da Nobrega e Leonardo Nunes, o irmão Diogo Jaeome e mais dez ou doze meninos cathecumenos.

O Padre Manoel da Nobrega e o irmão Diogo Jacome ficaram na Capitania de Porto-Seguro e os demais seguiram para a de S. Vicente.

Quando a frota chegou á Capitania do Espirito-Santo, juntou-se a elles um moço ferreiro chamado Matheus Nogueira, que entrou depois para a ordem, e tornou-se notavel nella.

Em S. Vicente alem dos mysteres do sacerdocio occupava-se elle a trabalhar n'uma ferraria, fazendo anzoos, cunhas, facas e outros utensis, cujo producto applicava ao sustento dos meninos, que frequentavam as aulas da ordem.

24—Entra n'uma enseada da ilha Superagui, que forma ao norte a entrada da bahia de Paranaguá, um dos tres navios hespanhoes da frota com que Diogo de Senabria havia partido de Hespanha com destino ao Paraguay.

Estava nelle embarcado o allemão Hans Staden, que no anno anterior estivera em Pernambuco, onde chegara em um navio de Lisboa como artilheiro, e a pedido de Duarte Coelho fora como tal, e com outros

companheiros, soccorrer a villa de Iguarasú assediada pelos indigenas, como já tivemos occasião de narrar. Veja-se a data de 28 de Janeiro de 1548.

Achava-se Hans Staden em Sevilha quando D. Juan Senabria preparava a sua expedição ao Paraguay, e seduzido pelos boatos de riqueza que diziam os interessados existir na terra, a que se destinavam, deliberou-se a tomar parte no accommetimento, que era dirigido por D. Diogo filho de D. Juau.

Não tardou o navio em que elle embarcara a separar-se do resto da frota, perdendo depois o rumo por ignorancia do piloto. Após uma desastrosa viagem de seis mezes descobriram terra na Lat. S. 28°, sem saberem aonde estavam, e em quanto bordejavam á vista da costa em busca de porto, levantou-se um temporal, que soprava directamente do mar, impellindo o navio sobre a mesma costa.

Ficava-lhes pela proa um recife debaixo d'agua: todos os esforços para fugir delle foram baldados, vento e corrente os impelliam direito á penedia, e quando julgavam já dar em cheio sobre ella, descobrio um marinheiro uma abertura por onde entraram a salvamento. Uma canôa que os vio chegar, largou immediatamente desapparendo por traz da ilha.

A tarde atracou a embarcação outra canoa com indigenas, que não conseguiram fazer-se comprehender, mas que se retiraram mui contentes com alguns convites, anzoos e outras quinquilharias, dadas pelos hespanhoes.

Pouco depois chegou um bote com dous portuguezes. Disseram estes que moravam em *S. Vicente*, desoito leguas distante d'ali, e que a razão porque fugiram de manhã ao avistarem o navio, foi porque juigavam ser frsncez.

Perguntaram os hespanhoes a que distancia estava a *Ilha de Santa Catharina*, que tencionavam demandar, como ajustado ponto de reunião Responderam-lhe que a trinta leguas ao sul: para ali se fizeram elles de vela immediatamente.

1549 Nov:—1550 Jun:

25—O navio da expedição de Senabria, no qual estava embarcado Hans Staden, e tinha entrado na manhã do dia anterior n'uma enseada da Ilha de Supragui, ao norte de Paranaguá, e sahido á tarde em busca da Ilha de Santa Catharina, como referimos, entra no porto desta ultima localidade sem ter disto conhecimento.

Era ali o ponto de junção marcado para caso de desgarramento; mas não conhecendo o piloto a costa, por onde agora navegavam, por elle passaram e quando já bastante adiante, sobreveio-lhes um forte vento sul que os fez retroceder, e por um acaso ou milagre, com o elles julgaram, foram arribar ao porto que procuravam, e só depois o souberam. Arriaram um bote e foi nelle o capitão explorar o lugar.

“ Alargava o rio ao passo que avançava o escaler: debalde se volviam olhos em torno na esperança de descobrir fumaça; afinal n'um valle solitario entre outeiros se descortinaram algumas choças, mas estavam disertas e em ruinas.

“ Aproximava-se entretanto a noite; no meio do rio havia uma ilha, e averiguado que estava deshabitada, saltou nella a gente e accendeu fogo, e ali pernoitou.

“ Ao romper do dia seguinte recommencaram as pesquisas; um da partida julgou ver uma cruz sobre um rochedo, outros julgaram impossivel; aproximaram-se todos e effectivamente viram uma grande cruz de pau solidamente cravada na rocha, e de um de cujos braços pendia meio tanto de barril como uma inscripção illegivel. Levaram-no comsigo, e continuando um da tripulação a parafusar sobre o distico, afinal, lettra por lettra, o foi decifrando: dizia assim: *Si viene por ventura aqui la armada de Su Magestad, tiren un tiro y averon recado.*

“ Atraz volveram logo ao pé da cruz, e desparado um falconete de novo se recolheram ao batel. Immediatamente viram remarem para elles cinco canoas de indios, dentro de uma das quaes vinha um homem vestido e barbado.

“ Era, como depois se soube, um hespanhol chamado Juan Hernandez, biscainho nativo de Bilbáu, que lhes disse estarem na Ilha de Santa Catharina que procuravam, e que elle ali se achava havia tres annos, tendo vindo da cidade de Assumpção no Paraguay, por ordem do governador Yrala, afim de viver com os indios e persuadir-os a plantar mandioca, com que abastecer os navios de sua nação, quando em viagem para o Rio da Prata ali tocassem.

“ Deram os recémchegados graças a Deus pelo feliz, acaso que os levara ali e foi Hans encarregado de ir buscar o navio, para onde seguiu n'uma das canoas dos indigenas. ”

Ancorados agora em lugar seguro esperaram pelos companheiros, que faltavam.

Somente tres semanas depois, nos fins do mez seguinte, Dezembro, appareceu ali a Capitania na qual vinha Senabria; do outro nunca mais houve noticia.

1550

Junho 8—O Ouvidor Geral Pedro Borges, que se achava na Capitania de S. Vicente, convoca o Capitão-mór Governador da mesma Capitania, os camaristas e homens bons do povo da Villa de S. Vicente, para que concordem no preço do resgate do serviço dos escravos indigenas com mais equidade que anteriormente.

18—Escriptura de venda passada em Lisbôa por Francisco Pinto e sua mulher Maria Teixeira, das terras situadas na Capitania de S. Vicente e herdaram de seu filho Ruy Pinto, que acompanhara ao Brazil Martin Affonso de Souza, que veio a ser o donatario daquella Capitania, e ao mesmo Ruy Pinto dera essas terras em sesmaria, aonde elle se estabeleceu.

Foram as primeiras terras do Brazil que se venderam, sendo compradores della os Allemães Erasmo Scheter (e não Esquert como erradamente se escreveu) e Julio Visnat,

1550 Jul: Out:

Julho 14—Duarte de Lemos, donatario da *Ilha de Santa Antonio* na bahia da Capitania do Espirito Santo, a qual Ilha lhe fôra doada por Vasco Fernandes Coutinho, donatario da mesma Capitania, tendo-se desavenciado com este, escreve nesta data ao Rei D. João III, accusando Coutinho e dizendo que elle, quando partira a primeira vez de Portugal, para vir povoar a sua Capitania, trazia o proposito de tornar-se independente, o que não poudo conseguir e nem levar a effeito pelas contrariedades porque passou, tendo-lhe elle proprio communicado o seu proposito; eis aqui as suas proprias palavras.

“ E crea Vossa Alteza que já quando partyo, para este Brasill da primeira vez veio com este proposityo e sera boa testemunha fernão vyllas e elle a mi me cometeo e eu lhe dixee que nunca Deos quysesee que fosse tredo (traidor) a Vossa Alteza e porque os tempos lhe não sosederão nen Deos quis que elle tall desservyço, lhe fisesse, ho não fes, não porque não fosse boa vontade. etc ”

Deu causa a esta desavença querer Duarte de Lemos, que a sua doação da referida Ilha de Santo Antonio, fosse ampla, e Coutinho que a fizera declarando que era limitada a sua fazenda unicamente, que se achava assentada no local onde hoje está a igreja de Santa Lucia, servindo esta capella, para as orações dos moradores, havendo casa de moradia unida a ella e uma engenhoca mais abaixo, abrangendo este lugar todo o perimetro que vai até o Campinho,

Por este motivo, Duarte de Lemos retirou-se para a Bahia.

31—Carta Regia de D. João III dirigida a Balthazar de Faria, seu embaixador na Côrte de Roma, ordenando-lhe terminantemente que inpetrasse ao Papa Julio III, a creação de um bispado no Brazil com a sé na *Cidade do Salvador, Capitania da Bahia*, e que inpetrasse tambem o provimento da nova diocese em favor de Padre Pero Fernandes Sar-

dinha, que estudara em Pariz, onde tomara o gráo de bacharel, e nesse tempo era clerigo na cidade de Evora.

Outubro 1—Na cidade de *Rouen*, França, começa a celebração de uma festa que continuou no dia seguinte, composta de um combate naval, dansas e outras scenas da vida dos indigenas do nosso paiz, e naqual tomaram parte alguns indios da tribu dos *Tabajares* levados de Pernambuco ou da Parahyba, onde habitava essa tribu, acompanhados por marinheiros de navios francezes, que para aqui andavam, e conheciam perfeitamente os habitos, usos e costumes dos mesmos indios e talvez tivessem tomado parte nas suas continuas lutas, contra outras tribus.

Foi realisada esta festividade, em honra de Henrique II, e de sua esposa Catharina de Medices, que, pela primeira vez visitavam aquella cidade.

Sendo extremamente curioso este facto, aqui damos alguns extractos da narração que delle escreveram.

“ Havia então em Rouen, diz Paulo Gaffarel, um certo numero de Brasileiros, vindos a França para visital-a.

Pertenciam a tribu dos *Tabajares*, importante fração do povo *Tupinambá*, que sempre se assignalou pelo entusiastico acolhimento e larga hospitalidade dada aos nossos compatriotas. O chefe da tribu os havia acompanhado.

“ Chama-va-se *Morbicha*. Os Rouenenses lhe pediram o favor de dar com os seus compatriotas, uma ideia dos costumes brasiliense ao Rei de França. Apesar da estação invernosa já ir adiantada, estava-se no começo do mez de Outubro, ficou assentado que as margens do Sena apresentariam as scenas pittorescas e variadas que os nossos marinheiros contemplavam nas ribas americanas. Afim de tornar a illusão mais completa improvisou-se uma floresta brasileira; edificaram-se a toda a pressa algumas casas, e como dos productos e animaes do paiz havia abundancia em Rouen, não custou muito tornar a imitação tão completa

1550 Out:

como possível. Encantados de se verem no seio de uma paisagem, que lhes fazia recordar o seu paiz natal, e de viverem algumas horas como no meio das suas florestas; orgulhosos com a ideia de attrahir sobre si as attenções dos soberanos e dos mais nobres senhores do reino, os nossos brasileiros se prestaram com a melhor boa vontade aos desejos dos magistrados de Rouen, e lhes prometteram representar ao natural o que, na linguagem ligeiramente pedantesca do tempo o redactor anonimo da *Deducção da Sump-tuosa Ordem* chamou a *sciomachia* (74) delles ou peleja fecticia.

“ Os *Tabajares* de Rouen, não eram bastante em numero para *ingenuamente representar ao natural* as suas guerras e as suas dansas, os diversos incidentes que trazia comsigo o trafico do páo-brazil e as suas caças. Eram apenas cincoenta; mas um grande numero de nossos marinheiros normandos conheciam o Brazil e seus costumes. Muitos delles tinham mesmo permanecido algum tempo no paiz como interpetres.

“ A Camara Municipal de Rouen, pediu a todos aquelles, que podiam tomar parte na festa e dar-lhe maior brilho que augmentassem o numero dos indios brasileiros durante alguns dias, e tomassem com elles parte neste extranho folgado.

“ Duzentos e cincoenta marinheiros ou interpetres acceitaram o convite e se misturaram com os brasileiros. Levaram mesmo a exactidão da cor local a tal ponto que adoptaram o vestuario primitivo dos *Tabajares*, e assim vestidos da sua boa vontade, se apresentaram diante de Catharina de Medicis e das suas jovens damas de honor. Mas tal era a ingenua curiosidade, que preocupava os espiritos dos espectadores que esta particularidade passou quasi desapercibida.

“ Não sómente os magistrados de Rouen que haviam organizado a festa, *gente douta e personagens elevados*, não viram nisto mal algum, como tambem a Côrte toda inteira *mostrou semblante alegre e risonho*

A rainha Catharina manifestou mesmo repetidas vezes todo o seu contentamento e no dia seguinte, quando se repetiu a festa a mesma rainha, *passeando cercada de toda a pompa e magnificencia pelo campo do festejo, não deixou de parar a fim de apreciar as bonitas escaramuças dos selvagens.*”

E', realmente notavel tão grande engenuidade, e muito para admirar. Continuemos a descripção da *festa brasileira*. Agora é o proprio auctor da *Deducção da Sump-tuosa Entrada* quem nos fornece os detalhes della.

Escreveu elle:

“ Ao longo do caminho, que vai da porta da cidade até á margem do Sena, existe uma campina com duzentos passos de comprida e trinta a trinta e cinco de larga, a qual, na sua maior parte, está plantada de salgueiros, e o espaço limpo foi artificialmente cheios com outras arvores e arbustos. Os troncos dellas estavam pintados e os cimos guarnecidos com folhagem, flores e fructos artificiaes imitando diversas especies do Brazil.

“ Em cada extremidade da campina se construíram cabanas com troncos de arvores sem o menor apparelho, e cobertas de palha, fortificadas ao redor com uma pallissada, conforme as habitações brasileiras. Por entre os galhos das arvores voavam e cantavam grande numero de passaros de cores diversas e muitos papagaios; e trepavam e bramiam macacos e saguins em quantidade, que os navios dos burguezes de Rouen, haviam trazido do Brazil.

“ Por toda a campina se moviam aqui e ali, cerca de tresentos homens inteiramente despídos e com o corpo pintado por modo repugnante e armados de arcos e flechas, á maneira dos selvagens d'America, d'onde se traz o páo-brazil, dos quaes havia uns cincoenta verdadeiros entre elles recentemente chegados. os

(74) Combate com a propria sombra; allusão a um exercicio antigo, que consistia em agitar os braços e as pernas, como uma pessoa que se batia com uma sombra.

1550 Out: Nov:

quaes se differencavam dos simulados, porpue tinham as orelhas e os beiços furados, e nos buracos mettidos pedaços de pedras do tamanho de um dêdo, redondas e polidas de cores brancas e verdes.

“ Os outros, tendo frequentado o paiz, fallavam muito bem a lingua delles, e se exprimiam com gestos e admanes a maneira dos verdadeiros selvagens e tão perfeitamente pue pareciam seus compatriotas.

“ Uns se occupavam em frechar os passaros com tal habilidade que venceriam os sagitarios Merionez o grego, e Pandarus o troianno. Outros corriam atraz dos macacos ligeiros como os Troglodytas após a caça brava.

“ Alguns se embalançavam nas redes artisticamente feitas de fio de algodão, cujas pontas estavam amarradas em dous troncos de arvores, ou se repousavam a sombra do arvoredado sobre a relva amassada.

“ Um certo numero cortavam madeiras que outros conduziam ás costas, para uma especie de fortim construido, para receber-a na margem do rio, como os marinheiros levantam no Brazil, quando ali vão traficar com os selvagens e conduzem, para isto, machados, foices, pás e quinquilharias diversas.

“ Terminada a permuta era a madeira conduzida em botes para bordo de um grande navio de duas gaveas, fundeado perto do lugar todo empavesado, e com a sua artilharia em ordem.

“ Nesse entretanto appareceu um numeroso grupo de selvagens chamados Tabajares, que se puzeram de cócaras em torno do seu Rei *Morbicha*, e com grande attenção e silencio, ouviram uma arenga feita por aquelle na sua lingua e acompanhada de contenuada agitação de braços e gestos vehementes. Em seguida, sem fazerem a menor observação, partiram como em obediencia passiva, e foram atacar um outro numeroso grupo de selvagens denominados Tupinambás, travando-se um combate encarniçado com frechas e outras armas de que usam, acabando pelos Tupinambás por em derrota e fuga aos Ta-

bajares, e não contentes com o feito, correram a lançar fogo na fortaleza dos seus adversarios vencidos, e tudo se fez tão ao vivo que pareceu ser uma realidade. etc, etc. ”

Esta *festa brasileira* causou grande ruido em toda França e desde então, em todas as entradas dos soberanos francezes em alguma cidade, appareciam nas ceremonias de recepção, selvagens, que folgavam a seu modo na presença da côrte.

Novembro 24 — Carta de Duarte Coelho, donatario de Pernambuco, escripta da Villa de Olinda ao Rei D. João III, agradecendo-lhe não haver alterado em cousa alguma, por occasião de crear um governo geral no Brazil, as estipulações contidas na doação com que lhe déra aquella capitania, e ordenado que o Governador do Brazil nenhuma jurisdição tivesse sobre ella, aonde não iria e nem tambem nenhuma outra qualquer authoridade.

Foi o unico dos donatarios, que tal isenção teve, o que prova exuberantemente o bom conceito de que gozava na côrte, e a bôa direcção que imprimia na administração da sua donataria, que foi incontestavelmente a que mais prosperou.

Na mesma carta trata elle de diversos assumptos relativos a ella, expondo com rustica franqueza ao soberano tudo o que julgava conveniente para o engrandecimento da terra.

A integra desta carta vem inserida no *Brazil Historico* do Dr. Mello Moraes, Vol. 1 Pag 189 e seguinte .

Neste anno o jesuita Leonardo Nunes cemeçou a pregar e Evangelho aos indigenas *mimianos* , que habitavam a *Ilha de Santa Catharina* , chamada por elles *Jurémirim* segundo diz o Visconde de São Leopoldo e *Juramerim* segundo diz o Padre Simão de Vasconcellos.

1550—1551 Jan:

No correr deste anno embarcou-se e deixou pela segunda vez a Capitania do Espirito Santo, o seu donatario Vasco Fernandes Coutinho, sem declarar o seu destino ou intento, o que deu lugar a divulgar-se o boato de que fugira para França. Sabe-se, porém, que andou por alguns portos das capitancias do norte com o fim de angariar a todo transe colonos para a sua, e que na *Villa de Santa Cruz de Porto Seguro* deu abrigo em seu navio a uns criminosos evadidos da cadeia dos *Ilhéos*, acobertado com o direito de homizio, que tinha.

Tambem no correr deste anno chegou na Bahia, procedente de Lisboa, a primeira armada de soccorro, que era commandada por Sebastião da Gama de Andrade, trazendo viveres e materiaes para a nascente colonia, enviados pelo governo da metropole.

Por espaço de oito annos continuaram annualmente e com toda a regularidade estas remessas, porque ainda não havendo ali commerciantes, que mandassem vir de sua conta mercadorias para vender ao povo, o Rei D. João III determinou que fossem ellas remettidas por conta da real fazenda, para se venderem pelo mesmo preço por que se vendiam no reino, e se repartissem como pagamento pelos que recebiam ordedado ou soldo.

Entre outros passageiros trouxe esta armada quatro jesuitas, e foram elles os Padres Affonso Braz, Salvador Rodrigues, Manoel de Paiva e Francisco Pires.

Ainda nos primeiros mezes deste anno naufragou no porto da *Ilha de Santa Catharina* a não capitanea da expedição de Senabria, que ali tinha arribado em fins do anno anterior, 1549. Veja-se a data de 25 de Novembro desse anno.

Tinha ella, assim como a outra embarcação que a seguia, se abastecido de vi-

veres para seis mezes, mas quando iam continuar a viagem, naufragou ali mesmo capitanea, morrendo Senabria affogado.

Na esperança de verem chegar algum navio, em que embarcassem, pois não cabiam em uma só embarcação, permaneceram ali dous annos, até que desesperados e famintos, por quanto os indigenas, que os abasteciam, desapareceram, quando os viram sem mais canivetes e anzoes para lhes dar, tomaram a deliberação de partir a maior parte por terra para Assumpção, devendo seguir o resto no navio que lhes ficara.

Isto foi pelos fins do anno de 1552. Veje-se essa data.

1551

Janeiro 4—Bulla *Præclara charissimi in Christo* do Papa Julio III e nomeando a D. João III a seus successores na corôa de Portugal, Grão-Mestre Perpetuos das tres ordens de Christo, Aviz e São Thiago.

“ A Ordem dos Cavalleiros de Nosso Senhor Jesus Christo, diz o General Abreu e Lima, foi creada em tempo de El-Rei D. Diniz por Bulla datada em Avinhão aos 14 de Maio de 1319, com o fim de substituir a extincta ordem dos Templarios, e por consequencia com as mesmas condições, ficando com os bens, que a esta pertenciam em Portugal para seu patrimonio. Os Cavalleiros de Christo, obrigados a servir na guerra contra os Sarracenos, obraram prodigios de valor, e suas façanhas produziram rivalidades e ciumes entre elles e os Cavalleiros de S. Thiago e de Aviz, cujas intrigas e desavenças eram sustentadas pelos Prelados, Mestres e Balleios destas tres Ordens.

“ Informado o SS. Padre Adriano IV, e depois Julio III, de todas estas rixas e desavenças, e convencidos de que só tinham por origem não estarem aquellas tres Ordens debaixo de um só Prelado, conferiram a El-Rei D. João III o Grão-Mestrado vitalicio das ditas tres Ordens. Como porém, depois da criação do Grão-Mestrado vitalicio na pessoa de El-Rei D.

1551 Fev: Mar: Abr:

João III, se desvanecessem as intrigas e ciúmes, nomeou o mesmo Julio III, pela citada Bulla de 4 de Janeiro, aos Senhores Reis de Portugal Grão-Mestres Perpetuos das ditas tres Ordens, unindo-as perpetua e plenissimamente á Corôa de Portugal, ainda cahindo a Realeza em Senhoras ou Menores.

“ Era em virtude d’este Grão-Mestrado, que os Senhores Reis de Portugal exerciam no Brazil o direito do Padroado em nome da Ordem de Christo, porém este Padroado, quer exercido como direito puramente magestatico, que dependente da Ordem de Christo, sempre foi no Brazil considerado como direito inherente á Corôa. ”

Esta bulla em latim e tambem traduzida em portuguez, vem inserida em sua integra na obra *Dir: Civ: Eccle: Braz:* pelo Senador Candido Mendes de Almeida, Vol. 1 Part. 2.^a Pag. 407 e seguintes.

Fevereiro 25—Bulla *Super specula militantis Ecclesiae* do Papa Julio III, creando, a instancias do Rei D. João III, o *Bispado do Salvador*, primeiro que teve o Brazil, e ao mesmo tempo contendo o provimento e confirmação do seu primeiro prelado, o Padre Pedro Fernandes Sardinha, bacharelado em Pariz e nesse tempo clérigo em Evora, o qual tinha sido apresentado para o cargo, quando se pediu a criação do mesmo bispado. Veja-se a data de 31 de Julho do anno anterior, 1550.

Esta diocese abrangia toda a terra descoberta e a que em diante se descobrisse, desde o norte até ao sul do Brazil, ficando para este effeito, desannexada da mitra do Funchal, sendo a nova diocese declarada suffraganea do arcebispado de Lisboa.

Alguns escriptores, e nós os seguimos na primeira edição deste trabalho, deram erradamente a esta bulla a data de 1 de Março de 1555, fazendo por consequencia a criação do bispado tres annos depois de já estar elle sendo administrado pelo seu respectivo diocesano.

Foi este engano porém, destruido pelo illustre Visconde de Porto-Seguro, que examinou o original da bulla, depositado na Torre do Tombo em Lisboa, armario 12, masso 31 e numero 1, e verificou ser ella desta data.

O Senador Candido Mendes diz erradamente que esta bulla fôra expedida a 28 de Fevereiro do anno anterior, 1550, isto é cinco mezes antes de ser pedida a criação do bispado, o que não é possível.

Março 23—Partem da Capitania de Porto-Seguro para a do Espirito-Santo, o padre jesuita Affonso Braz e um Irmão de nome José de Paiva, que era carpinteiro, indo o primeiro por ordem do seu superior o Padre Manoel da Nobrega, trabalhar ali na cathequese dos indigenas. São recebidos com grande alvoroço pelos moradores da nascente povoação, que tinham grande necessidade de sacerdote, pois só quando tocava ali alguma embarcação, que conduzia do norte ou do sul algum padre, é que auferiam os sacramentos da igreja.

Abril 2—Alvará Regia de D. João III, passado em Almeirim confirmando o estabelecimento da Santa Casa de Misericordia da Villa de Santos, na Capitania de S. Vicente e concedendo-lhe os privilegios de que gozavam as casas de misericordia do reino.

Fôra ella fundada por Braz Cubas, no anno de 1543 segundo affirmam o Visconde de Porto-Seguro, Azevedo Marques e lê-se na copia do epitaphio da sua sepultura publicado pelo ultimo destes escriptores; mas essa data não é verdadeira, por quanto no mesmo epitaphio se lê tambem que a fizera quando fôra capitão, isto é Loco-tenente do donatario e Governador da capitania, cargo que assumio pela primeira vez em 8 de Junho de 1545 e conservou por cerca de quatro annos, até 1549, e só dentro desse espaço a poderia ter fundado; e assim acreditamos que foi, e no anno de 1548 como se lê em uma

1551 Abr:

outra copia do mesmo epitaphio inserta na obra de Soares Mariz, (75) donde concluímos que na copia do epitaphio publicado por Azevedo Marques, houve troca do algarismo oito para tres, cousa facilissima de dar-se.

Sobre a origem da instituição eis o que se diz.

“ Os marinheiros que chegavam ali adoeciam depois de chegarem, e padeciam muitas necessidades por falta de casa destinada para se curarem os pobres.

“ Desejoso de soccorrer estes miseraveis entrou Braz Cubas no projecto de fundar um hospital e irmandade de Misericordia, que o administrasse, communicou seus intentos aos moradores principaes do *Porto* (era assim que então se chamava o lugar) e approvando todos elles uma obra tão pia, erigiram a primeira confraria de Misericordia, que teve o Brazil; a qual foi confirmada pelo alvará desta data. ”

“ Segundo Frei Gaspar da Madre de Deus o mesmo Braz Cubas com esmolos e adjutorios dos confrades edificou uma igreja com o titulo de *Nossa Senhora da Misericordia* e junto a ella um hospital com o appellido—*Santos*— a imitação de outro que em Lisboa tinha o mesmo nome.

“ Esse titulo, que sómente era proprio do hospital, depressa se communicou á povoação, e d’ahi em diante entraram a chamar-lhe *Porto de Santos*.

“ Assim o nomeam todos os documentos antigos, e não padecia a menor duvida, que nelle houvesse hospital antigamente, junto á igreja que hoje é matriz. ”

Entretanto contra essa construcção por meio de *esmolos e adjutorios dos confrades* protesta a Provisão do D. Jeronymo de Athayde, Conde de Anthetaia, e Governador Geral do Brazil, datada de 3 de Outubro de 1654. Veja-se essa data.

29—Carta de Pero de Góes, Capitão-mór da Costa do Brazil, dirigida ao Rei

D. João III dando-lhe conta da viagem redonda que fizera da Capitania da Bahia a de S. Vicente aonde fôra levar o Ouvidor Geral Pedro Borges e o Provedor-mór Antonio Cardoso, por ordem do Governador do Brazil, Thomé de Souza, tendo tocado em todas as capitánias intermediarias, como lhe havia sido ordenado.

Contem ella o seguinte episodio de um curioso combate, que sustentou com uma não franceza :

.....

“ Depois de ter escripto a Vossa Alteza de S. Vicente, como tenho dito, e tendo o Ouvidor Geral e Provedor-mór acabado seus cargos, parti com elles logo em Agosto, que ia já mais de meio, e por haver tantas novas de Francezes, que não ousava nenhum navio sahir fora, detminei-me ir buscal-os com duas caravelas e um bergantim, que de lá vieram para eu cá andar, que a irem bem apparelhados e como ellas o repueriam, não ia tão mal, que com a muita razão que levava me não atrevera, e Deus ajudara a fazer alguma cousa do seu serviço, mas da maneira que então ia, parecia mais desatino que outra cousa, pois em toda armada, não havia mais que tres bombardeiros em cada caravela, e dous no bergantim, e estes aprendizes, que não sabiam nada e nunca entraram no mar, e marinheiros tão poucos, que escassamente havia quem podesse marear as velas e não tendo mais gente de armas que os creados dos officiaes de Vossa Alteza, que commigo iam e meus, e no bergantim só dez a doze pessoas por todos, sem haver quem podesse remar, e destas muitas doentes, e inda que o Governador na Bahia m’a quizer dar, não a tinha, porque elle ficava só entre degradados, sem ter ninguém consigo senão os da sua casa, e com esta pouca gente que levava, ia tão empachado do facto delles, que me não podia resolver nem ir á mão por serem taes pessoas, e que tão encommendadas me foram pelo Governador, mas a affronta de me achar com nome de armada de Vossa Alteza, e em terras suas onde se não ousava

(75) *Instituições Canonico-Patrias* Pag : 53 Nota 15.

1551 Abr: Jul:

sahir com Francezes, me fez ir assim buscal-os, para dar aos moradores da terra algum animo, e o gentio da terra nos não ter em pouco.

“ Assim fui ao Rio de Janeiro, que é onde mais carregam, entrei de noite para tomar algum navio, de subito amanheceu-me dentro do rio, sem haver nenhuma náu, corri-o todo, soube dos Indios como na Bahia de Cabo Frio estava uma náu grande carregada, determinei-me logo ir buscal-a, sahi no mesmo dia fóra em busca da náu, que poderia haver onde estava vinte leguas, não sei porque, mas logo na primeira noite, se perdeu de mim a melhor caravela que levava, e de melhor gente, que era onde ia Christovão Cabral um cspitão que della mandou, e por ir nella Antonio Cardoso, Provedor-mór com todos os seus officiaes, que eram criados de Vossa Alteza e gente limpa, a melhor que n'armada ia, o senti muito e em tal tempo, ora fosse por má vigia ora por mar ter em si estes acontecimentos, trabalhei o possivel para os achar não pude e nem vieram a mim e assim só com uma caravela e um bergantim me fui em busca da náu, por me parecer que a poderia lá achar, corri toda a Bahia Formosa que é a do Cabo Frio, e assim a do Salvador, sem ver nada, mas já no cabo della houve vista de um galeão francez mui passante de duzentos toneis, o qual estava surto entre uma ilhota e a terra firme somma de muitos baixos em roda delle, para estar longe bem tres leguas de mim e a barlavento, tive muito trabalho em chegar a elle, e levei um dia todo e uma noite em chegar a elle e o outro dia todo desde pela manhã até quasi noite, andei nos bordos pelejando com o galeão por não poder de outra maneira e me ser o vento por metade da proa, trabalhando sempre por me pôr entre elle e a terra sem nunca o poder fazer pelos muitos baixos, que de redor de si tinha, onde em um delles me havia de perder, sem em todo este tempo ter nenhuma ajuda do bergantim nem poder aviar a prôa a náu para lhe dar um tiro, nem fazer nenhum bordo, por ser a peior cousa de bolina

que até agora sahio desse reino, e não ter nenhum só homem para o remar, nem o tempo ser para isso por ser muito forte, mas antes me estorvava, porque descahia tanto que me era forçado a arribar, a elle e dar-lhe cabo por minha popa, de maneira que com isto e com o vento ser tanto contra nós, não podemos fazer nada nem chegar a este galeão e descahimos tanto que a máo grado meu nos fez o vento arribar e pelejou por elles

“ Contar a Vossa Alteza o que neste tempo que pelejei passei, é vergonha dizel-o, é muito maior affronta a quem não vio e passou, porque em todo um dia, em mais de quinze bordos que fiz, andando á falla com os francezes, nunca houve um homem, que em mais de cinquenta tiros, podesse metter um pelouro dentro, sendo o galeão uma torre, nem sómente apontar um tiro e diziam e juravam, que a força os fizeram vir ao Brazil, e que nunca em sua vida andaram no mar, nem foram bombardeiros, como outras tantas cousas, que é vergonha dizel-as.

“ Contando isto a Thomé de Souza me disse que ainda agora de novo lhe mandaram de lá dizer, que se quizesse bombardeiros que os fizesse aqui na terra, que de lá não contasse com elles: digo, Senhor, que se isto assim ha de ser que bem seguros podem os Francezes vir a esta terra como vem, porque navios tão pequenos, como estes, que não são nem podem abalroar os grandes, já que a sua guerra ha de ser longe, e por manha, hão mister bombardeiros tão bons em seus officios, que não errem ao que atirarem, para que, com o lhe derrubar os mastros ou os desapparellhar, os vá desbaratando e tomem, e de outra maneira, sem andar navio grande, com estes pequenos, é escusado armada, etc., etc.”

Julho 18—Carta de Thomé de Souza, primeiro Governador do Brazil, escripta da Cidade do Salvador, Capitania da Bahia, ao Rei D. João III, dando-lhe conta de alguns acontecimentos occorridos na colonia, sendo os principaes constantes

1551 Jul:

dos seguintes topicos da mencionada carta que copiamos *ipsis verbis* fazendo apenas ligeirissimas alterações para melhor comprehensão dos leitores:

“ Na derradeira que no anno passado escrevi a Vossa Alteza dizia que Pero de Góes, Capitão-mór do mar desta costa e o Provedor-mór e o Ouvidor Geral eram idos desta cidade a correrem as Capitánias daqui para S. Vicente, que são d'aqui tresentas e cincoenta leguas, pouco mais ou menos, são tornados aqui a salvamento cada um fazendo seu officio como melhor podia, conformando-se em tudo com os regimentos que lhes dei, e eu com os que me Vossa Alteza deu. Pero de Góes a ida daqui para S. Vicente não topou não alguma de corsarios e depois de pôr o Provedor-mór e o Ouvidor Geral em S. Vicente, para usarem de seus officios, se apercebeu o melhor que pode, e de mais gente da terra e tornou outra vez a correr a costa até o Rio de Janeiro, que é agora a maior escala dos corsarios e não achou corsario algum, e topou entre os indios dous francezes, um grande lingua e outro ferreiro, que estavam fazendo brazil para quando tornasse a não que ali os deixara, e elle os houve á mão por suas industrias, que as sabe e melhor que ninguem nesta terra e me os trouxe. Não os mandei enforcar porque tinha muita necessidade de gente que me não custass dinheiro; o ferreiro o tenho na ferraria de Vossa Alteza com uma braga, o qual é o mais habil homem, que tenho visto, porque faz béstas, espingardas e todas as armas; o outro que é lingua, o trago em um bergantim aferroilhado, e d'aqui por diante se fará o que Vossa Alteza mandar, tornou-se Pero de Góes a S. Vicente a tomar os officiaes para os tornar a esta cidade, e tornando da vinda outra vez a entrar no Rio de Janeiro, topou ali nova que no Cabo Frio, que são d'ahi dezoito leguas, estava uma não de corsarios francezes; trazia o capitão-mór duas caravellas e um bergantim partio-se para ir pelear com ella, mas acertou uma das caravellas de que era capitão Christovão Cabral de se apartar

nestas dezoito leguas do seu capitão. Foi Pero de Góes sómente a demandar a não franceza e pelear com ella dous dias e meio, que estava ella apercebida de gente e de artilharia, e com o máo tempo que nestes dous dias houve a não, pode tomar fazendo o Capitão-mór em tudo isto o que pode e devia, etc., etc. (Veja-se a data de 29 de Abril).

.....
 “ Este anno passado veio a esta cidade a caravela Galga de Vossa Alteza com gado vacuum que é a maior nobreza e fartura que pode haver nestas partes, e eu a mandei tornar a Cabo Verde, etc., etc...

.....
 “ O galeão *S. João* se desfez em Pernambuco como Vossa Alteza já sabe, e segundo a informação que tenho não podera ser desfeito em parte que mais se aproveitara pela terra estar em muita necessidade de ferro das munições delle.

“ Eu até agora não mandei lá porque esta costa corre-se com monções as quaes vem do seis em seis mezes: agora mandarei lá a prover sobre as rendas da terra e tambem, sobre a fazenda do galeão, mas, não pode lá ir o Provedor-mór, porque está muito differente com Duarte Coelho e com seu cunhado Jeronymo de Albuquerque, nem eu pelo que me Vossa Alteza tem escripto, que não vá lá até ver (receber) outro recado seu. Torno a dizer a Vossa Alteza, que os Capitães destas partes (Donatarios) merecem muita honra e mereê de Vossa Alteza, e mais que todos Duarte Coelho sobre quem largamente tenho escrito a Vossa Alteza, mas não deixar ir vossas justias as suas terras parece-me grande deserviço de Deus e de vossa consciencia identificadamente de vossas rendas.

.....
 “ No mez de Janeiro de cincoenta e dous, que breve chegará se acabam os tres annos praso pelo qual Vossa Alteza me mandou a estas partes, Por amor de Deus que me mande ir, que eu não sei outras palavras por onde o peça, porque ainda que servisse a Vossa Alteza toda a

1551 Jul:

vida, que hei de viver no outro mundo em lhe acarretar terra ás costas neste, ou lhe acrescentar muitas cidades e terras no seu Real Estado, não me fartaria cousa alguma destas nem de outras para o muito que devo a Vossa Alteza, e por amor de Deus, que me mande ir para uma mulher velha que tenho e uma filha moça.

.....
Nosso Senhor acrecente a vida e Real Estado de Vossa Alteza a seu santo serviço: desta sua cidade do Salvador nas partes do Brazil a desoito de Julho de quinhentos e cincoenta e um annos.—
Thomé.

A integra desta carta está inserida no *Brazil Historico* do Dr. Mello Moraes, Vol. 1.º Pag. 219 e 323 da Seg: Serie.

Idem—Em carta desta data, segundo diz o Visconde de Poeto Seguro, deu Pero de Goes, Capitão-mór da Costa do Brazil, conta ao Rei D. João III de como tendo sido encarregado pelo Governador Geral, Thomé de Souza, de castigar uma cabilda de indios da Bahia, que haviam morto e comido a quatro colonos daquella capitania, conseguira, prender a dous dos principaes criminosos, e os mandou fusilar na bocca de um canhão, para exemplo e amedrontação dos outros.

O Padre Antonio Pires, da Companhia de Jesus, em carta escripta á 2 de Agosto deste mesmo anno, 1551, narra este acontecimento a seus irmãos em Portugal pela forma seguinte.

“ Junto desta Bahia 6 ou 7 legoas, em uma ilha, está uma geração que já teve guerra com estes da Bahia, e agora estavam em paz. Acertou a segunda oitava de Paschoa de ir lá um barco com quatro homens brancos a resgatar sem licença do governador, e não iam ainda confessados e sahindo em terra determinaram os negros de os matar em vingança de uns irmãos seus, que os christãos haviam saltado e morto, havia já tempo. Conhecendo os christãos sua determinação, e querendo fugir, antes que chegassem barco os mataram e comeram. Alguns

dos nossos se juntaram, e foram contra elles, e prenderam dous velhos principaes e uma mulher e os entregaram ao governador, promettendo-lhe que prenderiam mais si pudessem. Os quaes dous velhos eram tios dos que mataram os christãos. Aos quaes fallou o padre Nobrega com um interprete, que já que haviam de morrer, que morressem christãos, e persuadia-os com razões, e levou-lhes alli dous novamente convertidos para os tirar do seu engano, e convencel-os. Quiz o Senhor que com grande vontade quizeram e foram baptizados e sempre com o nome de Jesus na bocca, olhando para os céos acabaram as vidas á bocca de uma bombardarda: os quaes eu bem creio que são salvos, tanto quanto temo que os christãos, que os seus mataram, sejam condemnados por suas obras e vida damnada si em seu fim Christo Nosso Senhor não os soccorreu.”

Tratando deste facto e apreciando este horroroso castigo, disse o Visconde de Porto Seguro, que elle fôra infligido “ como primeiro ensaio do systema de terror, que os proprios Pádres da Companhia, começando por Nobrega, julgaram de bôa fé que era o mais conveniente para a sujeição dos adultos, etc, etc.”

Pode ser que assim fosse, mas não foi este o primeiro ensaio, como acreditou o illustre historiador, e sim o segundo e mais augmentado, por quanto o mesmo Padre Nobrega em carta escripta da Bahia, a 10 de Agosto do anno antecedente, 1550, ao Dr. Navarro seu mestre em Coimbra diz-lhe o seguinte, depois de noticiar a morte de um portuguez recenhegado como elle pelos indigenas.

“ Mas quiz o Senhor, que do mal sabe tirar o bem, que os mesmos indios trouxessem o homicida e apresentaram-no ao governador: o qual logo o mandou collocar a bocca de uma bombardarda e foi assim feito em pedaços; isto poz grande medo aos outros indios, que estavam presentes.”

Annos depois, em 1563 escreveu o Padre José de Anchieta, o seguinte com relação, ao systema: “ para este genero de

1551 Agos:

gente não ha melhor pregação do que espada e vara de ferro, n'aqual mais do que em nenhuma outra é necessario que se cumpra o *compelle eos entrare*.

Agosto 2—Carta do Padre Antonio Pires da Companhia de Jesus, escripta nesta data da *Villa de Olinda, Capitania de Pernambuco*, aos Padres Irmãos em Lisbôa n'aqual diz que lhes vai dar conta: “desta Capitania de Pernambuco aonde haverá poucos dias que o Padre Nobrega e eu somos chegados” e mais adiante acrescenta:

“O Padre Nobrega e eu partimos haverá quinze ou vinte dias para esta Capitania de Pernambucs, onde ha seis ou sete dias que estamos chegados.”

Ve-se, pelo que ali fica inserido que os jesuitas entraram pela primeira vez em Pernambuco no dia 27 ou 28 de Julho deste anno de 1551.

11 Segundo diz o erudito abbade Barbosa Machado é desta data uma carta escripta da *Villa de Olinda, Capitania de Pernambuco* pelo jesuita Padre Manoel da Nobrega aos Padres Irmãos do Collegio de Lisbôa n'aqual se lêem os seguintes trechos.

“Em esta Capitania de Pernambuco, onde agora estou, tenho esperança que se fará muito proveito, porque, como é povoada de muita gente, ha grandes males e peccados nella. Andão muitos filhos dos Christãos pelo sertão perdidos entre os gentios, e sendo Christãos vivem em seus bestiaes costumes. Espero em Nosso Senhor de os tornar a todos á virtude christã, e tiral-os da vida e costumes gentilicos, e o primeiro que tenho tirado é esse que lá mando, para que, se acharem seu pae, lh'o dêem, Os gentios aqui vêm de muito longe a ver-nos pela fama, e todos mostram grandes desejos. E' muito para folgar de os ver na doutrina, e, não contentes com a geral, sempre nos estão pedindo em casa que os ensinemos, e muitos delles com lagrimas nos olhos.

.....

“Os clerigos desta terra tem mais officios de demonios que de clerigos: porque, além de seu máo exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras (76) pois que são suas escravas e que podem ter os salteados (77) porque são cães, e outros cousas semelhantes, por escusar seus peccados, e abominações, de maneira que nenhum demonio, termos agora que nos persiga, sinão estes.

“Querem-nos mal, porque lhes somos contrarios a seus máus costumes e não podem soffrer que digamos as missas de graça em detrimento de seus interesses. Cuido que, si não fôra pelo favor que temos do Governador e principaes da terra, e assim porque Deus não o quer permittir, que nos tiveram já tirada as vidas.”

Os da Bahia não eram com certeza melhores, porque o mesmo Padre Nobrega na primeira carta que escreveu para Lisbôa ao Padre Simião Rodrigues, logo que ali chegou, dando noticia da viagem e da terra diz “dos sacerdotes ouço dizer cousas feias” e n'um addendo á mesma carta acrescenta: “Cá ha clerigos mas é a escoria que de lá vem *omnes quæcunt quæ sua sunt*.”

Pouco depois pedia ao rei que mandasse um bispo para por termo aos escandalos que elles praticavam.

Veio o bispo em 1551, dous annos depois de formada a capital da colonia, e trouxe comsigo o pessoal para a formação do cabido.

Desta gente dizia o mesmo Padre Nobrega em carta escripta ao ex-governador Thomé de Souza a 5 de Junho de 1559.

“O Bispo, posto que era mui zelador da salvação dos Christãos, fez pouco por que era só, e trouxe comsigo uns clerigos por companheiros que acabaram com seu exemplo e mal usarem e dispensarem os

(76) Chamavam assim as indias.

(77) Denominação que davam aos indios agarrados em cilade e captivados.

1551 Set:—1552 Mar: Maio

Sacramentos da igreja de dar com tudo em perdição.

.....
 “ Mas como elles vieram introduziram na terra estarem clérigos e dignidades amacebados com suas escravas, que para esse effeito escolhiam as melhores e de mais preço, que achavam, com achaque que haviam de ter quem os servissem, e logo começaram a fazer filhos, e fazer-se criação porque convinha muito ao Brazil haver cá este treslado de dignidades e conegos como os ha em outras igrejas da christandade.

Setembro 8—Os gentios da Capitania do Espirito Santo atacão a nascente villa, que o donatario Vasco Fernandes Continho, fundara no começo deste anno, na ilha que em principio se chamou de *Santo Antonio* e depois de *Duarte de Lemos*. Foi renhida a peleja, mas afinal foram os selvagens vencidos e expulsos. Em virtude desta feito de armas deu-se o titulo de *Villa da Victoria* á nascente povoação, que é hoje a cidade do mesmo nome, capital do actual Estado do Espirito Santo.

A primeira povoação que Vasco Fernandes Continho, fundara ao chegar, foi a chamada *Villa do Espirito Santo*, como já vimos, e era no continente, mas vendo-se ali incommodado pelas continuas carreiras e ataques dos gentios, deliberou passar-se para a ilha, que havia doado a Duarte de Lemos, que a tinha abandonado, retirando-se para a Bahia em virtude de desavenças entre elles occorridas.

Com a transferencia de Coutinho transferiram-se igualmente os principaes moradores, e os jesuitas Padre Affonso Braz, que para lá tinha ido acompanhado do irmão José de Paiva, afim de catequizar os indios, deliberaram logo lançar os fundamentos de uma igreja e collegio, que veio a ser depois o edificio que ali serve hoje de Palacio do Governo e Capella Nacional, juntando-lhe um pequeno seminario para meninos.

Desde então a primeira povoação ficou

sendo chamada *Villa Velha*, nome que ainda hoje conserva, apesar de uma lei da extincta Assembléa Provincial lhe ter restabelecido o primitivo.

—
 Por provisão regia de D. João III, datada do mez de Junho deste anno foi Braz Cubas nomeado Provedór da Fazenda Real na Capitania de S. Vicente.

—
 Neste anno chegou a Bahia, vinda de Lisbôa, uma frota commandada por Antonio de Oliveira trazendo soccorros de toda a especie. Era a segunda que o Rei mandava, e nella vieram algumas moças do Recolhimento das Orphãs, muito recommendadas pela rainha D. Catharina ao Governador, para que as fizesse casar com as principaes pessoas do Estado; conferindo-lhes em dote officios de justica e da Real Fazenda para nobreza e augmento do mesmo Estado.

1552

Marco 24—Parte de Lisbôa com destino á Bahia, o primeiro bispo que teve o Brazil, D. Pedro Fernandes Sardinha. *Bispo do Salvador*, era o seu titulo, e assim continuou a ser o dos seus successores, até a diocese ser elevada á categoria de arcebispado. Vinha acompanhado dos sacerdotes que formaram o cabido da primeira cathedral brazileira.

Antes da criação do bispado pertencia a Bahia, quanto ao espirital, ao Bispado de Funchal e depois dessa criação ficou sendo suffraganea do Arcebispado de Lisbôa,

Maio 19—Carta de sesmaria passada pelo Governador do Brazil Thomé de Souza, doando a Sebastião da Gama de Andrade, fidalgo da Casa Real, uma legoa de terras no Esteiro de Pirajá, Capitania, da Bahia, e mais a ilha dos Frades,

1552 Maio Jun: Nov:

Este Sebastião da Gama tendo vindo de Portugal na primeira armada de socorro em 1550, commandando o galeão *S. João Baptista*, segundo o Visconde de Porto Seguro, ou galeão *Velho*, segundo o Padre Simião de Vasconcellos e Frei Vicente do Salvador, agradou-se tanto da terra, que deixou-se aqui ficar abandonando a vida do mar, e tornando-se agricultor.

A seu respeito escreven o mencionado Frei Vicente do Salvador o seguinte:

“ Foi este fidalgo em esta cidade grande republico e d’ahi a muitos annos morreu nella de herpes, que lhe deram em uma perna, deixando uma capella perpetua de missa na igreja da Misericordia, aonde está sepultado com um epitaphiso que diz assim:

Pela summa charidade
de Christo crucificado,
está aqui sepultado
Simão da Gama de Andrade,
Para ser resuscitado.

Junho 22—Chega a cidade do Salvador na Bahia o Reverendo D. Pedro Fernandes Sardinha, bispo daquella diocese, que comprehendia então todo o Brazil e ilhas adjacentes, e apesar disto não passavam os limites de sua jurisdição além de 50 leguas pelo littoral e 20 para o interior.

Foi o primeiro na ordem chronologica e goverdou o bispado cinco annos menos vinte dias, acabando em 2 de Junho de 1556, quando se embarcou para Lisboa, e tendo naufragado, quatorze dias depois, o navio em que ia, foi, com os outros passageiros trucidado e comido pelos gentios. Veja-se a data de 16 de Junho de 1556,

Ao chegar fóra hospedar-se no collegio dos jesuitas e ali permaneceu até se lhe achar accommodação apropriada.

Viveu em desarmonia com o Governador D. Duarte da Costa, como se verá adiante pelas cartas que um e outro escreveram ao Rei D. João III accusando-se mutuamente, sendo difficil saber qual delles tinha razão. Os jesuitas o não

tinham em grande conta, como se evidencia de uma carta do Padre Manoel da Nobrega, na qual, posto que considere o bispo homem virtuoso e zeloso da reforma dos costumes, accusa-o de se “ dar pouco quanto ao gentio e a sua salvação, de quem não se considerava bispo, e elles lhes pareciam incapazes de toda a doutrina por sua bruteza e bestialidade, nem os tinha por ovelhas do seu curral, nem que Christo Nosso Senhor se dignaria de as ter por taes.”

Quanto a data da chegada deste prelado a Bahia, é esta, que damos, a verdadeira.

O Visconde de Porto Seguro disse que já no mez de Outubro do anno anterior, 1551, se achava elle na sua diocese, e o Senador Candido Mendes que elle partira de Lisboa a 4 de Dezembro do referido anno de 1551 e chegara á Bahia no dia 1 de Janero do anno seguinte, 1552.

Ambos se engaram, pois o Padre Manoel da Nobrega escrevendo da Bahia ao seu Padre Provincial em Portugal neste anno de 1552 diz: “ Vespera da vespera de S. João chegou o bispo a esta Bahia, com toda a não e gente de saude, posto que trouxeram prolixa viagem, etc., etc.”

O prelado partio de Lisboa a 24 de Março deste anno de 1552: a 27, tres dias depois, avistou a ilha da Madeira. Chegou á ilha de Santiago em Cabo Verde a 8 de Abril seguinte, e ali se demorou quatro dias, deixando aquella ilha a 11 do mesmo mez á noite, como tudo se vê de uma sua carta dirigida a D. João III escripta nesta ultima data.

Novembro 22—Carta Regia de Dom João III cefirmando na pessoa de Jeronymo de Alarcão de Figueiredo a doação da Capitania dos Ilhéos, que por cessão lhe havia feito um irmão a quem ella havia cabido por herança do primitivo donatario, fallecido no anno anterior, 1551.

No mez de Abril deste anno, segundo diz Capistrano de Abreu, o governador do

1552—1553 Fev: Abr:

Brazil, Thomé de Souza, deu a D. Antonio de Atahyde, Conde de Castanheira, em sesmaria a *Ilha de Itaparica*, e mais a ilha pequena, que está detraz della na bocca do rio *Jaguaribe*, da banda do Sudoeste, assim como a ribeira que se chama do rio Vermelho, que está da banda de Leste, e pela dita ribeira duas leguas de terra pelo sertão, e do dito rio para contra a cidade do Salvador o que estivesse por dar e não achasse dono. Deulhe tambem a terra da *Tatuapara*, desde o porto da *Anguria* até entestar com a cidade.

O Visconde de Porto Seguro diz que esta sesmaria fôra dada a D. Violante de Tavora; mas enganou-se, porquanto passou a mesma sesmaria por herança a mais de um herdeiro daquelle conde, o que não succederia se lhe não pertencesse.

A gente da expedição de Senabria, que desde o naufragio e morte delle em o anno de 1550 no porto da Ilha de Santa Catharina (veja-se essa data) ali se achava detida, esperando que apparecesse algum navio, para, com o que restava, seguir viagem ao Paraguay, toma a resolução de partir para ali parte por terra e parte por mar na embarcação que havia, visto que já não podia permanecer no lugar por falta de viveres.

Poz-se em marcha a partida de terra, e os que no caminho não morreram de fome chegaram ao lugar de seu destino: quando a outra quiz embarcar, reconheceu-se que o barco não podia levar a todos. Que feazer? S. Vicente ficava a setenta leguas, e se resolveu mandar buscar ali um navio maior que podesse subir o Rio da Prata, e assim se fez, sendo Hans Stade encarregado desta commissão, para o que partio acompanhado de ontros na embarcação que existia.

1553

Fevereiro 8—O Governador do Brazil, Thomé de Souza, que se achava na

Capitania de S. Vicente, aonde fora de visita, approva nesta data o Foral dado á Villa de Santos por Braz de Cubas, fundador della, em 8 de Junho de 1545. Veja-se essa data.

Abril 8—A povoação de Santo André, fundada por João Ramalho na capitania de S. Vicente, é elevada a categoria de villa pelo Capitão-mór Antonio de Oliveira, loco-tenente do donatario da mesma capitania, e Braz Cubas, Provedor da Fazenda Real, os quaes subiram a serra de Paranapiacaba e foram ali fazer levantar o necessario pelourinho.

Azevedo Marqnes diz que este facto teve lugar no dia 8 de de Setembro deste mesmo anno de 1553, mas a data presente que adoptamos é official e dada por Pedro Taques e por elle extrahida dos archivos da Camara de S. Paulo.

Esta villa, que já não existe e nem della restam vestigios, foi em principio habitada tão sómente dos filhos e indigenas, assim escravos como aggregados, pertencentes a João Ramalho, mas depois de ser facultada aos Portuguezes a subida da serra, a povoação cresceu de sorte tal, que achando-se naquella capitania o Governador Thomé de Souza no principio deste anno, mandou fazer della uma villa; com tanto, porem, que antes disto a fortificassem com uma trincheira, e quatro baluartes, onde se cavalgasse artilharia.

Deu João Ramalho cumprimento a estas condições, fazendo a sna custa a trincheira, baluartes, igreja e cadeia e mais obras publicas necessarias. Depois de tudo concluido levantou-se o pelourinho, no dia de hoje em nome do seu donatario, dando-se-lhe o titulo de *Villa de Santo André*. Della ficou sendo alcaide-mór o referido João Ramalho, que já exercia o cargo de guarda-mór do campo.

20—Carta Regia de D. João III, nomeando o Licenciado Jorge Fernandes physico da cidade do Salvador na Capitania da Bahia, com o ordenado annual de sessenta mil réis.

1553 Abr: Maio Jun: Jul:

Foi o primeiro que exerceu no Brazil semelhante cargo.

24--Carta regia de D. João III, nomeando um tal Mestre Pedro cirurgião da cidade do Salvador na Capitania da Bahia.

Foi tambem o primeiro que exerceu no Brazil semelhante cargo.

Diz o Visconde de Porto Seguro, que houve "mais outro *selorgião* na primitiva cidade, o Mestre Jorge de Valadares ao qual em 10 de Março da 1557 se mandou liquidar contas."

Maio 8—Parte de Lisboa a frota que conduz ao Brazil o seu segundo governador e uma nova turma de padres jesuitas: compunha-se de uma ná e tres caravelas trazendo 250 pessoas.

Junho 13—Chega á Villa de S. Vicente, na capitania do mesmo nome, vindo á pé de Assumpção no Paraguay, donde sahira á 26 de Dezembro do anno anterior 1552, o allemão Ulrico Schmidel, natural de Straubing, o qual escreveu uma narração de suas aventuras no Rio da Prata, incluindo esta notavel viagem sob o titulo de: *Historia verdadeira de uma viagem curiosa na America ou Novo Mundo, pelo Brazil e Rio da Prata, desde o anno de 1534 até 1554*, e que foi pela primeira vez publicada em Francfort sobre o Meno em 1567.

Schmidel acompanhara ao Rio da Prata D. Pedro de Mendoza, e assistira á fundação de Buenos-Ayres. Tomou parte muito activa nas expedições hespanholas desde a foz desse rio até o Paraguay. Penetrou e fez a guerra em muitos territorios, indo até a Bolivia, e a região dos Andes, e nessa vida de curiosas e interessantes aventuras despendeu quasi vinte annos completos.

Querendo voltar para Europa por São Vicente, emprehendeu por terra e por inhospitos sertões, uma viagem sobre modo arrojada com fraquissimos recursos e poucos companheiros, como escreveu.

Mas cumpre aqui dizer que não foi elle o primeiro que a fez; já outros muitos o tinham precedido:

"Esta communicação para o Paraguay, por via de S. Vicente, diz o Visconde de Porto Seguro, tinha-se feito tão frequente que no anno de 1552 a alfandega deste porto havia rendido cem cruzados mais, de cousas que ali traziam os Castelhanos a vender. Thomé de Souza tomou providencias para vedar esta communicação, e exclama dirigindo-se ao rei: *Parece por constellação não se poderem os Portuquezes em nenhuma parte despejar dos Castelhanos.*

Julho 13—D. Duarte da Costa, armeiro-mór do reino e nomeado Governador do Brazil por patente de 1 de Março deste mesmo anno, 1553, chega a cidade do Salvador na Capitania da Bahia procedente de Lisboa, e neste mesmo dia toma posse do cargo substituindo a Thomé de Souza, que tinha pedido para ser rendido visto haver terminado o seu tempo.

Foi o segunde na ordem chronologica, e governou pouco mais de quatro annos, acabando nos fins de 1557 quando foi substituido por Mendo de Sá Barreto por abreviação Men de Sá.

A sua administração foi notavel pela conquista do reconcavo, donde expelio os selvagens, e sobre tudo pelas suas contestações com o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha.

Fallando a este respeito escreveu o Visconde de Porto-Seguro:

"... o governo de D. Duarte da Costa pode citar-se para exemplo do mal que pode causar a um povo inteiro a desunião entre um chefe d'administração e o da diocese, e de quanto tal desunião é facil de fomentar-se, quando homens tão elevados, em vez de perdoarem reciprocamente com caridade alguma e leve falta ou indescipção, se tomam de ira e se deixam levar pelas mesquinhas intrigas de aduladores, ainda mais mesquinhos que ellas.

1553 Jul: Agos: Out:

“ E’ provavel que D. Duarte chegasse ao Brazil animado de muito bons desejos; mas do seu governo não o podemos nós deduzir. Trouxera comsigo um filho D. Alvaro da Costa, moço que havia servido em Africa: e que, pela sua idade ou pelo seu character, não reunia os dotes que devem suavisar a maneiras de todos os jovens, principalmente dos que se dedicam a vida publica, quando são mais vivos e talentosos. O bispo que segundo já sabemos, era de parecer, que se não devia ser na terra demasiado rigoroso, vio-se obrigado a admoestar ao dito moço, ou fazer n’uma pratica allusão a certo facto escandaloso pelo mesmo commettido. Protestou D. Alvaro tomar vingança; e valendo-se da predilecção natural da paternidade, e da cega prevenção do juiz e ao mesmo tempo pai, conseguiu alborotar a cidade; fazendo que o governador hostilisasse todos os que se mostravam partidarios do bispo, que era homem já de sessenta annos, e que só fizera advertencias ao governador ou ao seu filho, porque assim julgava cumprir com os deveres da caridade evangelica; não só em respeito a elles, como principalmente ao povo, que arbitrariamente tyranisavam. As desordens foram crescendo, graças a certos sugeitos, que sempre apparecem em taes occasiões, contando tudo quanto ouvem, e inventando até o que não ouvem. As consequencias das desordens eram aggravos continuados de D. Alvaro, e vexações injustas do governador, que fez com que o bispo fosse chamado á côrte. ”

Nas datas competentes inseriremos as cartas que um e outro dirigiram ao rei, accusando-se mutuamente.

Ignacio Accyoli diz que em 1556 a Camara dirigio uma representação contra este governador e tambem contra o ouvidor, pedindo ao rei em altos brados e em nome de todo o povo que *pelos Chagas de Christo* mandasse com brevidade Governador e Ouvidor retirando os que estavam pois que para penitencia dos peccados já bastava tanto tempo.

Com D. Duarte da Costa veio uma nova leva de jesuitas, entre os quaes o irmão José de Anchieta, que se tornou celebre como *Apostolo do Novo Mundo*.

Agosto 15—Morre no Collegio da Companhia de Jesus na cidade do Salvador, Capitania da Bahia, o Padre Salvador Rodrigues. Foi o primeiro jesuita que falleceu no Brazil.

Dizem as chronicas que o Provincial da sua ordem, o Padre Manoel da Nobrega, que havia partido com o Governador do Brazil, Thomé de Souza, a visitar as capitancias do sul, o deixara doente tomando conta da casa e lhe dissera que não morresse até que elle Nobrega voltasse.

“ Recebeu elle isto como mandato da obediencia (diz Anchieta) e estando depois á morte parecia-lhe que não podia morrer contra aquelle mandato; até que o Padre Luiz da Grã lhe tirou o escrupulo e lhe disse que bem podia, porque elle o desobrigava daquella obediencia, e com isto se determinou a morrer com muita alegria. ”

Santa credulidade!

Outubro 10—Morre Pero de Campos Tourinho, donatario e fundador da Capitania de Porto-Seguro.

Herdou a capitania seu filho Fernão de Campos Tourinho, que veio a ser o segundo donatario.

Em pouco tempo desbaratou tudo quanto seu pai grangeara e lhe deixara, vindo a morrer pobrimente, cerca de dous annos depois.

Herdou a capitania sua viuva D. Leonor de Campos Tourinho, a qual na impossibilidade de dirigi-la a vendeu em 1556 “ ao seu solarengo, o primeiro Duque de Aveiro, D. João de Alencastre com authorisação regia, e com a clausula de que por sua morte, passaria a doação a seu filho segundo, para quem assim constituia um morgado.

“ A venda se fez por um padrão de peso de doze mil e quinhentos reis, e mais dous moios de trigo por anno, em vida da con-

1553 Dez:

cessionaria, que recebeu alem disto seiscentos mil reis.

“ Quem poderá crel-o, exclama o Visconde de Porto-Seguro, a não vel-o dizer tão seguramente a historia, que por tão mesquinho preço se haviam de ter vendido mais de seis mil leguas quadradas de terra !

“ Hoje, não diremos mil leguas, nem cem, nem uma, porem certo numero limitado de braças tem tal valor, em qualquer das povoações mais importantes, que se contam nessa tão grande extenção de terras. ”

Dezembro 24—Desembarcam em S. Vicente, vindos da Bahia, os padres Manoel de Paiva, José de Anchieta e outros jesuitas, destinados á catechese dos indigenas d'essa capitania.

A embarcação que conduzio estes padres, e sahira da Bahia em Outubro, trazia de conserva uma outra mais pequena, e ao chegarem n'altura dos Abrólhos soffreram temporaes tão forte, que perderam mastros e velas, naufragando o navio pequeno indo este outro ter a Caravela em deploravel estado, não morrendo felizmente ninguem.

Ali se demorou o tempo necessario a concertar-se seguindo depois para a Capitania do Espirito-Santo, onde tambem se demorou alguns dias para se refazer de viveres.

Nesta capitania embarcou o Padre Affonso Braz, que havia dous annos lá se achava, ficando em seu lugar o Padre Braz Lourenço para continuar na catechese dos indigenas, direcção do pequeno seminario, que havia fundado o Padre Affonso Braz, e construcção da igreja e collegio, que estavam em andamento.

Neste anno creou o patriarcha Santo Ignacio de Loyola a nova provincia independente do Brazil, para os sacerdotes da sua ordem, e para provincial nomeou o padre Manoel da Nobrega,

Estava este padre de visita ao collegio de S. Vicenté, quando recebeu a noticia da sua nomeação, e seu primeiro acto, depois de constituido nesta dignidade, foi ordenar que o collegio se mudasse da villa para o campo, conservando, porém, em S. Vicente a casa antiga, onde só habitariam os religiosos necessarios para darem o alimento espiritual aos christãos ali moradores, ou da Marinha, como vulgarmente se chamava, e ainda hoje se chama aquella localidade á beira-mar.

No principio deste anno naufragou na costa da Capitania de S. Vicente, perto de Itanhaem, o ultimo navio da expedição de D. Diogo de Senabria.

Como vimos esta embarcação partira de Santa Catharina com destino a Villa de S. Vicente. indo nelle Hans Staden com o fim de ali fretar outra, que podesse levar ao Paraguay toda a gente restante daquella expedição, que lá se achava em virtude do naufragio da capitanea, successo que impedio a continuação da viagem.

Ao segundo dia de navegação chegaram á ilha dos Alcatrazes, onde tiveram de ancorar por causa de ventos contrarios. Aparecendo depois forte vento sul, levantaram ancora e com custo ganharam o largo.

No dia seguinte avistaram terra, não se pondo de distinguir bem o lugar por causa da nevoa, que havia, porém que o homem, que dirigia o navio, affirmou ser S. Vicente e aproou para ella, indo a embarcação espedaçar-se sobre uns rochedos nas immedições de Itanhaem.

Da tripulação alguns atiraram-se n'agua e nadando, ganharam a praia outros agarraram-se a destroços da embarcação e todos chegaram salvos a terra.

Foram soccorridos pela gente de uma feitoria proxima, e quando descansados dos trabalhos, porque haviam passado, conduzidos para S. Vicente, que ficava a duas milhas apenas de distancia, e ali recebidos como tem direito a sel-o homens

1553—1554 Jan: Abr:

em taes circumstancias, e sustentados a expensas publicas, emquanto buscavam meios de proverem a propria existencia.

Achava-se então lá, por casualidade feliz para elles, o Governador do Brazil Thomé de Souza, que fôra visitar a capitania, e sabendo do sucedido, e de como em Santa Catharina haviam ficado em desamparo mas sessenta pessoas, das queas metade mulheres, mandou logo buscar a todos e vendo, quando chagaram, que entrava no numero dellas, só havendo salvado as vidas, a viuva e filhas de Senabria e mais nove ou dez nobres, repartio com elles e ellas quanto á custa do seu trabalho havia junto, disse elle, *durante trinta e cinco annos.*

Hans Staden hospedou-se em casa de um seu compatriota chamado Heleodoro Ewban, que dirigia um dos engenhos de assucar, que já existiam ali, e mais tarde foi engajado como artilheiro para comandar o forte da Bertioga, edificado cinco milhas alem de S. Vicente no caminho de Santo Amaro, afim de garantir estas duas villas dos ataques dos indios *Tupinambás*, que faziam daquelle lugar ponto de reunião, para darem seus costumados assaltos á villa de S. Vicente.

No correr deste anno, na Quinta-feira Santa, estando os primeiros povoadores da Capitania de Porto-Seguro assistindo dentro da igreja aos officios divinos, foram accommettidos pelos gentios *Aymorés*, que mataram a quasi todos.

Braz Cubas tendo sido novamente nomeado Loco-tenente do donatario da capitania de S. Vicente e Capitão-mór governador della, tomou no correr deste anno posse do cargo, substituindo a Antonio de Oliveira, de cujas mãos recebera o governo.

Foi desta vez o sexto na ordem chronologica, e governou cerca de um anno pouco mais ou menos, acabando em dias

de 1554, quando foi substituido por Gonçalo Affonso.

1554

Janeiro 20—Nasce o Rei D. Sebastião, o desejado, que tendo vindo ao mundo depois da morte de seu pai, herdou o throno de seu avô, que morreu em 11 de Junho de 1557. Veja-se essa data.

25—Celebra-se a primeira missa na igreja do collegio que os jesuitas haviam fundado tres *legoas* além da povoação de Peritininga, Capitania de S. Vicente, a qual igreja tomou a invocação de S. Paulo por ser este o dia da conversão desse Apostolo, nome, que se estendeu a povoação, que ali se fundou, e depois foi villa e cidade, e tambem passou a ser o da captania, quando esta foi encorporada a corôa.

Esta igreja, assim como o alojamento dos padres, eram de palha.

Abril 11—Carta do bispo do Salvador, D. Pedro Fernandes Sardinha, dirigida ao Rei D. João III, queixando-se do Governador do Brazil D. Duarte da Costa e dando-lhe conta dos desafôros que naquella terra havia e se faziam.

E' do theor seguinte.

Senhor—Por via de Pernambuco tenho escripto a Vossa Alteza por um Antonio Ferreira da Camara, e porque as navegações desta costa são duvidosas, torno a escrever por via de Porto Seguro, porque affirmo a Vossa Alteza que quem vio esta terra em tempo do bom Thomé de Souza e a vê agora, que tem tanta causa de se carpir quanto teve Jeremias de chorar sobre a cidade de Jerusalém, porque são tantos os desconcertos, desarranjos e dissoluções de D. Alvaro, João Rodrigues Peçanha, Luiz de Góes, Fernão Vaz da Costa e de outros seus sequazes, e tamanho o descuido do Governador, que não ha homem que não seja affrontado e ameaçado, nem mulher que não seja deshonorada e combatida em sua honra, e são estes homens tão atrevidos em offender a Deus e em affrontar aos moradores desta

1554 Abr:

cidade, que bem se pode dizer delles aquillo da escriptura—*predicaverunt peccatum suum sicut Sodoma et non erubuerunt, et non est timor dei ante oculos eorum.* Eu, vendo tanta devassidade, por vezes avisei o Governador em particular que olhasse por seu filho e o apartasse de más conversações e remediasse tamanhos males com tempo; elle me respondeu que não podia tolher a D. Alvaro, seu filho, que folgasse com quem quizesse, e que na terra não havia outros fidalgos mais honrados que João Rodrigues Peçanha e Luiz de Góes, com quem seu filho se desenfada e que arrebetava de riso de quem isto mal parecesse, e que bastava ser elle conhecido no Reino por virtuoso, e que lhe não dava nada de quanto se dissesse; sabendo que não era capaz de conselho e que não lhe aproveitava minha admonstação secreta, nem o envergonhava a murmuração do povo manifesta, preguei dia dos Santos extranhando as cousas que succederam nesta cidade desde que Thomé de Souza se foi; allegando os grandes castigos que Deus manda aos povos pelo peccado do adulterio, e isto em geral sem ter ninguem em particular; do que me tomou o governador tamanho aborrecimento que nunca mais me passou pela rua, a defendeu a todos os seus pangodes que não entrassem em minha casa, nem me visitassem, e fez com seu filho D. Alvaro e com João Rodrigues Peçanha que aotinasssem os conegos contra mim, como logo fizeram e aotinaram a um Francisco Vaccas, que eu tinha provido de chantre, e a um Gomes Ribeiro, frade que foi de S. Domingos, que eu quizera prover de Deão, e assim todos os outros, e querendo eu prender estes dous, o governador me foi a mão, e mandou ao carcereiro que não recebesse clerigo na cadeia sem sua licença, e depois me fez muitas vexações e máus ensinos, favorecendo os conegos contra mim e João Rodrigues fazendo-os sahir da Sé e servir-se delles na sua casa, e o mesmo fez Luiz de Góes e assim me fizeram outros muitos agravos e prenderam e carregaram de ferros a um

conego que era da minha parte, como se verá pela devassa que leva Antonio Ferreira, e por outros papeis que cá ficam. De D. Duarte, não sei que dizer senão que tirou cá o rebuço que lá trazia de virtuoso e trocou a ordem da policia, porque o pae obedece ao filho, e o filho não tem nenhuma reverencia nem acatamento ao pae, e não se faz na terra senão o que D. Alvaro manda, e João Rodrigues, Luiz de Góes e Fernão Vaz da Costa querem. Daqui póde Vossa Alteza ver quão bem seremos governados. Da assuada e força que D. Alvaro, João Rodrigues e seus companheiros fizeram em prender um conego, poderá Vossa Alteza ver pela devassa que mando, e por mais que lá escrevam, Vossa Alteza não dê credito senão a papeis tirados judicialmente e a visitação que tenho feita. Os que foram nesta assuada e prisão deste padre foram penitenciados que as suas custas se fizesse uma ermida de S. Pedro no caminho da Villa Velha, a qual tenho quasi acabada e até os 20 deste Abril se poderá dizer missa nella. D. Alvaro e João Rodriguees, por poderosos, foram sem penitencia, para que Vossa Alteza os condemne que á sua custa acabem a Sé dssta cidade; eu toquei n'isto a D. Duarte e elle me respondeu que ainda que elles não pagassem nada, que nem por isto se deixaria de fazer a Sé, e porém isto será á custa de Vossa Alteza e eu quizera que fôra á sua, e ainda isto é pequena pena para as culpas e sacrilegios que commetteram. Esta escrevo com receio que m'a não tomem os grandes espias que estes homens tem sobre mim. As outras que escrevi o anno passado a Vossa Alteza por Simão da Gama e por Pedro Ferreira, são certificados que ficaram na mão de João Rodrigues Peçanha. Vossa Alteza se devia informar do case e castigar a quem tamanha acção commette. Nosso Senhor accrescente a vida e real estado de Vossa Alteza por longos annos. Desta sua cidade do Salvador, 11 de Abril de 1554.

Capellão de Vossa Alteza.—*O Bispo do Salvador.*

1554 Maio

Maio 2—Carta Regia de D. João III nomeando Diogo Muniz Barreto Alcaide-mór da Cidade do Salvador na Capitania da Bahia.

Foi o primeiro que exerceu no Brazil semelhante cargo.

10—Carta Regia de D. João III confirmando na pessoa de Duarte Coêlho de Albuquerque, filho primogenito de Duarte Coêlho, a doação da Capitania de Pernambuco que tinha feito a seu fallecido pai em 1534.

Na primeira edição deste nosso trabalho demos a morte de Duarte Coêlho como suicidada, no dia 7 de Agosto deste anno e na villa de Olinda, por ter seguido o que escrevera o Padre Jaboatão; mas verificamos depois que este historiador se havia enganado.

Duarte Coêlho morreu no principio deste anno, 1554, porquanto nesta data, como acima fica mencionado, obteve seu primogenito, a confirmação da doação da Capitania, que herdará, conforme diz o Visconde de Porto Seguro.

Agora temos a certeza do lugar em que morrera, graças á publicação da *Historia do Brazil* de Frei Vicente do Salvador, escripta na Bahia em 1627, ua qual se lê o seguinte.

“Vende Duarte Coêlho que a terra estava quieta, e os moradores contentes, determinou ir a Portugal com seus filhos, deixando o governo da Capitania, a seu cunhado Jeronimo de Albuquerque em companhia da irmã. O intento que o levou devia ser para requerer seus serviços que na verdade eram grandes; e ainda que eram para seu proveito, e de seus descendentes, aos quaes rende hoje a capitania perto de 20:000 cruzados, muito mais eram para El-Rei a quem só os dizimos passam cada anno de 60:000 cruzados, fóra o pão de Brazil e direitos do assucar, que importam muito os desta capitania por haver em ella 100 engenhos; porém como ainda então não havia tantos, nem tanta renda, e devia estar mexericado com El-Rei, que lhe tomara a jurisdição, quando

lhe foi beijar a mão lho remocou e o recebeu com tão pouca graça, que hindo para casa enfermou de nojo e morreu dalli a poucos dias; pelo que hindo Affonso de Albuquerque com dó ao paço, e sabendo El Rei delle por quem o trazia, lhe disse:

“*Peza-me ser morto Duarte Coelho, por que era muito bom cavalleiro.*”

“Esta foi a paga de seus serviços; mas muito differente a que de Deus receberia, que é só o que paga dignamente e ainda obra condignamente aos que o servem.”

Duarte Coelho teve a felicidade de ver prosperar a sua Capitania affluindo para ella numero consideravel de familias que a povoaram, attrahidas pelo bem estar que nella se gozava, graças á sabedoria, justiça e bondade com que elle administrou sempre o seu povo.

Seu filho primogenito Duarte Coelho de Albuquerque, lhe succedeu nos direitos; mas como estava em Portugal, quando se deu a morte do pae, conforme acima fica dito, contennou no governo da Capitania sua mãe, D. Brites de Albuquerque, que já o estava exercendo na auzencia do marido, tendo como ascessor o irmão Jeronimo de Albuquerque; mas agora entrou a governar em nome do filho, segundo se vê de uma escriptura de sesmaria passada por ella a Duarte Lopes em 20 de Maio de 1556, n'aqual se diz assim.

D, Brites de Albuquerque Governadora e administradora de meu filho Duarte Coelho de Albuquerque, herdeiro e successor desta capitania, etc. Este documento é citado pelo Padre Jaboatão que o viu registrado as folhas 6 e 7 do Livro do Tombo do Mosteiro de S. Bento de Olinda.

O Visconde de Porto Seguro, não menciona esta administração no seu cathalogo dos Locos-tenentes dos danatarios da Capitania, dando apenas Jeronymo de Albuquerque como Loco-tenente do segundo donatario começando em 1556, o que não está de accordo com o que elle proprio escrevera ás paginas 271 da sua importantissima historia, onde diz.

“Em Pernambuco depois da morte do donatario Duarte Coelho, ficu sua mulher

1554 Maio Jun: Agos: Out:

D. Brites de Albuquerque, por governadora e administradora da Capitania, e *ahise* achava em 26 de Março de 1557, em que encontramos o seu nome em uma doação. ”

Não podemos verificar, por falta de documentos, o tempo que desta segunda vez durou o governo de D. Brites, que alguns chronistas levam até 1560, quando chegou da Europa o donatario Duarte Coelho de Albuquerque, o que não é exacto, pois antes deste assumir o governo da capitania nesse anno, o exercera D. Christovão de Mello, que é mencionado no cathalogo do Visconde de Porto Seguro, sem data alguma, mas do que não resta a menor duvida, pois no archivo do Collegio dos Padres jesuitas de Olinda, conforme diz o author da *Nobeliarchia Pernambucana*, foi encontrada uma carta de sesmaria, passada por D. Brites de Albuquerque em 24 de Julho de 1579, quando pela terceira vez governava, confirmando aos mesmos Padres a doação de uma legoa de terras em Camaragibe, que lhe havia feito Christovão de Mello quando fôra Loco-Tenente governador da Capitania, o que só podia ter tido lugar entre o segundo governo de D. Brites e o de seu filho primogenito, o segundo donatario, que começou em 1560, como acima dissemos por quanto depois d'elle, todos os Locos-tenentes são conhecidos.

Junho 30—O Padre Leonardo Nunes, que desde 1549 achava-se em S. Vicente fôra eleito neste anno, para ir a Roma informar ao Geral da Companhia do estado em que se achavam as missões brazilicas. Embarcando em Santos, naufragou o navio em que ia nesta data perecendo elle e muitos da tripulação.

Agosto 24—Partem da Villa de S. Vicente, na Capitania do mesmo nome, os Padres jesuitas Pedro Correia e João de Souza e o leigo Fabiano para a missão dos gentios *Tupis* e *Carijós* na Ilha dos Patos aonde ambos foram mortos por eiles.

O primeiro destes Padres era natural de Portugal, e tendo vindo como secular

para o Brazil tornara-se um dos mais poderosos e ricos habitadores de S. Vicenie e dos mais famosos conquistadores, diremos antes *caçadores* de indigenas. Mudára depois de vida por influencia do Padre Leonardo Nunes e tomára a roupeta da companhia de Jesus, fazendo então em prol dos indigenas, que antes perseguira todo o bem que pode, através dos maiores perigos e sacrificios. José de Anchieta em mais de uma das suas cartas falla de Pedro Corrêa com muitos elogios.

Outubro 31—Deixa o porto do Rio de Janeiro o navio Francez *Catherine Waterville* Capitão Guillaume de Moner, e no qual torna para Europa o allemão Hans Staden, do qual já temos fallado, e foi quam primeiro publicou um livro sobre o Brazil, relatando as suas aventuras, sob o titulo: *Historia de um paiz situado no Novo Mundo*.

Tinha elle sido apresionado pelos *Tupinambás* n'uma emboscada, e o retinham em pezada escravidão, fazendo-o passar por dolorosos transes.

Tendo ido a bordo do *Catherine Waterville* acompanhando o indigena de quem era escravo, foi bem recebido pela gente do navio, que lhe deram roupa, estavs nú, e desde logo trataram de obter do indigena permissão para conduzil-o. Foi preciso para isto representar-se uma comedia, afim de enternecer o selvagem, que não queria abrir mão do seu escravo.

Dous marinheiros fingiram-se irmãos de Staden, mandados em sua procura por seu velho pae. Abraçaram-no com grande demonstração de allegria, e depois ajoelharam-se aos pés do capitão, pedindo-lhe para conduzir o seu desventurado parente. Aquelle instruido da pantomina mostrou-se rigoroso, para não desagradar ao selvagem, compromettendo as suas relações commerciaes; mas este, a vista de algumas mercadorias europeas, que lhe foram mostradas, concordou em abrir mão do seu escravo a troco dellas, e Hans Staden recobrou por esta forma a sua liberdade.

1554 Out: Nov:

Elle narra que pouco tempo antes tinha ali chegado um outro navio francez chamado *Marie Bellette*, e que indo um bote do mesmo até a aldeia em que elle estava prisioneiro, pedira á gente do mesmo que o livrasse do captiveiro em que achava.

Fallaram ao indigena de quem era elle escravo para deixal-o conduzir, mas exigindo aquelle mnitas mercadorias pelo seu captivo, não insistiram no pedido, e contentaram-se em dirigir ao infortunado algumas consolações banaes, e foram para o seu bote.

Staden desesperado tomou então uma resolução compromettedora, e deitou a correr em direcção ao lugar da praia, aonde o bote se achava, atirando ao chão os indigenas que procuravam detel-o na fugida, e conseguiu alcançar o bote no momento mesmo em que largava entrando para elle.

O infeliz acreditou que seria bem acolhido, porem os marinheiros os repelliram, allegando que se o conduzissem contra a vontade dos indigenas comprometteriam as suas boas relações commerciaes. Hans teve de regressar para a aldeia, aonde o seu procedimento seria punido com redobrada crueldade, se elle, como escreveu, não tivesse tido a presença de espirito de retorquir com tom irritado e de pessoa offendida, a ironica accusação que lhe fizeram os indigenas pela sua tententiva de fuga, dizendo-lhes que não quizera fugir, e apenas tinha ido lembrar aos seus compatriotas para que trouxessem muitas mercadorias afim de dal-as aos mesmos indigenas, quando fossem de volta de uma guerra que iam fazer, com o que elles se acalmaram.

Hans Staden era natural de Homberg, no territorio de Hesse, para onde voltou e ali escreveu e publicou em Marburg as suas aventuras, em nosso paiz, e foi o primeiro livro, como já dissemos, que appareceu sobre o Brazil.

“ Livro de grande valor é este, diz Southey, e nem as noticias posteriores acerca das tribus brazileiras ampliam, antes re-

petem apenas as informações que elle contem. ”

E' hoje rarissimo; mas existe delle uma traducção em francez, que foi publicada na collecção Ternaux Compans.

Novembro 19—Carta Regia de Dom João III confirmando na pessoa de Fernão de Campos Tourinho a doação e foral da Capitania de Porto-Seguro, que havia dado a seu pai, Pero de Campos Tourinho que a tinha renunciado em favor delle a quem a mesma carta regia, mandou metter em posse.

Nos primeiros dias do mez de Janeiro deste anno começou a ser edificado o collegio dos regulares da Companhia de Jesus de S. Paulo, em virtude da deliberação tomada no fim do anno anterior pelo Padre Manoel da Nobrega, recentemente nomeado Provincial da Ordem, para o que fez subir á serra de Paranapiacaba os doze seguintes padres, que estavam na villa de S. Vicente.

- 1—Manoel de Paiva, superior.
- 2—José de Anchieta.
- 3—Gregorio Serrão.
- 4—Affonso Braz.
- 5—Diogo Jacome.
- 6—Leonardo Nunes.
- 7—Gaspar Lourenço.
- 8—Vicente Rodrigues.
- 9—Pedro Corrêa.
- 10—Manoel de Chaves.
- 11—João Gonçalves, leigo.
- 12—Antonio Blasquez.

Chegados acima trataram da escolha de sitio conveniente para fundarem o seu novo collegio, e não lhes agradando nem a povoação de Santo André ou de João Ramalho, e nem tambem a aldeia de Piratininga, escolheram um lugar eminente entre o rio *Tamandoatey* e o ribeirão *Anhamgabauí*, tres leguas afastado da dita povoação, e começaram a fazer duas grandes barracas de palha, sendo uma para a igreja e a outra para alojamento delles, e

1554

dentro de poucos dias ficaram promptas, graças ao poderoso auxilio que lhes prestou o celebre indio *Tebyreçá*, que depois de baptisado se chamou Martim Affonso de Mello. Veja-se a data de 25 de Janeiro deste mesmo anno de 1554.

Para mais commodamente poderem instruir os neophitos, aconselharam ao mesmo *Tebyreçá* e a outro chefe indio *Cay Uby* senhor de *Geribatyba* já muito velho (tomou o nome de João no baptismo) que transferissem suas residencias para junto do novo collegio.

Conformaram-se ambos com a vontade dos padres, e *Tebyreçá* foi levantar suas casas aonde hoje está o mosteiro de São Bento: por elle ali morar chamavam os antigos rua de Martim Affonso, a que agora se denomina de S. Bento. Seguiram os vassallos de *Tebyreçá* o exemplo de seu chefe, e fundaram nova aldeia no terreno que agora occupa a cidade de S. Paulo, cuja origem foi esta, desertando da outra de Piratininga, habitação antiga de seus avós.

José de Anchieta foi nomeado regente desse collegio e começa os importantes serviços de instrucção e catechese dos indios, que por espaço de alguns annos prestou á Capitania de S. Vicente.

No correr deste anno partio de Lisboa com destino ao Maranhão uma expedição sob as ordens de Luiz de Mello, com o fim de colonisar aquella parte do Brazil.

Segundo Gabriel Soares compunha-se ella de tres náos e doze caravellas, segundo o embaixador hespanhol então em Lisbôa, D. Luiz Hurtado de Mendoza que deu parte ao seu governo da partida da mesma, compunha-se de oito ou nove caravellas e alguns bergantins. Conduzia trescentos homens á pé e cincoenta de cavallos, numero que parece exagerado.

Diz o Dr. João Francisco Lisboa nos seus *Apontamentos para a Historia do Maranhão*, que Luiz de Mello da Silva (assim elle o chama) viera como donatario

da terra, pois em virtude da desistencia que della fizera João de Barros, a pedira ao Rei D. João III, que não só lhe concedeu de boa mente, como ainda o ajudou para a conquista com tres navios e duas caravellas, assersão que não nos parece verdadeira, pois, se a expedição fosse particular não trataria della o embaixador hespanhol e de mais a mais se dizendo, como relata o Visconde de Porto-Seguro, que fôra ella aconselhada pelo ex-governador do Brazil Thomé de Souza, em virtude de noticias que tivera de minas de ouro para aquelle lado.

Como a primeira expedição de Ayres da Cunha perdeu-se tambem esta nos baixos do Maranhão, e apenas conseguiram escapar Luiz de Mello com alguns companheiros em uma caravella e mais desoito homens em um baúel, e que foram, como os seus predecessores de naufragio, ter ás Antilhas donde regressaram á Portugal.

Entre estes naufragos estava João Rodrigues Palha que veio em seguida para a Bahia, casou-se e viveu no lugar chamado Matuim, tendo do seu consorcio cinco filhas e dous filhos, sendo um destes Frei Vicente do Salvador, frade franciscano, author da primeira *Historia do Brazil* escripta em 1627 e só agora (1888) em via de publicação, graças aos esforços dos dous officiaes da Bibliotheca Normal do Rio de Janeiro Capistrano de Abreu e Alfredo do V. Cabral.

Gonçalo Affonso, tendo sido nomeado Loco-tenente do donatario da Capitania de S. Vicente, e Capitão-mór Governador della, tomou posse do cargo no correr deste anno substituindo a Braz Cubas.

Foi o septimo na ordem chronololiga e governou pouco mais de um anno acabando pelo que se conjectura, em fins do anno seguinte, 1555, pois já em 8 de Janeiro de 1556, estava em exercicio o seu successor Jorge Ferreira, como se vê de uma reunião dos camaristas da Villa de Santo André. Veja-se essa data.

1555 Abr:

1555

Abril 3—Carta de D. Duarte da Costa, segundo Governador do Brazil, dirigida ao Rei D. João III, dando-lhe conta do abusivo costume, que havia no foro da Bahia, onde as partes davam continuamente por suspeitos a todos os juizes e authoridades, até nos seus mais simples procedimentos, afim de protelarem as causas: “são cousas estas Senhor, (escreveu elle) que se forem avante, alem do credito que perde o cargo de Governador, nem pode Vossa Alteza ser servido, porque a qualquer cousa que mandar, justa ou injusta, me hão de por suspeição” pelo que havia tomado a deliberação de não aceitar nenhuma suspeição com relação a si, e ir por diante com todas as questões em que para elle se apellasse, uma vez que coubessem em sua alçada, e assim continuaria até ulterior resolução de Sua Alteza.

“Thomé de Souza, acrescentou elle, sendo aqui Governador, vendo outras suspeições desta qualidade, mandou vir a si os autos e com sete ou oito homens dos primeiros da terra em que entravam os juizes em que as partes se louvaram, as determinou, o que foi muito bem feito, por se evitarem de longas e se fazer verdade e eu assim o determino de fazer, até Vossa Alteza mandar nisto o que lhe parecer bem, etc., etc.

Na mesma carta aconselha elle ao rei que deve mandar provisão aos governadores para poderem vender degredos aos homens que fossem degradados de umas capitánias para outras, ou para trabalhar nas obras ou para remar nos bergantins, e tambem commutar os ditos degredos, e os preços que as partes deviam pagar fossem os que o mesmo rei determinasse, pedindo a esmola e mercê de ser tal dinheiro applicado ao Hospital de Nossa Senhora das Candeias, aonde se curavam, não só os enfermos da cidade, como os que vinham nos navios que ali aportavam.

Em seguida conta elle os seguintes casos que são caracteriscos da maneira

porque naquelle tempo se distribuia a justiça:

“Nesta cidade foi preso um homem a que chamam Sebastião d’Elvas, por fazer um furto de resgate a um dispenseiro de Thomé de Souza, sendo Governador, o qual tambem vivia com Thomé de Souza, e veio degradado a esta cidade do reino já por outro furto, procedendo o ouvidor geral no feito o condemnou que fosse açoutado e desorelhado; chamou-se ás ordens e estando o feito nestes termos fugio da cadeia com os outros presos, acolheu-se ao collegio dos padres de Jesus; mandou-me pedir que queria casar com uma moça orphã, criada dos orphãos, que vieram em minha companhia; eu lhe disse que se casasse, que pediria a Vossa Alteza que lhe perdoasse sua justiça, porque não tem parte; casou com a dita moça; peço a Vossa Alteza que o haja assim por bem.

“Um Jacome Pinheiro que foi morador em S. Vicente foi condemnado pelo ouvidor geral em degredo para sempre para os bergantins, por matar sua mulher por desastre, que era uma moça mameluca, e andando servindo seu degredo fugio do bergantim em tempo de Thomé de Souza, acolheu-se a dita igreja de Jesus, e os padres da Companhia o casaram com uma moça filha de um indio da terra, que novamente fiseram christão, e por fazerem esta obra de misericordia, me pediram que pedisse a Vossa Alteza que lhe perdoasse o dito degredo e a fugida do bergantim, o que Vossa Alteza deve fazer, por que terra tão nova como esta e tão minguada de cousas necessarias, é digna de muitos perdões e mercês para se acrescentar, e por neste caso não haver partes.”

8—Outra carta de D. Duarte da Costa Governador do Brazil, escripta ao Rei D. João III, queixando-se do bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha, e de como toda a gente da terra estava escandalizada do mesmo e do que fazia.

1555 Abr:

E' um documento importante que traz muita luz aos acontecimentos, que levaram aquelle prelado a deixar a Bahia, por chamado do Rei, vindo a naufragar em viagem e a ser devorado pelos gentios.

Aqui a damos na sua integra :

“ Senhor.—Eu creio que Thomé de Souza terá dito a Vossa Alteza o que lhe pareceu o bispo desta cidade o pouco tempo com que elle conversou; e parece-me que não será muito desviado do que me a mim tambem parece. Eu, Senhor, depois que aqui cheguei a esta terra trabalhei quanto pude de conservar o bispo com obras de muita amisade, assim por sua dignidade e meu cargo como por Vossa Alteza m'o encommendar; achei-o tão dissoluto em tudo, primeiramente em tomar vossa jurisdicção, e tão aspero e cubitoso nas pennas que põe e leva em terra tão nova e pobre, e tão escandaloso nas grandes excommunhões que põe por pequenas cousas, e mal soffrido em diante delle requererem ninguem sua justiça, porque não consente que ninguem appelle nem aggrave delle, e finalmente por outros muitos vicios particulares que tem, me foi necessario ir a sua casa com Luiz da Grãa, da Companhia de Jesus, muito virtuoso, que tinha cargo deste collegio, e com outros homens honrados desta cidade, como já escrevi a Vossa Alteza, e o aconselhei que se emendasse das cousas de que se o povo escandalizava com lh'as apontar logo, e que não tomasse a jurisdicção de Vossa Alteza, trazendo-lhe a memoria quanto se devia de guardar destas cousas irem a Vossa Alteza, para não perder o credito em que o Vossa Alteza tinha quando lhe fez tanta honra e mercê, e como verdades e bons conselhos sabem mal a quem não folga muito com elles, não aproveitou nada e foi tudo de mal em peor, e tem amotinada toda esta terra e levado todo o dinheiro da costa com penas e excommunhões postas á sua vontade, e os homens ficam vivendo como dantes, e por algumas cousas que succederam, em que eu cuido que fiz o que devia ao serviço de Deus e de Vossa Alteza

se começou a discontentar de mim e de meu filho, e d'ahi em diante disse muitas cousas no pulpito e manda dizer nas estações contra mim, que lhe eu tenho soffrido, que me puzeram em condição de o mandar embarcar; mas receiei que me tivesse Vossa Alteza em outra conta da que me até aqui teve, e determinei-me a lhe soffrer tudo, porque não lhe achei outro melhor remedio e não lhe errar pregação nenhuma e lhe faço a cortezia e honra que lhe fiz quando cheguei a esta terra. Eu envio ao Secretario uns papeis para mostrar a Vossa Alteza muito contra minha vontade e nelles verá Vossa Alteza que o anno atraz passado, no mez de Dezembro, mandou o bispo espancar um homem de noite, a que chamam Silvestre Rodrigues, por um Fernão Pires, clerigo, e por um leigo a que chamam Pero Vaz da Torre, degradado, e foi o caso desta maneira, que chamou o dito Fernão Pires ao Silvestre Rodrigues á falsa fé de sua casa, onde tinha o dito Pero Vaz consigo, e deram tanta pancada ao dito Silvestre Rodrigues que ficou como morto, lançando sangue pela boca, e ao arruido scudio meu filho D. Alvaro com muita gente, e por verem o dito homem estar sem falla e o dito Fernão Pires se gabava e gloriava do que tinha feito, dizendo que espancara o dito homem porque dizia mal do bispo, e por não ser ainda áquelle tempo a justiça presente, o dito D. Alvaro, meu filho, com as outras pessoas o trouxeram perante mim, indo eu já ao dito arruido, e por ser já muito de noite e por me dizerem que podia ter o dito clerigo vinte e quatro horas preso, e por não ter aqui o ouvidor geral que me aconselhasse, o mandei a cadeia e logo pela manhã, por me o dito padre Luiz da Grãa dizer que incorrera em excommunhão, por não mandar entregar logo o dito padre ao bispo, e assim meu filho e outras pessoas por o prenderem, o mandei logo entregar ao bispo e assim os autos; e elle pelo mestre escola de Sé mandou logo absolver a mim e a todos os que foram na dita prisão do dito clerigo e lhes mandou pagar a cada um

1555 Abr:

certa cêra, como Vossa Alteza por uma certidão do dito Luiz da Grãa, que nestes autos vai, verá, e como lhe foi entregue o dito clerigo, o mandou logo para sua casa, e tirou outra devassa, como Deus sabe, porque elle é juiz e inquiridor, e um mancebo que elle tem em casa como a criado, a quem dá de comer, escrivão, e na dita devassa perguntava cousas fóra de subsistencia, como era se meu filho Dom Alvaro dormia com algumas mulheres, e isto pelo odio que lhe tomou por me trazer o dito clerigo, como D. Alvaro mostra a Vossa Alteza. E acabadas de tirar as testemunhas foi requerido o dito Silvestre Rodrigues para dizer se queria accusar o dito clerigo; e pedindo tempo para deliberar, por estar ainda muito mal não lh'o quiz dar e o lançou de parte. E requerendo-lhe sobre isto o dito Silvestre Rodrigues sua justiça não queria ouvir seus requerentes, antes os desonerava e os queria prender, do que o dito Silvestre Rodrigues se me aggravou, requerendo-me que lhe mandasse perguntar testemunhas e passar um instrumento, e o bispo veio com uma suspeição ao inquiridor, com a qual não houvera devir por sua honra; e a mim responde com tanta cortezia como Vossa Alteza verá. E por impedir o instrumento que o dito Silvestre Rodrigues, tirara, e se não saber a culpa que requeria o Silvestre Rodrigue, passou uma carta precatoria para que eu o mandasse prender, dizendo que era herege, e sobre isto se passaram algumas cousas que Vossa Alteza verá pela mesma carta precatoria e minha resposta e assignado do dito Luiz da Grãa.

E sendo preso o dito Silvestre Rodrigues o bispo o mandou commetter que perdoasse a Pero Vaz e Fernão Pires que o espancaram, e que dissesse que si lhe chamara bebado fóra por mandado de D. Alvaro, meu filho e de outras pessoas e que logo lhe perdoaria. E assim foi. E o dito Silvestre Rodrigues foi levado da cadeia perante o bispo e ali fez e assignou o que lhe o bispo mandou, contra sua vontade, e foi logo solto, como tudo se verá pelos ditos autos, E d'esta maneira

Senhor, usa o bispo com as pessoas que nesta terra lhe aborrecem, que por qualquer cousa diz que são hereges, e depois de se vingar os absolve com mui leves penitencias; e o castigo que deu a Fernão Pires por esta obra de misericordia que fez, em espancar este pobre homem por seu mandado, sendo este clerigo um homem de muito máo viver e idiota e que pouco tempo antes que o bispo viesse a esta terra matou um homem em Santarem, de que não é livre, segundo dizem, e sendo homem que suas orações são fallar em guerras e em homens que matou em desafio na Italia, o fez deão da Sé desta cidade e tirou o deiado a Gomes Ribeiro homem de bôa vida, lettrado e pregador, que foi a Vossa Alteza sobre isto requerer sua justiça, e tanto que o fez deão lhe mandou que denunciasse por excommungados a todos os que foram na sua prisão, quando espancou o dito Silvestre Rodrigues; sendo todos já absolvidos e tendo satisfeito as penitencias, fez pagar aos sobre-ditos penas que passaram de cento e cinquenta cruzados, que elle embolsou, como faz ás outras penas, a que Vossa Alteza deve de prover por descargo de sua consciencia e mandar que se restituam ás pessoas a que se levaram, pois que já eram absolvidas, como constará a Vossa Alteza pela certidão do padre Luiz da Grãa, que vai com os ditos autos.

O bispo, quando veio do Reino, trouxe por deão a Gomes Ribeiro, capellão de Vossa Alteza, e por pregador, com 20\$000 de ordenado, e o encarregou tambem de vigario-geral e o mandou visitar a costa em nome, com seus regimentos, e desde que tornou da visitação esteve muito tempo nesta cidade, na graça do bispo, e indo-se para Pernambuco, o deixava nesta cidade por seu vigario geral, e estando isso assim Francisco de Vaccas, chantre que é no Reino, fez uma petição ao cabido em como o bispo não podia entrar na igreja nem celebrar os officios divinos, por estar excommungado e irregular por ferir dous homens por sua mão, em sua casa, dos quaes um delles esteve a morte, que lhe

1555 Abr:

appareciam os miolos, sendo ambos de ordens menores, e por o bispo cuidar que a dita petição foi feita por conselho do dito deão, lhe tirou a dignidade de deão, dizendo que o não podia ser, porque fôra frade professo da Ordem de S. Domingos e não fôra provido de Roma, e por outras cousas que Vossa Alteza deve saber do dito Gomes Ribeiro, o qual appellou, e o bispo declarou por seu despacho que o dito Gomes Ribeiro era isento e que se fosse em paz, e parecendo-lhe depois que se esse negocio fosse ao Reino, lhe seria lá bem extranhado, começou a vexar o dito Gomes Ribeiro, querendo-o prender e mandou pôr um alvará ás portas das igrejas, com pena de excommunhão e de cinquenta cruzados, que ninguem embarcasse nenhum clérigo para o Reino sem sua licença, e vendo-se assim vexado o dito Gomes Ribeiro, me fez uma petição de como o bispo lhe fazia as ditas vexações sem causa, pedindo-me que o mandasse embarcar, porquanto era isento e tinha o dito despacho do bispo que se fosse em paz, e que o alvará do bispo da pena e excommunhão não se entendia nelle, por ser isento e não ser nomeado especialmente no dito alvará; eu me aconselhei neste caso ao dito Luiz da Grã, por nesse tempo não estar aqui o ouvidor, aconselhou que mandasse embarcar o dito Gomes Ribeiro, e que não devia de dar ajuda de braço secular para o prenderem como o bispo me requeria, como se mostra pela certidão do dito Luiz da Grã, que nestes autos vai; e por aqui verá Vossa Alteza que quem não fazia nada sem conselho de um letrado theologico e virtuoso como é este Luiz da Grã, desejava de acertar e não fazer nada por sua vontade, sinão pelo rigor da justiça, quanto mais que, estando tão longe de Vossa Alteza parece razão que quando um homem for vexado sem causa e sem justiça, ainda que não seja da minha jurisdição, que eu acuda a isso, porque este é o meu proprio officio pelo qual eu não quiz mandar prender ao dito Gomes Ribeiro, antes lhe mandava dar de comer por amor de Deus, porque

o elle não tinha, e o mandava agazalhar em minha casa secretamente, porque não parecesse ao bispo que lhe faziam escandalo e agravo, e o dia que o bispo se foi desta cidade para a capitania de Pernambuco, mandei embarcar o dito Gomes Ribeiro para a capitania dos Ilhéos, para ahí se ir para o Reino em um navio que estava prestss e passadas todas estas cousas, vindo o bispo da capitania de Pernambuco, com a paixão que teve de ser ido o dito Gomes Ribeiro, sendo em um dia de Nossa Senhora da Conceição a ouvir missa em uma sua ermida com a mais da gente honrada desta cidade, que me acompanhou, o bispo se foi a Sé e mandou pelo dito Fernão Pires, com quem se elle aconselha e faz todas estas cousas, publicar uma carta de excommunhão contra uns fiadores de Christovão Cabral, capitão de um bergantim de Vossa Alteza, que por meu mandado levava o dito Gomes Ribeiro aos Ilhéos, na qual carta, não fazendo nada ao caso e sendo muito fóra de proposito, disse muitas cousas de mim e de meu filho D. Alvaro, que não passavam assim; porque, quanto a mandar embarcar o dito Gomes Ribeiro, já tenho dito a Vossa Alteza nesta carta como passou e quanto ao que se diz na carta de excommunhão que tinha culpas do dito Gomes Ribeiro do que fez na dita visitação, nunca soube disto, nada mais sei que lhe trouxe muito dinheiro da visitação e que andou mais de um anno muito seu privado, sem o bispo o prender nem castigar. Antes se me queixava o dito Gomes Ribeiro que o bispo lhe tomara o regimento, que lhe déra, do que havia de fazer na dita visitação, por se não saber o que lhe mandava fazer; nem favoreci em nenhuma cousa ao dito Gomes Ribeiro, nem a Francisco de Vaccas, contra o bispo, como diz na dita carta de excommunhão, mas antss me fizeram elles petições de cousas muito feias e torpes que o bispo fizera, que eu não quiz admittir e a rompi perante pessoas fidalgas e dignas de fé, que o dirão si cumprir; nem se achára tão pouco, que eu saiba, que se

1555 Abr:

provocassem contra o bispo pessoas para delle dizerem palavras de máo ensino e atrozes, como elle diz na dita carta de excommunhão; antes se prova pelos ditos autos que elle mandou fallar ao dito Silvestre Rodrigues, que elle tinha preso por herege, que dissesse que meu filho D. Alvaro e outras pessoas fizeram com elle que o chamasse bebado, e o fez assim testemunhar ao dito Silvestre Rodrigues como Vossa Alteza verá nos autos. E quanto ás pedras que diz na dita carta que lhe lançaram de noite em sua casa, certifico a Vossa Alteza que nunca tal ouvi, sinão quando me disseram lh'o mandei perguntar por dous officiaes de Vossa Alteza si sabia quem lhe deitara as ditas pedras ou suspeitava, para nisso fazer toda deligencia e castigar muito bem os culpados; elle me respondeu o que Vossa Alteza verá por essa certidão que nos autos vai; e quanto a lhe amotinarem os clerigos contra elle, tambem disse não sei nenhuma cousa; mas elle lhes fez taes obras, que si se pudessem ir a nado para o Reino se iriam; mas antes affirmo a Vossa Alteza que o bispo é de tal condição e tão amigo da paz e socego desta terra, que me amotina a gente que pode porque, como sabe que eu castigo um homem por justiça, logo o manda chamar a sua casa e se faz seu amigo e faz parcialidades contra mim, como fez com João Rodrigues Peçanha, e com Antonio Cardoso e outros, que sendo seus inimigos muito grandes, se fez muito amigo contra mim, que de dentro Deus sabe si o são. E quanto á prisão de Fernão Pires, de que tambem falla na dita carta, já disse tudo o que passa na verdade. Si o bispo tivera medo de Deus, sabendo quanta parte que foi no ferimento do dito Silvestre Rodrigues, nunca fallara neste caso, e ao que tambem diz na dita carta que meu filho embarcou o dito Francisco de Vaccas, eu de tal nunca soube parte, e porem si o fez não foi peccar no Espirito-Santo, porque não era defeso por excommunhão, nem por outra via, nem o dito Francisco de Vaccas estava preso em

cadeia publica, nem por mais grave caso que por dar uma pescoçada a um moço de treze a quatorze annos, leigo, que elle ensinava; mas antes o bispo exceden muito o modo neste caso, como pessoa que não tem superior na terra, porque tirou devassa contra os leigos, e a torto e a direito condemnou a muitos, de que houve mais de cem cruzados, porque aqui está o ponto que tambem se haviam de tornar ás partes, gor serem mal levados, e ao que diz na dita carta que o dito Gomes Ribeiro estava de participantes, digo que, pela resposta do dito Luiz da Grãa, verá Vossa Alteza como o bispo não podia excommunhar, por ser isento, e quanto ao que diz o bispo na dita carta que não procede contra mim pelo cargo que tenho e pela pessoa que represento, esta me parece, Senhor, que foi a maior descortezia que nunca se disse a governador, porque, quando eu fizera qualquer destas cousas de minha vontade e sem conselho de ninguem e foram muito mal feitas não podia o bispo ter licença para mais que para o escrever a Vossa Alteza e isto sendo elle um homem tão desarrazoado como é, porque não n'o sendo commigo, devêra de praticar estas cousas, e achara que não tinha razão para mandar passar a dita carta de excommunhão; pois tudo passou pontualmente como aqui digo a Vossa Alteza; mas porque elle passou a dita carta para defamar, não curou de mais cortezia como tambem fez na inquirição que tirou da prisão do Silvestre Rodrigues, em que fôra de proposito fallava em meu filho; e não serão estas as primeiras nem as derradeiras descortezias que elle dirá e que eu soffrerei por serviço de Vossa Alteza, com lhe arffimar que neste homem não haverá nenhuma cura senão mandal-o Vossa Alteza ir com o seu Fernão Pires, porque, pois lhe eu não acho meio nein termo para se elle emendar ao que deve, não lh'o achará outro homem mais agastado que eu. Peço por mercê á Vossa Alteza que mande vêr estes autos todos, com esta carta, onde acharão as certidões e carta de excommunhão e todos os mais

1555 Maio

papeis de que faço menção, e por elles verá toda a verdade do que passa. Nosso Senhor a vida e real estado de Vossa Alteza crescente. Desta cidade do Salvador, a 8 dias de Abril de 1555.—Dom Duarte da Costa.

Maio 15—Desembarca em S. Vicente o jesuita, Padre Luiz da Gran, afim de ir reunir-se aos seus companheiros, José de Anchieta e Manoel de Paiva e proseguirem na sua missão de cathechese.

20—Nova carta de D. Duarte da Costa, Governador Geral do Brazil, escripta ao Rei D. João III, em que lhe dá satisfação a muitas das particularidades arguidas pelo Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha a seu filho D. Alvaro da Costa, e relata também muitas factos do mesmo prelado.

E' igualmente um documento importante para a historia dos acontecimentos daquella epocha e por isto aqui a damos na sua integra.

Senhor.—Por Christovão de Oliveira, capitão da não *Esperança*, recebi uma carta de Vossa Alteza, na qual me escreve o descontentamento que tem de meu filho D. Alvaro, por fazer nesta terra cousas contra serviço de Deus e de Vossa Alteza e contra a obrigação que me tem por ser seu pae, e governar agora esta terra e que por meu respeito o deixava agora de castigar.

Vossa Alteza teve muita razão de dar credito aos papeis do bispo e ao que lhe de meu filho escreveu, porque parece que um bispo de sessenta annos não quereria infamar um mancebo, meu filho, e fazer-lhe perder o que merece diante de Vossa Alteza sem causa; mas tenho por mui certo que si Vossa Alteza ouvira as partes e examinara as testemunhas do bispo e fôra bem informado de como elle sempre viveu no Porto e na India e em outras partes onde esteve, mandaria primeiro saber como isto passava antes de lhe dar nenhum credito; mas já que lh'o Vossa Alteza deu e lhe pareceu que meu filho podia ter taes erros, recebi eu muito

grande mercê de Vossa Alteza em me escrever, que por meu respeito o deixava de castigar.

E ainda que as culpas quando os filhos tem toquem n'alma aos paes, a mim tocou este negocio n'alma e na vida, e fico morto de paixão e de desgosto, porque sei quão ao contrario meu filho aqui serviu e viveu do que escreveram a Vossa Alteza.

Este novo negocio e outras cousas passadas do Bispo me farão agora dizer e entender em cousas que nunca disse nem costumei em cincoenta e um annos que tenho vividos nas abas de Vossa Alteza. O bispo, Senhor, é inimigo de meu filho como Vossa Alteza verá nos papeis que lhe tenho mandados e pelas difamações que nelles e n'outros que meu filho lhe mostrará se declara; quiz Nosso Senhor que viesse elle a esta terra pelos peccados dos moradores della; mande Vossa Alteza saber os muitos homens principaes e creados vossos que tem deshonrado, sendo elles muito obedientes, por sua dignidade, mande-se Vossa Alteza informar de como ferio dous homens por suas mãos e um delles esteve de todo á morte, com os miólos descobertos, o qual curou o licenciado Jorge Fernandes, vosso physico, e do que mandou fazer na visitação da costa e do dinheiro que de lá tirou e do que fez por si em Pernambuco, d'onde me escreveram que trouxera mais de oitocentos cruzados, afóra muitos serviços que tomou, e mande-se Vossa Alteza bem informar de como é cortez nos pulpitos e estações ao vosso governador e aos vossos officiaes, porque estes são os lugares que o bispo toma para sua vingança e nestes se não faz nesta terra até agora nenhum serviço a Nosso Senhor, mas nascem do que nelles diz grandes escandalos e prejuizos. Dos Padres de Jesus póde Vossa Alteza saber como são delle tratados e como os ajuda com suas esmolas e com os favorecer de fóra.

Outras cousas muito vergonhosas e muito baixas para prelado pudera dizer delle a Vossa Alteza que por honestidade não digo, e estas que digo, com

1555 Maio

muito descontentamento meu o faço, e não poderei deixar de dizer a Vossa Alteza algumas mais, o mais honestamente que puder, para que conheça quão mal faz o que reprehende: quando cheguei a esta cidade fiz a honra que devia a João Rodrigues Peçanha, e meu filho era seu amigo; isto estranhava o bispo em pulpito e em ajuntamentos, e tanto que se João Rodrigues descontentou de mim por suas culpas, logo o bispo o adqueriu a si e teve com elle estreita amisade e lhe comeu o que lhe dava e se aconselhava com elle até a hora que o viu preso: outras taes amisades tratou com Antonio Cardozo e com Luiz Garcez como vio que os eu castiguei, e assim o fazia com todo homem infame, em que via disposição para me damnar, e nos ajuntamentos que tinha com estes homens e de como se gloriava de ter bando, me pareceu proprio da condição do bispo de Camora,

Vasco Fernandes, Coutinho, chegou aqui velho e pobre e cansado, bem injuriado do bispo, porque em Pernambuco lhe tolheu cadeira d'espaldar na igreja e apregoar por excommungado, de mistura com homens baixos, por beber fumo, segundo m'o elle disse; eu o agasalhei em minha casa e com minha fazenda lhe soccorri a sua pobreza, para se poder ir para o Espirito-Santo, e o bispo o agasalhou com dizer no pulpito cousas delle tão descortezes, estando elle presente, que o puzeram em condição de se perder, do que o eu desviei, e hei vergonha de declarar o que lhe disse, e por lhe defender a elle o fumo, sem o qual não tem vida, segundo elle diz, o defendeu nesta cidade com excommunhões e grandes penas, dizendo que era rito gentilico, sendo uma mezinha que nesta terra sarava os homens e as alimarias de muitas doenças, o que parece que não devia de defender, e por se achar que um pobre homem o bebia, o mandou por nú da cinta para cima, na Sé, um Domingo á missa; com os fumos ao pescoço, e condemnou a outro na mesma pena, o qual de vergonha de a cumprir fugio para os gentios tutiapára e

o mataram lá, e o bispo foi causa desta morte e da guerra que pode succeder do troco que hei de tomar, como tiver tempo e certa informação da maneira de sua morte,

Nos tempos das confissões vão cousas que escandalisam muito e de que se Vossa Alteza deve mandar informar, porque se o bispo presume que algum homem testemunhou alguma cousa no secular contra elle, na confissão lha perguntam os seus clerigos por isso e ainda que digam que testemunharam verdade ou que não foram n'isso, não os querem absolver nem dar a communhão, até que lhes digam o que querem e da maneira que querem, e disto se queixaram aqui publicamente dous ou tres homens por toda esta cidade.

A Christovão Cabral, capitão do bergantim *S. Thomé*, excommungou e condemnou em cincoenta cruzados, por levar d'aqui o Deão, que lá é por meu mandado a embarcar aos Ilhéos, e eu puz por elle prata até vir sentenciado do Reino, e não contente com isto, quando veio o tempo da confissão, não n'o quizeram absolver, por o bispo assim mandar, dizendo-lhe o Padre que havia de pagar primeiro as dividas que o Deão devesse; não lhe valen dizer que o levava por mandado de seu governador, que o citassem primeiro e que fosse ouvido e sentencido e que então se fosse a isso obrigado, pagaria, não prestou nada e andou assim até se embarcar commigo para Pernambuco, e como o viram embarcado o excommungaram, como o elle soubesse. se foi ao bispo pedir-lhe que o mandasse absolver e que não n'o vexasse sem causa, e o bispo lhe respondeu que era herege, segundo me elle disse, e outras palavras peiores, pelo qual me pedio licença para se ir para o Reino queixar-se a Vossa Alteza, e eu lhe impedi a ida, porque o havia mister e por tolher queixumes.

E' certo, Senhor, que como um homem não faz o que o bispo quer, logo é ameaçado, dizendo que sentem mal da fé; anda, Senhor, a cousa de maneira no ecclesiastico, que um Domingo destes

1555 Maio

passados, perante Christovão de Oliveira capitão da não *Esperança*, apregooou na estação o Deão, que é alma e o conselheiro do bispo, homem bem apto para se deitar desta terra pelos males que aconselha ao bispo, e por outros muitos defeitos de sua pessoa, por excommungado ao Dr. Pero Borges, vosso ouvidor-geral e provedor-mór, por não estar á pregação do bispo, e isto de mistura com os mais infames homens desta terra, que então excommungaram, e manda lêr escriptos na estação das cousas que me Luiz Garcez pede, que lhe eu não faço, por não ser justiça nem vosso serviço: e disto, e de outras cousas que aqui passaram em tempo que aqui esteve Christovão de Oliveira, se pôde Vossa Alteza enformar delle, tudo a som de defamar e de dar ao povo em que fallar.

Eu, Senhor, quando recebi esta carta de Vossa Alteza, tinha já arribado do caminho que fazia para Pernambuco, d'onde havia de mandar meu fillo para o Reino no galeão e caravellas, como Vossa Alteza verá pelas cartas que tinha escriptas; agora Senhor, o mando de melhor vontade porque, já que Vossa Alteza lhe perdôa, por meu respeito, o que seus inimigos delles escreveram e testemunharam, não queria eu que dissessem e escrevessem outras cousas peiores, por onde parecesse á Vossa Alteza que ambos mereciamos ser castigados e para requerer a Vossa Alteza a minha ida, que tanto cumpre, para minha consciencia e saude, e para lhe Vossa Alteza fazer a mercê, que merece, pelos serviços da feira e desta terra.

Peço por mercê á Vossa Alteza que mande tirar uma devassa delle por pessca sem suspeita e perguntem-se os Padres de Jesus, aos quaes se não esconde nada, e a todo o povo desta terra, tirando pessoas que aqui castiguei, que são tres ou quatro, e se achar delle cousa mortal, mande-o castigar como merecer e a mim tambem, porque se ello andara com mulheres casadas, ou matára, ou espancára, ou ferira, em terra tão pequena eu o houvera de saber, é certo que quando eu não

puñera com elle, nem o aproveitára meu castigo, não estivera uma só hora comigo nesta terra.

Mas eu espero em Nosso Senhor que si me Vossa Alteza fizer esta mercê, que achará que nunca olhou para mulher casada, nem avosou ninguem, e que todo o povo lhe quer muito grande bem e chora porque se elle vai, e que, além das idas em que gastou muito, servia em todos os officios que lhe eu mandava, assim no mar como na terra, e me descansava em tudo, e a pobreza que lhe eu dava a gastava com pobres e presos, e agora, quando se embarcou, deu a cama e vestidos por amor de Deus a moradores pobres; e lhe fará a mercê que elle merecer.

E peço por mercê a Vossa Alteza que não dê credito a nenhuns papeis feitos em casa do bispo por seus officiaes, porque pôde ser que encarregue sua consciencia, nem se confie dos testemunhos dos homens que lá foram, porque não dirão todos a verdade, como são uns marcebos irmãos que se chamam de alcunha as Freiras, que Vossa Alteza tomou por moços fidalgos e que o viessem servir comigo no Brazil, estes se vieram embarcar dando eu á vela em Belém, sem cama e mal vestidos, os quaes remediei de tudo e lhes dei de comer sempre a minha mesa e dinheiro para suas necessidades; eram tão mal acostumados em muitas cousas e em deffamar mulheres, que os mandei para o Reino, e como o bispo o soube, os começou a grangear, e elles se gabaram que escrevia o bispo por elles a Vossa Alteza males de mim e de meu fillo, e por um clerigo seu parente, os quaes não serão boas testemunhas, por isto e por suas vidas.

Tambem soube agora que o bispo e cabido não escreveram á Vossa Alteza bem de mim pelo mestre-escola que lá vai por seu mandado; a elle mesmo mande Vossa Alteza perguntar, por juramento, si é verdade o que escrevem á Vossa Alteza e si dá conta o bispo do que escreve ás pessoas que assignaram a carta, e de mim se informe dos seus clerigos e de quem

1555 Maio

quizer, ainda que para mim não havia mister responder mais que o que ouvi que respondêra um Romão honrado a um Imperador, sendo accusado por um homem de máo viver e dizia: Senhor, aquelle me accusa e eu nego, Vossa Alteza julgue.

O bispo, Senhor, vive como sempre viveu, e por ventura peor, com o poder que tem, tão longe de Vossa Alteza; eu, Senhor, vivo como sempre vivi, acompanhado de muitos trabalhos e mais soffrimentos do que nunca tive, dos gastos que tenho e de como trabalho de descobrir nesta terra cousas de vosso serviço, Vossa Alteza se pôde informar, e para minha consciencia eu estou sem escrupulo do que faço e muito desejoso de ter saude e habilidade para vos servir melhor; ha dous annos que sirvo, e quiz Nosso Senhor, que além dos trabalhos que eu afigurava que cá havia de ter, tivesse est'outros que atraz digo. em que nunca lá cuidei em pendenza de lh'o não agradecer bem as muitas mercês que sempre delle recebi: tenho dez filhos e filhas, mulheres em idade para cazar, e minha mulher muito mal disposta, e eu o fico em extremo de disposições, de que foi mister bem curado como lhe meu filho dirá; não vim á esta terra por cobiça, nem por vaidade de honra nem em idade para folgar de ver mundos novos, só o amor de vosso serviço me trouxe, sem conselho de parente, nem de ninguem; peço por mercê á Vossa Alteza que a mercê que eu por isto mereço seja mandar-me ir ao tempo que me Vossa Alteza limitou, porque si não tivera delle já tão pouco por correr, ainda lhe pedira que m'o encurtára, por não estar na conversação do bispo, porque com todo homem concertára, ainda que fôra diabo, sinão com elle, e este pouco tempo que me fica d'aqui até Maio para cumprir os tres annos, eu trabalharei que o não gaste todo nesta bahia, para me excusar de tão terrivel conversação. Nosso Senhor a vida e real estado de Vossa Alteza accrescente. Desta cidade do Salvador a 20 dias do mez de Maio de 1555.—Dom Duarte da Costa.

26—O gentio da Bahia ataca a cidade do Salvador.

“Deram o rebate, diz o Visconde de Porto Seguro, contra o seu costume ao meio dia, começando por investir o engenho de Pirajá; d'onde passaram a fortificar-se no Porto Grande entre esse engenho e a cidade, porém ao mesmo tempo que executavam uns esta investida, com que apressionaram muitos christãos ião outros assaltar em Itapoam as manadas e os vaqueiros de Garcia d'Avila.

“Sahiu a castigal-os na noite deste mesmo dia o capitão D. Alvaro da Costa, filho do Governador, á frente de setenta homens de pé e seis de cavallo; accommetteu a tranqueira, que já os gentios haviam feito, e depois de alguma resistencia a entrou, apesar das cavas estrepadas com que estava defendida. O chefe dos barbaros foi feito prisioneiro e a derrota veio a ser maior; porque quando ião a retirar-se, se acharam sem as canoas, que haviam sido, tomadas umas, queimadas outras, por Christovão de Oliveira, capitão da náó *Esperança*, fundeada no porto, o qual tinha ido com bateis artilhados contornar o inimigo pelo lado do esteiro que se estende além de Itapagipe pela terra a dentro.”

29—O Governador do Brazil, D. Duarte da Costa, manda seu filho o capitão Alvaro da Costa á frente de cento e sessenta homens bater os indigenas que haviam atacado a fazenda de Garcia d'Avila no Itapoam; elles, porem, que já sabiam do que tinha succedido aos companheiros de Pirajá, cederam humildemente e entregaram o gado que haviam roubado e os prisioneiros que retinham.

30—Em numero de mais de mil voltam os indigenas da Bahia a tomar novamente o engenho Pirajá.

De novo tambem vai contra elle o capitão D. Alvaro da Costa, á frente de quanta gente pode reunir, e os bate em cinco aldeias, numa das quaes se fizeram elles fortes, apresentando grande resistencia

1555 Jul:

ferindo a diversos chefes das forças assaltantes; mas afinal foram vencidos, e fugiram para além do Rio Vermelho.

Julho 12 -- Parte do Havre em França uma expedição organizada e comutandada por Nicoláo Durand de Villegaignon com o fim de estabelecer uma colonia no Rio de Janeiro.

Compunha-se a pequena frota de dous navios de duzentas toneladas, bem armados, e de uma chalupa carregada de provisões, conduzindo aquelles cerca de seiscentas pessoas, entre tripolantes e colonos, ou melhor dito aventureiros de todas as classes sociaes, e até criminosos tirados das prisões.

Nicoláo Durand de Villegaignon, Cavalheiro de Malta e Vice-Almirante da Bretanha, era um homem de reconhecido merecimento, vantajosamente conhecido em toda a França pela sua coragem e sciencia militar.

Citavam-se sobre tudo as suas proezas em Argel e a maneira destemida com que transportara de Dunkerque para França a celebre Maria Stuart, Rainha da Escosia, que estava em Dumberton.

Achando-se esquecido na Bretanha, e desgostoso da vida ociosa que ali passava, concebeu o projecto de organizar n'America uma especie de principado do qual fosse o chefe, escolhendo para isto o Rio de Janeiro, que ainda não estava povoado e de cujo territorio tinha as mais lisongueiras informações, prestadas por compatriotas seus, que já para ali andavam com frequencia.

Alguns chronistas portuguezes disseram que elle fizera uma viagem ao Cabo Frio antes de tentar a empreza, e que maravilhado das riquezas naturaes do paiz foi então que a empreheendeu.

Isto tambem disse, pouco mais ou menos, um dos seus compatriotas, que delle trataram, o abbade Claude Haton de Provens; mas não é exacto, e todos os escriptores seus contemporaneos são acçordes em dizer que elle só conhecia o paiz por informações.

Não possuindo fortuna, para por si só levar avante a sua concepção, e nem mesmo podendo isto fazer sem permissão e amparo do Rei Henrique II, que então reinava em França, e apoio do Almirante Gaspar de Coligny, autoridade em assumptos maritimos, sem cujo parecer favoravel nada se fazia nesse ramo de serviço, deliberou procurar a um e outro para obter o que lhe era preciso.

Homem de grande talento, sagacidade, e muito instruido, comprelendeu logo, que sem interessar a um e ao outro no projecto, que tinha em vista, nada, com certeza, obeteria, pelo que propoz-se logo a representar um papel de duplicidade, que nada abona ao seu character.

Era nesse tempo toda a Europa assolada pela guerra religiosa, que accendera as reformas do Evangelho apresentadas por Calvino.

Muitos homens notaveis a tinham abraçado, e entre elles o Almirante Coligny, que via com magua, sem poder impedil-o, o martyrio quasi diario de tantos dos seus correligionarios.

Villegaignon, aproveitando-se habilmente desta circumstancia, insinuou no espirito do sincero crente, que seria de grande proveito fundar-se n'America um refugio para os perseguidos, do que elle de bôa mente se encarregaria, dando aos que quizessem para ali ir, toda a liberdade para exercer o seu culto e a mais completa tolerancia.

Na qualidade de Cavalheiro de Malta, e portanto defensor do Catholicismo, não podia empregar outra linguagem, sob pena de não ser crido pelo Almirante ou então considerado como protestante, o que lhe não convinha.

O *ataque*, se assim nos podemos exprimir, produziu o desejado effeito; Coligny achou excellente a ideia, que abraçou com satisfação, e acreditando na sinceridade de Villegaignon prometteu-lhe o seu apoio, e fallar ao rei sobre o assumpto.

Este, a quem tambem se dirigio Villegaignon e lhe fez com enthusiasmo uma seductora pintura do paiz e dos habitantes,

1555 Jul: Agos:

que aliás Henrique II já conhecia de alguma forma, pois assistira as festas brasileiras celebradas em Rouen (veja-se a data de 1 de Outubro de 1550) demonstrando igualmente com talento de quanta vantagem seria ter os Francezes uma outra patria além do oceano e de como se enriqueceria a França com os productos da futura colonia, não duvidou tambem em lhe conceder o auxilio preciso, para que realisasse a sua ideia. Por a disposição, delle as tres embarcações da expedição, e deu-lhe alem disto dez mil francos para ajudar os gastos della.

Teriamos de ir muitissimo longe se quizessemos mencionar aqui todas as peripecias, que se deram para organisação da expedição, e expor os meios, alguns bem pouco decentes, que empregou Villegaignon para levar-a a effeito. Os estudiosos e os que se interessam pelas nossas cousas, poderão inteirar-se de tudo lendo *Les Projets de Villegaignon* escripto por Paul Gaffarel.

Entretanto diremos sempre aqui, que elle, depois de esgotar todos os meios e recursos, para arranjar colonos, e tendo apenas conseguido mui poucos, apesar das promessas e argucias empregadas, já para com o catholico, já para com o protestante, mandou pregar cartazes ao som de tambor por todas as tascas frequentadas por ociosos, vagabundos e gente de má vida, convidando a se engajarem, conseguindo assim augmentar um pouco mais o numero dos arrolados; mas como era este ainda insufficiente, obteve do rei a permissão de levar os criminosos e condemnados mais validos, que obstruiam as prisões, de Paris e de Rouen, o que lhe foi concedido, e assim augmentou mais o numero da sua gente.

Impellidos por um vento favoravel deixaram os navios da expedição o porto do Havre; mas apenas se acharam no oceano um forte vento do sul os lançou para a costa da Inglaterra, sobrevindo uma tempestade furiosa, que maltratou tanto as embarcações, que aquella em que ia Villegaignon abriu agua, o que forçou a pequena frota a retroceder para a Nor-

mandia, entrando no porto de Dieppe, sendo os navios puchados a cirga por causa da pouca fundura do mesmo porto.

Este desastroso começo degostou a diversos gentis-homens, que vinham na expedição, e que aproveitaram o ensejo para desembarcar, não querendo proseguir n'uma empresa que começava tão mal.

O mesmo fizeram quasi todos os operarios que voluntariamente se tinham apresentado a Villegaignon, e tambem alguns soldados.

Esta diserção produziu um effeito deploravel, e deste então Villegaignon só contou com os mercenarios e os condemnados, de quem não podia reclamar adjutorio valioso, e apenas serviços por salarios ou por obrigação.

Agosto 14—A pequena frota de Villegaignon deixa definitivamente a França em viagem para o Brazil, sahindo nesta data pela segunda vez do porto de Dieppe,

Quando ella ali entrara arribada no meiado do mez de Julho anterior, para reparar as avarias causadas pela tempestade, que assaltou-a na costa da Inglaterra, gastara tres semanas em concertos, e no começo deste mesmo mez de Agosto, estando já reparada, fez-se ao mar para proseguir na sua derrota; mas apenas fora, encontrou ventos tão contrarios que viu-se de novo forçada a reentrar no porto para evitar damno maior.

Agora, porém, deslisa-se serena pelas aguas do oceano caminho do seu destino.

Não foi sem accidentes a sua viagem: mas estes não estão no caso de serem aqui referidos, porque em nada nos interessão

23—Carta de Jeronymo de Albuquerque, cunhado do fallecido Duarte Coêlho, donatario da Capitania de Pernambuco, em cuja administração se achava, escripta de Olinda ao Rei D. João III dando-lhe no noticias da terra e começa assim:

“ Senhor.—De dous annos a esta parte, que se começou a guerra, tenho escripto á Vossa Alteza muitas dando-lhe conta das cousas desta Capitania e da dita guerra

1555 Agos: Nov:

das quaes até agora não vi resposta, e neste mez de Maio, que ora passou, por uma sua caravela, que por aqui passou vinda da cidade do *Salvador*, lhe escrevi, dando-lhe conta do que mais era succedido, e como Luiz de Seixas, que servia de capitão na ilha de *Tamaracá*, era levantado com dividas, deixando a dita Capitania desamparada em tempo de guerra e levando consigo um Bartholomeu Rodrigues, homisiado por morte de um homem, e pessoa muito prejudicial ao povo e assim outros e degradados e homisiados, aos quaes por suas obras se deve dar pouco credito, antes pena ou castigo.

“ E por razão desta guerra e sustentar esta capitania despendi muita fazenda e fiquei muito individado e pobre, como Vossa Alteza poderá saber de quantos vão desta villa e terra, e nas guerras passadas pedi a Vossa Alteza provesse uma pessoa que servisse de Capitão nesta Capitania a custa da sua fazenda, por quanto o pouco que ella rendia não bastava para minha irmã e seus filhos se manterem, e eu aceitei este cargo por me parecer que assim fazia algum serviço a Vossa Alteza. e que brevemente seria provido e portanto beijarei as mãos a Vossa Alteza haver por seu serviço de me dar licença que olhe para a minha fazenda, que estou no fundo, que é mais certo, que palavras de maldizentes que a Vossa Alteza o contrario dizem, e pela guerra da Bahia saberá o que eu tenho despendido.”

Acrescenta depois que dous engenhos se haviam perdido com a guerra, o de *Iguapé* e o de *Santiago* de Olinda, que fôra levantado por um Diogo Fernandes e outros companheiros naturaes de Vianna, a quem elle mandara se recolhessem a villa porque eram pessoas pobres e não tinham escravaria, armas nem artilharia com que se defendessem, e logo os indios roubaram e queimaram o mencionado engenho.

Conclue dizendo que soubera por Diogo Fernandes que um Bento Rodrigues morador na cidade, que tinha arrendado o trato de Guiné, folgaria de povoar os ditos

dous engenhos de *Iguapé* e de *Santiago* se Sua Alteza o mandasse chamar e n'isso lhe fallasse, que fizesse isto pois era muito do seu proveito, e se não se povoasse os dous engenhos a terra não poderia augmentar e nem ir adiante, e conclue:

“ Nova outra não há que contar, sómente este gentio está calado e atemorizado e com se fazerem os ditos engenhos de que Vossa Alteza ha de receber muito proveito e não perda, ficará a terra socegada, e os inimigos submittidos e sujeitos ao que lhe for mandado.”

A integra desta carta foi publicada no Rev: Trim: do Inst: Hist: e Geo: Braz: Vol: 49 Pag. 584.

Novembro 10—Após uma traversia de quasi tres mezes entra na bahia do Rio de Janeiro a pequena frota de Villegaignon, cuja tripolação e passageiros saudam a terra com gritos de alegria e salvas de artellheria, atrahindo a praia centenaes de selvagens, que entre o susto e alegria viam avançar as embarcações, não sabendo se eram ellas de Portuguezes, com quem viviam em hostilidade, se de Francezes seus aliados e amigos.

Segundo alguns chronistas, entre elles Lery, o primeiro lugar aonde pozeram pé foi na ilha da pedra em que está hoje edificada a fortaleza da Lage e os Francezes denominaram Ratier. Villegaignon mandou fazer ali barracas de madeira, collocar duas grossas peças de artilharia e alguns falconetes, e já se despunha a construir um forte, quando uma grande maré de inpecto irresistible, com a qual não contára, destruiu as obras começadas, revolveu tudo, e atirou no mar com as peças e munições.

Como bem disse Paulo Gaffarel, é increditavel que Villegaignon commettesse semelhante erro, ellé um homem pratico; de vistas prespicases e conhecimentos incontestaveis; mas o facto é affirmado por André Thevet, frade franciscano, que fazia parte da expedição e diz ter presenciado.

Se assim foi, não foi para acento da colonia, que Villegaignon escolheu seme-

1555 Nov:—1556 Jan: Fev:

lhante posição, como indica Lery, despeitado contra elle, pois era impossivel estabelecer-a ali; mas como um ponto estrategico para uma guarda avançada, que lhe dêsse signal do inimigo, se este apparecesse, pois o ilhote está logo a entrada da barra.

Para assento da colonia escolheu elle uma pequena ilha no centro da bahia chamada pelos indigenas *Serigipe*, e depois da occupação se chamou *Ilha dos Francezes* e hoje de *Villegaignon*. Estava cercada de rochedos a flôr d'agua, defeza natural de grande vantagem, e para a qual só por um ponto havia acesso, e este mesmo para pequenas embarcações.

Fez ali desembarcar a gente e deu começo a edificação de um forte, que denominou *Coligny* em honra do Almirante Gaspar de Coligny, a quem em grande parte deveu elle ter realisado o pensamento de se estabelecer no Brazil. Esta ilha é a que hoje tem o seu nome, assim como a grande fortaleza que nella se contruio.

1556

Janeiro 8—O Capitão e Alcaide-mór João Ramalho, reunido aos Camaristas da Villa de Santo André, protestam contra o procedimento do Capitão-mór e Ouvidor da Capitania de S. Vicente, Jorge Ferreira, por não querer limpar a pauta e apurar os votos dos novos officiaes eleitos para a mesma camara, pretendendo assim tomar-lhes a jurisdição, e prometem accusal-o ao Governador Geral do Estado.

20—Provisão do Governador do Brazil, D. Duarte da Costa, ao Capitão-mór e Ouvidor de S. Vicente, ordenando que ninguém vá ao campo de Piratininga a resgatar com os indios sem sua licença, que só dará a poucos de cada vez, não entrando n'essa concessão os moços, aos quaes era ella inteiramente vedada. A mesma provisão prohibia a fundição de quaesquer metaes que por lá se encontrassem.

22—Reunem-se os officiaes da Camara de Santo André, na Capitania de S. Vi-

cente, com o Alcaide-mór João Ramalho, para ouvirem a representação dos moradores contra o preço de 100 réis estabelecido pela camara para o alqueire de farinha, pedindo que o levassem a 120 rs. porque ninguem queria fazer farinha para vendel-a por aquelle preço.

A representação foi attendida, taxando-se o genero pelo preço indicado

Fevereiro 4—Nicoláu Barré, que tinha vindo para o Rio de Janeiro acompanhando Vellegaignon, e era um dos seus mais intimos familiares, avisa a elle de uma conspiração que diversos colonos haviam tramado, para assassinar o mesmo Villegaignon.

Quando este partiu de França não trouxe comsigo mantimentos sufficientes para o sustento da gente, que conduzio, confiando em que os selvagens forneceriam o que precisasse. Chegando não tratou de cultivar a terra pelo mesmo principio, o que deu em resultado sentir fome a colonia dentro de pouco tempo, pois os indigenas não quizeram ou não a poderam suprir sufficientemente, o que desgostou em extremo aos emigrantes, a quem tambem a mudança d'alimentação, tão differente da que estavam habituados, produziu molestias, que principiam a debelitar-lhes as forças.

Acresce que Villegaignon, longe de ter em consideração estas circumstancias, os forçava a um trabalho pesado e sem tregua, sob um sol ardente, para adiantar a construcção da fortaleza, que havia começado, quando podia empregar neste serviço os indigenas, que melhor resistiriam ao rigor do clima.

Exasperados por semelhante tratamento, e tambem por outros procedimentos demasiados duros e rigorosos de Villegaignon para com elles, que denatavam bem a servidão em que os queria ter, e o que teriam de esperar da sua parte, resolveram livrar-se da situação em que se achavam, para o que não havia outro meio si não assassinal-o.

1556 Fev:

Reuniram-se para deliberar sobre isto os mais audaciosos, incitados por um interprete que havia sete annos, ali residia vivendo licenciosamente, e se havia amancebado com uma selvagem da qual tinha filhos, e cujas relações Villegaignon lhe prohibiu contennasse a ter, a menos que com ella se não casasse, de que pouco se lembrava elle, sob pena de o fazer enforçar.

Em principio propuzeram envenenal-o; depois em lançar fogo ao paiol da polvora da fortaleza, que ficava proximo da habilitação d'elle, e por ultimo assassinal-o no Domingo proximo, quando todos estavam em suas casas, por ser dia santificado, e elle não teria quem o soccorresse ou o soccorro chegaria tarde. Foi isto o que ficou adoptado.

Havia, porém um grande embarço para chegar até a sua pessoa.

Era uma guarda de valerosos Escossexes, que elle trouxera consigo para guardar a sua pessoa, e que velavam junto a si se revesando dia e noite.

Lembraram-se de interessar na conspiração a estes homens, que julgaram não estarem satisfeitos, por que Villegaignon, pelo seu character inpectuoso, máu genio e soberbia, não os poupava, e tambem os maltratava sem consideração alguma.

Fingiram os Escossezes concordar no plano afim de terem d'elle pleno conhecimento, sobre tudo saber o dia e hora em que devia ser posto em pratica e os nomes dos principaes conjurados.

Logo que de tudo estiveram perfectamente inteirados procuraram a Nicoláu Barré, que conhecia a lingua d'elles, e revelharam-lhe o segredo a fim de que fosse prevenir a Villegaignon o que elle fez immediatamente.

Apenas o caso foi devulgado a melhor gente da colonia correu a juntar-se com Villegaignon, que sentindo-se forte com este apoio tratou de fazer prender aos cabeças da conspiração, sendo quatro logo agarrados e acorrentados.

Um d'elles, antevendo o suplicio que o aguardava e com o fim de evital-o, foi-se

arrastando como pôde até as muralhas do forte e atirou-se ao mar, onde morreu affogado.

No dia seguinte Villegaignon mandou vir a sua presença os tres restantes, e um destes, lhe havendo confessado toda a conspiração, o mandou estrangular, condemnando os dous restantes á trabalhos forçados.

Quanto aos mais fingiu que nada sabia, afim de não ter que punil-os, pois seria um grande desfalque para as obras que tinha em andamento.

O interpetre, principal author da conjuração, escapou do castigo, porque estando no continente, quando ella foi descoberta e presos os seus companheiros, não tornou mais a ilha.

Esta narração a fazemos de accordo com que escreveu Nicoláu Barré, João de Lery e Paulo Gafarel; mas Villegaignon em uma carta que escreveu a Calvino; em 31 de Março deste mesmo anno de 1556, narra o facto por differente forma, dizendo:

“Aconteceu, com tudo, que alguns vinte e seis dos nossos mercenarios, estimulados pelos appetites sensuaes, conspiraram para matar-me. No dia, porém, marcado para a execução, foi-me revelada a trama, por um dos cumplices na mesma occasião em que deligentemente procuravam-me para cahirem sobre mim. Evitei o perigo pela mameira seguinte: havendo feito armar a cinco criados meus investimos contra elles, que possuidos de terror e pasmo deixaram-se facilmente vencer.

Prendi a quatro dos principaes conspiradores, cujos nomes me haviam sido revelados: occultando-se os outros depois de terem deposto as armas.

Mandei no dia seguinte soltar a um, para que pudesse ua maior liberdade pleitear a sua causa, mas pondo-se a correr lançou-se ao mar onde affogou-se. Os restantes, sendo conduzidos a minha presença, amarrados como estavam, declararam o que eu já sabia; da bocca do cumplice e dilator: isto é que um d'elles, havendo sido pouco antes castigado por

1556 Maio Jun:

mim por entreter relações ilícitas com uma mulher de má vida, captou por presentes ao pae dessa mulher para que o livrasse do meu poder no caso de obstinar-me eu em enterromper as ditas relações. Tal foi o primeiro pensamento da revolta.

“ Fil-o enforcar e estrangular por semelhante crime. Commuttei aos dous outros a pena de morte na de prisão com trabalho: e quanto aos mais não quiz tomar conhecimento do seu delicto a fim de que não fosse obrigado a punil-os; o que importaria n'um grande desfalque de operarios para as obras que tinha emprenhado.”

Maio 10—Carta Regia de D. João III confirmando a sesmaria da *Ilha de Haparica* e mais terras adjacentes na Capitania da Bahia, dada pelo primeiro Governador do Brazil Thomé de Souza, a D. Antonio de Atahyde, no mez de Abril do anno de 1552. Veja-se factos sem data desse anno.

30—Carta Regia de D. João III confirmando na pessoa de D. Leonor de Campos Tourinho, viuva de Gregorio de Pesqueira, a doação da Capitania de Porto Seguro por succeder ella nos direitos a seu irmão Fernão de Campos Tourinho, que os herdara de seu pae, o primeiro donatario, Pedro de Campos Tourinho, e morrera solteiro

Por equívoco escrevemos, em á data de 10 de Outubro de 1553, as paginas 160, tratando da morte do primeiro donatario e de como seu filho e herdeiro morrera pouco depois, que havia a Capitania passado a sua viuva em vez de escrever sua irmã, o que agora retificamos.

Junho 2—Parte da Bahia para Lisbôa a não Nossa Senhora d'Ajuda na qual ia o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, que em virtude de desavenças tidas com o Governador D. Duarte da Costa fôra chamado a côrte. Ficou governando a diocese o Vigario Geral do bispado Dr. Francisco Fernandes.

Como já tivemos occasião de mostrar, aquellas duas principaes authoridades da colonia se hostilisaram deploravelmente, vivendo em uma luta sobremodo prejudicial para a nascente cidade, e o facto de ser retirado o bispo parece que a côrte achou ser elle o mais culpado, do que havia succedido; entretanto, parece, tambem que já neste tempo elles se tinham conciliado, a julgar-se pelo seguinte trecho de uma carta do Padre Ambrosio Pires, da Companhia de Jesus, escripta da Bahia a 12 de Junho do anno anterior 1555, aos seus companheiros em Lisboa, e na qual se lê o seguinte, fallando do proceder virtuoso do Padre Antonio Pires:

“ Um dia destes fez as pazes do bispo e do Governador e seu filho, que estavam muito differentes e eram cabeças de partido e occasião de muitos odios e tumultos; e conseguiu que se visitassem e que o filho do Governador fosse pedir perdão ao Bispo, o que foi não pequena cousa, pois o joven fazia disto questão de honra.”

Ter-se-iam elles desavido depois desta reconciliação? Não consta.

16—Naufraga nos baixios chamados de D. Rodrigo, na enseada dos Francezes, entre os rios de S. Francisco e Cururipe, a não Nossa Senhora d'Ajuda, em que ia para Lisbôa o primeiro bispo do Brazil, D. Pedro Fernandes Sardinha, o qual, e todos os mais passageiros, homens, mulheres, crianças, velhos e tripolantes, em numero de cem, cahiram em poder dos indios Cahetés, e foram devorados por estes selvagens, escapando apenas um Portuguez, que fallava a lingua indigena, e dous indios da Bahia; assim o dizem a maioria dos chronistas: entretanto o jesuita Antonio Blazque, em carta escripta da Bahia a 10 de Junho do anno seguinte, 1557, para Lisbôa, diz que se salvaram dez pessoas.

Tinhão os infelizes naufragos, conseguido ganhar a terra auxiliados por aquelles mesmos antropophagos, e já iam caminho de Pernambuco, pela beira do mar, quando, ao atravessarem o Rio de S.

1556 Jun: Jul: Set:

Miguel foram por elles assassinados barbaramente. Já nessa occasião se achava o bispo na parte opposta do rio, que havia atravessado, donde presenciou a terrivel matança, mas não tardou em chegar a sua hora sendo o ultimo a ser morto.

O monte aonde fôra sacrificado ainda hoje é conhecido pelo nome de Monte do Bispo, e tornou-se, segundo a tradição, arido e secco de fertil que era.

O cathalogo dos bispos, inserto na *Constituição do Arcebispado da Bahia* perpetuou a memoria deste prelado com o destico seguinte:

“Brazilie prima crudelia gente voratus, Pastor oves parvi, carnicerosque lupus.”

Cardozo, no seu *Agiologio*, refere este acontecimento aos 25 de Fevereiro e o Padre Alencar assim como Accyoli, o dão no mez de Julho.

A data que seguimos, é, além de outros authorisada pelo Padre Simião de Vasconcellos.

Eis a relação das principaes pessoas que foram sacrificadas neste sinistro, conforme uma nota enviada pela Camara da Bahia, n'uma representação dirigida ao Rei D. João III, contra o Governador D. Duarte da Costa.

“O bispo, o Deão e dous Conegos; Antonio Cardozo de Barros, Lazaro Ferreira, Francisco Mendes da Costa, Sebastião Ferreira (que ia por procurador da cidade) o marido de Clemencia Doria, a sogra de Rodrigo de Freitas, a mulher de Braz Fernandes, seu pai Antonio Pinheiro, e a velha que veio com as orphãs.”

Julho 23 —Carta Regia de D. João III, nomeando o Desembargador Mendo de Sá Barreto (por abreviação Mem de Sá) Governador do Brazil. Só tomou posse do cargo nos fins do anno seguinte, 1557.

Setembro 2—João Ramalho, Alcaide-mór da Villa de Santo André na Capitania de S. Vicente condemna ao morador da mesma villa, Diogo Freire, na multa de 500 rs. por ter sahido fora della sem licença.

Setembro 16—A instancias do Almirante Coligny e de João Calvino, Chefe da Igreja de Genebra, o velho Felippe de Corguilleray, que para perto d'aquella cidade se tinha retirado em avançada idade, concordou em fazer uma viagem ao Brazil, afim de conduzir os calvinistas, que quizessem ir, para colonia estabelecida no Rio de Janeiro por Nicoláu Durand de Villegaignon, e nesta data poz-se a caminho acompanhado dos pastores Pedro Richier e Guilherme Chartier, que voluntariamente se offereceram para pregar o Evangelho aos selvagens, e mais os seguintes theologos e artistas, Pedro Burdon, Matheus Verneuil, João du Bordel, André Lafou, Nicoláu Denis, João Gardien, Martin David, Nicoláu Raviquet, Nicoláu Carneau, Thiago Rousseau e João de Lery.

No começo deste anno Nicoláu Durand de Villegaignon escrevera aos Directores da mencionada Igreja de Genebra pedindo pastores, para pregar aos seus colonos a verdadeira doutrina de Jesus Christo e cathequizar o gentio; assim como alguns officiaes de diferentes artes, offerecendo a todos que quizesse ir para a sua colonia, salarios e accomodação, até mesmo mulheres.

Este passo de Villegaignon é a prova mais cabal da duplicidade com que procedia movido pelo interesse proprio.

Quando veio para o Brazil trouxe consigo todos os ornamentos precisos para a celebração do culto catholico, e fez-se acompanhar do franciscano André Thevet, a quem regularmente se confessava. Duas terças partes dos seus colonos eram catholicos, mas, infelizmente, os peiores, quasi todos recrutados nas tavernas e tirados das prisões de Paris e Rouen, (veja-se a data de 12 de Julho de 1555) pelo que teve elle de formar a sua sociedade com os protestantes, que era a melhor gente

Desta convivencia, e n'aqual o principal assumpto das discussões era a questão da epocha, a reforma do Evangelho, apresentada por Calvino, resultou que elle se achasse vacillante em suas crenças, nas

1556 Set: Nov:

quaes, infelizmente o seu confessor não o sustentava, porque tambem as não tinha firmes.

Não lhe convindo abandonar o catholicismo, porque seria perder o seu titulo de Cavalheiro de Malta, e provavelmente a protecção, que lhe dispensava o Rei Henrique II, que o considerava bom catholico, e desejando ver prosperar a sua empreza com auxilio de gente melhor, do que os mercenarios, que havia trazido, lembrou-se do expediente de se dirigir aos chefes calvinistas com a mesma argucia com que procedera para com o Almirante Coligny, quasi certo de que obteria um bom resultado, sem precisar manifestar-se protestante.

E assim succedeu.

A sua carta, que foi considerada como uma abertura para o protestantismo, causou grande satisfação aos Directores da Igreja de Genebra, que deram della conhecimento a Calvino, o qual, com grande zelo, tratou logo de dar execução ao pedido.

Conseguindo juntar o pessoal, que acima nomeamos, fel-o partir sob a direcção do respeitavel ancião com destino a Honfleur, porto de embarque, devendo em caminho passar por Châtillon-sur-Loing aonde residia Coligny, para comprimental-o, e de lá foram a Pariz, aonde outros protestantes, dos quaes alguns eram fidalgos, se resolveram acompanhá-los.

Passou tambem a caravana pela cidade de Rouen, aonde foi augmentada com mais alguns empregados.

Em Honfleur, havendo elles celebrado o mysterio da ceia durante a noite, contra as ordens expressas do governo, excitaram por isso contra si, e em alto ponto, a colera dos habitantes, que cahiram sobre elles, e mataram a um official chamado Saint Dinis, que devia encarregar-se do serviço das minas.

Novembro 10—Carta Regia de D. João III convertendo em Capitania a sesmaria da *Ilha d'Itaparica* e terras adjacentes, dada pelo primeiro Governador do

Brazil, Thomé de Souza, a D. Antonio de Atayde, Conde de Castanheira em dias do mez de Abril de 1552, sesmaria que havia sido confirmada por Carta Regia de 10 de Março deste mesmo anno de 1556, (veja-se essa data) abrangendo, porém, a nova Capitania sómente as *Ilhas d'Itaparica* e *Tamarandiva*.

O Visconde de Porto Seguro que, como já dissemos, affirmou ter sido esta doação feita a D. Violante de Tavora, escreveu nesta data o seguinte:

“A agraciada nem seus herdeiros vieram della aproveitar-se, apesar da outorga pela soberano de um foral e de muitas confirmações regias; por se haver sempre opposto ao acto da posse a Camara da cidade, allegando uma clausula do Regimento de que o Governador só daria a cada pessoa de sesmaria a terra que podesse beneficiar, obrigando-se a ir nella viver pelo menos tres annos, o que não se realisava com a mencionada D. Violante nem com seus herdeiros.”

19—A expedição calvinista larga do porto de Honfleur na França com direcção ao Rio de Janeiro.

Compunha-se ella de tres bellos navios fornecidos pelo rei Henrique II, chamados *Grand Roberge*, *Petite Roberge* e *Rosée*, armados de dezoito peças de bronze, equipados á custa da corôa, e era commandada por Bois-le-Conte, sobrinho de Villegainon.

Duzentas e noventa pessoas, entre marinheiros, soldados e artistas; mais cinco rapazes destinados a aprenderem a lingua dos gentios; e outras tantas raparigas acompanhadas de uma governante.

“Foram estas, diz João de Lery, o historiador da expedição, as primeiras mulheres francezas levadas á terra do Brazil, cujos naturaes, que nunca tinham visto mulheres vestidas, ficaram em extremo embasbacados com a chegada dellas.”

Apezar do furor fanatico de alguns habitantes do lugar, a expedição sahindo do porto foi saudada pela artilharia do forte, ao som de cornetas, tambores e pífanos.

1556 Dez:

Tendo caminhado apenas uma legua fundearam os navios na enseada de Caulx, segundo era costume, a fim de se passar revista á bordo, e só no dia seguinte fizeram-se ao mar.

Dezembro 20 — A frota franceza que vinha para o Rio de Janeiro, sob o commando do calvenista Bois-le-Conte, e se achava em frente da Ilha Tenerife, aonde a tripolação não poudo desembarcar, para obter refresco, pela opposição que lhe fizeram os habitantes, avista por sotavento uma caravela portugueza, a qual não podendo fugir-lhe, em virtude da posição em que se achava e nem lhe resistir, amainou as velas e foi entregar-se collocando-se ao lado do navio *Petite Roberge*.

Bois-le-Conte, á vista do costume da epocha, tinha o direito de julgal-a bóa presa e juntal-a aos seus navios; mas assim não fez, aggravando este acto de pirataria pelo odioso tratamento a que sugentou a tripolação.

O capitão do navio portuguez, comprehendendo n'um relance de olhos com quem tratava, não procurou commovel-o pela sua sorte, pedindo que lhe restituisse o seu navio. Conhecia os usos e costumes do oceano, e tinha consciencia de que elle mesmo não se comportaria de outro modo si se achasse no mesmo caso, e por isso limitou-se a pedir a Bois-le-Conte, que lhe desse uma lancha e alguns marinheiros determinados, que elle se obrigava a capturar um outro navio, para dar em lugar do seu.

Esta proposta era original; mas não obstante Bois-le-Conte aceitou-a, e deu ao portuguez uma lancha tripolada por dezesseis soldados, a qual se poz logo na vanguarda da frota.

Cinco dias depois encontrou ella uma caravela hespanhola carregada de sal da qual se apoderou depois de uma pequena resistencia.

Bois-le-Conte a considerou como bóa presa e fez logo passar para ella uma parte da sua gente e juntou-a a sua frota.

Cumprindo a sua promessa entregou ao capitão portuguez o seu navio, tendo antes posto nelle a tripolação do navio hespanhol.

Teria sido mais humano que tivesse antes morto a toda esta gente.

Os marinheiros francezes haviam retirado da embarcação portugueza todos os mantimentos, rasgado as velas, e furtado o bote, de sorte que n'ella não se tinha o que comer, e quando por acaso fosse atirada n'alguma costa, pela correnteza das aguas, não poderiam desembarcar os que n'ella iam por falta de embarcação pequena.

E assim os deixou em pleno mar.

Se não tiveram a felicidade de ser soccorridos, por alguma outra embarcação, morreram de fome ou submergiram-se.

Taes eram os costumes maritimos do seculo XVI.

João de Lery, que nos dá estes promenores da viagem da frota calvinista, e outros de pouco interesse para serem aqui mencionados, acrescenta:

“ Emfim, para não ser infadonho ao leitor, referindo particularmente todas as tomadias de caravelas, que fizemos, direi que no dia seguinte 26 e depois a 29 do dito mez de Dezembro, apresamos mais duas embarcações, as quaes nenhuma resistencia offereceram.

“ A primeira era portugueza, e embora os nossos marinheiros, principalmente os que estavam na caravela hespanhola, que conduziamos, tivesse grande desejo de saqueal-a, em razão de terem dado alguns tiros de falconete na occasião do encontro, os nossos mestres e capitães, depois de fallarem com a gente de bordo, a deixaram seguir sem lhe causar damno.

“ A outra era de um Hespanhol, e della tomaram vinho, biscoutos e outras vitualhas. O dono sobre tudo lamentava a perda de uma gallinha que lhe roubaram; pois, conforme elle dizia, por maior tormenta que houvesse, ella não deixava de pôr, fornecendo-lhe assim todos os dias um ovo fresco no seu navio. Tambem esta caravela foi mandada embora por Bois-le-Conte. ”

1556

Ambas foram mais felizes que as duas primeiras aprisionadas.

Neste anno concluiu-se a casa e a igreja de S. Paulo de Piratininga, para o que muito concorreu com seu trabalho o veneravel padre Affonso Braz, sendo o mestre, assim dos muros como da carpintaria, como, affirma José de Anchieta em uma de suas cartas, e quando estavam entregues ao afanoso e util trabalho, os mestiços, descendentes dos portuguezes, com os indigenas conhecidos pela denominação de *mamelucos*, excitando algumas tribus vizinhas, atacaram o collegio, mas o Padre José de Anchieta, armando os novos convertidos repelliram estes as aggressões.

Quando se deu este acontecimento, ainda era vivo e se achava na Bahia o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, o qual, indignado de tanta ousadia, procedeu logo como podia contra aquelles malfeitos, porem não encontrou apoio no Governador Geral D. Duarte da Costa, em virtude das desavenças em que viviam.

A primeira epidemia que houve no Brazil foi a da variola, que neste anno se desenvolveu entre os indigenas Tamoyos no Rio de Janeiro.

Morreram para mais de 800.

Lescarbot diz que houve quem persuadissem a essa pobre gente, que era Villegaignon quem os fazia morrer.

O Senado da Camara da cidade do Salvador, Capitania da Bahia, dirigio neste anno uma representação ao Rei D. João III pedindo em altos brados, em nome de todo o povo, que *pelos Chagas de Christo* mandasse com brevidade governador e ouvidor retirando os que estavam, pois que para penitencia dos peccados já bastava tanto tempo.

Eram elles D. Duarte da Costa e o Desembargador Pero Borges, contra os quaes já muitas vezes tinha representado a mesma camara e povo,

“Estas repetidas representações, diz o Visconde de Porto Seguro, nem por isso faziam que mais depressa se apromptasse a partir o individuo designado tempo antes para desempenhar o primeiro daquelles cargos.”

Era elle o Desembargador Mendo de Sá Barreto, que só chegou nos fins do anno seguinte, 1557.

Jorge Ferreira, que tinha sido nomeado Loco-tenente do donatario da Capitania de S. Vicente e Capitão-mór Governador della, já exercia este cargo a 8 de Janeiro deste anno de 1556, conforme consta de uma reunião feita nesse dia pelos camaristas da Villa de Santo André, (veja-se essa data) pelo que conjecturamos que tomara posse em fins do anno anterior.

Foi o oitavo na ordem chronologica e governou cerca de anno e meio, pouco mais ou menos, acabando em dias de 1557 quando foi substituido por Antonio Rodrigues de Almeida.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

*e um
publicado.*

INDEX DO PRIMEIRO VOLUME

As datas e factos contidos neste volume, são indicados neste Index, não pelo numero da pagina em que estão inseridos, mas pelo dia, mez e anno em que succederam, e vão marcados no alto de cada pagina, o que permite facilmente serem encontrados.

A

- Acclamação do Rei D. João III. — Dez: 19 de 1521.
Accordo de Saragoça. — Abr: 22 de 1529.
Affonso de Albuquerque. — Veja-se armada de...
Alvaro Nuñez Cabeça de Vacca. — Idem, idem.
Aleixo Garcia. — 1526.
Alonso Cabrera. — Veja-se armada de...
Alonso de Hojeda. — Idem, idem.
Americo Vesputio. — Maio 10. — Jun: 27 de 1499. — Maio 14 de 1501. — Jun: 10 e Agos: 10 de 1503. — Abr: 2 e Jun: 18 de 1504. — Fev: 25 de 1512.
André Gonçalves. — Maio 2 de 1500.
Antonio de Oliveira. — Jan: 18 de 1537. — Out: 16 de 1538. — Jan: 28 de 1549.
Antonio Ribeiro. — Out: 26 de 1528.
Armada de Affonso de Albuquerque. — Abr: 6 de 1503.
“ de Alvaro Nuñez Cabeça de Vacca. — Mar: 29 e Nov: 2 de 1541.
“ de Alonso Cabrera. — 1538.
“ de Alonso de Hojeda. — Maio 10 e Jun: 27 de 1499.
“ de Ayres da Cunha. — 1535. — 1538.
“ de Christovão Jacques. — 1526. — 1527.
“ de Diogo Garcia. — Jan: 15 de 1526 e Jan: 15 de 1527.
“ Exploradora. — Maio 14; Agos: 7, 8, 9, 14 e 28; Set: 29, Out: 4; Nov: 1; Dez: 13, 21 e 25 de 1501. — Jan: 1, 6, 20 e 22; Fev: 15; Abr: 3; Maio 30; Set: 7 de 1502.
“ de Fernando de Magalhães. — Dez: 13 e 27 de 1519.
“ de Francisco de Menezes (D). — 1507.
“ de Francisco de Almeida (D). — 1505.
“ de Garcia de Loaysa. — Jul: 24 de 1525.
“ de Gonçalo Coelho. — Jun: 10 e Agos: 10 de 1503. — Jan: 18 de 1504.
“ de João da Nova. — Mar: 5 de 1501.
“ de Luiz de Mello e Silva. — 1539 — 1554.
“ de Martim Affonso de Souza. — Dez: 3 e 29 de 1530. — Jan: 3, 12 31; Fev: 1 a 4, 17 e 19; Mar: 13, 17, 26 e 27; Abr: 30; Agos: 1 e 17; Set: 1 e 26; Out: 15, 16 e 22; Nov: 23; Dez: 27 de 1531 — Jan: 1, 20 e 22 de 1532.

A B C

- Armada de Pedro Alvares Cabral.—Mar: 9 e 22; Abr: 21 a 30; Maio 1, 2 e 12 de 1500.
 “ de Pero Lopes de Souza.—Maio 22; Jul: 2, 4, 18 e 30; Agos: 3; Nov: 4 de 1532.
 “ de Pero de Góes.—Nov: 1 de 1649.
 “ de Sebastião Cabot.—Jun: 3, Set: 29; Out: 19 de 1526.—Fev: 15 de 1527.
 “ de Sebastião de Alcaçova.—Maio 1; Agos: 18 de 1535.
 “ de Senabria.—Nov: 24 e 25 de 1549.—1550.—1552.—1553.
 “ de Tristão da Cunha.—Mar: 6 de 1506.
 “ de Vicente Yanez Pinzon.—Jan: 26 de 1500.—1508.
 Ataque do Engenho Pirajá pelos indigenas.—Maio 26 e 30 de 1555.

B

- Bacharel de Cananea.—Jan: 20 de 1502.—Jan: 15 de 1526.—Agos: 17 de 1531.
 Bahia de Todos os Santos.—Veja-se descoberta da...
 “ do Salvador.—Idem, idem.
 Binot Paulmier de Gonneville.—Veja-se *L'Espoir de Honfleur*.
 Bispo do Salvador.—Mar: 24; Jun: 22 de 1552.—Jun: 2 e 16 de 1556.
 Braz Cubas.—Jun: 8 de 1545.—1551.—1553.
 Bulla *Cum ad nihil magis* do Papa Julio III.—Maio 23 de 1536.
 “ *Eaque pro bono pacis* do Papa Julio III.—Jan: 24 de 1506.
 “ *Inter cætera divince Magestate beneplacita opera* do Papa Alexandre VI.—Maio 4 de 1493,
 “ *Præclara charissimi in Christo* do Papa Julio III.—Jan: 4 de 1551.
 “ *Pro excellenti proeminente* do Papa Leão X.—Jun: 12 de 1514.
 “ *Super specula militantis Ecclesie* do Papa Julio III.—Fev: 25 de 1551.
 “ *Veritas ipsa que nec falli nec fallere poteste* do Papa Paulo III.—Jun: 2 de 1537.

C

- Cabo de Santo Agostinho.—Veja-se descoberta do...
 “ de S. Roque.—Idem, idem.
 “ de S. Thomé.—Idem, idem.
 Camara de Santo André.—Jan: 8 e 22 de 1556.
 “ de S. Vicente.—Set: 9 de 1542.—Jan: 3 e Jul: 21 de 1543.—Mar: 3 de 1544.
 Cana de Assucar.—1526.
 Capitania de Antonio Cardoso.—Nov: 19 de 1535.
 “ da Bahia.—Abr: 5; Agosto 26 de 1534.—1536.—1545.—1547.
 “ do Espirito Santo.—Jan: 1; Set: 25 e Out: 7 de 1534.—Maio 23 e Out: 6 e 7 de 1534.—Maio 23 de 1535.—1540.—1550.—Set: 8 de 1551.
 “ de Fernão Alvares de Andrade.—Jun: 18 de 1535.
 “ dos Ilhéos.—Jul: 26 de 1534.—Mar: 11 de 1535.—Nov: 22 de 1552.
 “ de Itamaracá.—Set: 1 e Out: 6 de 1534.
 “ do Maranhão.—11 de 1535.—1538.
 “ de Pernambuco.—Mar: 10; Set: 24 e 25 de 1534.—Mar: 9 de 1535.—1541.—1547.—Jan: 28 de 1548.—Maio 10 de 1554.

C D

- Capitania de Porto Seguro.—Set: 23 e Out: 7 de 1534.—1535.—Out: 10 de 1553.—Nov: 19 de 1554.
- “ de Santo Amaro.—Set: 1 e Out: 6 de 1534.
- “ de S. Thomé.—Fev: 26 e Agos: 28 de 1536.—1539.
- “ de S. Vicente.—Out: 6 de 1534.—Jun: 20 de 1535.
- Carta de Affonso Gonçalves a D. João III.—Maio 3 de 1548.
- “ do Bispo do Salvador a D. João III.—Abr: 11 de 1554.
- “ de D. Daarte da Costa a D. João III.—Abr: 3 e 8.—Maio 20 de 1555.
- “ de D. Rodrigo de Acuña a D. João III.—Abr: 10 de 1528.
- “ do Dr. Simão Affonso a D. João III.—Agos: 2 de 1530.
- “ de Duarte Coelho a D. João III.—Abr: 27 de 1542.—Dez: 20 de 1546.—Mar: 22 de 1548.—Abr: 15 de 1549.—Nov: 24 de 1550.
- “ de Duarte de Lemos.—a D. João III.—Jul: 14 de 1550.
- “ de Estevão de Frões a D. João III.—Jul: 30 de 1514.
- “ de Jeronymo de Albuquerque a D. João III.—Agos: 28 de 1555.
- “ de João da Silveira a D. João III.—Fev: 11 de 1526.
- “ de Luiz de Góes a D. João III.—Maio 12 de 1548.
- “ do Padre Antonio Pires.—Agos: 2 de 1551.
- “ do Padre Manoel da Nobrega.—Agos: 11 de 1551.
- “ de Pero de Campos Tourinho a D. João III.—Jul: 28 de 1546.
- “ de Pero de Góes a D. João III.—Abr: 29 de 1546.—Abr: 29 e Jul: 18 de 1551.
- “ de Pero Vaz de Caminha.—Maio 1 de 1500.
- “ do Rei D. Manoel aos reis de Castella.—Jul: 9 de 1501.
- “ Idem idem ao Papa Julio II.—Jun: 12 de 1508.
- “ Idem D. João III a Martim Affonso de Souza.—Set: 28 de 1532.
- “ Idem, idem a Baltazar de Farias.—Jan: 31 de 1550.
- “ Idem idem a Diogo Alvares.—Nov: 19 de 1548.
- “ de Thomé de Souza ao Rei D. João III.—Jul: 18 de 1551.
- “ de Sésmaria passada a Braz Cubas.—Set: 25 de 1536.
- “ Idem idem a Diogo Alvares.—Dez: 20 de 1536.
- “ Idem, idem, a Francisco Pinto.—Mar: 4 de 1533.
- “ Idem idem a Ruy Pinto.—Fev: 28 de 1533.
- Casa de Misericórdia de Santos.—Abr: 2 de 1551.
- Christovão de Aguiar de Altero.—Mar: 28 de 1542.
- Christovão Jacques.—Veja-se armada de...
- Cidade do Salvador.—Mar: 31 de 1540.
- Creação do governo geral.—Jan: 7 de 1549.
- Creação do Bispado do Salvador.—Fev: 25 de 1551.
- Collegio dos Jesuitas em S. Paulo.—Jan: 25 de 1554.—1554.

D

- Descoberta da Bahia de Todos os Santos.—Nov: 1 de 1501.
- “ da Bahia do Salvador.—Dez: 25 de 1501.
- “ do Brazil.—Abr: 22 de 1500.
- “ do Cabo de Santo Agostinho.—Agos: 28 de 1501.
- “ do Cabo de S. Roque.—Agos: 16 de 1501.
- “ do Cabo de S. Thomé.—Dez: 21 de 1501.

D E F

- Descoberta da Ilha de Angra dos Reis.—Jan: 6 de 1502.
 “ da Ilha de S. Sebastião.—Jan: 20 de 1502.
 “ da Ilha de S. Vicente.—Jan: 22 de 1502.
 “ da Ilha da Trindade.—Mar: 5 de 1501.
 “ do Rio de Janeiro.—Jan: 1 de 1502.
 “ do Rio S. Francisco.—Out: 4 de 1501.
 “ do Rio Santa Luzia.—Dez: 13 de 1501.
 “ do Rio de S. Miguel.—Set: 29 de 1501.
 “ do Rio S. Vicente.—Jan: 22 de 1502.
 Diogo Alvares (o Caramurú).—1510.
 Diogo Garcia.—Veja armada de....
 Diogo de Lepé.—1500.
 Diogo Leite.—Fev: 18 de 1531.
 Diogo Muniz Barreto.—Maio 2 de 1554.
 Diogo de Ordas.—1531.
 Diogo de Senabria.—Veja armada de...
 Dr. Simão Affonso.—Veja carta do...
 Duarte da Costa (Dom).—Maio 8 e Jul: 13 de 1553.
 Duarte Coelho.—Veja-se Capitania de Pernambuco e cartas de...
 Duarte Coelho de Albuquerque.—Maio 10 de 1554.
 Duarte de Lemos.—Agos: 20 de 1540.—Jan: 8 de 1549.

E

- Engenho de assucar.—1516.—1526.
 Estevão de Froes.—Veja-se carta de...
 Espoir (L) de Honfleur.—Jun: 24; de 1503.—Jan: 6;—Abr: 7.—Jul: 3;
 Set: 12; Out: 10; Dez: 21 de 1504 e Maio 20 de 1505.
 Essomeric (indígena)—Set: 12 de 1504.—Maio 20 de 1505.
 Expedição Calvinista.—Set: 16; Nov: 19; e Dez: 20; de 1556.
 “ de Pero Lobo.—Set: 1 de 1532.
 “ de Villegaignon.—Jul: 12.—Agos: 14.—Nov: 10 de 1555.—Fev:
 4 de 1556.

F

- Fernando de Magalhães.—Veja-se armada de...
 Festas Brazileiras.—Out: 1 de 1550.
 Foral da Villa de Olinda Mar: 12 de 1537.
 Francezes no Brazil.—1504—1526.
 Francisco de Almeida. (D)—Veja-se armada de...
 “ de Menezes (") Idem, Idem.
 “ Orellana.—Dez: 31 de 1540—Jan: 8; Abr: 14; Agos: 26 de
 1541.—Fev: 27 de 1544.
 “ Pereira Coutinho.—Veja-se Capitania da Bahia.
 Frota de socorro.—1550.—1551.
 Fundação da Cidade de Santos 1536.
 “ “ “ do Sdlvador.—Mar: 31 de 1549.

G H I J L

G

- Garcia de Loaysa.—Veja armada de...
 Gonçalo Coelho.—Veja-se armada de...
 " Monteiro.—1533.
 Gramatão Telles.—1548.
 Governadores do Brazil.—Thomé de Souza.—Mar: 29 e Nov: 1 de 1549.
 " " " Duarte da Costa (Don) Jul: 13 de 1553.

H

- Hans Staden.—Jan: 28 de 1548.—Nov: 25 de 1549.—Out: 31 de 1554.

I

- Irmãos Parmentier.—1520.
 Ilha de Angra dos Reis.—Veja descoberta da...
 " de Cananéa Jan: 22 de 1502.
 " de Fernando Noronha Jan: 16 e 24 de 1504.—Mar: 3 de 1522
 " de Itaparica.—1552.—Maio 10; Nov: 10 de 1556.
 " de Santo Antonio Jan: 13 de 1535—Jul: 15 de 1537.—Jan: 8 de 1549.
 " de São Sebastião.—Veja descoberta da...
 " de São Vicente idem, idem.
 " da Trindade—Mar: 5 de 1501.
 Indigenas em França—1509—Out: 1 de 1550.
 " em Portugal—1500.—1513.
 Inglezes no Brazil.—1516.—1530.—1540.—1542

J

- João Dias de Solis—1508.—Out: 8 de 1515—1517
 " de Lisboa.—1506.
 " da Nova. Veja armada de...
 " Ramalho Jan: 22 de 1502.—Jan: 17 de 1531.—Set: 2 de 1556.
 " da Silveira. Veja carta de...
 Jorge de Albuquerque—Abr: 23 de 1539.
 " Fernandes—Abr: 20 de 1553.
 " de Figueiredo Correa.—Veja-se Capitanir dos Ihéus.
 Juiz Pedaneo Mar: 1 de 1544.

L

- Limites do Brazil.—Maio 31 de 1524.
 " das Capitanias do Espirito-Santo e S. Thomé.—Mar: 12 de 1543.
 Linha de Demarcação.—Jun: 7 de 1594.—Maio 31 de 1524.
 " de Marcação Maio 4 de 1493.
 Loco-tenente da Capitania de S. Vicente.—Antonio de Oliveira.—Out: 16
 de 1538.—Jan: 28 de 1549.
 " Braz Cubas.—Jun: 8 de 1545.—1553.

L M N P

- Loco-tenente Christovão de Aguiar de Altero—Mar : 28 de 1542.
 “ Gonçalo Affonso. —1554.
 “ Gonçalo Monteiro.—1533.
 “ da Capitania de Pernambuco.—D. Brites de Albuquerque.—
 Maio 10 de 1554.
 Luiz de Gusman. (D)—1519.
 “ de Mello e Silva. Veja armada de...

M

- Martim Affonso de Souza. Veja-se Capitania de S. Vicente; armada de
 e mais—Nov : 20 de 1530.—1533.
 Massacre em Porto Seguro.—1553.
 Mestre Pedro.—Abr : 24 de 1552.
 Morte do Rei D. Manoel Dez : 13 de 1521.
 “ do Bispo do Salvador e seus companheiros Jun : 16 de 1556.
 Mendo de Sá Barreto Jul : 23 de 1556.

N

- Nascimento do Rei D. Sebastião Jan : 20 de 1554.
 Nau *Bretoa*.—Fev : 22 de 1511.
 “ *La Pelerine*.—Dez : 31 de 1530.—1531.—Agos : 15 de 1532.
 “ de Ruy Mendes Jul : 16 de 1504.
 “ *S. Gabriel* Jul : 1 de 1526.

P

- Padres da Companhia de Jesus.—Chegada a Bahia Mar : 29 de 1549—1550.
 “ “ “ “ “ ao Espirito Santo.—Mar : 23 de 1551.
 “ “ “ “ “ a S. Vicente.—Nov : de 1549—Dez : 24 de 1553.
 Padre João de Souza.—Agos : 24 de 1554.
 “ Leonardo Nunes.—1550J—un : 30 de 1554.
 “ Pedro Correa.—Agos : 24 ; de 1554.
 “ Salvador Rodrigues.—Agos : 15 de 1553.
 Pedro Alvares Cabral. Veja-se armada de...
 “ Fernandes Sardinha. Veja-se Bispo do Salvador.
 “ Martins Namorado.—Mar : 1 de 1544.
 Pero de Campos Tourinho.—Veja-se Capitania de Porto Seguro e Out : 10
 de 1553.
 “ Capico.—Jul : 5 de 1526.
 “ Gões da Silveira.—Veja-se Capitania de S. Thomé, cartas e, Jan : 7
 de 1549.
 “ Lopes de Souza.—Veja se Capitancias de Itamaracá, Santo Amaro e
 armada de...
 Porto de Santa Cruz.—1503.
 Preliminares de Fontenebleau.—Agos : 4 de 1531.
 Povoação de Santo André.—Abr : 8 de 1553.
 Primeira carta de Sesmaria.—Out : 10 de 1532.

P R S T U V

Primeiro casamento no Brazil 1534.
 Procissão de Corpus Christo.—Jun : 13 de 1549.
 Provisão de Anna Pimentel.—Fev : 11 de 1544.
 “ de D. Duarte da Costa.—Jan : 20 de 1556.
 Provincia Jesuitica do Brazil.—1550.

R

Regimento dos Governadores.—Dez : 17 de 1548.
 “ dos Ouvidores.—Dez : 17 de 1548.
 “ dos Provedores.—Dez : 17 de 1548
 Religiosos franciscanos.—1503—1515—1538.
 Rodrigo de Acuña (D).—Jul : 24 de 1525.—Out : 26 e Nov : 2 de 1528.

S

Sebastião Cabot. Veja-se armada de...
 “ da Gama de Andrade.—Maio, 19 de 1552.
 Segunda carta de Sesmaria.—Fev : 28 de 1533.
 Simão de Alcaçova. Veja-se armada de...

T

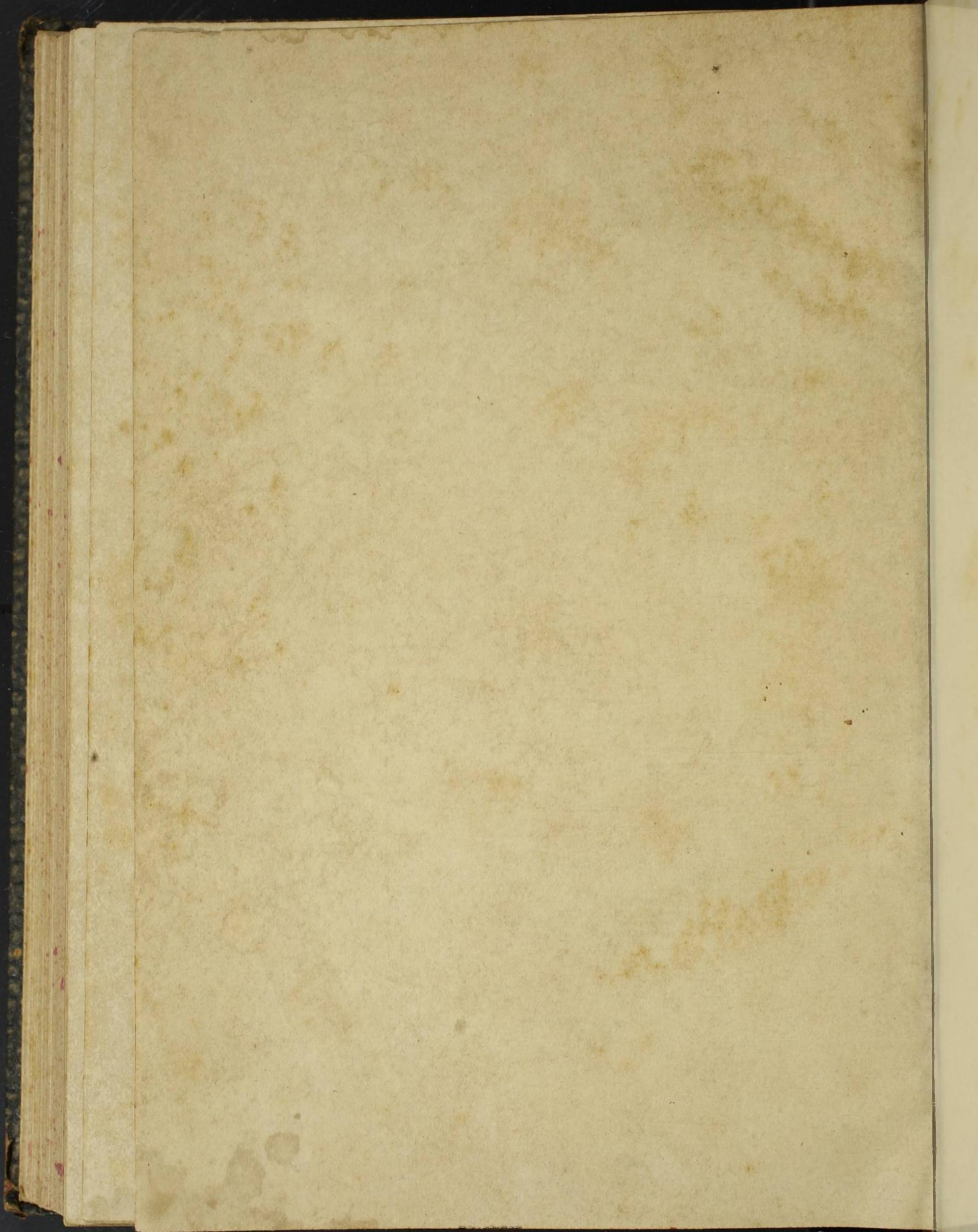
Tratado de Tordsillas.—Jan : 7.—Jul : 2.—Set : 5 de 1494.
 Thomé de Souza.—Jan : 7 ; Fev : 1 ; Mar : 29 ; Nov : 1 de 1549.

U

Ulrico Schmidel.—Jun : 13 de 1553.

V

Vasco Fernandes Coutinho—Veja-se Capitania do Etpirito-Santo.
 “ Fernandes de Lucena.—Jul : 24 de 1540.
 “ Gallego de Carvalho 1506.
 Vicente Yanez Pinzon. Veja-se armada de...
 Villa de Iguarassú.—Mar : 9 de 1535.—1547.—Jan : 28 de 1548.
 “ de Santos.—Jan : 8 de 1545.—Fev : 8 de 1553.
 “ de S. Vicente.—1537.—1542
 “ de Santo André.—Abr : 8 de 1553.



JM

Ref

010024

